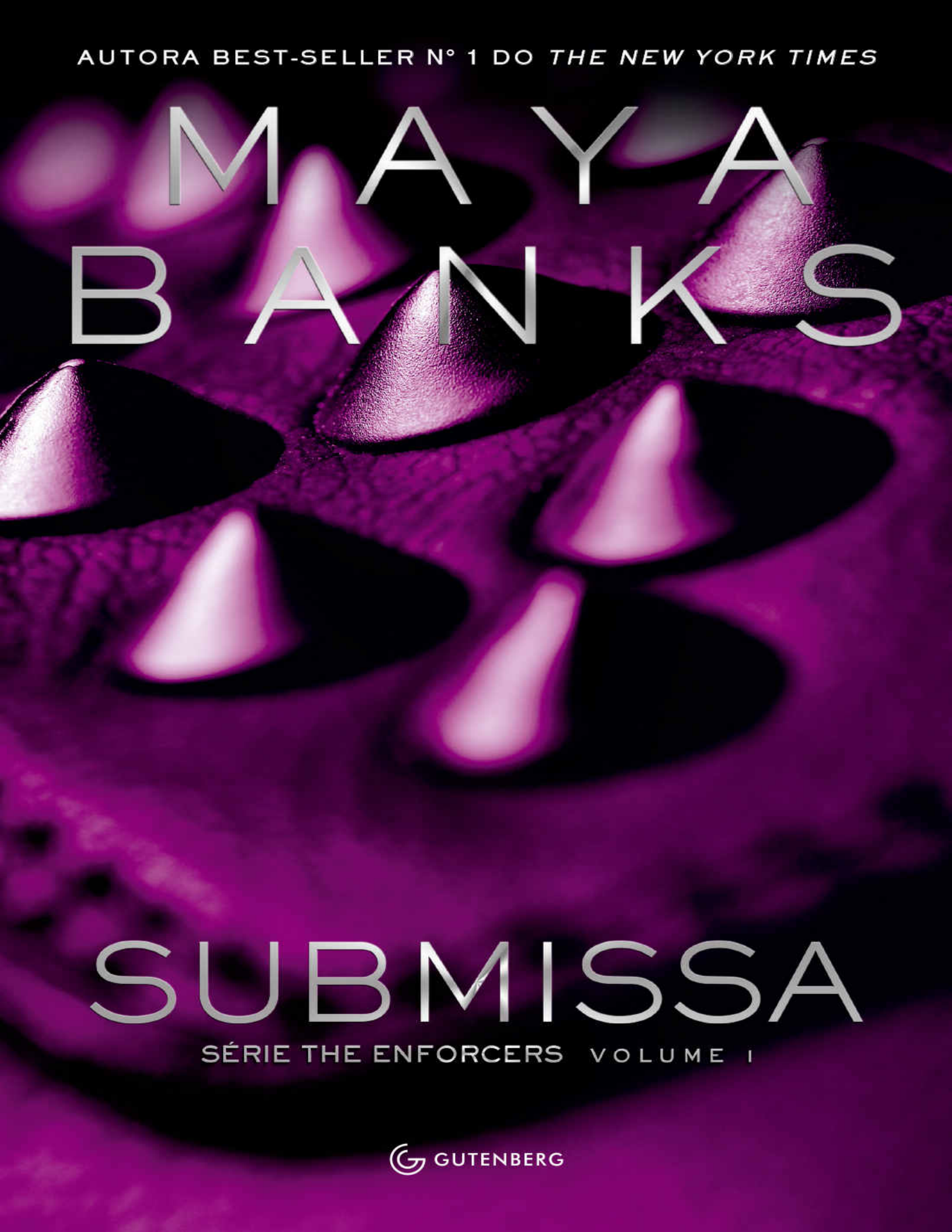

AUTORA BEST-SELLER Nº 1 DO THE NEW YORK TIMES
MAYA BANKS
SUBMISSA
SÉRIE THE ENFORCERS VOLUME I
GUTENBERG

SUBMISSA

MAYA BANKS

SUBMISSA

SÉRIE THE ENFORCERS

VOLUME 1

Tradução: Isabela Noronha

GUTENBERG

1

Evangeline encarava o espelho e mal reconhecia a mulher de olhos arregalados encarando-a de volta. Permanecia imóvel, enquanto, a seu redor, suas amigas Lana, Nikki e Steph davam os toques finais na sua maquiagem e no seu cabelo, para garantir que tudo estivesse perfeito.

— Não posso fazer isso — Evangeline murmurou. — É loucura, não acredito que deixei vocês me convencerem.

Nikki olhou séria para ela no espelho.

— Você vai. Sem essa de voltar atrás agora, amiga. Eu daria tudo para ver a cara daquele imbecil quando ele se ligar no que perdeu.

O imbecil em questão era o ex-namorado de Evangeline, Eddie.

— Eu diria que ele não perdeu nada — Evangeline falou, baixinho, dominada pela vergonha mais uma vez.

Os olhos de Lana chispavam furiosos e a carranca no rosto de Steph era intimidante. Em outra situação, Evangeline se sentiria encorajada com a demonstração de lealdade e amizade delas, mas estava arrependida de ter revelado às amigas os detalhes humilhantes de seu término com Eddie. Deveria ter dito apenas que os dois tinham decidido se separar. A questão é que ela já tinha contado que era virgem e que aquele seu último encontro com Eddie seria o encontro. Ela ia se entregar, acreditando que ele era o cara certo.

E que idiota completa e sem noção ela foi por acreditar nisso. Ainda escutava as palavras dele. Cada uma delas era uma punhalada no coração, e ele não se contentou apenas em afundar a lâmina. Ele a torceu dentro de Evangeline, fazendo doer ainda mais.

— Eddie é um babaca — disse Steph. — Todas sabemos disso, amiga. Lembra que tentamos te convencer a desistir daquela noite com ele – e aliás, de qualquer outra noite? Você não tem nada do que se envergonhar. Nada. Ele é um otário.

— Amém — disse Nikki, fervorosamente. — E é por isso que você vai entrar na Impulse como se fosse a dona daquele maldito lugar. Você está gatíssima. E não digo isso no papel da amiga tentando fazer você se sentir melhor. Digo isso como uma mulher consciente de que em meu território tem outra fêmea muito mais atraente, de quem eu adoraria arrancar os olhos, pois sei que não tenho a menor chance de estar tão gostosa quanto ela.

Evangeline levantou a cabeça, surpresa, e seus olhos arregalados encontraram os de Nikki no espelho.

Lana balançou a cabeça e suspirou.

— Você não entende, Vangie. E, putz, acho que isso é parte do que deixa os caras malucos. Você não tem noção de como é bonita. Você tem olhos grandes, o cabelo incrível, esse corpão, e ainda tem uma alma boa e meiga. Se desse qualquer sinal de interesse, os homens se atropelariam para chegar perto de você. Eles te tratariam como a rainha que é, mas você não tem mesmo a menor ideia disso tudo, o que faz eles te desejarem ainda mais.

Evangeline sacudiu a cabeça, totalmente perplexa.

— Vocês estão loucas, meninas. Sou uma ex-virgem de 23 anos tão sem jeito quanto alguém poderia ser. Recém-saída da fazenda, com um sotaque sulista que faz os nova-iorquinos revirarem os olhos, me darem um tapinha na cabeça e dizerem: "oh, tadinha dela". Sou um peixe fora d'água aqui e vocês sabem disso. Nunca deveria ter vindo. Se não fosse por mamãe e papai, eu voltaria para casa para trabalhar por lá.

Lana ergueu as mãos.

— Um dia, alguém vai fazer você se enxergar do jeito que todo mundo te vê. Eddie é um otário presunçoso que te tratava como mais uma conquista. Ele sabe que não é digno nem de lamber a sola dos seus sapatos e é péssimo de cama. Mas, como nunca vai admitir isso, prefere te destruir.

Evangeline levantou a cabeça.

— Por favor. Podemos não falar do Eddie hoje? Já é péssimo o bastante saber que provavelmente vou encontrá-lo, ainda que ele possa ter mudado de ideia sobre ir hoje. Ele pode ter mentido sobre querer me levar, assim como mentiu sobre todo o restante. Não estou preparada. Estou morrendo de medo e sem a menor vontade de ser humilhada mais uma vez.

— Querida, o objetivo desta noite é ver o Eddie. Ou então que ele te veja e possa dar um chute no próprio saco pelo que perdeu — Nikki lembrou a amiga.

Steph enfiou o convite VIP na mão da Evangeline, garantindo que ela pegasse e não o deixasse de lado.

— Só rolou esse, senão uma de nós iria com você. Mas a fila é enorme e as pessoas esperam a noite toda para nunca entrar. Com esse convite, você vai direto para a entrada, mostra para o porteiro e voilà: está dentro. E então, amiga? Então você detona! Chega de cabeça erguida, como se não precisasse de homem nenhum, e dá a todos os caras, incluindo o Eddie, um gostinho do que poderiam ter mas não podem nem tocar. Tome uns drinques. E se o Eddie olhar na sua direção, não se acanhe. Não abaixe a cabeça. Olhe direto nos olhos dele e sorria. E depois não dê a ele nem mais um segundo de atenção, como se ele não existisse. Dance se quiser. Paquere. Recupere sua ginga. Sua autoconfiança. E quando estiver pronta para voltar para casa, ligue para o número no cartão que te dei, espere quinze minutos e saia. O motorista vai estar lá fora e vai te trazer de volta para a gente, para você dar a ficha completa da noite.

Lana tocou o ombro da amiga.

— Escuta, se qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, der errado, você liga ou manda mensagem para a gente. Dá para chegar rapidinho, e não vamos fazer nada hoje. Estaremos aqui quando chegar em casa, mas, se precisar da gente antes, é só chamar. Não estou nem aí para o tamanho daquela maldita fila. Dou uma surra no porteiro se ele tentar nos impedir de resgatar uma das minhas garotas.

Um sorriso se abriu nos lábios de Evangeline e seus olhos brilharam ao imaginar a cena. Não por que não acreditasse em Lana, acreditava totalmente. Suas amigas eram muito protetoras, com ela e umas com as outras, e Evangeline não tinha dúvidas de que Lana encararia um porteiro de mais de 90 kg – e o derrubaria – se soubesse que estava precisando dela.

Ela pegou a mão de Lana e a apertou. Forte. Depois, procurou os olhos de Steph e os de Nikki para encontrá-los com seu olhar de gratidão.

— Vocês são demais. Vocês têm feito tanto por mim. Não sei nem como retribuir.

Nikki revirou os olhos e Steph bufou.

— Como se você não tivesse nos apoiado do mesmo jeito... Quem nos ajudou quando tivemos o coração partido, quem segurou nosso cabelo enquanto a gente vomitava depois de ficar superbêbada por causa de um idiota qualquer? E depois nos disse que o imbecil que partiu nosso coração não era digno nem de encostar na barra da nossa saia? Lembra?

O comentário de Steph fez Evangeline sorrir. Porque ela estava certa. Tudo o que as amigas estavam fazendo por Evangeline agora, ela já tinha feito pelas amigas. Mas não estava acostumada a ser quem recebia ajuda. Ela não saia com muitos caras. Não tinha saído com ninguém em seus dois primeiros anos na cidade, após se mudar do pequeno município no Sul em que havia nascido e sido criada. Tinha focado muito no trabalho, em fazer turnos extras, e em juntar o máximo de dinheiro possível para mandar para a mãe.

Só aceitou sair com Eddie depois que ele foi ao bar em que ela era garçonete e voltou, noite após noite, insistindo até vencê-la pelo cansaço. Ele veio com tudo muito rápido, mas Evangeline tinha resistido. Agora, ela percebia que não havia sido nada além de um desafio. Como uma capa vermelha na frente do focinho de um touro. Ao não ceder e não transar logo de cara, Evangeline só tinha deixado Eddie mais determinado a levá-la para a cama. E ter sido o primeiro a fazer isso tornava a vitória dele ainda mais saborosa.

Babaca.

A raiva fez as bochechas de Evangeline esquentarem e ela quase rilhou os dentes, mas não quis borrar o batom e a maquiagem, tão cuidadosamente aplicados. As meninas tinham passado uma hora garantindo que ela ficasse perfeita. O tempo inteiro ao redor de Evangeline, oferecendo apoio incondicional – entre ameaças a Eddie repetidas à exaustão – e tentando reforçar sua inexistente autoconfiança.

Era por causa dessas três mulheres que Evangeline estava indo à boate de que Eddie vivia se gabando de ser membro, e ainda que esse mero pensamento a fizesse querer se esconder embaixo da cama por uma semana, ela ia conseguir. Corajosa. Linda. Confiante. Conseguiria dar a Eddie um gostinho do que ele poderia ter tido.

Ela fez um quase biquinho. Eddie j*á* havia tido Evangeline. E, para ele, isso não tinha nada de especial. Não, nem um pouco. Isso – ela – tinha sido horrível. Como iria entrar numa boate e fazer um cara se arrepender de ter tirado vantagem dela quando ele já tinha conseguido o que suas amigas

diziam que ele iria se arrepender de ter perdido? Era mais provável que ele risse na cara de Evangeline e perguntasse que homem ia querer uma vaca frígida como ela.

Toda a confiança que ela tinha passado a tarde juntando foi embora num piscar de olhos, e a garota olhou para as amigas através do espelho, quase abrindo a boca para cancelar tudo, mas as três a encararam com os seus olhares mais bravos.

Como tinham feito aquilo? Elas sabiam exatamente o que Evangeline ia dizer. Mas elas sempre conseguiam ler a amiga como se ela fosse um livro aberto. Aliás, segundo Eddie, qualquer pessoa conseguia. Ele fez isso soar como algo ruim. Honestidade. Não fazer joguinhos e nem fingir ser alguém que não é.

Com as meninas, Evangeline não se importava de ser assim, porque isso a fazia se sentir especial. As amigas eram tão próximas que eram capazes de ler os pensamentos dela em qualquer momento. Mas não tinha sido nem um pouco confortável descobrir que, aparentemente, ela era transparente para todo o restante do mundo também.

Como poderia se proteger, se resguardar e se prevenir de ser machucada se não conseguia disfarçar seus pensamentos e sentimentos?

— Nem pense nisso — avisou Lana.

Nikki se agachou para ficar cara a cara com Evangeline no banco da penteadeira, onde ela tinha passado a última hora sendo paparicada pelas amigas. Irmãs. A expressão em seu rosto era de suavidade e compreensão.

— Me escuta, amiga. Você precisa fazer isso por si mesma. Não por nós. Com certeza não pelo Eddie. Por ninguém que não seja você. Ele tomou algo que você precisa recuperar. Se deixá-lo fazer a sua cabeça e começar a acreditar nas merdas que ele falava, ele ganha. E você não pode deixar ele te atingir desse jeito. Porque o que ele disse é ridículo, não é verdade e não vou aceitar que você acredite nisso. Tira isso da cabeça agora. Faltam quinze minutos para o táxi chegar e te levar até a boate, então se decida. Faça o que for, mas faça por você.

Evangeline piscou intensamente para não deixar as lágrimas caírem. As meninas seriam capazes de matá-la se estragasse a maquiagem. Elas teriam que fazer tudo de novo, Evangeline se atrasaria, e seria mais um motivo para desistir. Nikki estava certa. Ela precisava fazer isso por si mesma.

Eddie tinha lhe tirado não apenas a virgindade, que, aliás, era bastante superestimada. Sexo era superestimado. Ele a tinha despido de sua dignidade e da pouca autoconfiança que tinha. Ele não havia deixado nada para Evangeline, além de humilhação e nenhum amor próprio.

Nenhum cara valia aquilo, e ela ficava puta porque as palavras dele ainda doíam. O sexo? Totalmente fácil de esquecer. Eram as palavras que ela não esqueceria. Elas tinham feito um buraco em seu cérebro e causado uma ferida que talvez nunca conseguisse cicatrizar.

Se essa noite fosse lhe dar qualquer porção da força que tão desesperadamente lhe faltava, então valia a pena entrar sozinha em uma boate famosa superlotada e aguentar um tempo lá.

As amigas não queriam que ela fosse sozinha. De jeito nenhum. Mas Steph só tinha conseguido um convite VIP, e convites VIP para a Impulse eram raros e preciosos, reservados para pessoas bonitas, ricas e importantes. Evangeline não era nada disso, mas que mal haveria em fingir por uma noite que ela pertencia àquele mundo?

Por que ela não poderia ser a Cinderela por uma noite para talvez recuperar um pouco de si mesma jogando na cara do Eddie o que ele desperdiçou? Afinal, Evangeline podia não ter a maior autoconfiança do mundo, mas confiava na habilidade de suas amigas em fazer qualquer mulher parecer atraente.

Amanhã ela voltaria a ser a Evangeline chata, quietinha e tímida, trabalhando longas noites em um bar onde as gorjetas eram boas e o dono cuidava de suas funcionárias, e poderia deixar Eddie para trás de uma vez por todas. Desistiria dos homens para sempre. Ela não estava ali para encontrar um homem, para namorar ou mesmo para ter uma vida sexual. Estava ali porque sua família precisava de seu apoio, e por eles ela podia, e ia, colocar sua vida em suspenso indefinidamente.

Claro, ela tinha sonhos e objetivos, coisas que queria da vida que não incluíam trabalhar em um bar usando uma saia que mal cobria a bunda e saltos que faziam os pés implorarem alívio no fim da noite. Mas, no momento, seu trabalho fornecia o que sua família precisava. Haveria bastante tempo para trilhar seu próprio caminho. Ela só tinha 23 anos. Trabalharia mais quatro, talvez mais cinco anos, e acumularia dinheiro suficiente para que sua mãe não precisasse se preocupar com as finanças. Evangeline tinha se prometido que, quando completasse 30 anos, faria o

que quisesse. Uma vida própria, que a deixasse orgulhosa, cercada de amigas boas e leais, como Steph, Nikki e Lana.

Ela queria estudar, aprender uma profissão, ser mais do que uma garçonete que mal conseguia se sustentar. Seus pais não tinham conseguido pagar uma faculdade para ela, e Evangeline só tinha conseguido o diploma do ensino médio prestando o GED[1], porque precisou arranjar um emprego assim que teve idade suficiente para trabalhar e ajudar a família.

Embora não se arrependesse de nada, e fizesse qualquer coisa por sua mãe e seu pai, isso não significava que queria ter essa vida para sempre. Algum dia... Algum dia estaria melhor. Queria um marido e filhos. Uma relação estável. Só não agora.

— Preparada? — Nikki perguntou, trazendo Evangeline de volta abruptamente para o aqui e o agora.

Evangeline respirou fundo, estufou o peito e se olhou no espelho. Ela estava mesmo bonita. Não chegava a ser atraente como as amigas tinham dito, mas não estava feia. Estava até acima da média, ainda que devesse isso ao toque mágico das meninas, com seus cosméticos e penteado.

— Sim — ela murmurou. — Estou pronta.

1 Exame para quem não terminou o ensino médio, mas quer fazer uma faculdade nos EUA. (N.T.)

2

Drake Donovan encostou em frente ao estacionamento de funcionários atrás da Impulse e, com agilidade, digitou o código de segurança no console de seu carro, esperando, com impaciência, o portão abrir para que ele pudesse entrar. Normalmente, seu motorista o levava, mas, quando ia à boate, Drake preferia ir dirigindo para poder sair a hora que quisesse, sem precisar esperar.

Parou na vaga em que estava escrito RESERVADO, a mais próxima da entrada. Havia outras vagas reservadas na mesma fileira, todas para os sócios, mas Drake preferiu não marcá-las – nem com seu nome nem com o deles – por não querer anunciar para todo mundo qual vaga era de quem.

Pegou sua pasta e saiu do carro, dirigindo-se com passos acelerados até a entrada dos fundos, onde mais uma vez teria de digitar o código de segurança para conseguir entrar. Quando estava a apenas alguns passos de lá, porém, uma mulher subitamente se jogou na frente dele, forçando-o a recuar para não trombarem – o que claramente não seria um problema para ela.

Ele deu uma escaneada rápida na mulher e xingou mentalmente. Ela usava roupas curtíssimas, muita maquiagem e um penteado elaborado: havia um convite quente e sensual naqueles olhos cor de mel – apesar de que era difícil enxergar a cor deles embaixo de todo o make esfumado que ia das sobrancelhas aos cílios.

— Senhor Donovan — ela disse num gritinho, esticando-se para colocar a mão no braço de Drake. Ele se afastou, com o olhar glacial.

— Você está invadindo uma propriedade privada. Ou não reparou nos avisos e no fato de que a única forma de entrar nesse estacionamento é por uma portaria de segurança?

Os lábios carregados de batom fizeram um biquinho, mas um convite muito claro ainda ardia nos olhos dela.

— Achei que você ia gostar de ter companhia esta noite — ela disse, ofegante. — Posso ser muito acolhedora.

O olhar da mulher entregava que, se ele a mandasse ficar de joelhos ali mesmo, no concreto do pavimento, e chupá-lo, ela aceitaria sem hesitar e em tempo recorde. Porra. A única forma de ela ter conseguido entrar ali era escalando as grades altas que cercavam o terreno. Ou... alguém a tinha deixado passar. Se fosse esse o caso, cabeças iriam rolar e alguém seria demitido. Assim que chegasse lá em cima, assistiria às filmagens das câmeras de vigilância para determinar exatamente como ela tinha furado o esquema de segurança.

Drake se orgulhava de ter uma segurança impenetrável. Se tivesse mesmo escalado a grade, a mulher com certeza teria sido flagrada e convidada a se retirar do local antes que ele chegasse.

— Infelizmente para você, não estou muito acolhedor esta noite — ele disse, em um tom gélido. Enfiou no ouvido o fone que o conectava a todas as atividades dentro da boate, um link direto com os empregados, e deu uma ordem rápida. — Preciso de segurança no estacionamento. Agora.

Os olhos da mulher se arregalaram de medo.

— O que vai fazer? Eu só queria te agradar. Você é um homem lindo, senhor Donovan. Uma vez que experimentasse o que posso oferecer, não ficaria decepcionado.

— Estou mais decepcionado porque você está me atrasando e invadindo um lugar ao qual não pertence.

A porta se abriu com um estrondo e dois dos homens de Drake correram em direção a ele, alertas e prontos para reagir.

— O que foi, chefe? — perguntou Colbin.

Drake apontou para a mulher, que agora fazia cara de brava.

— Levem-na para fora imediatamente. E, de agora em diante, se qualquer pessoa, repito, qualquer pessoa, sem autorização entrar nesse estacionamento, mando para rua todos os responsáveis pela vigilância aqui.

— Você não sabe o que está perdendo! — a mulher guinchou, com os dedos curvados como garras.

— Sei muito bem o que não estou perdendo — ele respondeu. — Não poderia estar menos interessado em uma vagabunda que se joga em cima de mim com a promessa de me agradar quando tudo nela me desagrada, e muito.

Ela avançou contra Drake, as unhas longas e coloridas mirando direto no rosto dele.

Matthews se colocou entre a mulher e Drake na mesma hora, e Colbin a agarrou pela cintura, levantando-a sem esforço, enquanto ela gritava de raiva, chutando e batendo, tentando cravar as unhas em seu rosto.

— Caralho! — Colbin praguejou. — Se liga, vadia. Para de fazer papel de trouxa. O senhor Donovan não quer saber de você. Além disso, ele não tolera que invadam sua privacidade. Se te quiser, ele a procura. Nunca mais venha procurá-lo desse jeito, ou vai acabar presa. Considere-se sortuda porque, dessa vez, vai sair só com uma advertência.

— Babaca! — ela gritou para Drake enquanto Colbin a levava para a saída. Pelo rádio, Matthews chamou um carro para ir ao portão imediatamente e se livrar de uma "convidada indesejada", o que fez a mulher gritar ainda mais alto.

— Desculpe, chefe — disse Matthews, em tom sério. — Não tenho ideia de como ela entrou, mas vou descobrir agora mesmo e tomar as medidas necessárias para que isso nunca mais aconteça.

— Faça isso — Drake concordou. — E aproveite para providenciar a instalação de um arame farpado no topo das grades. E alguns cães de guarda não seriam má ideia. Apenas será necessário algum tempo para apresentá-los a todos os meus funcionários, para ter certeza de que os animais não confundirão um deles com um invasor. Isso é ridículo.

— Entendido, chefe. Não vou te desapontar.

Drake foi até Matthews e, sem lhe dar atenção, pegou o rádio dele.

— Viper e Thane. Puxem as imagens das câmeras do estacionamento de funcionários de duas horas atrás e deixe tudo pronto para eu assistir em meu escritório. Estou subindo.

— Pode deixar — Thane respondeu na mesma hora.

Drake sacudiu a cabeça, contrariado. Aquela mulher não era diferente das outras enfileiradas no quarteirão da porta da Impulse, aguardando ansiosamente a chance de entrar. Algumas entrariam, outras não. Havia também alguns casais, tanto de ficantes quanto de gente em um relacionamento sério, mas, principalmente, mulheres – e homens – que iam à boate para pegar alguém, ver e ser visto, elevar seu status e fingir ser o que não eram.

Drake entrou, respondendo com um leve aceno às saudações dos funcionários com quem cruzou, apressado para chegar ao escritório, de

onde tinha uma visão panorâmica de tudo o que se passava na boate. Ele era especialista na clientela que a Impulse atraía, mas isso não diminuía seu desgosto ou sua impaciência com o tipo de gente que frequentava seu estabelecimento.

Ele até aproveitava quando queria, mas nunca tinha ficado com a mesma mulher por mais de uma noite – ou duas, no máximo – e havia dois lugares aos quais nunca as levava: seu escritório na Impulse e sua casa. Tinha padrões rigorosamente específicos para as mulheres que levava para a cama e o número um era que elas tinham de ser submissas e deixá-lo com o controle total, da mesma forma como estava no controle de cada aspecto de seu negócio e de sua vida pessoal.

Drake havia criado seu mundo, seu império, sendo feroz e implacável quando necessário, e não se arrependia de nada, porque era temido por muitos, e de todos recebia respeito absoluto e deferência. Esse fato o deixava satisfeito. Sem fraquezas a serem exploradas. Não existia nenhuma forma de penetrar as defesas cuidadosamente mantidas por ele e por sua segurança de primeira. Se era arrogância considerar-se Deus, que assim fosse, porque ele era Deus. Ao menos, em seu mundo.

Maddox e Silas esperavam em seu escritório, carrancudos.

— Fiquei sabendo que houve um problema no estacionamento — disse Maddox.

Silas permaneceu calado, os olhos inquisidores: não era um homem de muitas palavras. Era do tipo que não precisava falar para se expressar. E não tinha mesmo ninguém fazendo fila para conversar com ele, visto que, em geral, um simples olhar seu era suficiente para assustar as pessoas.

— Aparentemente — disse Drake, ácido.

Enquanto falava, pegou o controle remoto e fixou sua atenção na tela em que as imagens das câmeras do estacionamento eram exibidas. Impaciente, avançou rápido o vídeo até finalmente descobrir a origem da invasão.

— Filho da puta! — Maddox rosnou.

A expressão no rosto de Drake era sombria. As imagens mostravam que um de seus funcionários recém-contratados parou nos fundos do estacionamento e deixou o carro como se estivesse apenas chegando ao trabalho. Mas, um tempo depois que ele entrou na boate, a porta de trás se abriu e a mulher que tinha se jogado em cima de Drake saiu sorrateiramente do veículo, agachando-se para não ser vista.

— Demita-o — Drake deu a ordem a Maddox. — Leve-o para fora daqui e, em seguida, destrua sua autorização de entrada para todas as portas da boate.

Maddox não perdeu tempo para cumprir a ordem de Drake e deixou Silas sozinho com chefe. Drake sentou-se à sua mesa e cuidou para que todos os monitores que cobriam cada centímetro da boate estivessem on-line.

Então se voltou para Silas, o homem que resolvia todos os seus problemas. E também limpava bagunças indesejadas com uma eficiência inabalável e sem falhas.

— Quero que vá ver Garner. Diga que está atrasado nos pagamentos e que tem exatamente 48 horas para quitá-los, ou perde a minha proteção. Deixe bem claro que não estou blefando e que se não pagar, ele estará sozinho e será um homem morto.

— Vou agora mesmo — Silas assentiu.

— Avise-me assim que tiver falado com ele e me deixe a par da situação. Ele me deve muita grana. Pode falar também que se ele não me pagar, a menor de suas preocupações será os Vanucci, porque eu mesmo irei atrás dele e, o quer que seja que os Vanucci possam fazer com ele, vai parecer brincadeira de criança diante do que eu vou fazer.

— Considere feito — disse Silas, antes de desaparecer no canto oposto, onde a escuridão escondia outra entrada do escritório.

Drake cerrou a mandíbula. Outro dia comum no escritório, mas aquela desesperada se jogando em cima dele o deixava mais puto do que os atrasos dos pagamentos de Garner. Quando queria uma mulher, nunca precisava ir muito longe. E com certeza não precisava de uma vadia pendurada nele como uma planta espinhosa, esperando que se derretesse todo para aceitar o que ela oferecia daquela maneira vulgar.

Mulher nenhuma dava as cartas com ele. Nunca. Quando queria algo, ele pegava. Estava no controle. Sempre. Sem exceção. Para nenhuma mulher. Nem para ninguém. E planejava seguir assim.

***

Evangeline desceu do táxi, hesitante, após pagar a tarifa com a grana que as meninas tinham dado a ela, acompanhada de um olhar que dizia nem pense em recusar. Ficou ali parada por um segundo, como uma idiota, examinando a fila que se estendia ao longo de todo quarteirão até dobrar a esquina.

Então, percebendo o quão em evidência — e fora de lugar — ela estava em pé ali, encarando tudo como uma idiota, foi em direção à entrada, em uma área isolada por uma corda que dava acesso ao interior da boate onde ficava um segurança grande e amedrontador, os braços enormes cruzados sobre um tronco ainda maior.

Ela engoliu em seco, nervosa, quando o brutamontes a avistou e obviamente percebeu que queria entrar. Ele estreitou os olhos e a mediu de cima a baixo, contraindo os lábios. Evangeline endireitou a postura e levantou a cabeça. Já tinha cumprido a sua cota de se sentir sem valor e ficaria péssima se fosse recusada por um maldito segurança.

Uma simples conferida no quarteirão, no entanto, foi suficiente para entender por que ele a olhava como se fosse louca. Pessoas lindas estavam ali, esperando a sua vez de entrar. Brilhantes, glamourosas. Mulheres em vestidos caros, saltos, joias penduradas da cabeça aos pés, cabelos que provavelmente tinham custado uma fortuna no salão. E também havia os homens. Elegantes. Mauricinhos. Aparência de ricos. Alguns sozinhos, sem dúvida visitando a Impulse para conseguir uma transa fácil. Outros com a ficante da noite, o braço seguramente ao redor de uma mulher linda.

Ela teve tanta inveja que, por um momento, não conseguiu respirar. Como era ser uma daquelas pessoas maravilhosas? Saber que o corpo e a aparência são perfeitos. Conseguir o homem que desejar com um estalar de dedos. Evangeline notou que tinha chamado a atenção do grupo no início da fila. Uma mulher sorriu com desdém na cara dela, olhares zombeteiros foram lançados em sua direção como que para dizer “até parece que você vai entrar”.

Ela voltou a atenção de novo para o segurança, que agora estava a apenas alguns centímetros de distância. Ele deu um passo à frente e, antes que ela pudesse falar ou fazer qualquer coisa, disse:

— A cota de hoje foi preenchida — falou simplesmente. — Desculpe, mas você terá que ir para outro lugar. Ou para casa — completou, depois de escaneá-la com os olhos mais uma vez.

Evangeline sentiu o rosto queimar com o julgamento na expressão dele. O segurança nem chegou a dizer que a fila começava lá atrás. Nem chegou a dizer que ela teria de esperar. Já foi logo a dispensando. Disse que ela não era bem-vinda em um lugar como a Impulse, e foi isso que a deixou puta.

Então ela pegou seu trunfo e só faltou esfregar na cara dele de tanta raiva, levantando o convite VIP na altura do rosto do segurança, de maneira que seria impossível o homem não ver.

— Acho que não — ela sussurrou, entredentes.

Ele pareceu surpreso. E, em seguida, desconfortável. Hesitante até. E aquele não era um homem que Evangeline imaginaria que fosse indeciso. E então lhe caiu a ficha de que ele na verdade estava pensando em como poderia barrar sua entrada mesmo com o "bilhete dourado". Um cobiçado convite VIP, que autorizava a entrada de seu portador, sem perguntas. Alguém importante na boate devia ter dado a ela. Ele só não precisava saber que não tinha sido entregue diretamente para ela. Ninguém em juízo perfeito desistiria de um convite VIP para aquela boate, por isso a única conclusão lógica era que tinham dado para Evangeline pessoalmente, e ela não ia corrigir a conclusão.

Ainda assim, o segurança não pareceu feliz quando abriu a corda de veludo roxo presa entre dois polos de metal em frente à entrada da Impulse.

— Divirta-se, senhorita — ele disse, formal, enquanto ela passava. Ela mirou a fila com o canto dos olhos, e não escondeu a satisfação de ver algumas bocas abertas. Algumas expressões eram abertamente indignadas. Ainda ouviu alguém protestar, perguntado por que ela estava entrando enquanto eles seguiam esperando na calçada.

— Convite VIP — o segurança bradou, como que para explicar.

Sim, aquilo praticamente explicava tudo. O VIP era um bilhete que dava acesso a tudo na Impulse. Steph já tinha ido lá antes e contou como era o interior da boate, a disposição das coisas, para Evangeline não fazer papel de boba e ficar perdida lá dentro.

Embora Steph tivesse falado sobre a área do bar da frente, ela se surpreendeu com o silêncio agradável que encontrou ali, naquele espaço decorado com luxo, separado da pista de dança e do bar gigantesco que ficava no meio da pista.

Era genial ter uma área mais silenciosa, com um bar onde as pessoas podiam falar e ouvir umas às outras em vez de ter que gritar por cima da música. Era também um lugar mais tranquilo, onde ela poderia dar um tempo e beber alguma coisa enquanto tomava coragem de se aventurar na pista de dança.

Steph tinha explicado que a pista de dança era como um estádio com o bar no centro. Logo após a pista havia alguns lugares para sentar. Eram áreas abertas, com mesas e cadeiras onde dava para tomar um drinque e descansar após dançar, embora as conversas rolassem mesmo lá fora.

Acima dessas áreas ficavam os camarotes, cômodos reservados com um garçom ou garçonete exclusivos, onde a música poderia ser ouvida ou não – bastava apertar um botão. Eram maiores e mais confortáveis do que os assentos de baixo, com sofás, poltronas e uma mesa grande para apoiar bebidas e petiscos.

A única coisa que faltava, Evangeline comentou, era uma cama para os casais que estivessem se pegando poderem transar. Mas ela parou de falar na hora, porque Steph disse, séria, que havia cômodos ainda mais exclusivos no último andar, com acesso rigorosamente monitorado, o que queria dizer que você precisava ser bem importante – ou rico – para entrar. Esses cômodos eram equipados com todo conforto necessário para os casais fazerem o que quisessem.

Como Steph sabia de tudo isso, Evangeline não tinha ideia e não havia perguntado, embora tivesse percebido a curiosidade de Nikki e Lana, e tinha certeza de que as amigas perguntariam na primeira oportunidade. Evangeline imaginou que, se Steph quisesse contar, já teria contado voluntariamente. Por isso, não se aprofundou e fez questão de continuar fazendo outras perguntas antes que Nikki ou Lana aproveitassem a brecha para encher a amiga.

Evangeline foi até o bar, tentando calcular quantos drinques poderia comprar com a grana que possuía e em que momentos deveria tomá-los, para não ficar tão óbvio que não pertencia àquele mundo. Se comprasse um, poderia ficar com ele um tempão e ao menos fingir que estava ocupada com outra coisa que não fosse estar ali, parada, totalmente deslocada. Mas, de novo: ela precisava de, no mínimo, um drinque para se fortalecer antes de se jogar na pista, onde provavelmente veria Eddie com quem quer que fosse sua última conquista.

Olhou para baixo, questionando se estaria louca por achar, ainda que por um momento, que, ao vê-la, Eddie sentiria algum arrependimento pelo que tinha jogado fora tão friamente**.** Até um maldito segurança tinha achado Evangeline sem graça, quem ela estava tentando enganar?

Murmurou seu pedido ao barman e ele sorriu, os olhos piscando. Era o primeiro gesto explícito de boas-vindas que ela recebia desde sua chegada,

por isso sorriu de volta. Um sorriso genuíno. Um que dizia obrigada. Ele piscou para ela e começou a fazer seu drinque fru-fru, como suas amigas o chamavam. Fazer o que se ela era quase júnior quando o assunto era álcool? Só porque servia bebidas toda noite, a noite toda, não significava que comungava com aquilo.

Além disso, ela gostava de drinques com frutas, e curtiu especialmente quando o barman colocou uma daquelas sombrinhas tropicais com uma cereja no drinque antes de deslizá-lo sobre o balcão até ela.

— Por conta da casa, baby — ele disse, enquanto Evangeline puxava, com cuidado, uma das notas da pequena bolsa que trazia atravessada sobre seu corpo, para que não houvesse chance de derrubá-la ou de esquecê-la em algum lugar.

Ela levantou os olhos arregalados para ele.

— Mas você não pode fazer isso. Pode se dar mal.

O barman piscou de novo e apenas balançou a cabeça, antes de ir atender outro cliente.

Bom, talvez nem todo mundo a achasse um fracasso. E ele era bem gatinho. Não, gatinho não. Uma coisa que já estava dando para entender, embora Evangeline ainda não tivesse conhecido toda a boate, era que os caras que trabalhavam ali não eram bonitinhos. Eram homens bonitos e fortes, que se dariam bem em qualquer briga. E as mulheres eram lindas. Elegantes, com um look clássico.

Não rolava de alguém olhar para uma garçonete com arrogância porque elas pareciam garotas da alta sociedade que, por acaso, serviam drinques ali. Pelo visto, ser bonita era não só um pré-requisito para entrar na boate, mas também para trabalhar ali.

Evangeline estava tão deslocada que nem graça tinha.

Virou-se e levou o copo até a boca, notando vários olhares em sua direção. Estava desconfortável, inquieta. Era tão óbvio que aquele não era seu mundo? Havia um limite para quanto julgamento alguém poderia aguentar, ainda que tivesse entrado na boate determinada a recuperar um pouco do seu próprio juízo.

Depois de perceber mais um par de olhos em sua direção, Evangeline chegou ao limite. Era absurdo. O que ela estava tentando provar? E por quê? Não tinha que provar nada a ninguém além de si, e sabia que estava melhor sem Eddie. Não tinha ido ali para que ele caísse de joelhos e implorasse para voltar. Não que esse não fosse seu desejo, mas, na falta de

um motivo melhor, estava ali para que pudesse dar um chute no saco dele e dizer, “nem sobre o meu cadáver”.

A dor ardeu em seu peito. Não, ela tinha ido simplesmente porque queria que Eddie soubesse que estava errado. Que ela não era uma mulher tímida, sem paixão. Que podia ser bonita. Mesmo que aquela não fosse ela de verdade, mas, sim, fruto dos talentos das amigas com maquiagem e cabelo. Para não falar dos sapatos e da roupa que tinham escolhido.

O vestido superjusto que ressaltava cada curva e declive de seu corpo. Um vestido que ela nunca tinha se atrevido a usar antes, apesar dos apelos desesperados das amigas para que parasse de esconder o que chamavam de “corpaço”.

Que se dane! Elas eram suas amigas e tinham o direito de serem tendenciosas. Mas Evangeline sabia a verdade. Assim como Eddie também sabia, e ela era uma idiota de estar ali e pensar, por um momento sequer, que ele poderia mudar de ideia e se arrepender.

Estava prestes a se virar e deixar o drinque de volta no bar para, em seguida, sair rapidamente, quando o avistou de canto de olho.

Ai, merda! Ai, merda!

Ela ficou paralisada, não quis se virar porque, se ele já a tivesse visto, ela não queria que ficasse óbvio que estava tentando se esconder. Em vez disso, fingiu interesse na pista de dança além das amplas portas duplas de isolamento acústico à esquerda, como se estivesse apenas terminando a bebida antes de seguir para lá. Talvez ele não a tivesse visto. Talvez estivesse saindo.

Então ouviu um riso perto. Muito perto.

Merda!

Todos os seus “talvez” saíram porta afora. Para onde ela desejava que Eddie tivesse ido também.

— Que diabos você está fazendo aqui, Evangeline? — Eddie perguntou, com um tom de divertimento.

Devagar, ela lançou um olhar frio para ele e arregalou os olhos de propósito, como se estivesse surpresa.

— Ah, oi, Eddie — ela cumprimentou.

Evangeline assentiu educadamente para a mulher pendurada no braço dele. Ela não parecia nada feliz de ver Eddie falando com Evangeline.

— Acho que é meio óbvio o que eu estou fazendo aqui. O que alguém vem fazer aqui? Beber e dançar. Que é precisamente o que pretendo fazer.

Se me dão licença, estou indo para a pista. Bom te ver. Espero que tenham uma ótima noite — ela disse, e foi passando por Eddie, mas a mão dele voou e apertou seu braço. Em choque, ela virou, encarando-o, como se ele tivesse perdido a cabeça.

— Me solta! — ela disse, com a voz rouca. — Eddie, está machucando!

Ele soltou uma risada cruel.

— Qual é o jogo, Evangeline? Veio aqui me encontrar? Implorar para voltar comigo? Quer dar mais uma trepada depois de ter sido chutada da minha cama? Pelo amor de Deus, querida. Ninguém é tão desesperada assim. Enfiar meu pau em você foi como foder um boneco de neve.

Evangeline ficou chocada com a linguagem grosseira e o fato de que ele estava falando alto o bastante para todo o bar ouvir. Sentiu o rosto queimar de vergonha e cambaleou como se tivesse levado um soco.

— Me solta — ela sussurrou.

Mas Eddie apertou ainda mais, machucando sua pele clara. As marcas dos dedos dele ficariam ali por dias. A mulher ao lado dele riu, um som abrasivo e áspero, como cubos de gelo caindo num copo.

— Ah, essa é aquela de quem você estava me contando — ela disse, a voz macia. E olhou para Evangeline, com falsa comiseração em seus olhos. — Pena que você não foi mulher o suficiente para mantê-lo — ronronou. — Mas pode apostar que eu vou ser mulher o bastante para deixá-lo satisfeito.

Evangeline estava chocada demais, constrangida demais para responder. Deveria ter respondido com observações ácidas também, não deixando transparecer a nenhum dos dois como a estavam dilacerando. Seu único triunfo foi ter conseguido – meio que conseguido – não derramar as lágrimas que queimavam no canto de seus olhos, porque isso seria mais humilhação do que poderia suportar. Ele a tinha feito chorar uma vez. Ela nunca mais ia permitir que isso acontecesse.

— O que eu acho — ela disse, orgulhosa de seu tom calmo e equilibrado — é que você e essa sua prostituta deveriam vazar daqui e voltar para o buraco a que pertencem. E, se não me soltar, vou dar queixa por agressão.

Os olhos de Eddie se estreitaram, a raiva tomou conta de suas feições. Suas bochechas ganharam manchas vermelhas e ele avançou, invadindo ainda mais o espaço de Evangeline, a ponto de ela sentir seu hálito quente e fedido explodindo em seu rosto. Uma ameaça brilhava no olhar dele, e ela entendeu que a coisa ficaria ainda mais feia.

— Sua vadiazinha!

3

Drake Donovan a viu no momento em que ela entrou na Impulse. Estava sentado bem acima da pista de dança, em um de seus cômodos privados, com várias câmeras de segurança estrategicamente posicionadas para uma visão imediata de cada centímetro da boate. Não se contentava em ser apenas o dono e não participar da administração. Tinha inúmeros negócios e controlava todos de perto. E, sempre que estava ali, vigiava o que estava acontecendo.

Na mesma hora, deu um close na loira cheia de curvas que entrou no bar da frente com cuidado, os olhos arregalados observando o entorno. Um palavrão sujo explodiu de sua boca enquanto monitorava cada movimento dela.

Alguém ia perder o maldito emprego por causa disso.

Drake tinha regras severas sobre quem era e quem não era permitido na boate. E meninas inocentes, de aparência ingênua, como a que tinha acabado de entrar em seu bar cheia de hesitações e sem um homem ao lado para protegê-la, não deveria, de forma alguma, ter passado pelo segurança.

O bosta do Anthony era melhor que isso. O que diabos ele estava pensando, permitindo a entrada dela? Cabeças iam rolar. Assim que ele a retirasse da boate, deixando bem claro que nunca mais deveria voltar. Ainda assim, Drake hesitou: ela o fascinava. Havia algo naquela garota, mas ele não sabia dizer com exatidão o que era. Observou atento quando ela, hesitante, foi até o bar, onde recebeu uma piscadela e um sorriso de Drew, seu barman. Um homem que, de repente, ele sentiu uma vontade urgente de demitir, apenas porque estava paquerando aquela feiticeira de olhos azuis. Drew paquerava todas as mulheres. Puta merda, então por que Drake estava tão irritado com aquela inocente paquera com uma mulher que sequer voltaria à boate?

Expirou longamente quando ela se virou do bar para a pista de dança. Teve um close, uma visão frontal completa, e era espetacular.

Tudo naquela mulher funcionava para Drake mas ainda assim, ela era a antítese total daquelas com quem ele costumava transar. E, a julgar pelas muitas encaradas de apreço masculino e pelos olhares claramente hostis das mulheres, ele não estava errado em suas impressões.

Merda, ela ia acabar causando confusão se não a tirasse dali, e rápido.

Uma mulher como ela em uma boate como a dele? Aqueles olhos grandes, o corpo curvilíneo que não escondia nada. Uma mulher que exalava inocência e inspirava os homens a levá-la para cama o mais rápido possível para ensiná-la como lhes dar prazer.

É, ela era Problema sério, com P maiúsculo. E, mesmo assim, Drake só pensava em tirá-la da boate para levá-la a algum lugar mais reservado antes que outro cara chegasse nela.

Estava tão imerso em sua análise daquela ilustre desconhecida que não reparou no cara que andava com uma vagabunda grudada ao lado, abrindo caminho em direção a ela.

Viu a mulher levantar cabeça e apertou um botão para aproximar a câmera, focando nela. Havia surpresa em seus olhos, e algo mais. Algo de que Drake não gostou. Medo.

O cara falou com ela, e ficou evidente que não estava dizendo nada gentil ou elogioso. O rosto da mulher ficou pálido, e ela cambaleou como se suas pernas fossem sair debaixo dela. O cara apertava os dedos no braço dela. Drake a viu estremecer de dor, na mesma hora em que percebeu que o cara apertava ainda mais. E depois avançou, invadindo o espaço dela.

Drew, o barman, estava pronto para pular por cima do bar quando Drake apertou o botão para acionar Maddox.

Merda! Merda!

Maddox chegou em três segundos. Drake apontou para o monitor.

— Vá buscá-la. Agora! — rosnou. — Traga-a até mim e garanta que esse puto que a está acossando seja expulso e nunca mais seja autorizado a entrar em qualquer um dos meus estabelecimentos. Dê uma lição nele.

Era possível ver o choque nos olhos de Maddox, e Drake sabia por quê. Ninguém, além dos seus homens de confiança, podia entrar em seus aposentos privados. E certamente nenhuma mulher tinha estado lá. Mas era um voto de confiança para o treinamento e a lealdade de Maddox. Ele não hesitou. Não fez perguntas. Apenas assentiu e saiu, em um segundo.

No monitor, Drake viu que Drew não tinha pulado, tinha um olhar furioso em seu rosto, as sobrancelhas contraídas de raiva. Maddox deve ter mandado uma mensagem dizendo que aquele sujeito era dele.

Todos os seus funcionários usavam fones de ouvido, para que pudessem se comunicar a qualquer momento.

Drew parecia estar prestes a desobedecer às orientações e cuidar do cara sozinho quando Maddox apareceu. Drake não iria chamar a atenção nem punir o funcionário como normalmente faria se uma ordem não fosse cumprida. Entendia perfeitamente a raiva de Drew e a razão pela qual ele não ia aguentar mais um segundo daquele cara segurando o braço daquela mulher.

Drake assistiu, com os olhos brilhando de satisfação, quando Maddox suspendeu o cara pelo colarinho – após lhe acertar três socos velozes como um raio e deixá-lo inconsciente – e o jogou para Zander, outro dos homens da equipe de Drake que tinha aparecido por ordem de Maddox.

Zander o arrastou até a porta, onde Silas e Jax estariam esperando para dar àquele bostinha um pouco de seu próprio remédio, e ensinar-lhe uma lição assim, com times desiguais. Um pequeno "três contra um" era exatamente o que aquele homem merecia por abusar de uma mulher indefesa – embora apenas um dos homens já fosse capaz de fazer um trabalho mais que completo com aquele imbecil.

***

Evangeline prendeu o ar de medo – e dor – quando Eddie se aproximou de seu rosto com uma expressão assassina. Os dedos dele esmagavam seu braço e ele tinha se desvencilhado da sua menina du jour para ficar com a outra mão livre.

O olhar dela deslizou para essa mão, agora fechada em um punho, que ele levantou. Meu Deus, ele ia dar um soco nela e não havia nada que pudesse fazer. Tentou levantar o joelho e acertar o saco dele, mas seu maldito vestido era tão apertado que ela não podia levantar a perna mais do que alguns centímetros.

Evangeline começou a se debater freneticamente, correndo os olhos ao redor da sala, implorando para alguém – qualquer pessoa – intervir. Será que todo mundo ia ficar parado enquanto ele a agredia em público?

Ela conseguiu levantar a outra mão e arranhou o rosto de Eddie, um golpe lamentável tendo em vista que ela era muito menor e não muito forte. Ele rosnou e ela sabia que tinha cometido um grande erro.

Viu o punho dele descendo em sua direção. Tentou se abaixar, mas sabia que ele ia acertá-la. Sabia que ele provavelmente ia derrubá-la, deixando-a impotente contra só Deus sabe o que mais ele planejava fazer.

Mas então, para seu completo espanto, alguém com a mão bem grande e carnuda avançou e conteve o punho de Eddie como se ele não fosse maior do que uma criança. Um homem enorme estava sobre eles, com uma raiva assassina brilhando no olhar. Ele apertou a mão de Eddie e Evangeline poderia jurar que ouviu ossos estalando.

Eddie a soltou e deu um grito. Um grito de verdade. E ela estremeceu porque, putz, foi patético. Ouviu um homem crescido gritar como uma criancinha.

O homem continuou o ataque, dobrando o braço de Eddie até fazê-lo cair de joelhos, gemendo como um cachorro que levou um chute.

Evangeline se afastou, apressada, querendo sair dali o mais rápido possível. Teria corrido se suas pernas não estivessem tremendo tanto.

O homem, aparentemente impassível aos apelos que Eddie fazia de joelhos, virou-se para Evangeline e fixou nela os olhos verde-escuros. Ela engoliu em seco porque, uau! O homem não só era muito gato como também era muito intimidante. Naquele momento, ela não sabia se tinha mais medo de Eddie ou do cara que a tinha defendido.

— Você. Não se mova — ele ordenou.

Ela travou os joelhos e assentiu, perguntando-se por que tinha acabado de obedecer aquele homem. Mas havia o fato de que ele parecia poder esmagá-la como um inseto – cacete, ele tinha acabado de esmagar Eddie como um inseto, e Eddie era bem maior do que Evangeline – e esse foi um fator decisivo para ela obedecer.

Merda, merda, merda! Em que furada ela tinha se metido? Sabia que era uma má ideia, que nunca deveria ter deixado as amigas a convencerem daquele disparate. Precisava se desculpar rápido, jurar que nunca mais voltaria e dar o fora o quanto antes.

Voltar para casa, para junto das meninas, e comer um potinho – não, um potão – de sorvete de creme, e dar a elas ao menos a satisfação de ouvir como Eddie tinha sido humilhado. Ele estava no chão em posição fetal, e só agora Evangeline percebeu que o barman estava a seu lado, com um olhar de nojo. Será que ele teve a intenção de ajudá-la?

Aliás, uma rápida olhada ao redor mostrou-lhe que todos achavam Eddie patético. Ela tiraria dessa situação toda alegria que conseguisse.

Alguns roxos em seu braço eram um pequeno preço a pagar para vê-lo tão humilhado. Ela não era tão boa e tolerante a ponto de ter um pouco que fosse de compaixão ou piedade pelo ex, porque ele merecia cada uma das coisas que estava sofrendo naquela noite.

Tá, seu braço ficaria doendo por dias. Ainda assim...

O homem que tinha mandado Evangeline ficar onde estava, como se ela fosse um cão adestrado, voltou a atenção para Eddie e, em seguida, puxou-o pelo colarinho e jogou – sim, jogou – Eddie como uma boneca de pano para outro homem tão grande e tão intimidante quanto ele. O cara novo, alguém que ela não tinha notado, simplesmente se virou e saiu arrastando Eddie para longe da entrada, como se ele não pesasse nada. Como ela não tinha notado a chegada desse novo cara? Ele era tão impressionante quanto aquele que a tinha ajudado e depois, ordenado que não se movesse, e com certeza não era alguém que passaria despercebido para ela em quaisquer outras circunstâncias. Nossa, de repente o pequeno bar da frente estava lotado de homens gatos com cara de malvados, que tinham simplesmente se materializado em questão de segundos e impedido Eddie de dar um soco na cara dela. Ele poderia ter quebrado sua mandíbula ou seu nariz sem esforço, e só Deus sabe o que mais Eddie faria se aqueles homens não tivessem impedido o ataque tão facilmente. E por mais durões e intimidantes que fossem, eles não tinham a ameaçado ou feito sentir-se insegura nem uma vez sequer. Nervosa? Sim. Porque foi ordenada a não sair do lugar, mas, ainda que pudesse ser ingenuidade, ela não acreditava que esses homens encostariam um dedo nela. Podia até ser uma boba, uma idiota completa por isso, mas, entre eles e Eddie, que ela sabia que queria machucá-la de verdade, Evangeline escolheria os desconhecidos sem pestanejar. E isso lhe dava algum conforto e segurança.

De onde eles tinham aparecido Evangeline nunca ia saber, porque aqueles homens não eram do tipo que passavam despercebidos mesmo no meio de uma multidão. Eram altos e fortes, com ombros largos, músculos definidos e rostos nos quais dava para se quebrar pedras. E todos pareciam... putos. Com ela? Por ela? Difícil dizer, ainda que um deles tenha dado uma olhada em sua direção.

Não, a raiva e o desprezo deles estavam focados exclusivamente em Eddie e no som lamentável que ele emitia se contorcendo no chão.

Eddie não era um homem pequeno, mas aqueles caras? Eles faziam Eddie parecer um magricela.

Ela engoliu. Fundo. E sua mão automaticamente foi parar no braço quando o homem que a havia ajudado voltou sua atenção toda para ela, agora que Eddie tinha sido arrastado para longe.

Do nada ela se perguntou aonde exatamente eles estavam levando Eddie, mas depois se deu conta de que deveria estar mais preocupada em como sairia dali. Ou se eles a levariam a algum lugar. O pânico a inundou e ela podia sentir um ataque monstro de ansiedade começando. Não era o que precisava naquela noite. Só queria ligar para o número que suas amigas tinham lhe dado e ser buscada o mais rápido que fosse humanamente possível.

— Ah, obrigada — ela gaguejou. — Vou embora agora. Nem devia ter vindo.

A expressão do homem suavizou-se e ele colocou a mão em seu ombro. Evangeline se encolheu involuntariamente, uma reação natural depois de ter sido agredida por um outro homem. Ele franziu a testa, estreitando os olhos, como se tivesse sido insultado pelo gesto, intencional ou não, mas seu descontentamento não se refletiu em seu toque, que era muito suave. Ele lhe deu um aperto reconfortante enquanto abria o rosto de novo, e havia uma quase ternura em seu olhar.

Agora Maddox entendia muito bem a reação de Drake e seu apelo imediato para ele, Zander e Silas intervirem, porque tratava-se de um filho da puta descontando a sua raiva e a sua humilhação em uma mulher linda que tinha metade do seu tamanho.

Também entendeu a resposta atípica de Drake a esta mulher em particular, pois ela era uma ovelha solitária em meio a uma matilha de lobos maldosos e sangrentos.

— Você está bem? — perguntou em voz baixa, num tom muito suave, não querendo assustar Evangeline ou intimidá-la ainda mais. Era óbvio que ela estava prestes a ter um ataque, o que acionou todos os instintos protetores que ele tinha. Ela precisava ser tratada com muito cuidado, ou poderia desmoronar a qualquer momento. E foda-se o mundo, aquilo o deixava muito puto.

Ele queria estar lá fora dando uma lição naquele babaca, embora os outros fossem mais do que capazes de dar uma surra naquele imbecil, uma lição de que ele não iria se esquecer tão cedo. Maddox só queria participar. Mas aquela mulher precisava de um tratamento muito cuidadoso, e agora ele entendia a firmeza de Drake em ordenar que cuidasse dela e a levasse

em segurança para seus cômodos reservados. Se ainda não tinha marcado território com outra, Drake a levaria com ele para casa hoje e ela nunca mais teria que se preocupar com a possibilidade de aquele idiota chegar a menos de um quilômetro de distância.

— Sim. Não. Vou ficar. Assim que sair daqui — ela murmurou.

Evangeline estava perdendo a cabeça. Caras como aquele não eram doces e cuidadosos. Ele provavelmente ficaria horrorizado se ela sequer ousasse dizer que seu toque era suave e sua expressão, carinhosa. Com certeza tomaria como um insulto.

Ele balançou a cabeça negativamente. Ela o olhou em pânico.

— Como assim?

— Sinto muito, mas não posso deixar — ele explicou, suavemente. — O chefe não ficaria feliz, e ele não gosta de esperar. O Sr. Donovan quer vê-la. Ele me enviou aqui para levar você. — Os lábios dele se curvaram em desprezo quando lançou um olhar rápido por cima dos ombros para ter certeza de que a questão "Eddie" tinha sido totalmente resolvida. — E para retirar o lixo. — A frase retumbou em seu peito, e dava para ver que ele estava puto de novo.

Ela entrou em pânico de verdade.

— Mas por quê? Eu não fiz nada! Estava aqui, cuidando da minha vida, e aquele... babaca me atacou — ela gaguejou.

A raiva tomou conta do rosto dele e seu olhar ficou sombrio. Evangeline se arrependeu de ter aberto a boca. Então, como que percebendo que a assustava, a expressão dele ficou neutra, e, em seguida, a gentileza estava de volta tanto em seu toque quando em seu rosto.

— Sinto muito mesmo — ele se desculpou com suavidade. — Mas o Sr. Donovan quer vê-la. Ele me enviou aqui para te conduzir até ele, e é o que eu vou fazer. Não vou te machucar. A propósito, eu me chamo Maddox. E, falando nisso, Drake é um filho da mãe intimidante, mas também não vai te machucar. Entende o que estou dizendo? Não demonstre medo. Você vai contar a ele o que fez aquele babaca agir como um cuzão antes de ser expulso. Além disso, aquele imbecil nunca mais poderá entrar em nenhum dos estabelecimentos de Drake. E mais: ele tem contatos em toda a cidade e aquele idiota não será banido apenas dos lugares controlados por Drake, mas de outros estabelecimentos similares.

Evangeline olhou para Maddox assustada novamente. Ele tinha se apresentado como se aquela fosse uma situação social, quando, na

verdade, estava fazendo dela uma prisioneira – só que chamava de outra coisa.

— E-Evangeline — ela conseguiu dizer.

Ele sorriu e... uau! Tinha um sorriso matador. Os joelhos dela ficaram um pouco bambos e, de repente, Evangeline ficou feliz por Maddox ainda estar segurando seu ombro – caso contrário, ela teria ido de cara no chão.

— Muito bonito — ele murmurou. — Bom, queira me acompanhar, vou levá-la até o Senhor Donovan.

Evangeline estava consumida pelo pânico mais uma vez. O medo percorreu sua espinha e empalideceu seu rosto. Maddox começou a guiá-la em direção a um conjunto de escadas do lado de fora da entrada da pista de dança.

— Ele não vai te machucar. Ninguém vai te machucar. Você tem minha palavra.

— Então por que... Não entendo — disse ela, frustrada. Queria perguntar mais, mas Maddox parou de novo, virou-se e segurou seu rosto de um jeito delicado, em um movimento surpreendente, porque ele não parecia ser do tipo de homem que fazia gestos afetuosos ou reconfortantes, e tinha sido extremamente gentil e sensível com ela desde que tinha impedido o ataque de Eddie.

— Você não fez nada, Evangeline. Agora, por favor, venha comigo.

Ela não chegou a fazer suas perguntas intermináveis porque mais uma vez se viu conduzida na direção das escadas. Não tinha certeza de como Maddox havia conseguido guiá-la. Seus pés com certeza não queriam obedecer. Ela não queria obedecer. E, no entanto, em questão de segundos, eles estavam ao pé das escadas. Mas então ele seguiu adiante e entrou em um corredor escuro – o que não ajudou a acalmar os temores dela. Ele sem dúvida sentiu que ela estava tremendo, porque tocou em seu ombro para deixá-la mais segura e, subitamente, a virou de frente, puxando-a gentilmente para mais perto enquanto apertava o botão do elevador. Um elevador?

— Relaxe — ele murmurou. — Jurei que ninguém vai machucá-la. E nunca quebro minhas promessas.

— Nunca?

Os olhos dele brilharam com divertimento, e a porta do elevador se abriu.

— Nunca.

— Só pode ser uma exigência — ela murmurou. A porta do elevador se fechou e eles começaram a subir.

Maddox olhou para ela, confuso.

— Para trabalhar aqui — Evangeline disse, paciente. — Só pode ser uma exigência.

— O quê? — Maddox perguntou, sem entender. — Não quebrar as promessas?

— Ser atraente. Todo mundo aqui é bonito. Até os seguranças. E os garçons e garçonetes. E você e os outros caras, sejam o que forem. Deveria ser crime.

Ela disse isso como se fosse um crime, e bem, era. Ninguém deveria ser tão bonito. Ou legal. Todos pareciam muito durões para terem tempo de tranquilizar uma mulher confusa tomada pelo medo. O segurança na entrada, o barman, o cara gato número um, que tinha esmagado Eddie como um inseto. Cara gato número dois, para quem o cara gato número um tinha jogado Eddie. Sem falar do outro cara gato que tinha aparecido, aparentemente para ajudar o cara gato número dois a escoltar o Eddie lá para fora. As garçonetes. E os próprios frequentadores da boate.

— E, pelo visto, apenas pessoas bonitas são permitidas aqui — ela murmurou, mas alto o suficiente para Maddox ouvir, a julgar pelo riso que transbordou em seus olhos. — Eu sabia que era um erro vir. Não pertenço a esse lugar, deveria ter ficado em casa.

Nesse ponto, ele voltou a ficar sério e aquele olhar amedrontador retornou ao seu rosto. Mirou Evangeline, intensamente. Seus belos olhos se estreitaram enquanto ele a analisava. Descrença refletida neles.

— Você não se acha bonita?

Ela abriu a boca.

— Dã! Não é que não acho. Eu sei que não sou! Não dá para fingir ser o que não é.

Ele não parecia nada satisfeito com aquela declaração, mas, antes que pudesse responder, o elevador se abriu diretamente para um cômodo escuro e amplo. Ela precisou piscar para ajustar a vista à baixa luminosidade e percebeu que a única luz vinha de monitores de vídeo instalados na parede. Vigilância. Então era por causa daquilo que alguém tinha ido resgatá-la. Bem, graças a Deus, porque os outros clientes é que não iam ajudar mesmo.

Maddox praguejou, sacudindo a cabeça enquanto guiava Evangeline para o cômodo. Ele tinha aberto a boca como se fosse falar ou responder Evangeline, mas a fechou no minuto em que o elevador se abriu. Ainda parecia bravo – o que ela estava começando a achar que também era uma exigência para se trabalhar ali. Gato e sempre irritado. E, ela precisava dizer, quando não estava dirigido a ela, esse olhar ardente e bravo era muito sedutor.

— O nome dela é Evangeline — disse Maddox.

— Deixe-nos — falou uma voz masculina e grave.

Ela olhou ao redor, tentando encontrar a fonte da voz. Voltou-se para Maddox, porque, de repente, ele não parecia ser tão ruim. Ele tinha sido gentil com ela. Bem, exceto pelas partes do sequestro e do não-posso-permitir-que-você-saia.

Mas Maddox tinha evaporado e a porta do elevador já estava se fechando, deixando-a sozinha com quem quer que fosse aquele misterioso Sr. Donovan.

Merda, merda, merda!

Para Evangeline, caiu a ficha de que tinha acabado de saltar da frigideira para o fogo, e agora não havia ninguém para salvá-la.

4

Evangeline olhou nervosa ao redor do cômodo e estremeceu com a sensação de poder que a cercava. Podia jurar que sentia o cheiro daquele homem, e era intoxicante.

— Hum, Sr. Donovan?

Olhou mais uma vez em torno, ansiosa, tentando identificar a localização dele. Então, o viu. Ele saiu das sombras do canto oposto da sala, e os olhos dela se arregalaram de surpresa e puro deleite. Uau! Agora sim tinha caído a ficha. Ela finalmente entendia as regras daquele lugar e quem as tinham inspirado. Se o Sr. Donovan administrava a Impulse, com certeza fazia sentido que se cercasse de gente tão bonita quanto ele.

Evangeline o encarava com fascínio e ele a olhava fixamente, os olhos escuros pesando sobre ela, fazendo-a se sentir subitamente exposta e muito vulnerável. Ela engoliu em seco, pois poderia jurar que tinha visto um lampejo de interesse naqueles olhos castanhos profundos. Talvez Eddie a tivesse atingido afinal, porque estava mesmo ficando louca. Mas era uma fantasia boa.

Ele tinha cabelos curtos, uma aparência elegante e sofisticada, que exalava riqueza e poder. Seus traços eram fortes, com uma mandíbula bem definida. Tinha peitos e ombros amplos e musculosos, e era muito mais alto que Evangeline. Ela teria que ficar na ponta dos pés apenas para chegar até o queixo dele!

O olhar dela foi atraído para os lábios dele. De novo e de novo. Depois de perceber uma característica diferente, seu olhar voltava rapidamente para os traços definidos de sua boca, e ela sentia tudo formigar imaginando como seria ter aquela boca em sua pele.

O calor ardeu em seu corpo, mas a sensação foi seguida pela tristeza de começar a pensar aquilo. Até parece que um homem como ele daria um pingo de atenção que fosse para ela.

Então, de repente, ele avançou, com um olhar determinado, violento, em seu rosto, e ela se preparou para um confronto inevitável. Para sua surpresa, ele pegou com cuidado o braço que Eddie tinha machucado e o virou, examinando a extensão das lesões. Fúria brilhou em seus olhos, mas ele não soltou o braço dela: seu toque era infinitamente suave.

Os pelos do braço dela se arrepiaram, e uma sensação peculiar brotou na boca do estômago de Evangeline. Sua vagina se contraiu e seus mamilos formigavam, subitamente hipersensíveis e rígidos. Ela quis cruzar os braços sobre os seios, porque estava certa de que ele podia ver o volume dos bicos enrugados sob o tecido fino de seu vestido.

Que diabos estava acontecendo? Tinha entrado em uma realidade alternativa? Isso não tinha nada a ver com ela. Não tinha surtado e virado um saco de hormônios ambulante por causa de um homem – qualquer homem. Não tinha tempo para homens, e a única vez em que tinha arranjado tempo... bem, era óbvio o que tinha acontecido.

E, de repente, a fera estava solta. Ela tentou dar um passo apressado para trás, mas o aperto dele, suave ainda que firme em seu braço, a impediu.

— Que diabos você estava pensando ao vir a um lugar como este? — ele perguntou, fúria tingindo cada uma das palavras.

Ela baixou o olhar na mesma hora, vergonha e angústia agarrando-a em um aperto que rivalizava com o de Eddie em seu braço.

— Sei que não pertenço a esse lugar — ela disse quase num sussurro. — Sei que não sou boa o suficiente para estar em um lugar como esse. Frequentado apenas por pessoas lindas e ricas.

A voz de Evangeline ficava mais resignada e contida a cada palavra. Ela mal conseguia falar, a humilhação travava sua garganta.

— Vou sair agora. Me desculpe pelo incômodo. Fiz uma... cena. Não voltarei aqui. Prometo. Você nunca mais terá que se preocupar comigo aparecendo aqui, ou em qualquer lugar, de novo.

Ela tensionou o braço que Drake segurava, esperando que ele a soltasse e permitisse sua saída. Quando ele não afrouxou o aperto, o pânico voltou, e Evangeline olhou para ele freneticamente, pálida diante da expressão de raiva dele.

— Por favor. Me deixa ir. Juro que nunca mais vou voltar.

A expressão dele parecia esculpida em pedra, a mandíbula definida que ela tinha observado antes agora estava muito mais aparente.

— Então por que veio? — ele perguntou sem rodeios, fazendo-a recuar com a grosseria.

Sério que ia ter que explicar tudo para ele? Dar os detalhes da sua falta de competência para embelezar as instalações da boate? E ela tinha aquela mania de sempre deixar a verdade escapar, não importa o quão dolorosa. Uma falha da qual ficaria muito feliz de se ver livre. Mas não. Antes mesmo que pudesse se dar conta do que estava dizendo, toda a história ridícula veio à tona.

— O homem que me agrediu é meu ex... namorado. Ficante. Sei lá. Embora eu quase não nos considerasse ficantes — ela disse, amargamente. — Eu fui só um desafio para ele. Fui é a palavra-chave dessa frase. Ele sabia que eu era virgem, e então me coagiu, me levou para jantar e me encheu de vinho, fingindo interesse, porque ele queria ser m-meu pri-primeiro — ela gaguejou, o calor queimando seu rosto inteiro.

Drake xingou Eddie com vários palavrões pesados e a assustou com sua veemência, mas ela se adiantou, querendo apenas terminar logo para que talvez ele finalmente a liberasse para sair.

— Assim que finalmente cedi, acreditando, estúpida, que ele era especial, ele me deixou. Disse que eu era péssima de cama. Ouvi ele falando com os amigos, com as pessoas. Nem sei quem eram — ela disse, com dor. — Ele disse que enfiar o pau na minha... — Ela parou, envergonhada pelo uso dos palavrões. Respirou fundo e fechou os olhos. — Ele disse que era como foder um monte de neve. E que os três meses que ele tinha precisado esperar para eu ceder não tinham valido a pena de jeito nenhum. E repetiu tudo isso essa noite, na minha cara.

— Então você veio hoje à noite para vê-lo? — Drake perguntou, incrédulo. — Por que diabos iria querer fazer isso? Pelo amor de Deus, você queria voltar com ele?

Evangeline levantou a cabeça, a raiva subindo rápida por suas veias.

— Não! — ela sussurrou. — Agora não. Nunca mais. Minhas amigas me convenceram a vir. Disseram que eu precisava recuperar um pouco de mim mesma. Steph arranjou um convite VIP e elas passaram uma hora me produzindo. Sapatos, saltos matadores, cabelo, maquiagem, tudo...

Evangeline continuou, sem pensar muito:

— Achavam que eu deveria fazê-lo ver a merda que tinha feito. Eu disse que era burrice. Este lugar é para pessoas bonitas. Até as pessoas que trabalham aqui são lindas. Todo mundo é perfeito. E então lá estava eu,

sobrando que nem jiló no prato de criança. As pessoas na fila, lá fora, sabiam que eu não pertencia a este lugar. As pessoas aqui dentro sabiam que eu não pertencia. E você, obviamente, sabe que eu não pertenço, porque enviou o seu capanga para se livrar de mim. Então, se me deixar ir embora, agradeço muito. Já prometi que nunca mais passarei pela porta da sua boate novamente. Já foi uma noite bastante humilhante, e eu não aguento mais.

Drake lhe lançou um olhar que era uma mistura de espanto e muita raiva.

— Você ofuscou todas as vadias lá dentro e acha que elas não sabem disso? Não viu que a vagabunda com o seu ex estava pronta para arrancar seus cabelos pela raiz porque não é linda como você e nunca será? Não tem creme que consiga reproduzir o tipo de beleza que você tem. Aquelas vadias lá dentro não são nem uma vela perto do seu brilho e te odeiam por causa disso.

Evangeline olhou para ele em completo assombro, os olhos arregalados com o choque. Ele praguejou com ferocidade e a fez recuar de novo.

— Não, é óbvio que você não vê — ele continuou, com a voz sombria. — Não enxerga seus malditos encantos, o que a torna ainda mais atraente.

— Não precisa fazer com que eu me sinta bem — ela disse baixinho. — É gentil da sua parte, mas a verdade é sempre melhor. Prefiro a realidade. Sei o que sou e o que não sou. E aceito isso.

Antes que ela conseguisse processar o que diabos Drake estava fazendo, ele a puxou de um jeito brusco para seus braços e ela aterrissou em seu peito, com um baque leve. Ele levantou o queixo de Evangeline, a mão, de tão grande, cobrindo quase metade de seu rosto, e esmagou a boca dela com a sua, devorando seus lábios como se estivesse faminto.

Foi o equivalente a ser atingida por um raio. Na hora, cada terminação nervosa do corpo de Evangeline vibrou, e ela engasgou, abrindo a boca para as investidas da língua de Drake. Ele a sondou delicadamente, com uma calma que contradizia seus movimentos impacientes e aparentemente irritados.

Ela soltou um suspiro delicioso. Aquela boca. Deus, mas ela estava tão certa antes sobre a boca e os lábios dele, e agora que tinha experimentado a língua, de repente sua atenção não estava tão focada nos lábios.

O gosto e o cheiro dele eram divinos. Quente, alfa, homem durão. Arrogante. Confiante. E tão gostoso que ela não conseguia compreender

como estava ali, em seu escritório, enquanto ele a beijava completamente, de uma maneira que nunca havia sido beijada antes.

E só o conhecia há cinco minutos!

Ela colocou as mãos no peito dele com a intenção de afastá-lo, mas assim que suas palmas encostaram naquela parede musculosa, pararam e apenas passaram a absorver seu calor, e ela se entregou mais ao beijo com um suspiro de rendição.

Drake tinha ouvido todos os não-boa-o-suficiente, não-bonita, não-pertenço que poderia aguentar por uma noite. Evangeline, Angel. Sim, o nome era perfeito. A mulher mais bonita em toda a maldita boate, e lá estava ela jorrando toda a merda em que acreditava. E não tinha jeito de conseguir fazê-la mudar de ideia usando apenas palavras, então ele fez o que estava morrendo de vontade de fazer desde que ela atravessara a porta do bar da frente.

Puxou-a contra o corpo para que ela aterrissasse em seu peito, a suavidade dos seios dela queimando em sua carne, mesmo através de duas camadas de roupa – a dele e a dela. Em seguida se apossou dos lábios dela e deleitou-se como um homem que há tempos estivesse privado de uma beleza assim.

Ele cedeu um pouco a pressão da boca, e, com delicadeza, lambeu o lábio inferior carnudo dela, mordiscando devagar com os dentes, um pedido para que ela abrisse aquela boca açucarada para ele entrar onde era ainda mais doce.

Evangeline obedeceu com um suspiro hesitante, embora ele não tivesse certeza de que se tratava de uma decisão consciente de abrir caminho para a sua língua ou se ela estava apenas buscando ar, uma vez que não tinha respirado uma única vez desde que sua boca havia encontrado a dela. Mas não ia esperar para descobrir.

Enfiou sua língua lá dentro, quase gemendo em voz alta enquanto ela respondia sua pressão de maneira tímida, apenas com a ponta da língua. Um toque tão suave que pareciam as asas de uma borboleta. Nossa, se a boca era doce assim, ele só podia imaginar quão doce seria aquela outra parte deliciosa do corpo dela. Então teve uma urgência súbita de descobrir.

Passou os braços em volta de Evangeline, puxando o corpo dela para o seu até não deixar mais espaço entre eles, até que a suavidade dela foi engolida por sua estrutura forte e se moldou a ela. Podia sentir seus seios, os bicos entumecidos de seus mamilos através do que, pela resistência que

oferecia, só poderia ser um sutiã de renda. Aliás, ela provavelmente não estava usando um, não cabia nada embaixo daquele vestido.

Só o pensamento de que poderia não haver nada além do vestido entre ele e aqueles seios deliciosos, os mamilos roçando seu peito, foi suficiente para endurecer seu membro com toda força, pressionando sua calça como um adolescente excitado transando com a namorada pela primeira vez.

Focado no desejo de saborear o néctar daquela mulher, ele estendeu a mão e tomou-a em seus braços, ignorando seu gritinho súbito de susto. Ela não lutou para se livrar dele no entanto. E, se tivesse lutado, ele teria lhe assegurado de que com certeza não a machucaria. Ela ficou paralisada em seus braços, respirando em rajadas esporádicas, com as bochechas num tom de rosa delicioso.

Ela estava ruborizada de tesão e Drake sentiu um prazer selvagem com o fato de que ela o desejava. Foder um monte de neve? O ex dela tinha que estar louco. Ele não precisava nem ir muito longe para saber que aquela mulher o deixaria em chamas. Já estava quase gozando na cueca, e ainda nem tinha colocado Evangeline em cima de sua mesa ou levantado seu vestido até a cintura.

Ele colocou a bunda dela na beirada da mesa e, num gesto de impaciência, varreu a superfície com os braços e jogou os objetos que estavam ali no chão. Coisas espalhadas por todo canto. Os olhos dela se arregalaram, as pupilas se dilataram, apenas um fino anel azul circundava as esferas negras quando ela o encarou, preocupada.

Sem dar a ela tempo para pensar, muito menos para entender suas emoções, ele a conduziu para baixo até que estivesse deitada de barriga para cima na mesa, com as pernas suspensas na lateral. Isso fazia dele um babaca, estava tirando proveito de uma mulher que ainda se recuperava dos acontecimentos daquela noite. Mas, naquele momento, não deu a mínima, pois estava possuído pela necessidade de prová-la. De dar a ela um gostinho do que aquele bosta de ex ou não tinha desejado ou não tinha sido capaz de lhe proporcionar.

Ela sairia dali completamente satisfeita e depois voltaria. Sim, ela seria dele. Só não sabia disso. Ainda.

Ele tirou os sapatos de Evangeline com cuidado, hesitando apenas um segundo porque a ideia de se meter entre aquelas pernas com ela usando apenas os sapatos já deixava seu pau vazando pré-sêmen. Isso era para mais tarde. Transaria com ela usando aqueles sapatos e nada mais.

Deixou os saltos caírem no chão e, em seguida, empurrou o vestido dela até a barriga. Ela usava uma calcinha de renda que cobria os cachos dourados no V entre suas coxas. Puxou a faixa fina, deslizando-a para baixo das coxas até os calcanhares e deixou a peça despencar no chão.

Impaciente, separou as coxas dela e gemeu ao ter uma visão desimpedida de seu clitóris brilhando. Os lábios rosados de sua vulva chamaram-no e ele abaixou a cabeça, passando a língua entre os lábios dela, da entrada escorregadia até o clitóris trêmulo.

Ela gritou e se curvou com violência para cima, as pernas tremendo em espasmos. Apertando as mãos em seus quadris, ele a segurou firme no lugar e começou a chupar e a lamber em longos golpes. A umidade se espalhou em sua língua e, para seu deleite, ele estava certo. Ela era tão deliciosa como tinha imaginado.

Drake morreria feliz entre as pernas dela, a língua dele a explorando devagar, saboreando-a do avesso. Dando voltas suaves, ele foi subindo até o clitóris e circulou o botão rijo, até que ela soltou um gemido de lamento. Então, ele circundou a entrada dela com a ponta do dedo, deslizando o mínimo possível para dentro.

Quando sentiu que ela tinha ficado mais úmida, ficou mais ousado com a mão e a língua. Acariciou suas paredes aveludadas, entrando mais fundo para chegar à área um pouco mais áspera de seu ponto G. Assim que fez uma leve pressão e sugou suavemente seu clitóris pulsante, ela foi à loucura, contorcendo-se, sua respiração alta e forte.

— Nossa! — disse ela em espanto, fascinação em sua voz. — Não tinha ideia que poderia ser assim, que poderia ser tão bom, tão... perfeito.

As palavras de Evangeline caíram sobre os ouvidos de Drake como a mais fina seda e ele sentiu o ego elevado como nunca havia sentido antes. Aquela mulher merecia um homem que pudesse satisfazê-la e lhe dar prazer na cama, e ele tinha toda a intenção de ser esse homem. Drake estava tomando Evangeline, colocando seu selo nela, mesmo que não a possuísse completamente nessa noite.

Saber que a possuiria inteira e completamente lhe deu uma injeção de pura satisfação. Drake chupou suavemente o clitóris pulsante entre seus lábios e acrescentou outro dedo, acariciando de dentro pra fora.

— Ah. Ah! — ela engasgou. — Não quero que acabe. É perfeito. Meu Deus. O que eu faço? Parece que vou desmoronar!

— Deixa rolar, Angel — ele murmurou. — Permita-se sentir o prazer e esquecer o passado. É assim que deve ser quando um homem cuida de uma mulher e não é um babaca egoísta que só está a fim de dar prazer a si mesmo.

Ele esticou mais os dedos e começou as estocadas dentro e fora da vagina, desfrutando de suas paredes sedosas. Lambeu e sugou o clitóris dela até que todo seu corpo ficasse teso, a bunda totalmente suspensa, descolada da mesa, desesperada por sua boca.

Sentiu as contrações da vagina dela em torno de seus dedos e amaldiçoou o fato de não ser o seu pênis ali. Estava tão duro que sentia dor, e sua ereção, visível, parecia estar prestes a irromper. Nunca em sua vida tinha desejado tanto uma mulher, e estava certo de que nunca havia ficado tão duro – e sido tão altruísta.

— Dá para mim — ordenou. — Goza na minha boca, Angel. Deixe-me provar você.

Drake retirou os dedos e colocou a boca na fenda molhada dela. Depois, deslizou os dedos até o clitóris, para fazer carícias enquanto lambia e sugava seus sucos doces.

O grito de Evangeline rompeu o silêncio e ela perdeu o controle, vibrando e se contorcendo enquanto explodia na boca dele, em sua língua, banhando seu queixo com seu néctar cremoso. Ele suavizou as carícias, sabendo que a área ficaria hipersensível quando ela terminasse de gozar, mas continuou com a língua nela, lambendo cada gota de sua essência.

Então Evangeline ficou entorpecida e, quando Drake levantou a cabeça, viu em seu rosto a expressão atordoada e o olhar enevoado e sonhador. Ela era a visão mais bonita que já tinha tido.

Os olhos de Evangeline encontraram os dele e incerteza, vergonha e embaraço substituíram a euforia de antes. Ela desviou o olhar, suas bochechas corando. Drake levantou-a suavemente para colocá-la sentada e deslizou sua calcinha de volta para cima. Em seguida, tirou-a da mesa e ajeitou seu vestido, antes de se abaixar para calçar os saltos de volta nos pés dela. Ele segurou sua bochecha e acariciou de leve o maxilar com o polegar.

— Maddox vai levá-la para casa agora, mas voltará amanhã de noite, às 7 horas em ponto, para te buscar e te trazer de volta para mim.

Ela assentiu, entorpecida, claramente atordoada e confusa, a perplexidade brilhando em seus olhos. Nem percebeu Drake chamando

Maddox de volta ao seu escritório, e não reagiu quando ele segurou seu rosto com as duas mãos e beijou-a demoradamente.

— Amanhã, Angel. Até lá, sonhe comigo.

5

Ainda paralisada com o choque, Evangeline sentou-se no banco de trás do carro luxuoso. Devia estar tremendo como vara verde, completamente enlouquecida. Ok, então ela estava enlouquecendo, mas não precisava ficar exibindo isso para o homem grande e silencioso que havia sido incumbido de "levá-la para casa". O mesmo homem que tinha impedido Eddie de bater nela.

Ele sabia o que tinha acontecido no escritório, ou no que diabos Drake chamava aquilo? Parecia mais um covil, e ele, uma fera obscura e sombria. Uma fera que tinha a boca muito safada e sabia como usá-la para dar prazer a uma mulher.

Evangeline foi tomada pela vergonha, quase destruindo sua postura, tão cuidadosamente construída. Ela se permitiu ser escoltada para fora do escritório de Drake, como se os dois tivessem tido apenas uma conversa, e ele foi atencioso o bastante para garantir que ela chegasse em casa em segurança. Mas, dentro dela, tudo estava uma bagunça, uma bagunça quente e agitada, ainda trêmula depois do orgasmo mais estonteante que poderia imaginar. Não que pudesse compará-lo com outro, mas orgasmos não poderiam ser sempre tão avassaladores. Se fossem, todo mundo ia querer transar o tempo todo. O planeta giraria em torno de sexo quente e safado.

Se tivesse um homem como Drake, era só o que ia querer fazer. Se ele era tão talentoso com a boca, imagina com outras partes do corpo. Pensar no pênis dele penetrando fundo dentro de si quase fez Evangeline gozar de novo, e ela olhou rapidamente para Maddox, rezando para que não tivesse acabado de se entregar com o tremor traidor que tomou seu corpo e deixou todas as suas partes íntimas formigando de novo.

Ainda estava hipersensível. Enquanto o carro passava pelo Brooklyn, o couro suntuoso e requintado em que estava sentada vibrava, erótico, sob seu clitóris inchado e pulsante. Era a pior espécie de tortura, porque a

distância era longa entre a Impulse e o apartamento que ela dividia com as três amigas no Queens.

Não se arriscou a olhar para Maddox por muito tempo. Não queria que ele percebesse seu escrutínio. Por isso, e porque estava certa de que bastaria uma olhada na cara dela e ele saberia cada um de seus pensamentos, o que levaria seus nervos ao limite, em uma noite em que eles já tinham sido desgastados e reduzidos a meros fios. E ela quase já não estava conseguindo se segurar nesses fios.

De qualquer forma, ele a ignorava completamente. Seu olhar estava fixo em um ponto sobre o ombro do motorista, como se estudasse as ruas, alerta em todos os movimentos. Esperava que fossem sequestrados ou algo parecido?

Evangeline quase riu, mas tinha consciência de que isso também ia entregar sua crescente histeria.

Óbvio que escoltar mulheres errantes da boate do chefe não estava em sua lista habitual de afazeres. Se não tivesse tido aquela noite dos infernos – e dos céus, Deus, a última parte tinha sido êxtase puro – talvez conseguisse sentir alguma compaixão por aquele homem que estava indo até o Queens fazendo papel de babá.

Seguiram em silêncio pelo caminho e, quando estavam a poucos minutos de seu apartamento, Evangeline suspirou de alívio. Mas, para seu choque, Maddox se voltou para ela e, pela a primeira vez em todo caminho, falou:

— Você está bem? — ele perguntou, gentil, e balançou a cabeça, claramente irritado com a própria pergunta. — Claro que não está bem. Mas vai ficar?

O queixo dela caiu porque tinha a nítida impressão de que aquele era um trabalho tedioso e indesejado, mas agora uma preocupação genuína, e pior, compaixão, se refletiam nos olhos dele. Ela estremeceu.

Não queria a pena daquele homem. Aliás, nem a de Drake. A noite tinha sido um desastre. Quer dizer, menos pelo orgasmo de pelo-amor-de-Deus-derreter-a-alma que Drake tinha dado a ela, porque tinha ficado dolorosamente óbvio a todos naquela maldita boate que ela não pertencia àquele lugar, não importa o quanto Drake tivesse tentado fazê-la mudar de ideia.

— Estou bem — ela respondeu, calmamente.

Maddox lançou um olhar de dúvida em direção a Evangeline. Um olhar que disse que ele conseguia enxergar através dessa mentira óbvia, mas ela nunca tinha sido capaz mesmo de enganar ninguém. Todo mundo achava Evangeline a Srta. Certinha e, por isso, Eddie a vira como um desafio e quis envergonhá-la e humilhá-la. Ser o cara que conquistou a rainha do gelo para se gabar de sua vitória. Bela vitória. Ele era péssimo de cama, e só tinha sido necessária a boca de Drake e nada mais para deixar isso claro para ela.

— É isso — ela murmurou. — Vou ficar bem. Feliz? Vou superar. Sempre supero.

Ele fechou a cara. Os olhos dele brilharam, de repente, com raiva, mas cerrou os lábios, graças a Deus. Ela não tinha nenhuma vontade de desnudar sua alma uma segunda vez para um completo estranho como tinha feito com Drake após cinco minutos em sua presença. Ela e esse hábito irritante e ridículo de vomitar toda a verdade, não importa o quão humilhante. Ela se chicoteou mentalmente ao menos uma dúzia de vezes por não ter dito que não era do interesse dele. Mas havia o fato de que Drake não aparentava ser o tipo de cara a quem se mandava cuidar da própria vida.

Tinha se convencido de que ele a assustava pra caramba, mas ele tinha sido extraordinariamente terno e doce, e ela não teve medo nenhum quando ele a fez perder a cabeça. Mas depois? Quando ela recuperou parcialmente os sentidos? Ele a aterrorizava, com certeza.

O motorista parou diante do prédio antigo de sete andares que era bem mais velho do que Evangeline. Ela e as amigas moravam no último andar e o elevador tinha parado de funcionar um ano antes, algo que o pão-duro do proprietário nunca tinha considerado necessário consertar. Subir aqueles seis andares de escada com as compras de supermercado, ou pior, com os pés doloridos e inchados após uma longa noite de trabalho, era insuportável.

Evangeline não esperou que o motorista ou Maddox se movessem. Abriu a porta rapidamente e pisou no meio-fio, acreditando que nenhum deles ia querer sair e que iriam embora logo, mais do que felizes por se livrarem dela.

Não teve essa sorte. Mas nada naquela noite tinha dado certo, por que naquele momento seria diferente?

Maddox desceu do outro lado depois de ver se não vinha carro, o que era pouco provável devido ao adiantado da hora e ao fato de que a rua, na prática, era de mão única, já que carros estacionados dos dois lados deixavam pouco espaço para outros veículos passarem em direções opostas ao mesmo tempo.

Ele se aproximou para ficar ao lado de Evangeline, olhou para o prédio caindo aos pedaços e fez uma careta.

— Você mora aqui?

Ela se empertigou com a crítica implícita e a arrogância, e olhou para ele com frieza.

— É o que posso pagar. Divido com três amigas. Estamos muito bem. Tem tudo de que precisamos.

Ele balançou a cabeça e tentou pegar no cotovelo de Evangeline, mas ela não deixou.

— Obrigada por ter me trazido em casa — ela agradeceu, educadamente distante.

Ele ignorou a dispensa óbvia e levou a mão até o cotovelo dela, segurando-a, enquanto a conduzia até a porta.

— Eu te acompanho até o seu apartamento.

Havia um brilho de teimosia nos olhos dele que deixou claro para ela que não havia nada que pudesse dizer para dissuadi-lo.

Evangeline suspirou e levantou a mão que estava livre.

— Tanto faz. Vamos acabar logo com isso. Tive uma noite longa e estou pronta para desmaiar na cama.

Ele contraiu um pouco a boca. Ela podia jurar que ele estava segurando um sorriso, mas nenhum dos funcionários de Drake que ela tinha visto naquela noite pareciam sorrir. Nunca.

Quando Maddox foi em direção ao elevador, ela parou e balançou a cabeça, guiando-o para as escadas.

— O elevador não funciona. Vamos ter que ir de escada.

— Em que andar você mora? — Ele franziu a testa.

— No último — ela respondeu, já se preparando para a reação dele.

— Jesus — Maddox murmurou.

Então, ele se abaixou e segurou uma de suas mãos para apoiá-la em seu ombro.

— Segure-se em mim.

Ela não teve tempo para questionar e, que bom que estava confusa e desconcertada demais para desobedecer aquela ordem, porque ele levantou um dos seus pés, fazendo-a se desequilibrar, e tirou um de seus saltos. Depois que seu pé descalço estava firme de volta ao chão, Maddox repetiu a ação com o outro sapato antes de liberar a mão dela para voltar à cintura.

Os sapatos pendiam nas pontas dos dedos de uma das mãos dele e, com a outra, ele pressionou as costas dela e a empurrou escada acima.

— O que diabos você está fazendo? — ela perguntou em um tom esganiçado, finalmente conseguindo recuperar a voz.

— Você vai quebrar seu maldito pescoço subindo seis andares em cima daqueles palitos que chama de sapatos — ele rosnou.

Ela revirou os olhos quando começaram a subir.

— Estou superacostumada a usar saltos assim.

Ele ergueu uma sobrancelha, ridicularizando Evangeline.

— Depois do fiasco desta noite, não posso dizer que estou convencido. Você quase se matou.

Ela soltou um grunhido e cravou nele seu olhar mais severo.

— Ah, desculpa aí, hein. Estava um pouco mais preocupada em me livrar de um punho que estava pronto para atacar meu rosto, do que em ficar de pé no salto.

Era a coisa errada para lembrar a Maddox. A expressão dele esfriou e um olhar assassino tomou seu rosto.

— Aquele cara não irá mexer com você de novo.

A convicção na voz de Maddox incomodou Evangeline. Ela recorreu ao sarcasmo para evitar pensar muito na certeza com a qual ele tinha dito aquilo.

— Você tem uma bola de cristal? Pode ver o futuro e sabe que ele nunca mais vai me atacar? — Levantou a sobrancelha.

— Confie em mim. Ele nunca mais chegará nem a um quilômetro de você.

O estômago de Evangeline se apertou e ela engoliu o medo bem rápido, formando um nó em sua garganta. Maddox não estava de brincadeira e ela não queria saber como ele sabia daquilo e por que estava tão convencido de que Eddie nunca mais a incomodaria. Algumas coisas é melhor não saber. A ignorância é uma benção, era o lema que ela levava para a vida. Nenhuma razão para mudanças drásticas agora. Se não está quebrado, não conserte, sua mãe sempre dizia.

— É aqui — ela disse em voz baixa quando chegaram ao final do corredor. O número de seu apartamento era 716, mas o seis estava do lado contrário e o sete, pendurado de cabeça para baixo. Ia cair a qualquer momento, e ela vinha planejando consertá-lo já que o proprietário era uma porcaria de um inútil que nunca se preocupava em dar o ar da graça no prédio, a menos que alguém estivesse devendo o aluguel. Aí ele era o senhor presença e, batendo na porta, ameaçava despejo imediato, ainda que fosse ilegal.

— Jesus — Maddox murmurou mais uma vez.

Sabendo que se ele entrasse no apartamento com aqueles processos de segurança fodásticos as meninas nunca a deixariam dormir até que contasse toda a novela mexicana que tinha sido aquela noite, Evangeline abriu a porta só o suficiente para si. Então, se virou para Maddox, colocando o peso do corpo para segurar a porta frágil, como se ele fosse ter qualquer dificuldade de passar se quisesse. Ele poderia derrubar a porta sem derramar uma gota de suor.

— Às sete. Amanhã — Maddox disse, firme, todo formal de repente. — Não desça. Não quero você esperando na rua. Fique aqui dentro que venho te buscar.

Quase não conseguiu controlar seu tremor. Quase. Mas tinha certeza de estava completamente pálida.

Depois de lhe proporcionar a melhor experiência sexual de sua vida, Drake tinha dito, calmamente, que seu motorista estaria no apartamento dela no dia seguinte às 7 horas e que ela ia passar a noite com ele. Assim, na lata. Nem perguntou. Planejou sem nem consultá-la sobre... qualquer coisa... E ela deveria apenas se encontrar com o motorista e ir Deus sabe aonde com um homem assustador que, por acaso, tinha a boca e o corpo igualmente tentadores.

Quando recebeu essas instruções, ainda estava muito abalada com o orgasmo para fazer algo além de concordar com a cabeça, feito uma idiota. E então foi conduzida para fora da boate até o carro que a levou em casa.

— Sete — respondeu, acenando com a cabeça para reforçar a mentira.

E, em seguida, fechou a porta, agradecendo a Deus que as meninas não estavam esperando naquela sala de estar minúscula para ouvir cada um dos detalhes sórdidos da sua noite. Recostou-se na porta, fechando os olhos, perdendo enfim o controle: começou a tremer da cabeça aos pés. Até os dentes batiam enquanto revivia cada um daqueles momentos de luxúria e

despudor. Ela esparramada na mesa de Drake enquanto ele a chupava como um homem esfomeado.

Não tinha a menor chance de Evangeline estar lá amanhã às 7 horas. Tinha um trabalho, aluguel para pagar e precisava ganhar dinheiro para enviar para sua mãe. E nada, nem mesmo um homem assustador e muito sexy que a fazia estremecer em lugares nunca antes imaginados, ia impedi-la de cuidar de suas responsabilidades.

Não tinha se mudado de sua pequena cidade no sul para uma cidade tão distante, com uma população maior do que seu estado natal, para ser uma baladeira ou para ficar se divertindo. Tinha vindo porque sua família precisava dela, e Evangeline não ia decepcioná-la.

6

Era o cúmulo da covardia, e Evangeline não inventou uma desculpa e nem tentou se explicar quando deixou o apartamento bem antes das 7 horas, na noite seguinte.

Tinha ganhado um tempo ao chegar em casa e, para seu espanto, não encontrar as amigas esperando para fazê-la despejar cada detalhe sórdido do que acontecera na Impulse. Mas, de manhã, foi acordada por elas, todas pulando de uma das camas conjugadas em cima dela, no quarto em que dividia com Steph.

Evangeline já tinha resmungado e se lamuriado sobre as amigas a acordarem após uma noitada de trabalho, mas elas a ignoraram e informaram que ela tinha tempo para uma soneca – depois, claro, de dar a elas cada detalhe, palavra por palavra, da vingança definitiva, aquela que a tinham convencido a fazer. Como se tivesse alguma chance de ela cair no sono de novo depois de relatar tudo aquilo.

Hesitou por um longo tempo, mordendo o lábio inferior a ponto de deixar as amigas preocupadas. Evangeline sabia que teria que contar tudo ou as meninas imaginariam coisas muito piores do que o que tinha acontecido e não teriam pudor nenhum em fazer uma visitinha surpresa ao Eddie e dar uma bela surra nele.

Um frouxo contra aquelas três mulheres ferozes e, sem dúvida, más – a melhor qualidade delas aliás, na opinião de Evangeline. Eddie não teria a menor chance. E Evangeline teria que passar o restante do dia tentando pensar em como bancar a fiança das três, quando levantar os fundos para tirar uma só da cadeia já parecia impossível.

As amigas de Evangeline eram leais e protetoras, de uma amizade incondicional, e ela não as trocava por nada no mundo. Por isso, apesar de sentir-se humilhada pelo que tinha acontecido na noite anterior, sem

contar aquele final de ai-meu-Deus e sua saída como um robô mudo, programado para obedecer sem questionar, ela despejou toda a história.

A primeira parte, que envolvia Eddie, foi até agradável. Agora que estava a distância e não vivendo aquele momento, Evangeline conseguia achar graça no completo fracote covarde que ele era e em como fora idiota de ter transado com ele. Especialmente, de ter sido ele seu primeiro. Apesar de conseguir rir disso, não tirava a humilhação da cabeça, por motivos de: como poderia ter sido tão estúpida e ingênua? Lições duras de vida não eram novas para ela, mas essa ela teria ficado feliz de pular.

As amigas dela também acharam tudo muito divertido, depois de superarem a raiva por Eddie tê-la humilhado e agredido em público. Mas Evangeline garantiu a elas que ele tinha recebido o que merecia e que acabara muito mais humilhado que ela.

Foi então que Evangeline fez uma pausa, e Steph, atenta como um cão de guarda que nunca deixa nada passar, estreitou os olhos, suspeitando de algo, e encarou Evangeline. Tinha uma habilidade extraordinária de fazer a amiga se sentir como uma colegial pega colando na prova.

— Certo, tudo isso rolou nos primeiros minutos em que você estava lá. Tipo, você tinha acabado de chegar e pegou uma bebida quando Eddie se aproximou com a vagabunda agarrada ao braço. Tudo não deve ter durado mais do que no máximo alguns minutos, antes de o leão-de-chácara ter se envolvido e tirado Eddie e a vadia da jogada, mas você ficou por lá bem mais que isso. O que mais aconteceu?

Nisso, Nikki e Lana sacaram o que Steph estava pensando, e Nikki perfurou Evangeline com um olhar penetrante quase tão inquietante quanto o de Steph.

— Você está escondendo algo — acusou Nikki.

— É, sem brincadeira — Lana resmungou — Desembucha, mulher. Tudo. E não deixe um único detalhe de fora ou, juro por Deus, Nikki, Steph e eu vamos até a Impulse, encontraremos esse leão-de-chácara que deu um fim no Eddie e vamos descobrir exatamente o que rolou depois.

Evangeline gemeu, porque elas fariam aquilo mesmo. Os homens que trabalhavam com ou para Drake – ela não tinha sido capaz de descobrir a dinâmica exata no curto tempo em que esteve lá – eram durões. Ela não precisou de mais do que alguns segundos ali para entender isso. Qualquer um com um par de olhos e um mínimo de bom senso era capaz de perceber que era melhor não mexer com aqueles caras. Nunca.

Evangeline quase riu do pensamento de Maddox sendo confrontado por aquelas três mulheres, pequenas, porém muito obstinadas e cheias de determinação, que agiam como pit bulls atrás de um bife de primeira quando se tratava de algo que queriam. Não ficariam intimidadas ou amedrontadas por Maddox – ou por qualquer um dos outros durões que trabalhavam na Impulse. O coitado – ou os coitados – nunca saberia o que o atingiu.

Com exceção de Drake. Ela quase tremeu com a simples lembrança do olhar dele. Como se a estivesse descascando, camada por camada, e enxergando cada pensamento, reação e emoção que ela tentava com tanto afinco esconder do resto do mundo. E como isso foi bom.

Não, suas amigas não teriam chance com ele. E, embora não se deixassem intimidar por pouco, um olhar de Drake as faria sair correndo na direção oposta – exatamente o que Evangeline deveria ter feito: ela ainda se perguntava por que não tinha saído correndo. Mas, naquela hora, estava em estado de choque e completamente perplexa por toda a sequência de acontecimentos. Nada havia saído de acordo com o plano traçado com tanto cuidado pelas amigas. Evangeline nunca tinha mesmo acreditado que sairia, mas, estúpida, tinha se permitido ser levada para aquela confusão sórdida. E que confusão.

Mordeu o lábio inferior, um sinal claro de agitação. Um gesto que a entregava, como as amigas tantas vezes tinham alertado, na tentativa de fazê-la parar. Não que tivesse ajudado. Porque se relatasse o que aconteceu depois que Maddox despachou Eddie... Bom, elas iriam cismar em enfrentar Drake, e essa era a última coisa que queria. Por várias razões, a principal delas sendo a segurança das amigas. Uma segunda e quase primeira razão era que Evangeline sentia que de humilhação estava bom. As amigas irem até a Impulse para fazer uma cena com Drake por causa dela?

Estremeceu só de pensar. Já parecia uma fracote completa incapaz de cuidar de si mesma, e as amigas irem brigar no lugar dela só reforçaria isso.

Os olhos de Steph, que estavam apertados, e seu cenho, franzido, se suavizaram, e uma expressão de preocupação fez seus belos traços se enrugarem.

Ela perguntou, com uma voz gentil:

— Vangie, o que rolou?

Evangeline olhou para as amigas. De um jeito que não olhava com frequência, porque era muito fraca para causar conflitos e era a pacificadora do grupo. Vivia querendo agradar, para desespero das amigas. Elas queriam deixá-la mais durona, despertar nela um pouco mais de vadia louca – como achavam que eram, embora não fossem. Elas eram as melhores amigas do mundo. Mas Evangeline só queria ficar em paz. Não queria uma existência caótica. Gostava de sua vida tranquila, de seu pequeno grupo de amigas e de seu trabalho em um bar local que não estava nem na mesma estratosfera de um lugar como a Impulse, e que era frequentado por moradores da região – exceto Eddie, claro, que só esteve lá para seduzi-la. E policiais, bombeiros e equipes de serviços médicos de emergência, em particular, que a faziam se sentir segura. Mais uma prova de sua ingenuidade, sem dúvida. Os fregueses eram amistosos e a chamavam pelo nome, e as gorjetas eram boas, graças a suas pernas deslumbrantes, aos sapatos sensuais e a seu sorriso mais doce que mel – de acordo com as amigas. Porque, com certeza, ela não se considerava assim nem de longe. A descrição sempre provocou em Evangeline um ataque de riso histérico, mas ela as amava profundamente pelo carinho e apoio incondicionais e pelo esforço em tentar convencê-la de que a conheciam melhor do que ela mesma. As intermináveis horas que passavam reforçando sua autoconfiança, e a convicção que via em seus olhos e ouvia em suas vozes a aqueciam por dentro e por fora.

Evangeline apenas revirava os olhos e afirmava que qualquer garçonete que se esforçasse para fazer os clientes se sentirem bem-vindos após um longo dia de trabalho e lembrasse seus nomes e drinques preferidos receberia o mesmo tratamento. E Steph bufava e retrucava que, se fosse esse mesmo o caso, elas estariam faturando tanto quanto Evangeline em gorjetas.

Com um suspiro, Evangeline se adiantou, porque a situação já estava perdida. Se não contasse tudo, as amigas iriam até a Impulse, interrogariam Maddox e sabe-se lá quem mais e provavelmente acabariam no escritório de Drake.

E se ela confessasse cada mínimo detalhe? Quem garante que o resultado seria diferente? Neste caso, elas talvez pulassem Maddox e outros subordinados para ir direto até Drake.

Então, fez algo que nunca tinha feito com as amigas, porque sempre teve total confiança naquelas mulheres. Nunca tinha questionado a

lealdade delas. Mas também sabia que, uma vez que dessem a palavra, a manteriam, mesmo que isso as matasse – e esse era o caso. Evangeline impôs condições.

— Vou contar o resto, mas só se jurarem que, primeiro, o que eu disser nunca vai sair desta sala e permanecerá entre nós quatro. E, segundo, vocês vão deixar o assunto em paz. Em paz mesmo, tipo, esquecer assim que eu terminar de falar. E nada de querer tirar satisfação com ninguém, ficar fazendo perguntas, investigações ou ficar se intrometendo. Vocês têm que prometer — Evangeline repetiu, com ênfase. — Ou não conto nada.

As três pareciam chocadas, mas concordaram com a cabeça, uma de cada vez, embora Steph não parecesse muito feliz em prometer algo antes de saber o que seria revelado. Seus lábios se torceram em uma linha rebelde, mas Evangeline a encarou e não desviou os olhos de Steph até que ela levantasse as mãos, se rendendo.

— Ok, ok — disse, irritada. — Eu prometo. — Steph olhou para Lana e Nikki e acrescentou: — Todas prometemos. Agora quer acabar logo com isso? Estamos morrendo de curiosidade!

Satisfeita com o consentimento das amigas e sabendo que elas nunca faltariam com a palavra, Evangeline contou, hesitante, tudo o que tinha rolado depois de Eddie ter sido expulso da boate. Não deixou nada de fora. Nenhuma palavra que Drake dissera. Mesmo que quisesse, não poderia esquecê-las – estavam gravadas em seu cérebro.

Quando terminou, suas bochechas estavam em chamas e sem dúvida tão vermelhas que pareciam queimadas. Estava tão quente no quarto que ela necessitava de um banho frio com urgência, ou melhor ainda, de uma banheira cheia de gelo, em que pudesse submergir até que aquele seu corpo traíra, ruborizado e excitado, se livrasse dos efeitos persistentes da boca, dos lábios e da língua de Drake. Do toque dele. Deus, um simples toque dele a tinha deixado em chamas. Não se atrevia a imaginar como teria sido se tivessem ido mais longe e tido uma transa completa, com penetração de algo além da língua dele. Sentiu de novo uma onda de calor invadir seu corpo, e cada uma de suas partes íntimas formigar com uma ansiedade selvagem. Tinha que parar com isso!

Como é que, horas depois, apenas a lembrança das coisas que ele tinha feito conseguia transformá-la naquela bagunça total de hormônios? Não teve nem coragem de seguir encarando as amigas; há tempos tinha fixado o olhar em um ponto distante, para não ter que ver as reações delas.

Quando, enfim, se atreveu a dar uma olhada nas expressões delas, o rosto ainda abaixado, viu os queixos caídos e os olhos arregalados em estado de choque. E, pela primeira vez na vida, elas ficaram sem saber o que dizer – particularmente Steph, que sempre sabia o que falar.

Nikki abriu e fechou a boca várias vezes seguidas enquanto Steph apenas olhava estupefata. Surpreendentemente foi Lana, a mais quieta das três, que enfim conseguiu articular, meio guinchando:

— O quê? Sério? Você está falando sério?

E foi um grunhido. Quase inaudível devido à descrença óbvia que quebrava suas palavras.

Depois que Lana rompeu o silêncio de estupefação, uma enxurrada de perguntas veio de todas as direções, até que Evangeline cobriu os ouvidos e gemeu, afundou-se de volta em seu travesseiro e fechou os olhos. Ela pegou o outro travesseiro e o teria colocado sobre a cabeça para não escutar mais nada, mas ele foi tirado de sua mão, e Evangeline viu-se encarando a expressão indignada de Steph.

— Ah não — Steph bufou, com os olhos brilhando, sua cabeça pairando sobre o rosto de Evangeline. — Você não vai escapar dessa. — Ela parou, claramente sem palavras pela segunda vez – duas vezes em questão de segundos? Suspendeu a mão acima dos ombros, palma para cima e dedos estendidos, no gesto universal para dizer o quê? A expressão em seu rosto dizia tudo que o gesto não conseguia... Por quê? Como? Puta merda! Sério?

Se não fosse pelo fato de os eventos terem sido muito reais e terem acontecido com Evangeline, ela teria achado as reações das amigas hilárias e estaria rachando de rir, histericamente, como se tivesse conseguido pregar a maior pegadinha – algo de que não era capaz nem de longe, porque suas amigas diziam que ela era muito transparente e não saberia nem por onde começar a enganar alguém.

Faziam isso soar como um crime, ou no mínimo um pecado capital. As pessoas se orgulham de serem desonestas e, pior ainda, serem convincentes e bem-sucedidas nisso?

Evangeline suspirou porque sim, era de fato tudo aquilo de que a acusavam, embora “acusar” fosse uma palavra muito forte. As amigas se afligiam com a ingenuidade dela e sua incapacidade de ser maldosa e mal-intencionada com aqueles que mereciam.

Sempre diziam que ela era muito doce e muito inocente e que perdoava e confiava demais nas pessoas.

Elas a amavam muito por essas mesmas características que consideravam deficiências, mas temiam que essas mesmas características acabassem sendo sua ruína. Talvez estivessem certas, mas Evangeline não podia deixar de ser quem era, da mesma forma que não podia ser quem não era. A noite passada não tinha provado isso sem deixar sombra de dúvida?

E, bom, ela não queria mudar. Gostava do jeito que era, com os defeitos e tudo mais. Ninguém era perfeito. Ela só tinha mais imperfeições do que a maioria. E daí? Não havia nada que pudesse fazer em relação a isso, então por que desperdiçar o tempo e a energia que ela não tinha tentando ser alguém que não só ela nunca poderia ser, mas que também não tinha vontade de se tornar?

Falando assim, a noite anterior não tinha sido um desastre, como Evangeline tinha imediatamente classificado. A paz se instalou nela, afastando um pouco da humilhação ainda vívida e recente até demais que a envolvia, enquanto as amigas continuavam a encará-la, parecendo prontas para arrancarem seu cabelo pela raiz se ela não explicasse melhor aquela revelação chocante que havia jogado em cima delas como se fosse uma bomba.

— Sério que ele te chupou no escritório? Em cima da mesa? — Nikki perguntou em um sussurro abafado, claramente chegando ao limite de sua paciência e decidindo que Evangeline teria que ser interrogada, já que até agora ela estava escondendo os detalhes saborosos que elas queriam ouvir.

— Nossa, você faz isso soar tão... sórdido — disse Evangeline, com um suave gemido. — Fico achando que deveria estar na igreja agora, ou pelo menos me confessando.

— Miga, acho que é preciso ser católica para se confessar — disse Lana, secamente.

— Parem de distraí-la! — Steph disse em um semigrito, sua agitação tornando-a ainda mais nervosa. — E, Vangie, eu odeio te informar, mas foi sórdido. De um jeito pelo-amor-de-Deus-o-que-é-isso-arrepiei delicioso. Preciso entrar na fila para esse tipo de sordidez, porque nada que fiz até hoje chegou perto desse tipo de prazer hedonista.

Evangeline ergueu uma sobrancelha, surpresa. Ela esperava que...Franziu o cenho e sacudiu de leve a cabeça para organizar a

confusão. Não sabia ao certo o que esperava. Condenação, talvez? Decepção? Julgamento?

Mas nada disso estava refletido nos olhares de suas amigas. Havia uma profusão de reações, tantas que ficava quase impossível entendê-las, mas em nenhuma Evangeline encontrou algo que a fizesse sentir vergonha ou até mesmo pena do que fizera. Mas ela não tinha mesmo feito nada. Tinha apenas sido uma sem noção – uma completa sem noção – em participar daquilo, se é que podia chamar sua reação de participar. Tinha apenas permitido que aquele cara acontecesse. Para assumir e controlar cada aspecto daquela sequência de eventos destruidora e definitiva, que tinha começado como uma simples e, pequena vingança. Não tinha essa de culpar o choque, o fato de estar abalada ou de que seu juízo estivesse tão perdido que ela nem sequer estava ciente do que acontecia. Sabia de quem era a culpa, e não era de Drake. Era dela, por não ter força e atrevimento para pôr fim naquela farsa. Não tinha um pingo de coragem, e a noite anterior não deixava dúvidas.

Pior ainda, Evangeline sabia exatamente o que ele estava fazendo – o que ele ia fazer – e estremeceu até a alma, tremendo com força por uma necessidade reprimida e por desejo. Ele havia acendido um fogo que há muito tempo dormia dentro dela, e que, Deus perdoe, ela quis fazer aquilo, desejara fazer aquilo e desejara aquele homem – com toda a sua alma. Com um desespero indomado que ainda a desconcertava, porque a mulher inconsequente que ela nem sabia existir dentro de si tinha respondido com total abandono a um homem que conhecera poucos minutos antes.

Uma vez na vida, Evangeline tinha cedido à espontaneidade. Feito algo completamente diferente de sua personalidade. Ela tinha vivido o momento e curtido cada segundo daquele prazer inimaginável. Como em suas fantasias mais eróticas, que nunca tinha confessado a ninguém, nem mesmo às amigas. Porque elas a expunham e, mais que isso, a assustavam, porque de nenhuma maneira, em qualquer de suas fantasias mais ousadas, ela estava no controle de qualquer coisa. Ela se entregava a um homem que a acariciava, a protegia, a mimava de todos os jeitos, mas, em compensação, era exigente, implacável até, com um quê de perigo e mistério que grudava nele como uma segunda pele. Uma segunda pele que usava com o conforto e a facilidade de quem estava acostumado àquele estilo de vida.

Em que tipo de doente ela estava se transformando? Fechou os olhos de novo, sem querer viajar em coisas que era melhor deixar no passado. Se tudo saísse como queria, nunca mais veria Drake, porque com certeza nunca mais se aventuraria em lugares como a Impulse, onde até os funcionários eram tidos como superiores e mais merecedores do que ela.

Podia até ser a maior covarde do mundo, mas, mesmo que não estivesse escalada para trabalhar naquela noite, não havia a menor chance de que estaria no apartamento às 7 horas, esperando para ser apanhada como se fosse uma propriedade. Uma propriedade da qual eram esperadas coisas inimagináveis, ainda que só de pensar nisso seu corpo começasse a arder.

Evangeline soltou um pequeno suspiro, ignorando os olhares de impaciência e irritação crescentes nos rostos das amigas. Um gostinho era tudo que ia se permitir, e teria que ser suficiente, porque Drake Donovan não era um homem para se brincar. Exigia e esperava obediência total. Seu comportamento deixava isso óbvio.

Evangeline ia trabalhar naquela noite até a hora do bar fechar e, ainda que as amigas dissessem que poderia tirar uma soneca depois de lhe contar tudo, ela sabia que não conseguiria voltar a dormir. Não com os detalhes da noite anterior passando vívidos de novo e de novo em sua cabeça. Não, ela ia sair mais cedo e ficar por lá. Ia se dedicar às tarefas que vinham se acumulando nas últimas semanas e haviam sido ignoradas pelos outros funcionários.

Mas, primeiro, daria para as amigas o que queriam – o que mereciam – porque elas nunca se afastavam e nunca se afastariam dela. Depois se preocuparia com o que fazer a respeito de Drake Donovan. Assim que tivesse lido cada informação que pudesse encontrar para entender quem era aquele homem e que interesse poderia ter em alguém tão insignificante quanto ela.

7

Evangeline estava exausta quando deixou o bar, uma hora depois do horário oficial de fechamento. Seus pés estavam lhe matando, inchados pelas longas horas ininterruptas levando drinques para os clientes no alto de saltos superdesconfortáveis. Estava tentada a tirá-los e ir descalça para casa. Tinha ficado tão cansada com tudo o que ocorrera na noite anterior e pelo interrogatório exaustivo das amigas, que tinha esquecido o par de sapatos baixos e confortáveis que trazia para usar depois do trabalho. Agora, estava sem alternativa, andando dez quarteirões nas primeiras horas da manhã sobre saltos que estava louca para atirar na primeira lixeira que visse. Pelo menos, levava nos bolsos ainda mais grana do que suas já tão generosas gorjetas noturnas, o que tornava a dor um pouco mais suportável, dado que poderia enviar mais do que de costume para a mãe.

Estava tão morta que sonhava com ao menos doze horas de sono, e nem reparou no homem do lado de fora do bar até quase trombar nele. Sua adrenalina disparou e seu coração quase pulou para fora do peito. Ela recuou e assumiu uma postura defensiva.

Um grito se alojou em sua garganta enquanto avaliava freneticamente aquela ameaça em potencial. Então, reconheceu o homem, mas perceber que o conhecia só aumentou seu medo, e seu primeiro instinto foi sair correndo.

Maddox, um dos homens de Drake, permaneceu inalterado diante dela, bloqueando sua fuga, com uma posição falsamente relaxada. Ela quase deixou escapar um riso histérico com a ideia de que teria tempo de arrancar os saltos e sair correndo: aquele homem a pegaria antes que ela conseguisse tirar o primeiro sapato.

— Minhas desculpas por tê-la assustado, Evangeline — ele disse, no mesmo tom gentil que usara na Impulse, após salvá-la.

— Por que está aqui? — ela balbuciou. — Como sabia onde me encontrar? O que você quer?

Evangeline soava desesperada e assustada, e nem se preocupou em disfarçar. Quem não ficaria aterrorizado naquela situação? Ficou surpresa por ter conseguido articular as perguntas para ele, que saíram mais como gritinhos do que como um discurso coerente. A expressão de Maddox era suave, mas havia uma pitada de advertência em seus olhos.

— Não é boa ideia deixar Drake esperando. Você deveria estar em sua casa às 7 horas em ponto, e eu tinha ordens estritas para levá-la direto para ele. E ele é um homem que espera – exige – obediência e cooperação. Em todos os aspectos.

Um mal-estar a paralisava rapidamente enquanto digeria essas últimas palavras de Maddox. Exigia obediência em todos os aspectos? Quem Drake pensava que era? Deus? Em que diabos tinha se metido ao se deixar ser forçada a ir àquela maldita boate? Droga, ela deveria ter ouvido a si mesma e ter se recusado a pisar naquele lugar. Onde estava sua coragem? Ah, é mesmo, ela não tinha nenhuma.

Maddox verificou o relógio em um gesto deliberado antes de voltar a olhar para ela, o aviso ainda bastante perceptível.

— São quatro da manhã, você está nove horas atrasada, e Drake não espera nove horas por ninguém.

Evangeline deu um sorriso amarelo.

— Ótimo! Então, se é esse o caso, o que você está fazendo aqui? Você mesmo falou que Drake não espera por ninguém e já faz nove horas. Se ele não está me esperando, então por que você está aqui me matando de susto?

Os olhos de Maddox cintilaram com uma espécie de divertimento.

— Parece que ele está abrindo uma exceção para você. Meu conselho é não continuarmos aqui discutindo às 4 horas da manhã, fazendo-o esperar ainda mais.

Evangeline estava de queixo caído.

— Tá falando sério? O que dá a ele o direito de me dar ordens ou esperar que eu cumpra suas exigências, como se fosse uma criada ou um de seus funcionários?

Ela balançou a cabeça, porque aquilo tinha passado de estranho havia muito tempo. Até mais do que aqueles bizarros acontecimentos na Impulse, em particular no escritório de Drake.

— Vocês estão todos loucos! Comprovadamente. Além disso, eu tinha que trabalhar. Sabe, aquela coisa chamada trabalho, que em troca você recebe um salário? Alguns de nós não têm o luxo de poder sair a hora que quiser. Tenho contas a pagar e uma família para sustentar. Preciso desse trabalho e não ia mesmo faltar só porque o todo-poderoso Drake Donovan decidiu que quer minha presença para sabe Deus o motivo. Só se eu fosse louca como vocês!

Mais uma vez, uma certa graça passou pelo olhar de Maddox, mas havia também um brilho que parecia suspeito... Um respeito à teimosia e à franqueza dela. Evangeline não era grosseira, mas suas respostas só poderiam ser entendidas como uma grosseria. Sem contar o desprezo. E apesar do pouco contato com Drake e seus homens, ela sabia que eles não eram do tipo que se podia desprezar, certamente não por uma mulher meiga e tímida.

Quando Maddox não respondeu de pronto, a frustração fez Evangeline disparar mais uma vez.

— O que ele poderia querer comigo? Habitamos estratosferas totalmente diferentes. Não sou nada. Na melhor das hipóteses, estou na média. Nada digno de nota. A típica Maria Ninguém, que não chamaria a atenção nem em um pequeno grupo, quanto mais em uma multidão!

Ao ouvir aquilo, num piscar de olhos a expressão de Maddox passou de leve para irritada, seu olhar brilhando perigosamente.

— Quanta merda! — ele exclamou, sem dar mais explicações.

E, de um jeito carinhoso, pegou o cotovelo dela, ancorou o outro braço ao redor de sua cintura e começou a caminhar para um carro estacionado a apenas alguns metros. O mesmo carro que a levara para casa na noite anterior. Ignorou os protestos e as tentativas de escapar de Evangeline e apenas intensificou o aperto, abrandando o passo para garantir que ela não tropeçasse com aqueles saltos ridículos. Como poderia um sujeito tão durão e assustador ter tanto cuidado para garantir a segurança dela enquanto a sequestrava? Não fazia sentido, e o cérebro de Evangeline já estava frito da noite anterior na Impulse e do turno extralongo que ela tinha passado todo em pé.

Quando chegaram ao carro e Maddox abriu a porta de trás, o pânico bateu e, na mesma hora, ela quis se afastar, mas só conseguiu trombar com um homem muito grande e musculoso que nem se moveu enquanto ela se contorcia e tentava lutar.

Em vez disso, ele dobrou suas costas com cuidado e tentou, gentilmente, fazê-la se sentar.

— Você não pode simplesmente me sequestrar! — ela exclamou, o medo intenso quase fazendo as palavras que queria gritar saírem mais como o som de um sapo, porque sua garganta estava se fechando.

— E ainda assim você não protestou tanto quando eu a coloquei com carinho no carro — disse Maddox, seco.

— Defina "tanto" — ela retrucou. — Porque, do meu ponto de vista, não entrei candidamente, como um cordeiro indo para o abate. Tenho certeza de que pareceu assim porque você poderia me partir em duas com o dedo mindinho, mas isso não significa que eu não esteja aqui sob protesto.

Mas, então, olhou para baixo para garantir que estava mesmo sentada de forma confortável no couro macio e caro, perguntando-se como aquele cara tinha conseguido colocá-la no carro fazendo um mínimo de esforço, apesar de sua bravata sobre ter lutado e não ter ido como um cordeiro para o sacrifício.

Foi tomada de autodesprezo porque sim, para um homem como Maddox, com certeza poderia parecer que obedecia sem objeções.

— Fiquei com medo de você atirar em mim — ela murmurou, bem baixo.

Mas Maddox ouviu e seus lábios se contraíram de um jeito suspeito, embora ela desconfiasse de que ele quase nunca sorria. Isso também parecia ser uma exigência para trabalhar nos estabelecimentos de Drake. Lindos, durões, musculosos, intimidantes, assustadores e de sorriso difícil. Sempre.

Ele fechou a porta e passou por trás do carro para entrar do outro lado. Na mesma hora, Evangeline agarrou a maçaneta com a intenção de abrir e sair e correndo o mais rápido que seus sapatos permitissem, antes mesmo de Maddox entrar.

Mas nada aconteceu. Evangeline ficou tentando abrir a porta, xingando em voz baixa com palavras que teriam feito sua mãe lavar sua boca com sabão. Uma verdadeira dama nem pensaria naqueles palavrões que ela despejava sem parar.

Até que uma mão quente e reconfortante segurou a mão de Evangeline que não estava na maçaneta, e, com um aperto, parou suas tentativas fúteis de lutar contra o que no fim das contas era uma trava de segurança para

crianças e impedia a porta de ser aberta por dentro. Então agora ela não passava de uma menininha rebelde, um incômodo que Maddox tinha a missão de recolher porque tinha saído da linha. Uma linha que ela não conhecia ou compreendia. As coisas não aconteciam assim em sua existência protegida. Sentia como se na noite que tinha sido convencida a ir para a Impulse tivesse atravessado para uma realidade alternativa, e essa realidade possuía um conjunto totalmente diferente de regras que ela não tinha a menor noção de quais eram!

— Evangeline.

Embora não soasse forte ou intimidante, ainda era um comando para que ela prestasse atenção. Para que olhasse para ele. Sentiu-se obrigada a obedecer, apesar de não estar nem pouco a fim de encarar aquele homem. Ela se martirizou por pensar em obedecer a ordem e, no entanto, para sua própria consternação, viu-se obedecendo. Quão doentio era aquilo? Se não conseguia sequer enfrentar um dos subordinados de Drake, que chance teria contra o próprio Drake? Naquele ponto, ela já estava bem além de assustada e em pânico. Estava cada vez mais próxima de um colapso, e pensou se, de alguma forma, conseguiria pegar o telefone celular na bolsa e ligar para o 190 sem que ele visse. Mas não tinha ideia de para onde Maddox a estava levando, e nenhum crime de verdade tinha sido cometido. Ainda.

Relutante, mas incapaz de desafiar o comando de Maddox, Evangeline virou a cabeça, o olhar para baixo e os olhos caídos, como se a derrota a tivesse vencido. Deixou-se cair contra o assento, exausta mental e fisicamente, as lágrimas queimando os cantos de seus olhos. Inspirou de maneira brusca, convocando todas as suas forças para se recompor. Aquele homem não a veria chorar, nem a veria como uma mulher fraca e impotente que aceitou a derrota.

— Evangeline, olha para mim — disse Maddox, com delicadeza.

A mão dele ainda segurava a de Evangeline, e seu polegar esfregava devagar a pele delicada dela, como que para confortá-la. E o mais estúpido e doentio é que aquele gesto lhe dava, sim, um pouco de conforto. Se o plano fosse matá-la, ele não se daria ao trabalho de oferecer tranquilidade. Evangeline quase grunhiu em voz alta, porque, novamente, sua ingenuidade extrema estava dominando seu cérebro. Assassinos em série eram, em geral, homens normais, pessoas comuns que ganhavam a confiança de suas vítimas antes de terminar com suas vidas sem piedade.

Consciente de que estava sendo uma covarde – e, bom, ela era uma covarde –, Evangeline levantou os olhos devagar para encontrar o olhar intenso de Maddox. Odiava brigas e qualquer tipo de confronto e, no entanto, lá estava ela, a caminho do maior de todos os confrontos. Queria cavar um buraco muito profundo e enterrar-se nele.

— Você não vai se machucar — ele disse, em um tom que nunca poderia ser o mesmo que o de uma mentira. — Drake não vai te machucar de jeito nenhum. Nem irá permitir que alguém o faça. Sei que não tem razão para confiar em mim, aliás, nem no Drake, mas juro pela minha vida que estará sempre segura. Vou acompanhá-la pessoalmente até o Drake e, uma vez que estiver com ele, ninguém, e quero dizer ninguém mesmo, poderá chegar a menos de um quilômetro de você. E embora seja certamente capaz de se garantir em qualquer situação, ele está protegido o tempo todo por uma equipe de segurança que é a melhor no que faz. Todos são altamente treinados e não há um único de nós que não daria a vida por Drake, e agora, por extensão, por você.

Evangeline olhou para Maddox em total perplexidade, tentando absorver tudo o que acabara de ouvir. Havia tantas respostas insanas girando em sua cabeça que ela estava tonta.

— Você vai ter que perdoar meu ceticismo — ela disse, tentando controlar o tremor na voz que entregava o medo. Não, medo era uma palavra muito acanhada para aquilo. Medo ela tinha de aranhas e insetos. De Drake, tinha pavor. — Mas ele te enviou para me sequestrar. Palavras bonitas ou explicações não mudam o fato de que estou sendo levada contra a vontade. Você não aceitaria um "não". Minha ausência às 7 horas da noite como ele tinha marcado deveria ter sido um sinal bem claro de que não tinha intenção de acatar a ordem dele. Aliás, ele nunca me perguntou se queria encontrá-lo. Não me deu escolha. Disse para eu estar no meu apartamento às sete e que alguém passaria lá para me pegar e me levar para ele. E eu estava tão apavorada e só queria estar tão longe quanto possível daquele lugar que tudo que fiz foi concordar com a cabeça. Como poderia ter certeza de que ele me deixaria sair se eu tivesse dito não? Agora, me diga. Quem, em sã consciência, não estaria morrendo de medo? Quem, em sã consciência, acreditaria alegremente nas promessas de que não será machucada e estará segura vindas de um homem que parece poder me partir no meio apenas com um olhar? O que, em toda essa perseguição maluca às 4 horas da manhã, poderia convencer uma mulher de que não

corre perigo ou que o homem que deu a ordem de seu sequestro não planeja machucá-la?

A expressão no rosto de Maddox se suavizou e remorso refletiu-se em seus olhos, deixando Evangeline surpresa em perceber como aquilo fazia a aparência dele ir de um homem com quem não se deve mexer para um que parece ter alguma consciência. Ele parecia lamentar de verdade por tê-la assustado e intimidado, como se aquela nunca tivesse sido sua intenção, como se ele tivesse apavorado por ela ter entendido suas ações daquela forma.

Não que ele não continuasse sendo um homem extremamente alfa e durão, que provavelmente poderia acabar com um grupo inteiro de homens sem sofrer um arranhão.

Mas todos os homens da Impulse, até o bartender, pareciam saídos de alguma força de combate especial. Ou da marinha ou de alguma unidade militar igualmente feroz da qual nunca tinha ouvido falar. Onde Drake tinha achado esse verdadeiro exército de homens que eram fortes como edifícios de concreto? Ela apostava que balas seriam incapazes de atravessá-los, e que nem uma granada conseguiria conter aqueles caras. Não por muito tempo.

Conteve os pensamentos loucos e histéricos antes que acabasse mergulhando demais neles, e se forçou a voltar ao assunto principal.

— Lamento que tenha ficado assustada — ele disse, gentil. — Nunca foi minha intenção ou a de Drake. Drake... — Maddox fez uma pausa, como se procurasse as palavras certas para não deixá-la mais assustada. — Drake faz suas próprias leis e está acostumado à obediência. Ele construiu um império inteiro e acumulou sua fortuna trabalhando arduamente, sem nunca recuar. Ninguém lhe deu nada. Ficou sozinho quando ainda era muito novo e aprendeu do jeito mais duro que a vida é o que se faz dela, e que ficar esperando algo cair do céu ou alguém lhe dar qualquer coisa nunca leva a lugar algum.

Maddox fez uma pausa e uma careta, como se o que estava dizendo fosse segredo, informações militares confidenciais, e que, se Drake soubesse o que ele disse, provavelmente cortaria seu saco.

— É um homem muito discreto — continuou, confirmando a suspeita de Evangeline de que Maddox divulgar qualquer coisa remotamente pessoal sobre o chefe era um pecado capital. — Não conseguiu chegar onde está sendo gentil ou tolerando a desobediência.

Evangeline apertou os olhos e ergueu a mão para deter Maddox, algo a que ele provavelmente não estava acostumado, a julgar pelo olhar enviesado, mas ela não se importava mais.

— Isso é compreensível quando se trata de negócios e de funcionários — ela retrucou, acidamente. — Mas o jeito como ele conduz seu negócio não é da minha conta e, se os funcionários estão dispostos a tolerar trabalhar para um ditador, problema deles. Eu não sou funcionária dele. Não trabalho para ele. Não sou nada dele, e como tal, acho que suas ações – sua pressuposição arrogante de que preciso entrar na linha e obedecê-lo ou aceitar suas exigências – são bastante absurdas. É o cúmulo da arrogância. Ele pode brincar de Deus à vontade em seu cantinho do universo, mas eu não sou parte disso e ele está passando totalmente dos limites com suas ações.

Maddox suspirou e parecia não querer nada além de parar o carro e jogá-la para fora. Sem dúvida, as muitas mulheres que Drake deve ter enviado Maddox para buscar deviam pedir para serem levadas a ele o mais rápido possível. Mas ela também tinha entendido, no breve contato que teve com Drake, que seus funcionários eram obviamente muito bem treinados e leais, então não importava o quanto Evangeline fosse chata com Maddox, ele não iria voltar para o chefe de mãos vazias. O que significava que precisava aceitar seu destino e esperar que Maddox estivesse falando a verdade quando disse que ninguém faria mal a ela.

8

Evangeline teria feito uma tartaruga parecer um ás da velocidade enquanto se locomovia pelo corredor da boate, agora fechada, onde seu suposto encontro com Drake aconteceria. Maddox fritava de impaciência, mas controlou os ânimos e caminhou com ela, uma das mãos nas costas, a outra estendida sobre o seu tronco para segurar seu braço trêmulo. Ele deve ter pensado que se não segurasse firme, ela cairia dura no chão e, bom, não estava errado. Quando estacionaram em uma vaga reservada atrás da boate, ela tinha ficado paralisada feito estátua em seu assento, apertando a mandíbula para impedir os dentes de baterem. A boate? Sério? A esta hora? Teria ficado esperando por ela a noite toda, cada vez mais irritado por ela não ter aparecido? Ou simplesmente trabalhava até tarde e cuidava de assuntos de negócio enquanto seus funcionários anunciavam o fechamento e esvaziavam o local para que a faxina pudesse começar?

Maddox tinha saído do carro e contornado o veículo até o lado dela. Depois, abriu a porta e ficou em pé, esperando, por vários minutos antes de soltar um suspiro que dava a impressão de que queria estrangulá-la. Até que decidiu agir e a agarrou lá dentro, enfiou um braço sob as coxas dela, outro em torno das costas e arrancou-a do assento para seu colo tão facilmente como se ela fosse uma criança.

Foi o fim da sua paralisia e de sua recusa em se mover. Evangeline até esperneou e empurrou o peito de Maddox, exigindo que ele a largasse. Que merda seria ele carregá-la até a boate como uma refém relutante. Ainda que ela fosse exatamente isso.

Somente quando passaram pela porta, Maddox relaxou a pegada e colocou Evangeline de volta no chão com cuidado, ambas as mãos segurando seus ombros até que ela estivesse firme o suficiente para andar.

Mais de uma vez durante a interminável caminhada até o elevador, ela o ouviu murmurar algo sobre “malditos sapatos” e “você vai quebrar seu

maldito pescoço”.

Na hora em que entraram no elevador e começaram a subir para o escritório de Drake, o peito de Evangeline estava tão apertado que ela não conseguia respirar. Quando tentou, sem sucesso, respirar fundo e aspirar ar para seus pulmões sufocados, o pânico a tomou por inteiro e ela começou a tremer violentamente.

Ao lado dela, Maddox soltou vários palavrões e, então, agarrou seus ombros com firmeza e a virou para ficar cara-a-cara com ele. Abaixou a cabeça até seus olhos se encontrarem; seu olhar era feroz.

— Respire, droga. Não se atreva a desmaiar comigo. Recomponha-se. Você enfrentou o imbecil do seu ex e também a mim e a Drake, e não recuou, apesar de suas repetidas afirmações de que poderíamos quebrá-la como um graveto. Não vá amolecer agora, pelo amor de Deus, caralho. Você tem orgulho demais para entrar no escritório de Drake nesse estado.

Ele parou subitamente, balançando a cabeça.

— Esquece. Você tem orgulho demais para eu precisar carregá-la para o escritório de Drake, que é exatamente o que vai acontecer se não sair dessa e se acalmar.

Sua voz soava com um chicote e tinha efeito semelhante ao de um batendo na pele dela. De repente, o calor voltou às suas bochechas frias, sua garganta relaxou e ar voltou a entrar em seus pulmões, enchendo-os.

Ela estava mole com o alívio, perto de seu limite após ter chegado até ali embalada pela adrenalina causada pelo medo. Seus joelhos vacilaram e ameaçaram se dobrar. Ainda assim, ela dispensou a ajuda de Maddox de estabilizá-la e optou por se afastar dele e se apoiar no lado oposto do elevador.

Quanto tempo demorava para aquela maldita coisa subir o que não poderiam ser mais do que alguns andares? Mas seu colapso e a bronca incisiva de Maddox tinham durado poucos segundos, embora tivesse parecido uma eternidade.

Sentia-se tão claustrofóbica e humilhada por sua ridícula exibição de covardia que suspirou de alívio quando o elevador parou e as portas se abriram. E, então, percebeu que agora enfrentaria um homem muito mais assustador e intimidante do que Maddox, e depois do pouco que ele tinha revelado sobre o chefe, Evangeline sabia que Drake não estaria nem um pouco feliz de ter sido deixado esperando por mais de nove horas.

Maddox a conduziu do fundo do elevador para fora. Quando se viu em frente ao escritório de Drake, ela parou de repente e tentou dar um passo para trás, mas trombou no peito enorme de Maddox. Foi necessária cada gota de orgulho e disciplina que ela possuía para não gemer alto ou fazer algo ainda mais humilhante, como se desmanchar em lágrimas ou ter outro colapso épico e desmaiar aos pés de Maddox.

Evangeline respirou fundo e depois endireitou a postura, deixando a coluna ereta. Levantou o queixo desafiadoramente, e, com raiva, procurou localizar Drake, determinada a não ficar intimidada quando seus olhares finalmente se encontrassem.

Por instinto, antes que pudesse se conter, ela buscou algo atrás de si, procurando, com as mãos, encontrar a segurança do corpo de Maddox e encontrou... ar. Droga! Aquele homem era um verdadeiro artista da fuga. Era a segunda vez que ele a "escoltava" até o covil de Drake e depois desaparecia no ar. Ela não tinha sequer notado as portas do elevador se fechando. E agora estava presa com um homem que Maddox tinha dito que não gostava de ficar aguardando e que esperava o cumprimento absoluto de todas as suas ordens. Merda. Fechou os olhos, desistindo da ideia de ser corajosa e procurar Drake – onde quer que ele estivesse – e não se desviar de seu olhar.

— Você está atrasada — Drake disse, permitindo que sua insatisfação ficasse bem evidente na declaração.

Contudo, ainda enquanto a censurava, Drake percebeu, só de olhar para Evangeline, que ela estava exausta, com os pés doendo. Mal podia permanecer em pé naqueles saltos ridículos, e parecia que ia desmoronar a qualquer momento.

Sabia muito bem por que ela não estava no apartamento às 7 horas, como ele a havia instruído. Tinha ido trabalhar em um maldito bar e havia ficado horas em pé sobre sapatos que equivaliam a um acidente esperando para acontecer. Estava pálida, e a fadiga estava gravada em cada ângulo de seu rosto.

Murmurando um xingamento, ele se aproximou dela, gentilmente tomou seu braço e a guiou até o sofá. Colocou as mãos em seus ombros e empurrou-a para baixo. Ela não teve escolha a não ser sentar-se.

— Deite-se e relaxe — ele disse, sucinto.

Então, Drake se ajoelhou sobre uma perna e tirou os sapatos dela, praguejando de novo quando viu como os pés estavam inchados.

Evangeline parecia estar confusa, de olhos arregalados como se aquela fosse a última coisa que esperava. Ele não tinha feito exatamente muita coisa para convencê-la de que não era um canalha frio e sem coração, algum tipo de monstro que se lançaria sobre ela na primeira oportunidade.

Sem dizer uma palavra, ele começou a massagear um dos pés dela, tomando cuidado para não machucá-la ou causar desconforto.

Evangeline emitiu um gemido suave e, por um momento, seus olhos se fecharam e ela cedeu, parte da tensão evaporando de seu corpo. Drake massageou o primeiro pé cobrindo cada centímetro e dando atenção especial aos seus arcos delicados. Depois, voltou seu foco para o outro, dando-lhe igual cuidado. Observava Evangeline atentamente, absorvendo cada reação e o prazer em estado puro refletido em seu rosto. Ela era tão responsiva. Absolutamente honesta, sem fingimento. Era autêntica da cabeça aos pés, e tão bonita que fazia as bolas dele doerem.

A noite anterior tinha rendido a Drake uma ereção que durou horas, impossibilitando-o de dormir porque, cada vez que fechava os olhos, sentia o gosto e o cheiro de Evangeline, ouvia seus gemidos suaves de êxtase, e, em sua mente, repetia a cena: ela em cima da mesa, diante dele, com as pernas abertas, uma deusa se oferecendo como o mais valioso dos tesouros. Certamente nada que dinheiro comprasse, nada que um homem com todo poder que Drake tinha pudesse apenas solicitar, algo raro e, de fato, precioso. Algo que merecia uma coisa que ele não estava acostumado a demonstrar: paciência.

Não arrancar as calças e penetrar tão profundamente em Evangeline que ela pudesse senti-lo na alma tinha custado cada gota de seu autocontrole. Drake ainda não entendia por que não tinha feito isso. Apenas o aviso irritante em sua mente mandando ir devagar com ela, não forçar nada e nem ir muito rápido tinha impedido que saciasse sua sede sem dar a mínima para o fato de que ele amedrontava aquela mulher como o diabo. Ela tinha ficado apavorada o suficiente quando ele a chupou. Da mesma forma, era óbvio que o único amante dela – o idiota do ex – não tinha proporcionado nada a ela. Tinha apenas tirado. Esse ex tinha deixado escapar algo pelo que a maioria dos homens mataria, e Drake não teve um pingo de piedade com aquele imbecil. A perda dele foi o ganho de Drake, e ele pretendia avançar e dominá-la, garantir que a partir de então ela estivesse em sua cama, sob seu comando. E, por Deus, se dependesse dele, nunca deixaria nada faltar a ela.

Deixou suas mãos passearem pelo pé dela, e Evangeline murmurou de leve, em protesto.

— Por que diabos você está se esforçando para morrer naquele bar de merda todas as noites? — ele perguntou, sem rodeios.

Ela soltou um ruído, como se bufasse, e olhou para ele.

— Se quer me interrogar, poderia ao menos continuar a fabulosa massagem nos meus pés — ela disse, com uma voz desgostosa.

Ele quase riu, mas conseguiu se segurar. Não ria muitas vezes e, quando o fazia, em geral, não era por divertimento. As pessoas tendiam a ficar nervosas quando ele ria. Também não sorriu. Mas achou divertida aquela provocação. Estava intimidada, e a insegurança era evidente em sua linguagem corporal, mas Evangeline estaria perdida se demonstrasse. Ótimo. A última coisa que ele queria era um capacho manso. Sim, ele exigia obediência e submissão, mas isso não quer dizer que queria um robô estúpido, programado para cumprir os desejos dele sem ideias ou opiniões próprias. Ele gostava do fogo dela. E do orgulho – disso, acima de tudo, porque era uma característica que conhecia muito bem e respeitava.

Fechou as palmas das mãos ao redor do outro pé e retomou os carinhos suaves.

— Vai responder à minha pergunta agora? — ele questionou, em um tom enganosamente ameno.

Um medo repentino substituiu a expressão de prazer lânguido em Evangeline, e o corpo dela se enrijeceu – apenas segundos antes, quando Drake tinha começado a massagear seus pés, ela tinha derretido, esparramada no encosto do sofá. Levantou-se de repente, os pés dela saíram das mãos dele para o chão em um baque.

Ele soltou um palavrão, sua paciência já desgastada ameaçando acabar de vez e liberar a raiva.

— O que diabos está errado agora? — ele inquiriu, os olhos encarando-a, apertados.

Se achava que aquela reprimenda nada sutil a faria recuar, estava enganado. Evangeline o mirou com os olhos arregalados, cheios de preocupação, e ele foi tomado pela necessidade de aliviar qualquer temor que ela tivesse. Merda, não queria que tivesse medo dele, mas ela também não estava facilitando.

— Minhas amigas — ela balbuciou. — Meu Deus. Elas devem estar loucas de preocupação. Devem até ter chamado a polícia! Já tinha saído atrasada do trabalho e ainda fui arrastada para um carro pelo seu capanga que me trouxe aqui. Que horas são, afinal?

Drake suspirou e conseguiu controlar seu temperamento. Mais ou menos. Não dava a mínima para o que as colegas de apartamento de Evangeline pensavam, mas se importava que ela estivesse aflita e também que a polícia pudesse ter sido envolvida na história. Se questionada, Evangeline sem dúvida convenceria qualquer policial de que Drake a tinha sequestrado e que ela estava ali contra a própria vontade.

Algo que ele planejava corrigir imediatamente. Ela ficaria. Não havia dúvida. Mas, certamente, não contra a vontade. Porém, não conseguia chegar com ela a esse ponto devido às constantes interrupções. Mais do que não gostar de interrupções e inconvenientes, ele não os tolerava. Então, por que diabos estava fazendo exatamente isso por uma mulher irritante, exasperante e teimosa?

Porque a deseja como nunca desejou outra mulher.

Havia isso. Mesmo que essa admissão não combinasse com ele de jeito nenhum. Evangeline era uma complicação de que não precisava. Mas dane-se se ele não a quisesse. Complicações, frustração, inconvenientes e tudo. Ele quase sacudiu a cabeça. Uma merda entrar nesse dilema por uma mulher relutante. Seus amigos – aqueles mais próximos, que chamava de irmãos em todos os sentidos da palavra – iam se matar de rir se sequer desconfiassem da confusão que uma mulher pequena, frágil e irritante estava lhe causando.

— Não pode mandar uma mensagem para elas? — ele perguntou, com suavidade, ao perceber que ela buscava freneticamente o celular na bolsa.

Ela ergueu os olhos e mordeu o lábio.

— Sim, vou mandar uma mensagem agora mesmo. Devia ter enviado no segundo em que seu capanga me fez entrar no carro com ele, mas eu não estava pensando muito bem naquela hora. Para ser sincera, se eu disser onde estou e por quê, essa mensagem não vai ajudar em nada. Elas vão chamar a polícia e vir para cá correndo.

Enquanto falava, Evangeline digitava em um aparelho muito pequeno, desesperadamente desatualizado, murmurando cada um dos nomes das destinatárias enquanto as adicionava à mensagem.

Drake deu de ombros.

— Então escreva que está em outro lugar. Você não deve explicações a elas, nem precisa dar satisfações sobre suas ações.

Ela bufou, impaciente.

— Olha só, Drake. Elas sabem tudo sobre o que rolou ontem à noite. Também sabem que eu não sou o tipo de pessoa de estar em "outro lugar" às 5 horas da manhã, depois de trabalhar um longo turno e estar morta de cansaço. Não sou baladeira e não há uma fila de caras querendo sair comigo, então, não importa o que escreva, elas vão sentir cheiro de mentira, e são espertas. Vão somar dois e dois e o primeiro lugar em que vão me procurar será aqui. Com ou sem mensagem. Comigo dizendo que estou ótima e para não se preocuparem. Porque é assim que amigas fazem. Elas cuidam e se preocupam uma com a outra, e as minhas são especialmente protetoras porque sabem que sou uma ingênua patética incapaz de reconhecer um predador quando topa com um.

Evangeline olhou para o telefone, a preocupação franzindo sua testa.

— Não responderam. Eu deveria ligar para a Steph. Elas devem estar surtando.

Drake suspirou e nem sequer tentou esconder a irritação e o desgosto quando Evangeline ligou e, claro, não conseguiu falar com essa amiga que estava supostamente surtada atrás dela após receber a mensagem avisando que não estaria em casa e se desculpando por não ter avisado antes.

As amigas dela pareciam ser umas chatas de galocha, e Evangeline provavelmente estaria bem melhor sem elas, porque, pelo que dizia, era como se a sufocassem, a julgassem, a mantivessem na linha e esperassem que ela pedisse permissão até para fazer xixi. Drake estremeceu internamente, porque também era supercontrolador, mas seu método não era nem um pouco parecido com os das amigas de Evangeline que, pelo visto, gerenciavam a vida dela, ou melhor, microgerenciavam a vida dela. Ele sempre se guiaria pelos interesses dela. Estava quase certo de que não poderia dizer o mesmo sobre as amigas dela.

Que se foda. Se tudo o que Evangeline tinha dito era verdade, e ele não tinha razão para duvidar, ela estava certa. Uma mensagem não ia impedir uma confusão potencialmente feia terminando com policiais na boate e ele respondendo a acusações de sequestro e coerção. Como Evangeline não tinha recebido uma resposta e sua ligação não tinha sido atendida, teria que enviar um de seus homens para cuidar do assunto pessoalmente.

— Maddox — ele disse, sabendo que seu funcionário ouviria, do seu posto ao lado de fora da porta, a saída na extremidade oposta do elevador, que muitos não conheciam. E, a julgar pela súbita expressão de cautela no rosto de Evangeline e sua rápida conferida na direção do elevador, como se esperasse que Maddox aparecesse, ela não notara a outra porta, no canto mais distante. Ela provavelmente achava Drake um idiota paranoico e psicótico, e, bem, talvez tivesse alguma razão. Ele não tinha sobrevivido por tanto tempo naquele mundo sem um saudável grau de paranoia e de bom senso, para não sair confiando em todo mundo de graça.

Um segundo mais tarde, Maddox entrou e, com uma expressão preocupada, franziu o cenho em direção a Evangeline.

— Vá garantir às colegas de apartamento de Evangeline que ela está perfeitamente bem, mas não voltará para casa esta noite, aliás, em qualquer outra noite. Informe-as de que Evangeline vai morar comigo e entrará em contato amanhã ou depois, quando explicará tudo.

— O quê?

O grito de Evangeline fez Maddox estremecer. Ela não parecia assustada como era o esperado. Não, ela parecia indignada e revoltada. Tranquilo em perceber que ela não ficaria histérica de medo, Drake ignorou a reação e pegou os pés dela de novo e, recomeçando a massagem, o que a obrigou a reclinar de volta no sofá. Porque, ainda que ela não fosse mergulhar na histeria, poderia lhe dar um soco na cara, então a distração era urgente e necessária, e ela com certeza estava curtindo a massagem que ele vinha fazendo.

Maddox claramente não gostou da missão que Drake lhe designou. Estava evidente em sua expressão de desgosto.

— O que diabos eu fiz para merecer ficar em função dessas mulheres teimosas e difíceis? — Maddox murmurou. — Certamente você pode inventar formas mais criativas de me punir, Drake. Desarmar uma bomba? Impedir uma tentativa de assassinato? Ser um professor substituto em uma creche por uma semana?

A resposta de Evangeline para o sarcasmo ácido de Maddox foi um sorriso doce como mel.

— Com certeza não pedi para ser arrastada do meu trabalho às 4 horas da manhã para enfrentar um homem que, ou me confundiu com alguém, ou está claramente louco. Se não tivesse sido arrastada até aqui, estaria em casa, e, portanto, minhas amigas não estariam surtadas de preocupação e

você não teria que lidar com mulheres difíceis e teimosas. Agora, que eu pagaria para ver você em uma creche com um monte de minicapetinhas te cutucando e te puxando para quarenta lados diferentes, eu pagaria.

Seu sorriso era zombeteiro, mas doce. Um sorriso claro ali nos lábios, mas suas palavras eram azedas e afiadas de um jeito que divertia Drake. E, evidentemente, Maddox também.

Maddox deu um esboço de um sorriso, divertimento brilhando em seus olhos e, pouco antes de se virar e sair, fez um "v" da vitória para ela, como se dissesse touché.

Assim que Maddox partiu, Evangeline lançou um olhar feroz porém fofo em direção a Drake e abriu a boca, sem dúvida para xingar muito, então Drake fez a única coisa que certamente a faria silenciar.

Fundiu sua boca na dela em um beijo quente, de tirar o fôlego, embora não estivesse seguro de quem estava mais ofegante, ele ou ela. Um gemido selvagem saiu de seu peito e chegou a sua garganta, escapando para os lábios doces dela. Drake engoliu a arfada de surpresa de Evangeline e soltou seus pés, inclinando-se vigorosamente sobre ela, segurando as mãos que ela tentou colocar no peito dele, na tentativa de afastá-lo. Ele as apertou sobre seu peito, fazendo Evangeline sentir o batimento rápido de seu coração, permitindo que ela sentisse o efeito que tinha sobre ele. Não era algo que, em geral, ele permitiria, mas, merda, ele estava pisando em terreno desconhecido ali. Nunca tinha precisado lidar com uma mulher relutante quando se tratava de suas investidas. Estava mais acostumado a mulheres tropeçando nos próprios pés com a pressa de chegar até ele, para ganhar sua atenção. Não para tentar correr tão rápido e com tanto empenho na direção oposta.

Com relutância, afastou seus lábios dos dela, sem desviar a atenção daquela boca inchada e apetitosa notando o pequeno, delicioso e curioso esboço de um sorriso no cantinho. Não conseguiu se segurar e a lambeu bem ali, causando mais um tremor no corpo que não parava de tremer.

— Agora, gostaria de uma resposta para a minha pergunta — disse Drake, de um jeito dissimuladamente relaxado, que poderia até fazer alguém pensar que se tratava de uma pergunta simples, que poderia ser respondida ou não.

Os olhos de Evangeline se apertaram, dizendo a ele, sem palavras, que a nota de comando em seu tom de voz não tinha escapado a ela.

— Por que está trabalhando naquele lugar noite após noite, se desgastando até a exaustão? Onde os homens podem tocar em você, passar a mão em você e Deus sabe mais o que — ele rosnou.

Ficava cada vez mais irritado, e já estava puto quando a encarou. A ideia daqueles imbecis passando as mãos no que ele já considerava seu, acariciando-a, desrespeitando-a, o fazia ranger os dentes, e seu temperamento, que já era bastante difícil, ia ficando cada vez pior.

— Não é tão ruim — ela disse, na defensiva.

— Mentira — ele rosnou, assustando-a com sua veemência. — Meus homens estavam no bar a noite toda e viram exatamente o tipo de merda que você tem que suportar. Se lembra do idiota que não aceitou "não" como resposta quando você, toda educada, mandou ele se foder?

— Eu não disse nada disso. — Ela corou.

— Mas deveria ter dito. Se lembra do cara que interveio quando a coisa poderia ter ficado feia? E, Angel, teria ficado muito feio muito rápido se não fosse por ele. E aquele que lhe deu uma gorjeta de cem dólares? Era um dos meus. Agora pense sobre isso por um minuto. Alguém mais se ofereceu para ajudá-la? E se os meus homens não estivessem lá?

Humilhação inundou seus olhos e ela virou a cara para tentar ocultar sua reação. Mas Drake percebeu as lágrimas e aquilo quase o rasgou por dentro.

— Vou devolver — ela sussurrou. — Não tinha ideia de que era uma armação. Não mereci a grana, então. Me recuso a aceitar dinheiro por pena.

O olhar de Evangeline o fez recuar, o golpe evidente no orgulho dela, a única coisa a que ela podia se agarrar quando parecia não sobrar mais nada. Porra. Não era o que ele queria.

Ela enfiou a mão no bolso e várias notas de vinte e outras menores caíram quando ela conseguiu arrancar a nota de cem dólares ainda dobrada. Ela a entregou a ele, como se não suportasse segurá-la nem um segundo a mais.

— Não quero isso. Não vou aceitar — ela disse, a repulsa fazendo seus lábios se contorcerem ao ponto de fazerem Drake querer beijá-los mais uma vez para que voltassem ao estado de doçura e prazer em que estavam segundos antes.

Drake soltou um palavrão e ela estremeceu. Em seguida, ele recolheu todas as notas espalhadas, dobrou-as com cuidado e enfiou-as de volta no

bolso dela.

— Mandei meus homens lá para verificarem se o lugar era um potencial ponto de investimento. Está à venda. Não sabia?

Os olhos dela se arregalaram de surpresa.

— Não. Não tinha ideia. O que isso significa? Vou perder meu emprego? Meu Deus, Drake, o que vou fazer? Sei que não parece muito, mas as gorjetas são boas e ganho mais lá do que trabalhando em dois empregos na minha cidade.

O pavor nos olhos dela quase o destruía. Pensar nela trabalhando em dois empregos fazia com que ele quisesse esmagar alguma coisa. Tinha certeza de que as gorjetas dela eram muito boas. Muito melhores do que as de uma garçonete comum que trabalhasse lá. Cacete, em uma noite boa, ela devia conseguir tanto quanto as garotas que trabalhavam na Impulse. Com aquela inocência inata e aquela doçura profunda? Um sorriso capaz de iluminar um quarteirão inteiro? O fato de que ela era tão fodidamente boa? E isso sem sequer levar em conta a sua aparência, os grandes olhos azuis, os cabelos longos, fartos e sedosos que faziam um homem ficar doido para acariciar, e aquela bunda. Deus, aquela bunda. Deliciosa. Empinada e redondinha. Um pouco do gingado dela bastava para fazer qualquer um perder a cabeça. E os peitos. Porra, ele poderia passar a noite enumerando as qualidades dela e não terminaria. Ela era o pacote completo e, quando os homens a olhavam, sempre olhavam de novo, especialmente depois de falar com ela, e perguntavam-se como diabos poderia existir uma mulher tão perfeita. E, então, começavam a planejar como chegar perto dela. E à cama dela, àquele lugar entre suas pernas, e como ficar lá, porque quem no mundo – além daquele ex imbecil – seria estúpido o suficiente para deixá-la escapar uma vez que tivesse provado tudo o que podia oferecer?

Drake teve que parar porque Evangeline o encarava de um jeito estranho, obviamente esperando ele dizer o que quer que fosse dizer a seguir. Enquanto isso, Drake estava ocupado em exaltar as virtudes dela e em cobri-la mentalmente com avisos de “não ultrapasse”, porque ele estava tomando aquela mulher para si e mataria quem tentasse tirar qualquer coisa que lhe pertencia.

— Você não está entendendo — ele disse, com a paciência que conseguiu reunir quando, na verdade, queria esmagar alguma coisa, dispensar as sutilezas e arrastá-la para casa para mantê-la trancafiada.

— Só Maddox sabia sobre você, e ele permaneceu do lado de fora para que você não o visse e decidisse fugir. A gorjeta que meu subordinado lhe deu foi porque queria e achou que merecia. Ele não tinha ideia de que você pertencia a mim.

— O quê?

— Vou perguntar uma terceira vez e, Evangeline, não estou acostumado a ter que perguntar mais de uma vez. Nunca. Por que, diabos, você está se matando de trabalhar em um lugar como aquele? Sujeitando-se a ser tratada daquela forma por homens que não te respeitam e te tratam como um objeto. Que te assediam, passam a mão em você e te desrespeitam todas as noites.

Ela suspirou, fechando os olhos, mas não antes que uma única lágrima escorresse por sua face pálida.

— Preciso desse emprego. Não sou daqui, da cidade, quero dizer. Tenho certeza de que você percebeu. Venho de uma pequena cidade no Sul. Tive que trabalhar toda a minha vida. Precisei abandonar o ensino médio e conseguir o GED para poder trabalhar. Fazer faculdade não era uma opção.

— Por quê? — ele perguntou, com delicadeza.

Ela continuou como se não tivesse ouvido.

— Meu pai trabalhava em uma fábrica da cidade, mas sofreu um acidente e acabou ficando deficiente. Só que não recebeu indenização por causa de uma brecha na lei, forjada e ridícula, que até hoje não entendo. E ele não conseguiu mais trabalhar. Minha mãe também tem problemas de saúde. Meu pai era nosso único sustento. Eu poderia ter ido para a faculdade — ela disse, com tristeza. — Era boa aluna. Tinha conseguido uma bolsa para uma universidade estadual antes de ter que parar com os estudos. Mas mamãe e papai precisavam de mim.

Os lábios de Drake se apertaram quando o quebra-cabeça começou a ser montado. De repente, tudo fazia muito mais sentido do que alguns minutos antes.

— Eu tinha dois empregos na minha cidade e eles mal davam para o básico — ela disse, a vergonha enevoando seu olhar.

Notadamente ausente da história de Evangeline estava como ela conseguia sobreviver. Drake já sabia o bastante sobre suas atuais condições para sacar que ela enviaria para os pais cada centavo que tivesse e só ficaria com o absolutamente necessário para cobrir suas necessidades básicas – e elas eram bem básicas.

— Steph, uma de minhas colegas de apartamento... ela e as outras... todas fomos à escola juntas e mantivemos o contato. Elas se mudaram para cá, queriam sair da nossa cidade. Queriam o maior e o melhor. Não as culpo. Mas eu tinha responsabilidades — ela disse, com o queixo levantado, e fogo ardendo em seus olhos.

— Minha família é minha responsabilidade... minha prioridade, vem antes de tudo. Não vou falhar com eles. Bom, Steph me ligou, disse que precisavam de mais uma pessoa no apartamento e que poderiam me arranjar um emprego para ganhar mais grana, boas gorjetas. E que o apartamento era pequeno e minha parte no aluguel não pesaria tanto. Então, me mudei para cá e mando dinheiro para meus pais toda semana. Pago a minha parte do aluguel, dos serviços e mantimentos, mas depois disso cada centavo vai para a minha mãe, para que ela possa cuidar de meu pai.

Drake ficava cada vez mais furioso. Sua mandíbula inteira doía, segurando o discurso que esperava para ser libertado. Ele queria acabar de uma vez com aquela farsa e assumir o comando, mas precisava saber contra o que estava lutando. Cada detalhe.

— Quando posso, faço turnos extras. Com sorte, durante as férias, posso conseguir um trabalho temporário de meio período, o que me permite enviar um extra para minha mãe.

— E até lá você se esfola de trabalhar. Se priva. Se coloca em um perigo inimaginável, sem falar que é um trabalho humilhante, onde os homens acham que podem fazer o que quiserem com seu corpo.

Evangeline ergueu o olhar diante da raiva angustiada no tom de voz dele, e uma confusão genuína invadiu seu semblante.

— Essa merda acabou — ele continuou. — Você precisa de um protetor. Alguém para cuidar de você pelo menos uma vez em sua vida. Você vai morar comigo. Já deu de ficar trabalhando até morrer em um lugar onde os homens passam a mão, te machucam, só falam merdas que nenhum homem deveria dizer a uma mulher. Além disso, seus pais não precisarão mais se preocupar com dinheiro. Nem você.

Evangeline ficou boquiaberta e, com o olhar incrédulo, ela o fitou para saber se estava falando sério. Drake lhe devolveu o olhar com firmeza, dizendo-lhe sem palavras que não estava de brincadeira.

— Está louco?! — ela gritou. — Você não pode simplesmente dizer que vou me mudar, como se fosse uma decisão já tomada.

— Mas é — ele disse, calmo.

— O caramba que é! Você é... Você está fora de si! — ela balbuciou, levantando as mãos como se fosse arrancar os cabelos de frustração. Ela balançou a cabeça, decidida. — Você não pode me manter prisioneira assim!

Ele sorriu e respondeu de um jeito arrastado.

— Não posso? Mas, Angel, posso garantir, nunca existirá um prisioneiro mais bem cuidado, mimado e satisfeito. Garanto que não vai querer escapar depois de ter um gostinho de tudo que posso te dar. E apenas um aviso, Angel. Dou muito. Tudo. Mas tiro tanto quanto dou.

— Que loucura — ela sussurrou. — O que exatamente digo às meninas? Minhas amigas? Minha família? Não posso simplesmente desaparecer da face da Terra. Eles vão surtar. E não posso deixar minhas amigas na mão. Elas não podem pagar o apartamento sem a minha parte do aluguel. Não ganho muito, mas elas também não, e pagar um apartamento de dois quartos é puxado mesmo para quatro pessoas.

— Suas amigas serão bem cuidadas. Seu aluguel será pago para que sua ausência não lhes cause nenhuma dificuldade.

Os lábios dela assumiram um contorno rebelde.

— Não. Não vou deixar você fazer isso. Não pode me comprar. Ou minhas amigas. Você não está me pagando por sexo. Deus, isso faria de mim uma prostituta! Uma prostituta. Como eu poderia me olhar no espelho todas as manhãs sabendo que eu sou o brinquedo de um homem. Um brinquedo pago.

Drake estava ficando irritado, e não fez nenhum esforço para esconder isso.

— Não estou pagando por sexo. Nunca preciso pagar por sexo. Tudo o que eu te der, o que quer que seja, serão presentes. Presentes. Espero que aceite e pense em maneiras criativas de expressar sua gratidão. Você é minha enquanto durar o nosso acordo, e isso coloca suas amigas em uma situação complicada. Sou responsável por essa situação, pois sou um canalha egoísta que não aceita "não" como resposta. Então, vou pagar seu aluguel porque é o meu egoísmo que as coloca nessa, e não quero fazer três mulheres perderem seu apartamento por causa das minhas vontades.

— Oh — ela disse, e balançou a cabeça. — Que loucura. Esse tipo de coisa não acontece.

— No meu mundo, acontece sim — ele disse, com graça em seu tom de voz.

— Há apenas um mundo — ela retrucou. — E todos nós vivemos nele.

— É aí que quero provar que está errada, Angel. Meu mundo, minhas regras. Não respondo a ninguém, e ninguém fode comigo ou com o que me pertence.

— E é isso que eu sou? Algo que te pertence?

— Neste momento? Sim.

Ela ficou inquieta na mesma hora, com os olhos preocupados e apreensivos.

— E o que acontece quando você descobrir que não sou tudo isso e não me quiser mais — ela perguntou, calmamente.

— Você sempre será cuidada, Angel. Não sou tão canalha assim. Ainda que chegue o dia em que não seremos mais compatíveis, você será cuidada para o resto da vida. Não precisa se preocupar achando que vou te dispensar e te abandonar de vez. Não vai acontecer, você tem minha palavra.

Drake pegou uma das mãos de Evangeline e, com carinho, a puxou até que se abrigasse nele.

— Você é uma mulher linda que merece muito mais do que está recebendo nesta vida, e vou fazer você enxergar isso, não importa quanto tempo demore. Qualquer homem ficaria de joelhos para ter você. E você está tão a fim de mim quanto eu de você. Não pensei que gozaria tanto na minha boca na noite passada.

As bochechas de Evangeline ficaram vermelho-beterraba e ela foi rápida em desviar o olhar. Mas Drake segurou o queixo dela com a mão que estava livre e, com cuidado, forçou-a a encará-lo de novo.

— Você estava tão linda e tão selvagem, e quero ser aquele que, gentilmente, te colocará nos trilhos. Quero ser o homem que cuida de você, o homem a quem você dá satisfação, o homem que te controla.

— Controla? — ela perguntou, incrédula. — Você sabe como isso soa horrível? Ninguém me controla!

— Eu controlo. Eu vou controlar. Mas você vai desabrochar sob meus cuidados. Não há dúvida. Não haverá mulher mais mimada e adorada nesta terra, porque eu cuido daquilo que é meu de todas as maneiras, e sua felicidade, sua segurança e sua vida vêm antes de qualquer outra coisa.

Ela olhou para ele em total perplexidade.

— Por que faria isso por uma mulher como eu? Você poderia ter qualquer mulher.

Evangeline parou de falar, corando furiosamente, baixando os olhos de vergonha e Deus sabe o que mais. Uma raiva enorme cresceu dentro de Drake, e ele foi forçado a afrouxar o aperto na mão dela para não machucá-la.

— Explique o que quer dizer com "uma mulher como você". E cuidado com o que vai dizer, Angel, e de que modo, ou não vou ficar muito feliz.

Ela passou a mão de leve pelo próprio corpo, como se explicasse tudo. Então, lançou para Drake um olhar indefeso, que sugeria que não tinha ideia de como explicar o que era muito óbvio em sua mente.

— Você não tem motivo para ficar sem graça ou envergonhada — ele disse, com os dentes cerrados. — Muito menos comigo, porque não vou gostar disso. Você, do jeitinho que é, é o que eu quero. Não a sua ideia de quem e o que eu deveria desejar. Sei quando vejo alguma coisa, quer queira ou não, e eu te quis no momento em que entrou na minha boate. Não acreditar em mim ou pensar outra coisa além disso é besteira. Mas isso você ainda vai descobrir.

— Nunca vou conseguir te pagar — ela disse, em desespero. — Nunca serei como você. Nunca vou ser capaz de te dar tanto dinheiro.

— É aí que você se engana — Drake disse, com uma voz suave que a fez tremer.

Naquela hora, ela parecia uma presa sendo perseguida, e ele era o predador que se aproximava. Caçada. Ele não podia negar nenhuma dessas coisas quando era exatamente o que estava fazendo.

— Nada nunca é de graça — ele continuou, aproveitando-se do silêncio momentâneo enquanto Evangeline remoía o que havia dito e o que estava dizendo.

— O preço é você. Você inteira. Vou possuir você. Cada centímetro seu. Sou um homem que está sempre no controle de tudo no meu mundo. Meu mundo, minhas regras. E você terá que seguir minhas regras. Exijo controle especialmente no que diz respeito às mulheres na minha cama. Entende o que estou dizendo?

— N-não — ela balbuciou, claramente perdida.

— Inocente pra caralho! — ele xingou baixinho.

Por um momento, ele apenas passou um dedo pela bochecha dela e, em seguida, acariciou a curva de seus lábios com o dorso do polegar. Sentiu

que ela expirava cada vez mais rápido, e o tremor estava aumentando. Mas não era medo. Ela estava excitada.

— Dominação, Angel. E sua submissão. Sua completa e total submissão. Em todas as coisas, mas especialmente na cama. Não me negará nada. O que eu desejar, terei. O que eu quiser dar, darei. Você não tem escolha, e não me dirá não. Nunca.

— Mas isso é estupro! — ela disse, horrorizada. — Tirar de mim as minhas escolhas!

Drake fechou a cara, permitindo que ela visse o quanto aquela resposta o deixava bravo.

— Agora está me irritando. Você vai estar a fim. Garanto que vai amar tudo o que eu quiser fazer com você. Vai implorar por mais. Não vai nem pensar em dizer não. Quando entrar no meu mundo, eu passo a ter você. Possuir você. Nenhum centímetro dessa sua pele linda passará intocado, sem ser adorado. Não haverá nenhuma parte sua que deixarei de foder. Você pegou fogo em cima da minha mesa, me entregou tudo como um presente, e não disse não uma única vez. Você se acendeu no momento em que te toquei. Você foi selvagem, desinibida, não segurou nada.

Os olhos dela perderam o brilho, vergonha e constrangimento se acumulando nas profundezas deles.

— Porra, Angel! Não tenha vergonha do que rolou entre a gente. Nunca. Não transforme algo lindo pra caralho em algo feio e vergonhoso. Esse filho da puta que aprontou com você e te fez sentir como se fosse nada era um idiota de merda. Ele tinha algo pelo que muitos matariam e jogou fora. É um canalha incompetente que não sabe o que fazer com uma mulher. É um ser desprezível e sabe disso, então ataca para tentar esconder o porco covarde que é. Sente prazer em menosprezar os outros para se sentir melhor consigo. Ele sabe que é um merda e a única maneira de lidar com essa consciência é derrubando todos ao redor, especialmente as mulheres. É um ponto alto para ele, porque é a única ocasião em que se sente algo além do grande monte de merda que ele e o resto do mundo sabem que ele é.

A expressão de Evangeline foi tomada de absoluta admiração e seus olhos se encheram de algo que deixou Drake desconfortável. Ela olhou para ele como se fosse um maldito herói, e isso o fez estremecer. Ele não era um herói. Não era um bom homem. Era um canalha egoísta disposto a fazer qualquer coisa para que aquela mulher fosse sua.

— Não sei o que dizer — ela sussurrou.

Drake respirou fundo, percebendo que estava prestes a fazer algo que nunca tinha feito: pedir.

— Me dá uma chance, Angel — ele murmurou. — Me dá a chance de provar tudo que eu disse. Para fazer tudo o que disse que farei. Você vai ao menos aceitar me dar uma chance?

Ela o analisou por um longo tempo, uma indecisão clara lutando com esperança, medo e... curiosidade. Por fim, fechou os olhos e, quando os reabriu, a resolução brilhava neles como um farol.

— Sim — ela respondeu, suavemente. — Devo estar doida, mas sim. Vou dar uma chance a você.

— A nós — ele corrigiu. — Você está dando uma chance para nós.

Contudo, ainda havia um ar de hesitação nela, como se lamentasse a resposta impulsiva, e Drake sabia que precisava levá-la para o seu apartamento, rápido. Antes que Evangeline recuperasse o juízo e corresse em disparada para o outro lado.

9

Drake não era bobo, muito menos sentia qualquer remorso por apressar Evangeline a sair da Impulse e entrar em seu carro antes que tivesse tempo de questionar seu consentimento hesitante. Também deu ao motorista uma ordem clara para levá-los ao seu prédio sem demora, ordem essa que Brady cumpriu de imediato e, para imensa satisfação de Drake, o carro encostou em tempo recorde em frente ao arranha-céu que, na cobertura, abrigava seu apartamento.

Evangeline estava sentada ao lado dele, imóvel e calada, aparentemente congelada. Tinha os olhos arregalados, quase como se estivesse lutando para digerir aquilo tudo. Ou talvez estivesse apenas começando a entender a dimensão de sua decisão. Não que Drake tivesse lhe dado alguma opção. Aquela proposta praticamente não tinha sido formulada como tal.

Mas, de novo, ele não era tão bem-sucedido nos negócios – e na vida pessoal – por hesitar cada vez que uma oportunidade aparecia. Quando – e não se – Evangeline recuperasse o juízo, ele queria que ela estivesse em seu território. Onde ela não pudesse fugir. Não havia como escapar. Ele com certeza não investiria tanto de sua persuasão se estivesse perseguindo no vácuo, que era justamente onde ela o teria deixado se ele não tivesse tirado vantagem de seu choque e da sua momentânea perda de bom senso.

Se isso fazia dele um canalha... Bem, com certeza já havia sido chamado de canalha antes – e, na real, era mesmo um – talvez até pior que isso. No fim das contas, o que importava era conseguir o que queria.

Evangeline. Angel. Anjo. Seu anjo.

Em seu apartamento. Na sua cama. Sob sua mão forte, sob sua proteção. Por quanto tempo ele desejasse.

Pela primeira vez, ele não tinha investido um tempo limitado em uma ficada. Merda, nem estava considerando aquilo algo tão casual. Era o fim de seus casos de uma noite só ou mesmo de um fim de semana, quando ele

ficava com a mesma mulher para saciar seus desejos até a segunda de manhã, antes do trabalho, em seus raros sábados e domingos livres.

Tudo que sabia era que ela estava lá. Com ele. Prestes a entrar em sua casa. Um lugar ao qual ele nunca levara uma mulher – qualquer mulher – e ele não tinha a menor intenção de deixá-la ir embora em breve.

Ele franziu o cenho, sem saber como lidar essa constatação em particular. No momento, preferiu mandá-la para longe sem pestanejar, e guardá-la em algum lugar da mente ao qual pudesse voltar mais tarde. Bem mais tarde. Depois que cuidasse de Evangeline e que a relação dos dois estivesse mais estabelecida.

Abriu a porta do carro e pegou a mão de Evangeline, sabendo que ela não conseguiria abrir a outra porta e fugir pela rua. Ela não demonstrou resistência quando Drake saiu e, com cuidado, a puxou. Assim que ela desceu do carro, ele pôs o braço ao redor de sua cintura, e rapidamente a conduziu para a entrada e para o saguão, onde as portas do elevador já haviam sido abertas pelo porteiro da noite.

O porteiro estendeu gentilmente o braço em direção ao interior do elevador e murmurou um respeitoso:

— Boa noite, Sr. Donovan.

Mas Drake percebeu um discreto levantar de sobrancelha no rosto dele ao reparar em Evangeline encostada em seu corpo.

Drake inseriu o cartão que dava acesso a seu apartamento e lançou um olhar frio que fez o porteiro recuar. Estava consciente da surpresa do porteiro, dado que Drake nunca tinha levado mulheres para casa, mas achou que ele deveria ter sido mais cuidadoso e evitado transmitir suas impressões pela linguagem corporal.

Quando o elevador começou a subida, Evangeline precisou se apoiar de leve em Drake. Em silêncio, ele xingou aqueles malditos saltos que tinha sido obrigado a calçar de volta nos pés inchados dela. E, em seguida, simplesmente se abaixou e, com os dedos em torno de um dos delicados tornozelos de Evangeline – ignorando o gemido de surpresa – levantou primeiro um dos pés dela e depois o outro para remover os sapatos. Evangeline precisou se segurar no braço dele para não perder o equilíbrio.

Quando ela tentou pegar os saltos de volta, ele os enfiou debaixo de um braço e usou o outro para segurar na cintura de Evangeline, pegando com firmeza as costas dela.

— Você não vai mais usar esses sapatos para trabalhar — ele disse, sem rodeios. — Aliás, não vai trabalhar. As únicas ocasiões em que usará saltos é quando sair comigo ou se eu quiser foder você enquanto estiver usando-os.

Evangeline se enrijeceu e seus olhos brilharam quando inclinou a cabeça para cima e seus olhares se encontraram. Ela abriu a boca, mas o elevador parou, as portas se abriram de imediato e Drake se aproveitou para puxá-la para o saguão.

Tinham dado apenas alguns passos quando Evangeline parou de repente. Ele olhou para baixo, preparando-se para o inevitável protesto, ela tinha recobrado o juízo, ou talvez tivesse finalmente descoberto o que queria dizer agora que não estava mais tão perplexa. Mas Evangeline apenas olhava com os olhos arregalados, não para ele. Ela não lhe dava a mínima atenção.

Seu olhar varria o enorme e espaçoso apartamento de conceito aberto, uma expressão aturdida em seu rosto. Então ela enfim levantou o olhar para encontrar o dele, completamente perplexa e deslumbrada.

— Este é o seu apartamento? — Ela mal conseguiu sussurrar. — Não imaginava que construíam apartamentos tão grandes em Nova York.

Ele quis dar um soco na própria cabeça. Sua vontade de levá-la ao seu apartamento o mais rápido possível era porque não queria deixá-la espantada demais. Mas conhecer e estar ali era o empurrão que faltava para fazê-la despencar ladeira abaixo.

Sem saber o que fazer ou dizer naquele momento, ele começou a trazê-la ao abrigo de seus braços para dar-lhe conforto, mas, assim que as pontas de seus dedos roçaram os braços dela, o interfone tocou.

Evangeline deu um pulo e se virou como se esperasse que alguém estivesse atrás dela. Drake, porém, estava puto.

Ele caminhou poucos passos até a parede onde ficava o aparelho e bateu o polegar sobre o botão.

— O quê? — rosnou.

Após uma breve hesitação, a voz de Thane invadiu o cômodo.

— Er..., Drake? Acho que você vai querer vir aqui. Temos uma situação.

— Que situação? — perguntou Drake num tom frio. — Deixei ordens bem claras a todos os meus homens para não me perturbarem em nenhuma circunstância.

Thane suspirou alto.

— Uma mulher apareceu no clube logo depois que você saiu e exigiu te ver. Disse que se eu não fizesse você aparecer imediatamente ela chamaria a polícia. E eu a trouxe aqui para que qualquer que seja a merda que ela tem para resolver seja resolvida e a gente não acabe incorrendo em problemas desnecessários.

Houve outra pausa breve enquanto Drake pensava em cada palavrão que conhecia. E depois disse alguns.

— E, Drake, acho que é uma boa ideia trazer Evangeline com você.

Antes que ele pudesse responder àquele absurdo, um grito ressoou pelo interfone e o fez estremecer.

— É bom mesmo Evangeline estar com ele para que eu veja com meus próprios olhos que ela está bem ou, juro por Deus, vou chamar a polícia e denunciar Drake Donovan por sequestro. E, se precisar, vou rachar esse prédio inteiro no meio para encontrá-la.

Evangeline soltou um gemido de pânico e Drake se virou para ver sua expressão abalada e cheia de vergonha. Ela fechou os olhos, tomada pela humilhação, o que fez Drake querer esmurrar a parede. Não era daquela forma que as coisas deveriam acontecer, e aquilo não ia ajudar em nada a apaziguar os temores de Evangeline.

Quando ela abriu os olhos, Drake ergueu uma sobrancelha, como se a questionasse. Na mesma hora, Evangeline murchou como um balão furado. Cobriu o rosto com as duas mãos como se quisesse estar em qualquer lugar, menos ali. Drake podia sentir Evangeline escapando de suas garras, e algo parecido com pânico percorrer sua espinha. Ele nunca entrava em pânico. Nem temia nada. O que tivesse que ser, ia ser. E, no entanto, viu-se prendendo a respiração em pavor.

— É a Steph — ela disse, com calma, deslizando as mãos devagar sobre os olhos. — Uma das minhas colegas de apartamento. Drake, ela está falando sério. Você não a conhece. Ela vai mesmo chamar a polícia e só Deus sabe quem mais. Preciso ir até lá.

— Não sem mim — Drake disse em um tom mordido.

Ele apertou o botão do interfone.

— Segure essa mulher, Thane. Estou descendo com Evangeline e, por Deus, é bom que Steph esteja aí quando chegarmos.

Ele estendeu a mão para Evangeline, esperando que ela deslizasse sua pequena mão sobre a dele. Sentiu uma enorme satisfação quando a carne

dela encontrou a dele, mas quando a apertou ao conduzi-la ao elevador, pôde sentir Evangeline tremendo.

Esforçando-se para não franzir o cenho e assustá-la, puxou-a para perto e deslizou os nós dos dedos sob o queixo dela e, com carinho, levantou seu rosto.

— Você não está sozinha, Angel — murmurou. — Estarei com você o tempo todo. Tudo que precisa fazer é informar à sua amiga sobre o que decidiu.

Só não disse que ele também precisava ser informado sobre a decisão de Evangeline, porque não estava mais certo de que ela iria escolhê-lo. A amiga poderia muito bem convencer Evangeline a ir embora. Só de cogitar essa possibilidade, seu maxilar se apertou. Ele iria lutar por ela.

Com isso em mente, ele lhe lançou um olhar interrogativo. Ela interpretou corretamente a pergunta silenciosa. Drake queria saber se estava pronta e Evangeline assentiu. No elevador, ele a puxou para seu lado e a encaixou sob o ombro.

A descida transcorreu em silêncio, e o olhar de Evangeline permaneceu fixo no chão.

Merda! Ele só precisava de mais tempo. Alguns dias. Assim, poderia mostrar a Evangeline o mundo em que estava entrando. Em vez disso, assim que entraram em sua casa, a amiga dela chegou, arrastando Evangeline de volta para a Terra.

Quando saíram do elevador, Drake viu uma ruiva muito decidida olhando para frente, Thane estava logo atrás dela parecendo bem puto. Bem, eram dois então.

— Evangeline, graças a Deus! — Steph disse, enquanto se aproximava deles. Para surpresa de Drake, Evangeline se aconchegou mais perto de seu corpo, como se procurasse conforto ou apoio.

— A que devemos a interrupção a uma hora dessas? — perguntou Drake.

Steph olhou para ele de cara feia.

— Precisava ter certeza de que Evangeline estava bem. Quando ela não apareceu em casa, achamos que algo horrível tivesse acontecido.

— Bem, como pode ver, ela está bem. Agora, se nos der licença, foi um longo dia.

A cara de Steph se fechou ainda mais e seus olhos lançaram adagas em direção a Drake.

— Evangeline é perfeitamente capaz de falar por si mesma — ela rebateu, ácida. — Quero saber o que ela quer. De preferência, da boca dela.

Drake sentiu Evangeline se encolher e sua expressão se afogar em embaraço. Vergonha entorpecia seus olhos, apagando os vestígios da vivacidade que a tornava tão fascinante. Ele xingou Deus e o mundo mentalmente e estava prestes a pôr um fim naquela merda quando Evangeline respirou fundo e saiu do refúgio protetor do corpo dele.

Seu pulso se acelerou e ele precisou lutar para manter um ar de indiferença. Se Evangeline fosse embora com a amiga, ele nunca permitiria que ninguém visse sua dor.

— Como pode ver, estou bem, Steph — Evangeline disse, com a voz suave. — Desculpe ter te preocupado, mas liguei e deixei recado para você dizendo que não iria para casa hoje. E mandei mensagem para Nikki e Lana também. E depois Drake enviou Maddox pessoalmente para dizer a vocês que eu estava bem.

— Sim, um capanga que mais parece ter acabado de sair de uma prisão — Steph disse, a raiva ainda fervendo em sua voz.

A expressão anterior de Evangeline, de vergonha e derrota, se evaporou, e ela se enrijeceu. Encarou Steph, o olhar imóvel e as bochechas coradas. Não por vergonha. Não, o anjo estava puto.

Drake lutou para esconder sua reação – sua surpresa – e se forçou a permanecer como espectador para Evangeline encarar a briga que era dela, a menos que ficasse aparente que estava recuando. E ela o surpreendeu ainda mais ficando cara a cara com Steph, para que não houvesse possibilidade de mal-entendidos. Apontou o dedo diretamente para o peito da amiga, provocando um olhar de completo choque no rosto dela, como se Evangeline nunca a tivesse enfrentado – ou qualquer uma de suas supostas amigas.

— Não fale assim de Maddox — Evangeline protestou. — Ele tem sido muito amável e paciente comigo. Me salvou na Impulse quando Eddie provavelmente teria me mandado para o hospital. Foi gentil, respeitoso e carinhoso. Me levou para casa, certificou-se de que o apartamento estivesse seguro e me disse que ele estaria lá às 7 horas na noite seguinte porque Drake queria me ver. Mas precisei trabalhar e Maddox esperou no bar até eu sair e me levou até a Impulse para encontrar Drake, onde fizemos um acordo sobre um assunto pessoal que permanecerá pessoal. Você não tem o direito de julgar Maddox, Drake ou mesmo Thane, que fez

de tudo para que você soubesse que estou bem. Você não sabe nada sobre eles. E, além disso, está claramente duvidando das minhas escolhas, meus desejos e minhas necessidades, que, vou te lembrar, são da minha conta. Não da sua. Não lhe digo como administrar sua vida, Steph, e espero o mesmo respeito em retribuição.

A mão de Evangeline se aproximou de Thane, que tinha no rosto um olhar de choque misturado com aprovação. Orgulho até. Thane levantou o olhar para Drake como se dissesse: você escolheu bem. Drake apenas concordou com a cabeça.

— E, Steph, você apareceu na Impulse depois de te dizerem que eu estava bem e quais eram meus planos para essa noite, e ameaçou Thane, pedindo que ele a trouxesse para onde Drake e eu estávamos. Ele te machucou? Ele a ameaçou? Porque, para mim, ele te tratou com muito mais respeito que isso. Eu esperava mais de você, Steph. Esperava que tivesse fé e confiança em mim para tomar minhas próprias decisões. Não preciso da sua aprovação ou permissão, nem da Lana ou da Nikki. Não interfiro nas vidas de vocês e, ainda assim, vocês inferem em todas as esferas da minha. E, só para lembrá-la, eu nunca quis ir para a Impulse. Era o último lugar que queria ir, mas vocês três me convenceram, e o resultado foi uma noite humilhante, que nunca vou conseguir esquecer.

Ela estremeceu e passou as mãos sobre os próprios braços como se, de repente, estivesse sentindo frio. Drake não conseguiu mais se conter. Deu um passo à frente e envolveu-a com um braço, substituindo a mão dela em um dos lados e esfregando para cima e para baixo para lhe dar calor e conforto, e para que ela soubesse que ele a apoiava.

Thane parecia completamente confuso e desconcertado pela defesa que Evangeline tinha feito dele e de Maddox. Havia um olhar diferente em seu semblante quando ele mirava Evangeline agora. Um que continha um lampejo de respeito, e Thane não respeitava muitas pessoas.

A admiração de Drake aumentou ainda mais porque ele tinha razão, ou melhor, seu instinto sobre seu anjo tinha sido preciso. A aparência feminina, doce, suave e delicada na verdade camuflava uma mulher com vontade e determinação de ferro, que não permitiria que ninguém, nem mesmo ele, passasse por cima dela. Não importava que ela pensasse o contrário. Era claro que ela se via como tímida e fraca, uma mulher que odiava brigas, e provavelmente odiava mesmo. Mas isso não significava que não pudesse se garantir e defender o que achava certo. Seu braço se

apertou ao redor dela, dando-lhe um suave toque de aprovação. Orgulho tomou conta dele. E paz também. Tinha escolhido bem. Não tinha se enganado.

Steph parecia desconcertada, boquiaberta com a explosão de Evangeline. Olhou para Thane e Drake como se avaliasse dois serial killers. Depois, se voltou para Evangeline, um claro espanto refletido em seu rosto.

Mas antes que a amiga tivesse tempo de responder à sua declaração contundente e apaixonada, Evangeline falou, enquanto ainda estava em vantagem.

— Estou bem, Steph. Te disseram que eu não estaria em casa hoje, esta noite, e você entendeu. Não tinha motivo para vir até aqui e fazer essa cena. Ligo para você, Lana e Nikki amanhã ou depois para explicar tudo. Até lá, queria um pouco de privacidade. E chega de cenas embaraçosas a essa hora da madrugada.

Steph fuzilou Evangeline com um olhar feroz, que, Drake imaginou, conseguia intimidar Evangeline quase todas as vezes. Só que agora seu anjo não parecia nada perturbado.

— É melhor fazer isso mesmo — Steph retrucou. — Porque se não fizer contato pessoalmente nas próximas 24 horas, volto aqui com a polícia.

Steph então mirou o olhar furioso em Drake, que a olhou de volta como se ela não passasse de uma chateação.

— Não há lugar nesta maldita cidade em que você possa se esconder de mim, e, juro por Deus, se machucar Evangeline, corto seu saco fora e te faço comê-lo.

— Como isso nunca irá acontecer, sua ameaça é completamente inútil — Drake respondeu, em um tom de desprezo, que deixava claro que era hora de Steph ir embora. Naquele minuto.

Ele encarou Thane e lhe lançou um olhar silencioso de desculpas. O subordinado balbuciou algo em resposta. Drake entendeu com clareza e mal conseguiu conter a risada.

Thane tinha dito “não me fode”.

— Thane a levará para casa agora — Drake disse, em um tom formal, permanecendo frio e distante com a mulher que quase tinha arruinado sua noite. Aliás, talvez tivesse arruinado mesmo, pois ele não tinha ideia do que se passava na cabeça de Evangeline depois daquilo.

Sem esperar mais dramas ou cenas, Drake puxou Evangeline para seu lado e a conduziu de volta ao elevador. Seus olhos ficaram fechados durante toda a subida, sua expressão ainda congelada de vergonha.

Com cuidado, ele a acompanhou até seu apartamento, desta vez sem lhe dar tempo para refletir sobre o tamanho e a elegância do imóvel. Levou Evangeline direto para o quarto, onde, na mesma hora, ela começou a tremer.

Algo amoleceu em seu coração. Era uma sensação estranha, desconfortável, a que não estava acostumado. Mas Evangeline parecia exausta, perdida e tão confusa que tudo o que ele podia fazer era tomá-la em seus braços, como tinha planejado antes de serem interrompidos por Steph. No início, ela estava tensa, mas como ele não fez nada além de segurá-la e acariciar seu cabelo de um jeito tranquilizador, os braços dela se apoiaram na cintura dele e ela relaxou.

Colocou a bochecha contra o peito de Drake, e ele sentiu na alma o suspiro suave dela. Um som que faria um homem fazer qualquer coisa para ver aquela mulher feliz.

— Prepare-se para dormir, Angel — ele disse, de repente. — Você está cansada, seus pés doem e você teve dias bem longos. O que mais precisa agora é dormir. Mas você dormirá comigo, na minha cama. Toda noite. Sem exceção.

Ela assentiu lentamente com a cabeça, sua bochecha roçando para cima e para baixo no peito dele.

— Não me interprete mal, Angel — ele murmurou. — Não há nada que eu amaria mais do que fazer amor com você a noite toda para que quando acordasse você soubesse exatamente a quem pertence. Mas você está exausta e, no momento, apenas tê-la em minha cama, em meus braços, é mais do que poderia ter sonhado.

10

Quando Evangeline acordou, duas coisas estavam evidentes. Uma, Drake não estava mais na cama com ela, e duas, era quase o fim da manhã. Era quase meio-dia e, no entanto, ainda se sentia exausta e tudo o que queria era se aconchegar mais fundo nas cobertas e voltar a dormir.

Ao se ajeitar, buscando uma posição mais confortável, virou-se para o lado em que Drake tinha dormido e sua mão instintivamente procurou um lugar quentinho, ou qualquer outra prova de que a noite anterior não tinha sido um sonho. Então, seu olhar caiu sobre um pedaço de papel dobrado, com o seu nome escrito nele.

Forçando-se a se sentar, cruzou as pernas, estendeu a mão para o bilhete e o abriu, hesitante, sem saber o que poderia estar escrito ali. Sua sobrancelha franziu quando ela leu o conteúdo.

> Suas coisas estão na sala de estar, para colocar onde quiser. Mas, para que saiba, somente seus objetos de valor afetivo foram trazidos. Suas roupas, sapatos e acessórios foram jogados fora. Um dos meus homens estará aguardando para levá-la para fazer compras do que quer que necessite. E quero que compre tudo de que precisa.
>
> Meu homem terá uma lista de acessórios necessários, e os vendedores nas lojas a que for levada já receberam minhas instruções, bem como as suas medidas, e, quando chegar, já terão feito uma seleção adequada para a sua avaliação.

Medidas? E, falando nisso, o que havia de errado com suas roupas? Como assim ele as tinha jogado fora sem nem falar com ela? Que desperdício foi esse? Para os padrões de Drake, as roupas com certeza não eram caras, mas ela tinha que economizar para comprar cada item e nunca tinha tido o luxo de sair e comprar um guarda-roupa inteiro ou coisa parecida. Comprava uma calça jeans ou uma camiseta ou um par de

sapatos. E quando tinha grana. Mandar dinheiro para os pais era o primeiro item na sua lista de prioridades. Juntar um pouco para si vinha em segundo, mas bem lá embaixo nessa lista. Doía que Drake tivesse descartado desse jeito tão imediato as roupas que Evangeline tinha ralado para conseguir comprar. E daí que tinham sido compradas em um brechó ou em uma liquidação de um shopping popular? Tinha pago por cada peça com o próprio suor. Ninguém lhe tinha dado nada e ela se orgulhava disso. Nunca uma das suas amigas tinha precisado cobrir sua parte no aluguel do apartamento, porque Evangeline cuidava para que depois de enviar o dinheiro para a família, tivesse o suficiente para pagar o combinado tanto do aluguel quanto das compras de supermercado. Ela também cozinhava bastante em casa para não gastar comendo fora, o que era mais uma economia.

Estava claro que Drake tinha vergonha de Evangeline, e isso acabava com ela. Ela tinha seu orgulho. Sabia que não era nada de mais, e ainda não conseguia entender o que fazia ali, naquele apartamento, com instruções para ir comprar um novo guarda-roupa inteiro, do qual uma única peça custaria mais do que todas aquelas que Drake tinha jogado fora com tanta facilidade.

Sentiu-se... humilhada.

Assustou-se e seu pulso se acelerou quando um telefone tocou ao lado da cama. Olhou com atenção, procurando de onde vinha o som, para ver um celular caro e supertecnológico que ela teria de economizar durante um ano para poder comprar e que definitivamente seria um gasto fútil. Olhou de novo para o bilhete. Ali, Drake informava que aquele telefone era dela e que iria ligar mais para o fim da manhã.

Atendeu o telefone, vacilante, torcendo para ter apertado o botão certo, e murmurou um “oi” com hesitação. A resposta dele foi direta, formal.

— Justice está a caminho. Já deve até ter chegado. Vai te levar às compras.

Ela sentiu uma decepção inesperada porque não era Maddox. Ele tinha sido o mais legal com ela, e não era tão intimidante quanto alguns dos outros homens de Drake. E então balançou a cabeça, estava louca. Eram todos perigosos e completamente estranhos, e, no entanto, devia confiar neles porque Drake tinha instruído assim.

Evangeline hesitou e mordiscou o lábio inferior, incomodada por Drake ter determinado que ela precisava ir às compras. Se não era boa o

suficiente do jeito que era, com certeza não ia mudar tudo em si mesma só para atender aos padrões dele, qualquer que fosse o status dos dois, já que não tinham definido isso ainda.

Drake pareceu entender o silêncio de Evangeline, e ela se perguntou se deveria adicionar "leitura de mentes" à crescente lista de qualidades dele, embora parecesse que não houvesse nada que Drake não pudesse fazer ou realizar. Mas dinheiro, ou melhor, ter dinheiro, muito dinheiro, parecia vir com um conjunto de regras e parâmetros completamente diferentes, que incluíam muito mais coisas que se era obrigado a fazer do que o contrário.

— O que foi, Angel? — ele perguntou com uma voz suave que sugeria que não ficaria satisfeito se ela simplesmente respondesse que "nada" ou fingisse que estava imaginando coisas. Seria um insulto para sua inteligência superior.

Ela se encolheu, não querendo entrar no que a estava incomodando.

Em voz baixa e calma, ela respondeu:

— Por que você jogou fora todas as minhas roupas, inclusive minhas calcinhas e meus sapatos? Se não sou boa o suficiente para você do jeito que sou, por que me transformar em algo que eu não sou? Não seria real. A menos que seja o que você queira e o que qualquer mulher faria. Uma mulher que você brinca de vestir como se fosse uma boneca, para torná-la boa o suficiente para ser vista na sua companhia. Tenho orgulho de quem e do que sou — disse, com firmeza.

— Paguei por cada peça que você jogou fora sem a menor consideração. Gostava delas. E, além disso, ninguém me deu ou as comprou para mim. Batalhei por tudo que tenho, e, jogando fora praticamente tudo o que possuo, você me mandou uma mensagem alta e clara de que não sou boa o suficiente e está enviando um de seus servos para fazer compras comigo de modo que eu não te faça passar vergonha na frente dos outros.

Drake ficou mudo e ela ficou tensa porque quase podia sentir, pelo telefone, a raiva dele borbulhando. Engoliu em seco, nervosa, e fechou os olhos, pensando que talvez ele estivesse puto o suficiente para apenas desistir dela e deixá-la voltar para casa.

Em vez disso, Drake suspirou, e ela o imaginou impaciente, passando a mão pelo cabelo, os lábios fazendo aquela careta firme que o faz parecer tão intimidante.

— Angel, suas roupas são umas merdas. Não me leve a mal. Você sendo você, tão bonita como é, consegue brilhar mesmo com elas. Outras

mulheres nunca conseguiriam ficar tão lindas com aquelas porcarias. Não tem nada a ver com você me envergonhando, e com certeza não tem nada a ver com você não ser boa o suficiente para mim. Tem tudo a ver com o fato de que você agora é minha e eu cuido do que é meu. O que significa que eu pago tudo o que você usa: sapatos, calças jeans, vestidos e, especialmente, a lingerie. Queria fazer algo legal para você e você precisa de roupas mais bonitas, não aquelas merdas que se compra em brechós. Uma mulher minha nunca terá nada que tenha sido usado por outra mulher. Ponto final. Então, tire agora da sua cabeça essas idiotices de "não ser boa o suficiente" e de "estar me envergonhando" ou vai me irritar. Porque é uma bobagem completa, e não vou admitir você pensando isso toda vez que estiver usando algo que comprei para te dar.

Evangeline ficou atônita, em silêncio, e se sentou na beira da cama, boquiaberta. Dessa vez, no entanto, Drake não entendeu o silêncio como sinal de que estava chateada ou zangada, como antes. Como, diabos, aquele homem sabia quando falar alguma coisa se estava a quilômetros dela e não podia vê-la nem ler sua linguagem corporal e suas expressões faciais?

— Preciso ir agora. Tenho uma reunião importante. Justice deve estar aí em breve, se é que já não está, então você deve se vestir porque vou ficar puto se outro homem vir o que é meu e o que só eu posso ver. Ele vai te levar para comer e depois às compras. Não quero você com fome.

E ela achou que não poderia ficar mais nervosa do que já estava.

— Preciso saber se você está ouvindo — Drake disse, impacientemente. — Responda, Angel. Me dê um OK.

— Tudo bem — ela disse, finalmente, quase sussurrando.

— Ótimo. — Dava para ouvir a satisfação na voz dele. — Agora mexa-se e vista-se logo para que Justice não veja o que não deve e eu não precise dar uma surra nele.

Evangeline pensou que Drake já tinha desligado quando ouviu:

— E, Angel, só para que saiba, não ficarei nada feliz se não quiser aceitar qualquer um dos itens que preparei para você.

Bem devagar, ela finalizou a ligação e deixou o telefone cair na cama. Então, olhou mais uma vez para o bilhete que ainda não tinha terminado de ler. Começou pelo início de novo, mas pulou rapidamente para as partes que ainda não tinha lido. Bem no finalzinho, com a letra de Drake, estava escrito:

E ligue para as suas amigas e passe o número novo. Assim não será necessário que um de meus homens as expulsem de novo daqui às 5 horas da manhã de novo.

Ela riu e puxou os joelhos para o tronco, abraçando-os ao seu corpo enquanto olhava em volta, maravilhada. Aquilo estava mesmo acontecendo? Como, pelo amor de Deus, ela tinha caído naquele notório buraco de coelho e ido parar em uma realidade alternativa?

Mandou embora a sensação esmagadora de que estava perdendo o controle rapidamente e ligou primeiro para Steph, porque a última coisa que queria era a polícia irrompendo no apartamento de Drake determinada a resgatar a sequestrada. Para seu alívio, as três amigas estavam juntas no apartamento e a colocaram no viva-voz, o que significava que não precisaria contar a mesma história maluca três vezes.

No tom mais controlado que conseguiu, relatou os eventos que terminavam com ela indo ao apartamento de Drake com ele. As reações das meninas foram explosivas.

— Perdeu a cabeça? — Nikki gemeu. — Vangie, o que sabe sobre esse cara? E se você desaparecer e a gente nunca mais tiver notícias suas?

Evangeline suspirou.

— É pedir muito querer um pouco da confiança das minhas melhores amigas?

— A gente só acha que você deveria dar um pouco mais de tempo para o que está rolando, de preferência, longe dele, onde você não está impressionada — Lana disse, diplomática. — Você tem que admitir, isso é super-repentino e completamente diferente do seu jeito de fazer as coisas.

— É verdade, mas ir para a Impulse também era, e vocês não se importaram em me coagir a fazer aquilo — disse Evangeline.

Até então, Steph tinha ficado em silêncio, e Evangeline deveria ter sacado que o pior estava por vir.

— E quanto tempo acha que vai levar para esse Drake se cansar e te descartar? O que diabos você vai fazer, Vangie? Você não pode depender de um homem, especialmente de um com o poder que ele tem.

A dor calou fundo no coração de Evangeline, ela inspirou com força e, repentinamente, o que as amigas devem ter ouvido pelo telefone, a julgar pelo silêncio que se seguiu. Mas o que mais incomodou Evangeline foi que Steph tinha acertado em cheio na sua insegurança, uma insegurança que vinha crescendo, sobre quanto tempo aquele lance com Drake duraria.

— Isso foi desnecessário, Steph — Lana interveio, com raiva. — Está agindo como uma vaca ciumenta e não combina com você. Deixe a Vangie. Desde quando a gente a conhece, ela nunca fez nada por si mesma. Talvez seja a hora de fazer, e de viver um pouco.

— Preciso ir — Evangeline disse, calma. — Tenho que estar vestida e pronta para sair em dez minutos.

— Espere, Vangie, antes de ir — Nikki disse, em um tom apressado. — O proprietário do apartamento veio aqui de manhã para nos entregar um recibo e um contrato de aluguel controlado. O aluguel foi pago antecipadamente por dois anos, com um contrato garantindo que não haverá aumento nos próximos dez. Que doidera é essa?

— Drake não queria que minha saída causasse problemas financeiros a vocês —Evangeline explicou, em voz baixa. — Sorte de vocês que, depois que ele se livrar de mim, ainda poderão morar em um apartamento com aluguel pago e terão a garantia de não ter aumento por um bom tempo.

Então ela desligou bem rápido, ainda mordida pelo comentário de Steph.

11

Evangeline estava tão deslocada que só queria rastejar para o buraco mais próximo e morrer. Era irremediavelmente desajeitada, enquanto Justice, seu babá du jour, apesar de parecer um casca-grossa, com certeza sabia se portar nas lojas de luxo, escolhendo ou descartando itens apropriados com toda facilidade.

Depois de tocar pela primeira vez um vestido cintilante que parecia saído do baile da Cinderela e de ter sentido o tecido luxuoso entre os dedos, Evangeline estava apaixonada. Até olhar o preço e tirar a mão correndo, como se a etiqueta estivesse queimando. Meu Deus. Tudo naquele lugar era tão exorbitantemente caro? Um vestido custava mais do que ela ganhava em um ano!

Virou-se, o lábio inferior entre os dentes, em consternação. Ali não era seu lugar. Aquele não era seu mundo. Não se encaixava e estava enganando a si mesma se, por um minuto que fosse, pensou que poderia vir a ser parte dele, ainda que por pouco tempo.

Justice, porém, viu sua reação ao vestido e fez contato visual com a vendedora, que ficou feliz demais em embrulhá-lo e adicioná-lo à crescente pilha de compras que estava organizando para Evangeline.

No começo, ele estava se perguntando o que diabos tinha feito para deixar Drake puto a ponto de enviá-lo para fazer compras com uma mulher que não parecia querer ou precisar de nada. Inferno, não é que nunca tivesse ido fazer compras com alguma das mulheres de Drake antes, mas geralmente tudo o que precisava fazer era ficar ao lado observando-a vagar pela loja e apontar peças aqui e ali, deixando a conta para ele, e, em questão de minutos, tudo estava acabado.

Mas Evangeline? Ela parecia completamente envergonhada e horrorizada, ainda mais depois que viu o preço do vestido que tinha olhado com tanto desejo, acariciando o tecido de seda. Pelo amor de Deus, nem

sequer era um dos mais caros da loja, razão pela qual ele se alegrava de que Drake tivesse ligado antes para passar uma lista detalhada do que queria que o vendedor deixasse separado para comprar. É provável que Evangeline tivesse um derrame se visse os preços desses vestidos. Justice suspirou porque aquele tinha toda cara de que seria um longo dia de merda, e comprar roupas de mulher era como uma viagem ao inferno. Ah, o que ele não fazia para o cara que chamava de parceiro e irmão! Mesmo assim, não conseguia se irritar muito com Evangeline; havia algo de diferente nela. Nunca antes Drake tinha tido uma mulher como aquela, muito menos agido de um jeito tão possessivo desde o primeiro momento em que vira alguém.

De certa forma, Justice entendia por quê. Havia algo naquela garota, algo que ele não conseguiu identificar logo de cara, mas que, assim que percebeu, ficou óbvio. Ela não era uma daquelas mulheres calculistas e mercenárias, prontas para sugar de Drake tudo o que pudessem no curto período em que estivessem com ele.

Evangeline era inocente, ingênua, doce até a alma e tão genuína quanto se pode ser. Tinha um jeito gentil e, pelo que tinha ouvido de Thane, era leal e feroz na defesa dos outros, até daqueles que não conhecia bem. Tinha enfrentado a amiga que falou com desdém de Maddox e Thane, o que tinha aumentado em umas dez vezes seu respeito por ela. Mulheres como aquela não defendiam homens como ele. Ainda mais contra as melhores amigas.

Mas, segundo Thane, ela tinha agido como uma leoa protegendo seus filhotes e ficou puta com o julgamento que a amiga tinha feito de Maddox e Thane. Tinha dado um esculacho nela e deixado bastante claro o que achava da sua opinião.

Difícil não respeitar uma mulher doce e gentil que parecia ser intimidada com facilidade e, no entanto, tinha soltado fogo ao defender pessoas que considerou vítimas de um julgamento infundado.

Justice nunca se impressionara com nenhuma das mulheres de Drake, tampouco se preocupava com isso: elas nunca ficavam mais do que alguns dias. Mas, pelo visto, parecia que Evangeline estaria por perto durante muito tempo. Drake nunca tinha vestido uma das suas mulheres da cabeça aos pés. Em geral, dava-lhes um presente caro – na maioria das vezes, joias – e depois as dispensava. Justice sentiu brotar no peito um instinto protetor desconhecido, e a simples ideia de que Drake descartasse

Evangeline quando se cansasse dela lhe apertou o peito até causar desconforto. Se não pudesse distinguir a diferença entre Evangeline e as vadias com quem tinha se relacionado antes, era um babaca imbecil. E, se Drake a jogasse fora, Justice considerou que estaria mais do que disposto a chegar junto e dar a ela o respeito e o cuidado merecidos.

Ele a tinha levado a um de seus restaurantes favoritos antes de começarem as compras, e ela ficou tão desconfortável no restaurante caro quanto ficava nas lojas de roupas de luxo. Estudou o cardápio por alguns longos minutos, concentrando-se tanto que ele achou que veria a cabeça dela explodir. Quando percebeu que ela tinha escolhido o item mais barato no menu, ignorou o pedido dela e, no lugar, pediu bife Wagyu. Na mesma hora, Evangeline gemeu de horror e sussurrou que aquilo custava duzentos dólares! Um bife! Justice apenas sorriu e disse ao garçom para trazer o mesmo para ele. Em seguida, perguntou qual era o ponto da carne de Evangeline. Mas ela ainda estava tão confusa e horrorizada com o preço que ele decidiu sozinho pelo caminho do meio e pediu ao ponto para ela, e ao ponto para mal para si mesmo.

Quando os pratos chegaram, ela mirou o pequeno bife e balançou a cabeça, em descrença.

— Experimente — aconselhou Justice. — Derrete na boca. É o melhor bife que você vai comer na vida. Certeza.

— Duzentos dólares de gostosura? — ela perguntou, cética. — Duzentos dólares alimentam mais do que a mim e às minhas colegas de apartamento por um mês inteiro.

Ele apenas sorriu e cortou seu bife, observando em silêncio Evangeline cortar um pequeno pedaço com cuidado, de um jeito quase reverente, como se odiasse a ideia de consumir algo cujo preço era exorbitante – ao menos para ela. Porém, quando mordiscou, delicada, o primeiro pedaço, seus olhos se fecharam e um gemido baixinho escapou de seus lábios, o que fez Justice travar a mandíbula, esquecido de seu próprio bife, enquanto observava o prazer puro em seu rosto.

— Meu Deus — ela gemeu. — Isso é incrível.

— Eu falei — ele disse, satisfeito.

— Mas ainda são duzentos dólares de gostosura — ela murmurou.

Ele só abriu um sorriso e continuou a comer a carne, mal conseguindo saborear, o que era um crime, porque estava absorto demais em observar a primeira experiência de Evangeline com o delicioso bife.

Depois que terminaram, ele anunciou que iam às compras, algo que deliciaria a maioria das mulheres. Certamente, todas as mulheres anteriores de Drake. Evangeline, no entanto, parecia ter acabado de ouvir que teria que limpar os banheiros.

Agora, estavam quase terminando. Só mais uma loja. Ele quase sorriu quando percebeu que a próxima parada era para comprar lingerie. E não era qualquer loja de lingerie. Era uma que vendia roupas saborosas, sexy e sedutoras, que pretendiam levar os homens à loucura com a luxúria.

As bochechas de Evangeline se enrubesceram com um vermelho brilhante. Ela lançou um olhar suplicante para Justice, que precisou esfregar o peito para aliviar o desconforto com o óbvio constrangimento dela.

— Pode esperar lá fora — ela sussurrou. — Não é necessário que esteja aqui. Drake já deixou um monte de coisas separadas nas outras lojas que visitamos, duvido que aqui vá ser diferente.

Ela corou, provavelmente percebendo que Drake tinha ligado e informado à vendedora em detalhes o que queria, e Evangeline teria que encarar aquela mulher sabendo que Drake tinha sido explícito em seus desejos.

Justice sorriu gentilmente para ela e tocou seu ombro.

— Querida, não há motivo para ficar envergonhada. Certamente há uma pilha de coisas te esperando no balcão, e te garanto: vou entrar e esperar enquanto você dá uma olhada e vê se algo chama sua atenção. Traga o que escolher para o caixa, eu prometo que não vou olhar nenhuma vez. Vou apenas pagar e virar as costas. Mas não posso deixá-la sozinha. Drake cortaria meu saco se eu te deixasse desprotegida, ainda que por um momento. Ele quer que eu fique com você o tempo todo.

O rubor no rosto de Evangeline chegou até à raiz do cabelo, e Justice pensou que ela seria incapaz de tal façanha. Seu coração se amoleceu e ele tocou de leve na bochecha dela.

— Não precisa ter vergonha, Evangeline. Não tem do que se envergonhar. Gostaria de me considerar seu amigo.

Ele quase engasgou com as próprias palavras. Amigos? Agora tinha certeza de que estava mesmo perdendo a cabeça. Não tinha amigos, exceto os homens que chamava de irmãos, e sem dúvida não considerava nenhuma mulher sua amiga. Ou as dispensava por serem vadias, ou as levava para a cama e fazia o que fosse para que ambos aproveitassem. E

ali estava ele falando besteira sobre amizade platônica com uma mulher que a maioria dos homens levaria para cama antes que ela pudesse piscar. Drake devia uma a ele. Devia muito.

— Agora vá fazer suas compras enquanto peço para a vendedora embrulhar o que Drake já escolheu. E, como prometi, quando você terminar, vou dar o cartão de crédito para a vendedora e virar de costas. Tudo que vou fazer é levar as sacolas para o carro. Sem espiar. Prometo!

Ela o presenteou com um sorriso que momentaneamente lhe roubou a respiração, e, de repente, ele pôde entender ainda mais por que Drake estava tão fascinado por aquela mulher. O negócio com ela era sério. Uma raridade nos círculos em que viviam. Tudo nela era genuíno. Ficou atordoado com essa revelação, sem saber o que fazer a respeito. Uma emoção desconhecida – ciúme – apertou seu peito, e ele xingou muito a si mesmo. Porra de Drake e sua sorte por tê-la encontrado antes dos outros que administravam a Impulse com ele.

Observou como Evangeline percorria as prateleiras com hesitação, de olho nos itens a que ela dava uma atenção extra para então descartar depois de ver o preço. Sinalizou com o olhar e, quando Evangeline foi para outra área da loja, a vendedora logo pegou as peças que ela tinha gostado, mas não tinha escolhido por causa do preço.

Mostrando que estava atenta, a vendedora empacotou as coisas que Evangeline havia descartado para que ela não soubesse que tinham sido compradas e, em seguida, somou tudo, deslizando a conta na direção de Justice. Depois de pagar, Justice recolheu todas as sacolas e escoltou Evangeline até o carro que os esperava do lado de fora.

— Terminamos? — ela perguntou, em um tom cauteloso.

Ele sorriu.

— Sim, querida. Vou levá-la para casa agora.

Ele a conduziu até o carro e, então, entrou pela porta da rua para ficar no banco de trás ao lado dela. Enquanto entravam no trânsito, ela olhava pela janela, parecendo fascinada com a cidade, como se nunca tivesse estado em Nova York. Uma reação estranha para alguém que vivia e trabalhava ali.

Como se estivesse sentindo o escrutínio, ela conscientemente olhou para ele e lhe deu um sorriso tímido.

— Nunca me acostumo a isso — confessou, a mão indicando o tudo que via do lado de lá da janela. — E talvez nunca me acostume.

— A quê? — Justice quis saber.

— Toda essa agitação. As pessoas. Os arranha-céus. Todas as empresas e os carros, os prédios empilhados um sobre o outro. Isso lembra os formigueiros que tínhamos em casa, quando eles ficavam agitados e as formigas corriam em todas as direções.

Ele riu, notando o sotaque sulista, que achava encantador.

— De onde você é, Evangeline?

— Mississippi — ela respondeu, em um tom melancólico.

— E o que a trouxe para a cidade grande?

Dor brilhou nos olhos dela, fazendo Justice se arrepender na mesma hora de ter feito uma pergunta aparentemente inofensiva. Ela voltou a olhar para o lado de lá do vidro, buzinas e os sons do trânsito soando ao fundo.

— Eu precisava ganhar mais dinheiro para ajudar meus pais — ela disse de um jeito que indicava que não queria falar mais sobre o assunto. Então ele decidiu não pressionar, embora estivesse curioso para saber por que ela tinha se mudado para Nova York, por que os pais precisavam de grana.

Pelo que ele sabia, ela trabalhava nos turnos da noite em um bar no Queens. Com certeza, havia empregos melhores em Mississippi. E do jeito que ela falara de Nova York em comparação à sua casa, parecia que estava com saudades e infeliz ali.

Justice franziu o cenho, doido para perguntar a Drake sobre aquilo. Mas Drake não levaria numa boa. Não que Drake fosse pensar que um de seus irmãos ciscaria em seu território, mas o que era de Drake era de Drake e ele guardava o que era seu para si mesmo. Merda, eles eram todos assim. Talvez por isso o grupo de homens que trabalhava com Drake tivesse um vínculo tão forte. Tinham muito em comum e entendiam as necessidades uns dos outros. Privacidade sendo a principal delas. Não questionar e especialmente não responder a ninguém, exceto uns aos outros. Um arranjo que funcionava bem e era bastante rentável.

Um pensamento repentino lhe ocorreu. Se Evangeline soubesse tudo sobre os “assuntos de negócios” de Drake, provavelmente cairia fora na mesma hora. Outras mulheres de Drake não dariam a mínima, desde que tivessem o que queriam. Evangeline, porém, não parecia ser o tipo de mulher que pudesse ser comprada. Era honesta demais e ele não conseguia imaginá-la deixando passar uma atividade ilegal.

As qualidades que a colocavam acima de qualquer outra mulher que Drake tivesse tido, provavelmente eram as mesmas que o fariam perdê-la. Mas, até aí, o histórico de Drake sugeria que Evangeline não duraria tanto tempo. Mais do que os outros, Justice acreditava nisso. Pelo menos não tempo suficiente para sacar o tipo de negócio em que Drake – e todos os outros – estavam envolvidos. Ela certamente não compartilharia do tipo de justiça que eles faziam. Merda, se ela soubesse que seu ex-namorado ainda estava se recuperando de um chute merecido, ficaria horrorizada, independentemente de quanto odiasse aquele babaca. Justice suspirou. Drake tinha pisado na bola. Evangeline não era como as outras, e isso ia causar muitos problemas. Se Drake ficasse com ela tempo suficiente.

Evangeline lançava olhares furtivos em direção a Justice. Ele não se virou, não queria encará-la e causar um clima estranho. Continuou a estudá-la com o canto dos olhos. Várias vezes, ela inspirou e abriu a boca, mas a fechava em seguida e se voltava de novo para a janela.

Obviamente queria perguntar ou dizer algo, mas era tímida demais. Por que achava isso tão encantador, ele não tinha ideia, mas, ao mesmo tempo, não gostava de achar que ela tinha medo dele. Esse pensamento era ainda mais ridículo porque ele, como aqueles que chamava de irmãos, gostava de cultivar um medo e um respeito saudáveis nos outros. Mas a ideia de a mulher de Drake estar receosa de dizer-lhe algo? Fazia seu estômago revirar.

— Evangeline?

Ela virou a cabeça, cheia de culpa, e seus olhos encontraram os dele uma fração de segundo antes de baixar os cílios e fixar o olhar nervosamente no espaço entre os dois no banco.

Em um impulso, ele estendeu a mão para cobrir a de Evangeline, e sentiu ela tremer com seu toque. Controlando a expressão facial, Justice lhe deu um aperto reconfortante.

— Olha para mim, Evangeline.

Embora fosse um comando, a voz dele era suave e encorajadora.

Ela levantou o queixo devagar, de modo que seus profundos olhos azuis circundados pelos cílios escuros encontraram os dele.

— Quer me perguntar alguma coisa? Eu não mordo. Desde que, é claro, você me pergunte de um jeito educado — Justice concluiu, com um sorriso.

Ela piscou, surpreendida com a provocação do comentário, e então, para surpresa dele, começou a rir.

Meus Deus, naquele momento Justice sentiu uma inveja tão fodida de Drake que estava tentado a instruir o motorista a levá-los ao seu apartamento, onde daria seu melhor para fazê-la esquecer o amigo completamente. Depois, apenas diria a Drake que a moça tinha mudado de ideia. Imaginou a si mesmo levando um cascudo e bloqueou esse pensamento. Drake era seu irmão, assim como todos os outros caras mais próximos dele. Mas... Se Drake fizesse como sempre e aquele fosse um caso rápido, Justice estaria esperando. Embora algo lhe dissesse que Evangeline ia mudar o jogo para Drake. Soubesse ele ou não.

— Evangeline? — ele disse quando ela se calou, com os olhos ainda brilhando com a vontade de rir.

— Er... senhor...

Ela o mirou, em uma confusão súbita.

— Justice — ele disse, com suavidade. — Meu nome é Justice. Nada de senhor. Imagino que vamos nos ver com frequência, então não é preciso formalidade.

Ela pareceu pensar sobre o que ele tinha dito, o riso sumindo de seus olhos, sendo substituído por inquietude e confusão. Tratava-se de uma mulher que não tinha ideia de seu lugar na vida de Drake. Era bom Drake corrigir isso logo ou em um estalar de dedo ela já teria ido embora.

— Ah, Justice, a que horas o Sr. Donovan... quer dizer, Drake... estará em casa, digo, no apartamento dele?

A insegurança dela matava Justice por dentro. Merda, ele queria abraçá-la apenas para lhe dar conforto e tranquilidade, mas, se fizesse isso, nada garantia que Drake não o matasse – ou, ao menos, tentasse matar – quando chegassem a seu apartamento.

Sempre foi do tipo que acreditava que dois irmãos nunca seriam separados por uma mulher, mas agora achava que algumas poderiam valer a pena. Repreendeu-se em sua mente pela ideia infeliz, e logo parou de pensar sobre o que não era possível.

— Drake estará em casa às seis e não quer que se preocupe em se arrumar para o jantar. Ele quer comer em casa esta noite.

Inquietação aflorou nos olhos de Evangeline. Ela puxou a mão que estava coberta pela dele e a juntou com sua outra mão, apertando as duas com o nervosismo. Mordeu o lábio inferior, a mente a mil por hora.

— Preciso parar no mercado mais próximo — ela disse — Por favor?

Ele a encarou, perplexo com o pedido inesperado e com o fato de que Evangeline estava claramente aborrecida. Desencanou. As ordens que tinha recebido eram para fazer Evangeline feliz e dar a ela o que quisesse, desde que estivesse segura e Justice estivesse ao seu lado. Apertou o botão do intercomunicador e ordenou ao motorista que parasse no supermercado mais próximo. Pelo canto dos lados, viu o alívio de Evangeline. Vai saber o que estava acontecendo com ela.

Minutos depois, eles pararam em frente a uma mercearia gourmet conhecida por selecionar os melhores produtos e por ter uma variedade de produtos importados. Evangeline desceu do carro antes que Justice pudesse sair do outro lado e dar a volta para abrir sua porta. Ela correu em direção à entrada, forçando Justice a dar passos largos para alcançá-la.

Ele só alcançou Evangeline na porta, e ela o mirou com o cenho franzido.

— Não precisa ir comigo. Vou demorar apenas alguns minutos. Pode esperar no carro. Tenho certeza de que cumpriu sua cota de compras do dia.

Justice franziu o cenho para ela, a mandíbula fazendo uma linha que indicava teimosia.

— É preciso, sim.

Ela revirou os olhos, claramente de saco cheio.

— Beleza então — murmurou, enquanto entrava no mercado.

Pegou uma cesta para pôr os produtos, mas ele a confiscou na mesma hora, o que provocou outra careta de Evangeline. Em seguida, falando consigo mesma, apressou-se em percorrer cada um dos corredores, o rosto com uma expressão de extrema concentração.

Justice se perguntou que caralho tinha provocado aquela inesperada expedição ao supermercado, mas uma rápida mirada nela foi suficiente para perceber que estava prestes a ter um ataque, e a última coisa que Justice queria era ter que lidar com uma mulher histérica. Ficou quieto e a seguiu pelos corredores, pegando as coisas que escolhia para colocar na cesta.

Para sua surpresa, dessa vez Evangeline não escolheu os itens mais baratos. Optou pelas marcas mais caras, comparando os produtos meticulosamente antes de tomar uma decisão. No açougue, Evangeline

analisou as ofertas, e Justice quase pôde ver a engrenagem girando na cabeça dela enquanto mordia o lábio inferior, pensativa.

Por fim, optou por peixe fresco e, assim que lhe foi entregue o embrulho com os filés, ela correu para a seção de vinhos.

Foi ali que ela levou mais tempo, olhando e estudando, falando baixo, para si mesma. Talvez as compras da manhã tivessem sido demais para ela: Evangeline claramente estava ficando louca.

Acabou escolhendo duas garrafas. Uma de um vinho tinto caro e outra de um branco também caro e de excelente qualidade.

Depois disso, ela ainda passou mais quinze minutos no corredor de confeitaria, e Justice pensou que estava louca de vez – embora ele tivesse espiado os itens na cesta e ficado com água na boca imaginando as deliciosas sobremesas que Evangeline poderia fazer com aquilo.

— Terminei — ela disse, embora uma ruga ainda aparecesse em sua testa quando olhava para os itens na cesta. Quase como se tentasse pensar se tinha se esquecido de algo.

Depois de uns segundos, ela foi em direção ao caixa, onde Justice despejou os itens da cesta. Quando o caixa registrou as compras, Justice viu Evangeline estremecer e, em seguida, enfiar a mão no bolso e tirar um maço de notas de vinte cuidadosamente dobrado. Com ansiedade, ela olhou para o total na registradora e de volta para o dinheiro em sua mão como se estivesse preocupada por não ter o suficiente. Contou as notas devagar e soltou um suspiro de alívio quando viu que tinha o valor total e ainda vinte de sobra.

Justice franziu o cenho e agarrou o pulso dela antes que entregasse a grana para o caixa. Lançou um olhar de reprimenda para ela e sacou o cartão de crédito de Drake para pagar a conta.

Evangeline não pareceu nada feliz com aquilo, mas ele é que não ia dizer para Drake que sua mulher tinha tentado pagar algumas centenas de dólares em compras de supermercado quando ela vivia, ou melhor, tinha vivido em um apartamento de merda, trabalhando em um emprego de merda, dando duro para as contas fecharem no fim do mês. Justice entendia de orgulho. E todos os seus irmãos também. Ele – e eles – respeitavam aquilo. Mas Drake ficaria puto se soubesse que Evangeline tinha usado o dinheiro de que claramente precisava para comprar comida para ele.

Justice agarrou as sacolas, recusando a oferta de Evangeline para ajudar a levá-las, e foi para a entrada.

— Cabeça dura também — ela murmurou. — Todas essas malditas regras.

No carro, o motorista pegou as sacolas de Justice, e ele se virou para ela, a dúvida óbvia em seu olhar.

— Do que está falando?

Ela corou como se tivesse sido pega no flagra. Não era para Justice ter ouvido o que tinha dito.

— Apenas constatei outro requisito para trabalhar na Impulse — disse ela. Justice ergueu uma sobrancelha.

— Hã? De que requisitos está falando?

— Claro, você tem que ser durão e gato para trabalhar na Impulse. Quer dizer, não há uma única pessoa trabalhando lá que não seja linda ou bem durona. E agora percebi que obviamente há mais um requisito. Teimosia.

Justice jogou a cabeça para trás e riu. Ainda estava rindo quando escoltou Evangeline até a porta do carro para que ela entrasse. Quando sentou ao lado dela, balançava a cabeça.

—Bem, lá se vai uma das chamadas regras — ela murmurou.

— Eu quero mesmo saber? — ele perguntou.

— Deixei de fora “nunca sorrir”, além de ser durão, atraente e cabeça dura, mas você detonou essa regra, então pelo visto tudo bem dar um sorriso ou outro de vez em quando.

Ele riu e balançou a cabeça de novo

— Agora podermos voltar para o apartamento? — ele perguntou, exasperado.

Ela lhe lançou um olhar desgostoso.

— Se tivesse tempo, eu faria essas comprar durarem mais algumas horas. Só para te fazer sofrer.

Justice tentou segurar o riso, mas não conseguiu. Gostava daquela mulher e a respeitava para caramba por conseguir se manter controlada sob pressão. Tinha reparado que, para ela, o dia todo tinha sido um passeio no inferno. E também que ficava envergonhada por alguém estar pagando por suas compras.

— Você ainda vai fazer, Evangeline — ele disse, com carinho. — Você ainda vai fazer.

— Bom, graças a Deus então — ela resmungou. — Odiaria perder a chance de irritar um cabeça dura gato e durão.

Ele riu novamente e mandou o motorista levá-los para o apartamento de Drake. Assim que deu a ordem, o clima alegre acabou, e Evangeline ficou calada e meditativa. E rígida. Durante todo o caminho até o apartamento de Drake, ela parecia uma pessoa a caminho da própria execução.

12

O carro de Drake estacionou no beco ao lado do prédio, junto à entrada lateral, e ele desceu e caminhou com rapidez para dentro. Enquanto subia, dentro do elevador, afrouxou o colarinho da camisa de botões e tirou o paletó, jogando-o sobre um braço.

Percebeu que estava inquieto. Passou o dia todo assim, desde que deixara Evangeline na cama pela manhã. Havia uma irritação nele que desafiava explicações. Um desejo de cimentar a relação com Evangeline e falar de suas expectativas para que não houvesse dúvida de suas intenções.

Ela seria dele naquela noite. Mas, primeiro, eles teriam a conversa que ele vinha ensaiando na cabeça o dia todo, seguida de um jantar casual e relaxado, que lhe daria tempo para digerir tudo o que diria a ela. E, então, ele a tomaria, a possuiria. Mostraria a ela a quem pertencia agora.

Uma enorme satisfação tomou conta de Drake, e ele percebeu que nunca havia ansiado tanto pela companhia de uma mulher. Aliás, pela primeira vez, não estava fazendo as contas de quanto tempo um caso duraria. Nunca começava um caso sem saber quando terminaria, e ainda assim não tinha sequer considerado nada além de cuidar de Evangeline e garantir que ela não fosse a lugar algum por muito tempo.

Putz, estava ele contemplando um relacionamento de verdade em vez de uma foda rápida ou um pequeno caso? Talvez estivesse ficando louco. Tinha certeza de que seus homens achavam isso. E talvez estivesse mesmo louco, pois seu mundo tinha virado do avesso no momento em que vira Evangeline entrar na sua boate. Desde então, nada mais fora o mesmo.

Quando o elevador se abriu, ele entrou em seu apartamento e na mesma hora virou a cabeça em direção à cozinha, franzindo o cenho. Um aroma delicioso penetrava suas narinas. Checou o relógio, certo de que não estava enganado sobre o horário. Tinha saído do escritório em tempo para chegar

às seis em ponto, como tinha informado a Justice. Com certeza, o serviço de entrega não teria errado e entregado a comida antes da hora combinada.

Tinha planejado toda a noite meticulosamente, e não gostava de interrupções ou viradas inesperadas.

Jogou o paletó sobre o cabideiro perto do elevador e entrou na cozinha. Levou um susto quando viu Evangeline manejando quatro grelhas diferentes em seu fogão. Era um homem direto, não tinha propensão a pensar muito no jeito como dizia as coisas. Não quando suas palavras eram suficientes para chegar ao resultado.

— O que diabos você está fazendo? — ele perguntou.

Evangeline deu um pulo e quase deixou cair a espátula que segurava. Virou a cabeça em direção a ele, seus olhos enormes em seu rosto enquanto ela o mirava com ansiedade. Em suas pupilas vívidas e azuis, uma clara confusão se refletia, e ela lançou-lhe um olhar desorientado, que sugeria que ele estava errado em fazer aquela pergunta.

— Justice me disse que você chegaria às seis. Disse para eu não me arrumar, porque a gente ia comer aqui. Achei que queria que eu cozinhasse... Ele me disse que a gente ia comer aqui — Evangeline repetiu, como se assegurando a si mesma de que não tinha entendido errado.

Havia um tremor na voz dela e Drake suspirou, percebendo que ela poderia tê-lo interpretado mal. O medo e a incerteza nos olhos de Evangeline fizeram, por instinto, que a resposta dele fosse gentil. Não queria começar mal a noite. Não quando havia tanta coisa em jogo.

— Não tenho a menor intenção de transformá-la em uma escrava, nem espero que cozinhe para mim. Tenho um serviço de entrega que traz as melhores refeições quando quero comer em casa. Eles entram, preparam a mesa e vão embora discretamente. Agendei uma entrega às 7 horas da noite. Tinha planejado conversar com você antes de comermos.

— Oh... — Evangeline murmurou.

Ela olhou para a refeição que estava preparando, suas bochechas ganhando cor, constrangimento embotando seus olhos azuis normalmente brilhantes. Aquilo era como um soco no estômago de Drake, e o fez se sentir como o pior tipo de idiota por ser tão tosco e fazer uma declaração soar como reprimenda. Como se tivesse feito algo errado. Na real, o fato de ela fazer comida para ele o tocava para caramba. Sua própria mãe, pelo que se lembrava daquela vadia, nunca tinha cozinhado nada para ele.

— Desculpa — Evangeline disse, em um sussurro abafado. — Posso jogar fora. Entendi errado. Desculpa — ela disse, mais uma vez.

Drake sentiu como se tivesse acabado de chutar um cachorrinho, e não foi nada agradável. Não queria de modo algum ferir os sentimentos dela, que obviamente tinha feito um grande esforço para preparar o que parecia ser um jantar suntuoso.

— De jeito nenhum — ele disse, com firmeza. — O cheiro está uma delícia e boa comida nunca deve ser desperdiçada. Vou ligar para o serviço de entrega e cancelar o nosso pedido. Quanto tempo para o jantar ficar pronto?

Ela ainda evitava olhar em seus olhos. Pegou uma colher grande e mexeu os ingredientes em uma das panelas.

— Está pronto. Estava apenas mantendo aquecido para servir assim que você chegasse — ela disse, com suavidade.

Ele percebeu que a conversa ia ter que esperar até depois do jantar, mas não ia começar magoando Evangeline e dando-lhe motivos para erguer uma barreira entre eles. Aquela comida poderia ter gosto de merda, e ainda assim ele ia comer e elogiar porque não queria humilhá-la.

E, mais uma vez, ele lembrou a si mesmo de que era para ele que ela tinha cozinhado. Era uma coisa simples, mas nenhuma mulher tinha feito isso antes, muito menos feito o esforço de já estar com o jantar pronto assim que ele chegasse em casa do trabalho.

Caminhou até Evangeline e deslizou os braços ao redor do corpo dela, encaixando as costas em seu peito. Inclinou-se e roçou os lábios sobre a parte nua do pescoço dela, sorrindo ao provocar um arrepio ali.

— Se o sabor for metade do que é o cheiro, já será delicioso.

Ela relaxou o corpo encaixado nele, deixando a tensão ir embora.

— Por que não veste algo mais confortável enquanto eu ponho a mesa? — ela disse, em uma voz tímida.

Beijou o pescoço dela de novo e, desta vez, mordiscou a pele sedosa antes de se separar dela e se dirigir para o quarto. Ok, então a conversa ficaria para depois do jantar, mas o fato de Evangeline ter cozinhado para ele era um sinal. Ela não estava lutando, e, pelo visto, não tinha mudado de ideia.

Drake esperava uma ligação de Justice xingando e choramingando por ter sido a “babá” do dia. Porém, para sua surpresa, tudo que o amigo tinha

dito depois de levar Evangeline de volta ao apartamento foi, “Essa é das boas, Drake. Vê se não fode”.

Ele franziu o cenho. Já tinha visto a reação de Maddox a Evangeline, assim como a de Thane. E agora Justice tinha claramente caído nos encantos dela também. Não tinha muita certeza de que gostava desse impacto que ela tinha em seus homens: poderia fazê-los comer em sua mão. Drake desconfiava que, se ela voltasse atrás e desistisse dele, um ou todos os três tentariam ter algo com ela.

Mas isso não ia acontecer mesmo.

Depois de vestir uma calça jeans confortável e uma camiseta, voltou à cozinha para encontrar Evangeline colocando os pratos na mesa da sala de jantar. Quando ela o ouviu, virou-se e fez uma careta.

— Não sabia que vinho você prefere, então comprei um tinto e um branco.

— Gosto de ambos. Vou tomar o que você estiver tomando — ele disse.

Evangeline abriu uma garrafa e serviu duas taças. Depois, ficou nervosa, observando-o, como se não soubesse o que fazer a seguir.

— Sente-se — ele disse. — Não queremos que a comida esfrie.

Ele puxou uma cadeira para Evangeline e, então, sentou-se em frente a ela para poder observá-la e olhar em seus olhos. Nem sequer tinha prestado atenção ao que ela tinha cozinhado, mas, naquele momento, em que via o prato cuidadosamente disposto em sua frente, percebeu que tratava-se de um filé de peixe enegrecido, com um molho por cima. Também tinha uma batata assada e dois outros acompanhamentos que ele não reconheceu. Mas a aparência – e o cheiro – eram bons.

A apresentação era digna de qualquer restaurante que ele frequentava. Estava acostumado a comer bem, um prazer que não se negava agora que podia. Crescer na pobreza e com fome deixava marcas na alma de um homem. Tinha jurado sobre o túmulo de sua mãe, quando tinha 11 anos de idade, que sua vida não seria como a dela. Que ele faria e teria mais. Acima de tudo, jurou que nunca mais passaria fome de novo.

Embora fosse avarento com sua fortuna quando se tratava de assuntos de negócios, sendo motivo de chacota entre seus sócios pela mão de vaca, permitia-se, sem pudor, a alguns luxos pessoais, principalmente a refeições de alta gastronomia. Portanto, conhecia uma apresentação profissional quando via uma. E a dos pratos de Evangeline pareciam tão hábeis e magistrais quanto as de seus restaurantes favoritos e mais caros.

Restava saber se o gosto estava à altura da aparência, mas até aquele ponto Drake estava impressionado. Pelo visto, seu anjo era cheio de surpresas. De repente, estava ansioso para descobrir os segredos dela, o que mexia com ela, o que estava embaixo daquele véu de doce inocência e daquele brilho que era impossível de ser ignorado por qualquer ser vivente perto dela.

Ela mexia o garfo, espiando Drake com os olhos abaixados. Ele partiu o peixe, levou um pedaço até a boca e parou. Mastigou e, em seguida, comeu outra garfada, não acreditando no que tinha acabado de experimentar.

Agora motivado a saborear os outros pratos, experimentou um pouco dos dois acompanhamentos que não sabia o que era e, com um gemido, se jogou para trás. Ela parecia apreensiva, e ele notou que não tinha comido nada de seu próprio prato.

— Isto está demais, Evangeline. Tem um sabor magnífico. Você mesma que fez? Tem certeza de que não está tirando uma comigo e pediu em algum lugar? — ele brincou.

O rosto de Evangeline corou, mas seus olhos brilharam de prazer com o elogio. Constrangida, abaixou a cabeça e, em seguida, assentiu.

— Eu amo cozinhar — ela disse, suavemente. Então, levantou a cabeça para que seus olhares se encontrassem, e suas bochechas coraram de novo. — Sou muito boa nisso, na verdade. Sempre cozinhava quando morava com meus pais e quando morei com as minhas amigas, para economizarmos e não precisarmos comer fora. Quando era mais nova, ia para a biblioteca para ver livros de culinária e copiar as receitas. A gente não tinha TV a cabo ou por satélite, portanto não havia acesso aos programas sobre cozinha e tinha que aprender por tentativa e erro. É incrível como dá para fazer refeições deliciosas com ingredientes baratos. O segredo está no tempero. Comer fora era um luxo que não podíamos pagar. Nem mesmo fast-food, e, bem, sendo sincera, quando comecei a melhorar na cozinha, preferia minha própria comida a essas gordurosas que a gente compra na rua.

Drake quase não conseguiu disfarçar uma careta. Quando Evangeline teve tempo de viver sua própria vida? Aliás, de ter uma vida própria? Pelas pistas que conseguia juntar, ela tinha sacrificado tudo pela família: mesmo tendo saído de casa para ganhar mais dinheiro, precisou viver apertada para sustentar os pais. E ele ainda não conseguia entender por que os pais dela não podiam se sustentar. Ela tinha contado que o pai tinha se

machucado no trabalho e não tinha recebido indenização, mas e a mãe dela? Teve raiva de que uma garota linda, prestes a se tornar uma mulher, tivesse que deixar tudo em suspenso para trabalhar até o osso, deixando de lado seus sonhos e desejos. Mas era isso que também fazia Evangeline ser especial. Colocava os outros em primeiro lugar por pura generosidade e altruísmo.

— Quantos anos você tinha quando começou a aprender a cozinhar? — Drake perguntou, sabendo que não ia gostar da resposta.

— Nove — ela respondeu, como se fosse a coisa mais normal do mundo. — Mamãe me ajudou o quanto pôde, mas, para ela, era mais importante estar com o papai. Então assumi a cozinha, e eles fingiam não notar quando a fumaça tomava conta de casa e eu corria para abrir todas as portas e janelas — ela terminou com uma risada.

Mas Drake não estava rindo. Estava furioso. Nove. Ela tinha 9 anos quando assumiu o papel de cuidadora principal de seus pais adultos. Ele precisou colocar as mãos embaixo da mesa para que ela não visse seus punhos se fechando, firmes. E a atitude dela dizia tudo: Evangeline não via nada de anormal em uma criança ser forçada a se tornar adulta de repente, e ter que assumir esse monte de responsabilidades. Nunca ter tido uma infância. Muito parecido com ele mesmo, embora as circunstâncias fossem bem diferentes. Ela, pelo menos, tinha comida para comer e ela não tinha reclamado uma única vez sobre a forma como era tratada pelos pais. Na verdade, toda vez que falava da família, a expressão no rosto de Evangeline se suavizava, e seus olhos se aqueciam de amor.

Mas nada mudava o fato de que ela tinha sido roubada de coisas que eram comuns para a maioria das crianças. Alguma vez planejava viver a própria vida? Fazer algo somente por si mesma?

Claro que sim. E ele cuidaria disso. Não podia mudar o passado, nem o seu, nem o dela, mas poderia mudar o futuro de Evangeline, caralho, e o tempo de colocar as próprias necessidades de lado pelas pessoas que ela amava iria acabar.

Não podia prometer muita coisa, mas ao menos aquilo ele podia garantir: ela nunca mais viveria para servir aos outros, querendo ou não.

Continuaram a comer em silêncio enquanto Drake tentava desvendar o enigma Evangeline Hawthorn. Cada vez mais, percebia que ela era diferente de qualquer outra mulher que conhecera, e não sabia direito o que fazer com isso. Ou com ela. Nunca tinha estado nessa situação antes.

Ainda que por pouco tempo, tratava todas as mulheres com quem ficava de um jeito tranquilo e calculado. Nunca cometia erros. Seguia uma rotina e seus esforços eram extremamente apreciados e recebidos com prazer.

Pela primeira vez na vida, teve dúvidas de como lidar com uma mulher. Ele percebia a ironia. Era óbvio que não podia empregar a estratégia de sempre com Evangeline: ela não era como suas outras mulheres. Outro homem poderia ficar irritado com isso, mas Drake se enchia com uma expectativa que nunca sentira antes.

Aquela mulher talvez fosse ser o seu maior desafio, e ele adorava desafios. Teria que descobrir como lidar com ela. O que lhe agradava. A última coisa que queria fazer era ofendê-la ou ferir o orgulho dela. E orgulho era algo que Evangeline tinha em abundância. Drake admirava e respeitava isso, porque orgulho era algo de que entendia muito bem.

Seus pensamentos se voltaram para a preocupação anterior, de que ainda não tinha determinado uma data limite para esse relacionamento – sim, relacionamento, uma palavra que nunca usara para se referir a algo que tivesse com uma mulher. Porque uma coisa ele sabia com certeza: seria preciso mais do que alguns dias, semanas ou mesmo meses para aprender tudo sobre seu anjo. E ele ansiava por cada um desses momentos.

Percebendo que tinha limpado o prato, ele se recostou na cadeira e pousou o olhar sobre o que era seu.

— Estava maravilhoso, Evangeline. Mas você estava errada em dizer que é uma boa cozinheira.

Seus olhos se arregalaram, mas antes que ela pudesse tirar a conclusão errada, ele continuou.

— Você é uma cozinheira incrível. Perdi as contas de quantos restaurantes três estrelas conheço e essa foi a melhor refeição que já fiz. E o fato de ter feito isso para mim deixa tudo mais especial. Obrigado.

Ela corou de um jeito intenso, mas seus olhos brilharam de felicidade com o elogio. Todo seu rosto se iluminou e ele teve o fôlego momentaneamente roubado por vê-la tão radiante. Meu Deus, como aquela mulher tinha conseguido chegar virgem até os 23 anos de idade para perder a virgindade com um idiota? Os homens deviam estar tentando levá-la para cama desde que era uma adolescente.

Mas, na real, ele já sabia a resposta. Homens não estavam nos planos ou metas de Evangeline. Ela tinha estado ocupada demais cuidando da família e trabalhando o dia todo para ter tempo de pensar em relacionamentos.

Drake se repreendeu, lembrando-se também de outra razão importantíssima para Evangeline não ter muita experiência. Ela não tinha noção de como era bonita. Achava que não era nada nem ninguém.

Ainda que fosse a última coisa que fizesse, ia fazê-la se enxergar da mesma maneira que ele o resto do mundo a viam.

— Tem uma sobremesa também — ela disse. — Um bom jantar não termina sem um doce. Por causa do tempo curto, só consegui preparar coisas simples. Mas você pode escolher entre mousse de chocolate caseiro com cobertura de chantilly ou cupcakes.

— Quero os dois — ele disse, sem hesitar por nem um segundo, fazendo-a sorrir.

— Por algum motivo, não achava que você era de cupcakes — ela comentou, divertindo-se.

— Se tem açúcar, eu gosto.

— Então espere até experimentar minha torta de caramelo com chocolate — ela disse, sonhadora. — É um pecado.

— Mal posso esperar — ele disse, com uma voz sussurrante que sugeria que havia outras coisas pelas quais também estava ansioso.

Ela sorriu, se afastou depressa e voltou com dois cupcakes e os mousses de chocolate habilmente montados em vasilhas de cristal, em uma bandeja de prata elegante. Drake olhou para ambos, sabendo que, se a sobremesa estivesse à altura do jantar, em breve estaria gemendo de novo. E não ficou desapontado.

— Você já está me mimando — disse ele, enquanto empurrava os pratos para o lado e pegava o guardanapo para tirar as migalhas que sem dúvida estavam penduradas em sua boca.

— Não tanto quanto você a mim — ela respondeu, direta.

— Que bom.

Evangeline se levantou, com um sorriso ainda brilhando nos lábios, e começou a recolher os pratos vazios. Drake franziu o cenho e envolveu o pulso dela com seus dedos, detendo-a na mesma hora.

— Deixe — disse ele. — A faxineira virá amanhã de manhã. Pago para ela fazer isso. Você e eu temos assuntos para conversar.

Um olhar de incerteza instantâneo no rosto de Evangeline causou um aperto no peito de Drake, a ponto de deixá-lo desconfortável. Ele soltou o pulso dela, levantou-se e estendeu a mão para ela, esperando-a decidir corresponder o gesto. Estava chocado com as próprias atitudes. Nunca

permitia que outros ditassem as pautas. Ou que outra pessoa tomasse a iniciativa. Ele era um homem de comando. Implacável até. E, no entanto, esperou que uma pequena mulher confiasse nele o suficiente para decidir segurar a sua mão.

Mas quando seus dedos macios e suaves deslizaram cheios de confiança entre os dele, ficou subitamente feliz por ter esperado e ter preferido respeitar a escolha dela. De alguma forma, valia muito mais o fato de ela ter ido até ele por vontade própria, sem nenhum resquício de apreensão nos olhos.

Drake a guiou até a sala e a acomodou no sofá. De repente, lembrou-se da pequena caixa no bolso da calça e decidiu pegá-la, sem soltar a mão de Evangeline. Deu a caixinha para ela sem dizer nada. Não era nem um pouco piegas e sentimental, e preferia deixar que os presentes falassem por si mesmos. Sempre tinha funcionado no passado.

Ela olhou para o embrulho em estupefação e, então, ergueu o olhar espantado.

— Drake, o que é isso?

Os cantos da boca dele se curvaram em um meio sorriso.

— Abra e descubra. Não é isso que se costuma fazer?

Em vez de rasgar o papel, como a maioria das mulheres que ele conhecia costumava fazer, ela encarou o embrulho maravilhada e tocou o laço e o papel colorido com reverência. Jesus, ninguém nunca lhe tinha dado um presente antes? Não, ele não queria saber a resposta. Só iria deixá-lo mais puto.

— Tenho medo de estragar — ela disse, sussurrando. — É lindo demais.

Evangeline ameaçava transformá-lo em um maluco e eles sequer tinham sacramentado que ela era dele, e só dele. O que isso dizia sobre o futuro, ele não sabia direito, mas não estava totalmente certo de que gostava.

Ainda assim, Drake permitiu-se um sorriso aberto e sentiu algo muito parecido com relaxamento se instalar em seu peito. Tinha desligado o celular, e nunca fazia isso. E todos os seus homens tinham ordens de não perturbá-lo como na noite anterior, sob pena de serem desligados da equipe. Por Deus, ele ia estabelecer as coisas com Evangeline naquela noite de qualquer jeito.

Hesitante, começou a desembrulhar o pacote, tomando cuidado para não rasgar. Deslizou a unha sob a fita adesiva e conseguiu abrir deixando o papel intacto. Tocou a fita como se estivesse se deliciando com a textura

acetinada, da mesma forma como Drake tinha se deliciado com a sensação acetinada de sua pele.

Então, com a caixa no colo, Evangeline a observou como se não tivesse ideia do que fazer em seguida. Drake percebeu ela puxando o ar subitamente, um ar que não exalou em seguida.

— Abra, Angel — Drake disse, com uma voz rouca que ele mesmo não reconheceu.

Com os dedos tremendo, ela abriu a tampa e mordeu o lábio em consternação quando encontrou ali dentro outra caixa, esta, de joalheiro, feita de veludo. Virou de cabeça para baixo e sacudiu de forma gentil até a caixa de veludo cair na palma de sua mão, e então virou-a de novo e, desajeitada, seu polegar abriu a caixa.

— Oh, Drake — ela sussurrou.

Lágrimas cintilaram nos olhos de Evangeline ao mirar Drake, e havia uma angústia clara. Que diabos?

— Você não deveria ter feito isso. É muito caro — ela disse, em um tom de pânico.

E ainda assim seu dedo percorreu o delicado pingente de anjo preso ao colar de ouro aninhado na caixa.

— Você gosta? — ele perguntou.

— Adoro — disse ela, sem pestanejar. — É a coisa mais linda que alguém já me deu.

A dor na voz de Evangeline provocou uma pontada no peito de Drake. Ele respondeu:

— Então não foi tão caro.

— Drake, você mal me conhece — ela protestou. — Não precisava me comprar um presente.

— E você não precisava me preparar o jantar — ele a desafiou. — Mas mesmo assim preparou.

Evangeline parecia atrapalhada, como se não tivesse ideia do que dizer.

Drake sabia que se esperasse ela tirar o colar da caixa para colocá-lo, ficariam ali a noite toda. Pegou então a caixa do colo dela, tirou o colar das presilhas e pediu que ela se virasse de costas.

Evangeline se virou na mesma hora e, mais uma vez, Drake foi tomado pela satisfação de que ela obedecia seus comandos sem hesitar. Não se tratava de uma mulher que seria submissa a qualquer um, e isso a tornava ainda mais desejável. Não, era submissa a ele. Não enganava a si mesmo

acreditando que ela era uma submissa natural e reagiria desse jeito com qualquer homem. Que tivesse escolhido Drake, percebendo isso conscientemente ou não, era algo que ele nunca daria como certo, mas quase o oposto – valorizaria como o presente precioso que era. Quando ela se virou de frente de novo, seu olhar e seus dedos baixaram para o colar que descansava no vale de seus seios. Ele quase riu quando ela disse que aquilo tinha sido muito caro. Era o presente menos dispendioso que já dera a uma mulher, e, ainda assim, tão apropriado que ele não pôde deixá-lo passar. Tinha também o fato de que Drake sabia que precisava ir devagar com Evangeline. Não era uma mulher para ser coberta da cabeça aos pés com joias e roupas espalhafatosas. Não era uma mulher que precisava desses acessórios para brilhar ou melhorar a beleza. Sua beleza dispensava tais enfeites e distrações.

Tocou a mão dela e a pegou, movendo-se até ficarem mais próximos, as coxas se tocando, as mãos de ambos sobre a perna dele.

— Há várias coisas que precisamos discutir hoje à noite, meu anjo, mas, primeiro, quero saber o que te incomodou essa manhã.

Os olhos dela se voltaram para cima, assustados enquanto ela o encarava em evidente confusão.

— Algo a estava incomodando quando saiu para ir às compras — ele disse, paciente. — E não tinha nada a ver com nossa conversa ao telefone. Gostaria de saber o que era.

O olhar de Evangeline agora mirava o chão, e ela se moveu, nervosa, deixando os ombros caírem. Drake viu seus lábios se voltarem para baixo, formando uma expressão de desagrado. Justice estava certo, e Drake acreditava saber exatamente a origem do que a incomodava.

— A ligação para as suas amigas teve alguma coisa a ver com seu silêncio e a falta de brilho nos seus olhos nesta manhã? Porque, amor, você brilha. Apenas sendo você, brilha. A menos que algo a incomode ou aborreça.

Xingou baixinho quando Evangeline corou e os lábios dela tremeram. Ela virou o rosto para esconder a reação – como se fosse possível. Era uma mulher sem artifícios. Bastava olhar para ela para saber o que estava pensando ou sentindo. Era bom que fosse inerentemente honesta, porque daria uma terrível mentirosa.

Com carinho, ele segurou o queixo dela e o virou para encará-lo. Quando viu as lágrimas brotando daqueles lindos olhos azuis, foi como

levar um soco no estômago.

— Me conta — ele disse.

— Elas acham que perdi a cabeça — ela disse, em uma voz desgastada. — Estão preocupadas. Não as culpo.

— E? — Drake respondeu, sabendo que havia muito mais que aquilo.

— Steph me disse que eu era uma boba por aceitar depender tanto de um homem e perguntou quanto tempo eu achava que levaria para você se cansar de mim e me dar um pé na bunda, e como eu ficaria depois.

Havia um tom de amargura em sua voz que sugeria que as palavras cáusticas das amigas haviam tocado uma ferida já aberta, na insegurança de Evangeline. Se Drake pudesse colocar as mãos no pescoço de Steph naquele momento, ele o faria. Aquela maldita mulher já tinha causado problemas suficientes na noite anterior. E ela se considerava amiga de Evangeline? Inferno, com amigos como ela, quem diabos precisava de inimigos?

— Eu não deveria ser tão sensível — ela disse, em seguida, os olhos buscando os de Drake, preocupados, como se tivesse medo que ele achasse que queria ouvir dele alguma garantia.

— Acho que o que me incomodou mais foi o jeito como ela disse. Ela soou... irritada. Sarcástica. Sei lá. Talvez até amarga. Como se eu estivesse traindo as meninas de alguma forma por ter saído de lá. E...

Ela parou, baixando o olhar, a cor mais uma vez inundando seu rosto. Mordeu o lábio, e ficou óbvio que não tinha a intenção de dizer tanto. Mas ele já sabia o quanto Evangeline era aberta e honesta

— E o quê? — Drake quis saber, carinhoso. Evangeline suspirou.

— Na noite em que eu fui à boate, ela, Lana e Nikki só falavam como eu era linda e que idiota Eddie tinha sido e como ele não conseguia reconhecer uma coisa boa quando via, blá-blá-blá. Me disseram que eu não sabia como era linda. Mas se Steph acredita nisso de verdade, por que ela acha que um cara como você não iria querer uma mulher como eu e me dispensaria na primeira oportunidade?

Drake precisou respirar fundo para se recompor e controlar os palavrões que estava doido para dizer. Estendeu as mãos e segurou, dos dois lados, o rosto de Evangeline, marcado pelas lágrimas. Mirou diretamente aqueles olhos lindos e inocentes.

— Imagino que haja muitas coisas por trás do que ela diz, Angel. Tenho certeza de que foram pegas desprevenidas e não estavam preparadas para

sua saída repentina, já que você sempre foi uma fonte constante de apoio emocional para elas. Estou certo, não estou? É você que elas provavelmente buscam quando têm alguma desilusão amorosa ou estão irritadas com alguém ou apenas tiveram um dia ruim.

A expressão dela disse tudo. Não havia necessidade de resposta, então ele continuou:

— E tenho certeza de que ela está preocupada com você, mas, amor, me escute e escute com atenção, porque não vai gostar do que estou prestes a dizer, mas isso não faz com que seja menos verdade.

Os olhos dela miraram os seus, a dúvida clara refletida neles.

— Ela é uma vaca invejosa.

Evangeline engasgou e teria respondido, sem dúvida para dizer que aquilo não era verdade, mas Drake moveu uma das mãos e usou o polegar para pressionar os lábios dela, silenciando qualquer explosão.

— Ela não estava mentindo quando lhe disse como é linda e que não tem ideia disso. Mas você não é uma ameaça quando não tem essa consciência e não age sobre ela. Não duvide, nem por um minuto, de que ela está se matando de inveja por você estar aqui e ela estar onde está. Ela está com um puta ciúme por ser você aqui comigo e não ela. E eu apostaria até meu último centavo que ela gostaria de nunca ter lhe dado aquela entrada VIP para a Impulse.

Evangeline pareceu-lhe aflita e Drake também viu que suas palavras tinham causado impacto. Podia vê-la reprisando o que tinha dito de novo e de novo em sua mente, repassando a conversa e chegando à mesma conclusão que ele.

Depois, ela fechou os olhos enquanto mais lágrimas escorriam em silêncio por seu rosto, colidindo com as mãos dele. Ele se inclinou para frente e, de baixo para cima, apagou as linhas com beijos, primeiro uma bochecha e depois a outra.

— Isso não significa que ela te odeie — disse, com suavidade. — Ela já deve lamentar a explosão do outro dia e, provavelmente, quer pedir desculpa. E você, sendo você, vai aceitar e deixar isso para trás para continuarem amigas. Uma hora ou outra, todo mundo tem ciúme. E todo mundo já disse algo que não queria dizer ou já machucou alguém querido, mas isso não quer dizer que ela não te ame.

— Obrigada — ela sussurrou.

Ele acariciou as bochechas dela com os dedos, desfrutando o simples ato de tocá-la. A conversa estava longe de estar concluída, pois, independentemente das intenções de Steph, ela tinha conseguido plantar uma semente de dúvida na cabeça de Evangeline – uma semente da qual ele precisava se livrar antes que germinasse e arruinasse algo bonito.

— Agora, tem outra coisa sobre essa conversa que eu queria falar, e preciso que me escute — ele disse, certificando-se de que ela sabia que falava sério. — Nunca mais nada te faltará. Você será cuidada para sempre. Se te deixa mais segura, vou tomar providências agora mesmo, assim você não ficará sem renda nem quando estivermos juntos. Compro um apartamento se quiser ficar na cidade, ou, se preferir, compro uma casa para você morar afastada do centro. Em seu nome, é claro. Além disso, vou abrir uma conta bancária para você, a menos que já tenha uma, em que vou depositar dois milhões de dólares. Porém, enquanto estiver comigo, não deve gastar um centavo. O que usa, o que come, o que bebe e todo o resto será comprado e pago por mim. Entende?

Evangeline pareceu totalmente horrorizada. A expressão em seu rosto era tal que parecia que ele a estava ameaçando de morte. Ela tapou os ouvidos com as mãos.

— Pare! Deus do céu, pare! Não quero um apartamento ou uma casa e, principalmente, não quero seu dinheiro. Está tentando fazer com que eu me sinta pior?

Um estremecimento de repulsa tomou o corpo de Evangeline, e ela parecia estar prestes a se desmanchar em lágrimas mais uma vez.

— É tão barato e vulgar — ela disse. — Como se eu fosse uma prostituta. Estou aqui porque quero, Drake. Não pelo que poderia extorquir de você. Ou porque tem dinheiro. Só queria... você. Você pensar assim...

Ela parou de falar e, com as mãos, cobriu o rosto, os ombros tremendo com os soluços silenciosos.

Drake xingou Steph, e também a si mesmo e toda aquela merda de situação. Sabia que Evangeline não era como as outras e ainda assim a tratava como elas. Sua tentativa de assegurar a ela que nunca mais ficaria em uma situação difícil mesmo que não estivessem mais juntos tinha ido bem mal. Não estava acostumado a mulheres como Evangeline e não tinha ideia de como agir.

Drake puxou Evangeline para um abraço e a segurou firme contra seu peito, muito abalado por sua explosão apaixonada. Só queria... você.

Quando alguém quisera ele, o homem? Pelo que era e não pelo que podia proporcionar? Ficou tão surpreso que não soube reagir.

— Desculpe, Angel — ele disse, brusco. — Não queria que soasse assim. Só quero que saiba que está segura comigo. E que nada vai lhe faltar. Juro que não quis ofendê-la. Falei merda. Sei muito bem que você não é uma oportunista que só quer me sugar. Não pensei antes de falar. Tudo que quero é que saiba... que acredite... que sempre farei o que puder para que seja cuidada. Confia em mim o suficiente para acreditar na minha palavra?

Lentamente, ela se afastou de seu peito, seus olhos brilhantes de lágrimas. Olhou Drake nos olhos, como se estudasse suas intenções e o nível de sinceridade. Ele nunca se sentira tão examinado em sua vida. Tampouco se sentira tão carente. Não havia uma pessoa no mundo que pudesse olhar para Drake Donovan e fazê-lo sentir uma gota de remorso ou compaixão. Exceto, aparentemente, um pequeno anjo bonito que ele sabia que era uma pessoa muito melhor do que ele – mas ele não era um homem bom o suficiente para deixá-la ir.

— Você me explicou o que significava estar com você. Que eu seria submissa. Que você controla a mim e a tudo a minha volta. E que não tenho escolha e não posso dizer não. Isso me assusta, Drake. Não vou mentir. Nunca dependi de ninguém. Apenas de mim mesma. É mais seguro assim. Não me machuco quando não dou a outra pessoa o poder sobre mim. Por favor, não ache que isso significa que não confio em você, embora Deus saiba que não seria estupidez eu não confiar, considerando que nos conhecemos há menos de 48 horas. Não estaria aqui se não confiasse em você pelo menos em um nível instintivo. E talvez isso faça de mim a tola ingênua de que todos me acusam. Só preciso saber mais. Você quer que me submeta. Que te dê o poder máximo sobre mim. Como isso funciona exatamente? Quer dizer, o que vai exigir de mim? Preciso saber tudo ou vou ficar assustada imaginando as piores situações.

— Não quero nunca que tenha medo de mim, Angel — ele disse, calmo. — Nunca. Não vou te machucar. Tenho grandes expectativas e meu padrão é exigente. Podem parecer extremos, mas em meu mundo eles são males necessários.

A expressão no rosto dela era de confusão.

— Não quero que se sinta enjaulada nunca, mas também sei que a vida comigo será uma mudança drástica para você e precisará de tempo para se

ajustar. Qualquer hora, e todas as vezes em que sair deste apartamento ou for a qualquer lugar sem mim, terá um homem com você – um dos meus homens de confiança. Estará protegida o tempo todo.

Seus olhos se arregalaram, alarmados, mas, antes que ela ficasse ainda mais assustada, ele se adiantou:

— Vou querer você disponível para mim o tempo todo. Haverá momentos em que vou querer você comigo quando precisar sair. Se eu estiver em casa, você estará aqui comigo. Quando não estiver comigo, vou querer saber onde está e com quem, o tempo todo. Não ficarei feliz se você se esquecer de me informar sobre seus planos.

Ela engoliu, nervosa.

— Já avisei o seu patrão, no bar, que não vai mais trabalhar lá.

Drake parou quando ela engoliu em seco e lançou em sua direção um olhar de advertência que calou o protesto que ia se formando em seus lábios.

— Suas amigas estão sendo cuidadas. O aluguel está pago pelos próximos dois anos e consegui um documento do proprietário garantindo que não haverá aumento no preço nos próximos dez anos. Amanhã, vou precisar do número da agência e conta bancária de seus pais. Vou transferir os fundos necessários para que não tenham mais preocupações financeiras e você nunca mais precise se matar de trabalhar para sustentá-los.

A mandíbula de Evangeline cerrou-se, e ela estava trêmula da cabeça aos pés, se por raiva ou por emoção ele não sabia dizer. Mas, consciente de como ela era orgulhosa, duvidava que fosse a última causa. Mais provavelmente, era a primeira.

— Você entrou no meu mundo de bom grado, Angel — ele disse, com suavidade. — E, portanto, concordou com minhas regras, com meu jeito. Prometi que tomaria conta de você e que nunca lhe faltaria nada, e isso se estende às pessoas que são importantes para você.

Lágrimas brilharam intensamente, penduradas nos cílios escuros de Evangeline – um belo contraste com seu cabelo loiro mel e seus fascinantes olhos azuis.

— É fácil perceber o que estou ganhando aqui — ela disse, em um tom estrangulado. — Mas o que você ganha, Drake? Do meu ponto de vista, você não está se saindo bem nessa negociação, e por uma enorme margem. Na verdade, para mim você não está ganhando nada. Então por que fazer tudo isso?

— Você, anjo. Ganho você. Você inteira. Acredite em mim, está muito enganada sobre só você se sair bem nessa. Para mim, estarei sempre devendo, porque ter você vale mais do que todo o dinheiro do mundo.

Viu no rosto dela um olhar de choque e a imediata erupção de arrepios em seus braços.

— Tudo que precisa fazer é ser você, amor, e, pelo que sei, isso não será problema, porque não há uma gota de falsidade no seu corpo. E, sendo você, você será minha, e eu protejo e cuido de tudo que é meu. Me dê seu corpo, sua submissão, sua obediência, sua confiança e você, e tudo ficará bem. Prometo.

— Não sei o que dizer — ela disse em um tom impotente.

— Já disse o suficiente. Disse que sim. Me deu sua confiança. E, sendo sincero, já falamos demais esta noite. Agora, vou levá-la para o quarto e fazer você ser minha.

13

Drake se levantou e, em seguida, deslizou os braços por baixo do corpo de Evangeline. Levantou-a em seu colo sem fazer esforço e caminhou em direção ao quarto. Ele a deitou na cama com uma reverência que fez um nó na garganta dela. Então, deitou-se também, colando a boca na dela em um beijo quente, de tirar o fôlego, arrebatador.

Ele só parou para cobrir o pescoço dela de beijos, do maxilar até logo abaixo da orelha, e mordiscar de leve a pele sensível, provocando arrepios por todo corpo de Evangeline. Lambeu o lóbulo antes de chupá-lo suavemente entre seus dentes, mordendo com força suficiente para fazê-la ter calafrios de desejo.

Inclinou-se de novo e seu rosto pairou sobre o dela para que os olhos se encontrassem. Ela pôde ver a intensidade ardendo em seu olhar escuro.

— Você é linda, Angel. E, antes que esta noite acabe, você não somente terá essa consciência como também sentirá isso.

Meu Deus. Aquele homem era letal.

Lentamente, como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo, ele a despiu, peça por peça. Cada vez que um item era retirado, ele mergulhava a boca e explorava a região exposta. Evangeline estava ofegante, arqueando o corpo a cada toque dele – e ainda nem estava completamente nua.

Quando seu sutiã se soltou, ela teve um breve momento de pânico. Seus seios eram apenas... medianos. Não muito firmes e não ficavam empinados sem a ajuda do sutiã. Ela tinha comprado um só porque, em seu ramo de trabalho, exibir os poucos atributos que tinha era melhor para ela. Não eram flácidos. Estavam lá e eram um pouco moles. Aff!

— O que diabos está passando por sua cabeça agora? — Drake murmurou enquanto a fitava nos olhos.

— Você não quer saber — ela murmurou.

— Pare de pensar — ele ordenou, em um tom de comando que a deixou estremecida.

Os olhos dele brilharam e ela teve o primeiro vislumbre verdadeiro do homem dominante a quem se entregara.

— Apenas sinta — ele disse, sua voz se suavizando, indo do macho alfa dominante para o que só pode ser descrito como um ronronar.

— Ok — ela sussurrou.

Drake abaixou a cabeça e ela engoliu em seco, ansiando, doendo, morrendo pelo momento em que ele fechou a boca sobre seu mamilo. Ela soltou um gemido de prazer e frustração quando, em vez disso, ele passou a língua pelo bico já rígido, deixando-o ainda mais rijo. Depois, virou-se e deu ao outro mamilo igual tratamento, os movimentos calculados e sem pressa.

Deus, eles estavam fazendo amor há apenas dois minutos, e ele já era um milhão de vezes melhor do que Eddie, cuja ideia de preliminares consistia em mordidas – dolorosas – em cada mamilo, enfiar o dedo nela sem cuidado e, em seguida, afastar as pernas dela e enfiar o pau mesmo sem ela estar pronta.

Evangeline sabia que Drake afastaria suas coxas e meteria nela no momento certo, em que estivesse molhada e mais do que pronta para ele.

Finalmente, ela teve o desejo satisfeito e a boca dele se fechou em torno de seu mamilo, chupando com suavidade no início e depois mais forte, com puxões ritmados até que a visão dela ficou embaçada.

— Ah, Deus, Drake, você precisa parar. Não, por favor, não pare.

Ela sabia que já não estava falando coisa com coisa, que estava quase tendo delírios de êxtase, e tudo o que ele tinha feito era beijar seus lábios, seu pescoço e seus seios.

Ele riu, seu hálito quente vibrando contra o mamilo dela, deixando-o ainda mais rijo.

— Qual é, meu anjo? Parar ou não?

— Não sei — ela uivou. — Não sei o que fazer, Drake. Me ajude, por favor.

Ele levantou a cabeça e olhou fundo nos olhos dela, a expressão em seu rosto sombria e muito sincera.

— Confie em mim, amor. Sempre cuidarei de você. Sempre te guiarei. Sempre vou mostrar-lhe exatamente o que fazer. Você tem apenas que relaxar e confiar em mim.

Ela segurou o rosto dele com as duas mãos e levantou a cabeça para beijá-lo, seu primeiro gesto agressivo.

— Eu confio, Drake. Deus me ajude, mas confio. Me sinto segura com você. Nunca me senti tão segura em minha vida.

Um fogo selvagem ardia nos olhos dele e Evangeline sabia que suas palavras lhe agradavam, que era exatamente a coisa certa a fazer e a dizer.

— Deite-se, Angel, e deixe eu te amar. Temos a noite toda e pretendo investir meu precioso tempo para dar prazer à minha garota.

Com a repentina avalanche de emoção, Evangeline fechou os olhos. Ali, naquele momento, sentiu-se desejada. Amada. Como se ela importasse alguma coisa. Que não era comum, não era uma Maria Ninguém. Drake a fazia se sentir muito especial, ela não tinha palavras para descrever como ele a fazia sentir-se preciosa. Nenhum outro homem tinha olhado para ela como ele. Nenhum outro homem a tinha apoiado, ficado ao seu lado e cuidado dela. Era mais do que podia aceitar. Ela estava total e completamente arrebatada.

— Está comigo, querida? — ele sussurrou. — Quero você comigo até o fim.

— Sim, Drake. Estou com você. Não gostaria de estar em outro lugar senão aqui e agora.

Ele estremeceu contra ela e, em seguida, descolou-se de seu corpo só o necessário para conseguir tirar a roupa. Ela olhava admirada, sem piscar, para a beleza dele. O olhar dela foi do alto do corpo dele, sobre a larga extensão do peito, até o abdômen tenso e deliciosamente sarado. Mas quando os olhos deslizaram para ainda mais embaixo e pousaram no monte de pelos em sua virilha e, então, na enorme e túrgida ereção, ficaram loucos de choque.

Eddie não era um homem pequeno e tinha doído quando ele a penetrou. Mas Drake? Ele fazia Eddie parecer um adolescente pré-púbere, e ela engoliu em seco, nervosa, enquanto se perguntava: se Eddie a tinha machucado – e muito – e Drake era bem maior, seria ela capaz de aguentá-lo?

O pau dele estava inchado e rígido, esticado para o alto, em direção ao umbigo, quase paralelo ao abdômen. Calculou que tinha ao menos vinte centímetros de comprimento, e ela nem conseguia imaginar como era grosso. Certamente aquilo não seria possível.

No entanto, estava fascinada pela masculinidade de Drake. O peito largo e musculoso. As coxas malhadas, os bíceps protuberantes. Ele era bem mais alto do que ela, tinha mais de um 1,80 metro, fazendo-a sentir-se delicada e muito menor. Ele poderia esmagá-la como um inseto sem fazer esforço.

Talvez aquilo não fosse uma boa ideia. Sua primeira vez tinha sido um desastre, e o cara com quem estava prestes a transar era muito maior que seu primeiro amante.

— Angel, olhe para mim — ele disse, em um tom suave sem o menor resquício do comando de antes. — Nunca vou te machucar. Por favor, não tenha medo de mim. Você só teve coisas ruins, e agora te darei toda a doçura. Disse que confiava em mim. Então, confie em mim para deixar isso gostoso para você... para nós dois.

As palavras dele caíram como uma luva para acalmar seus medos e apreensões.

— Desculpe — ela disse, tentando substituir sua careta por um sorriso. — Não sou exatamente especialista nisso, mas até eu posso dizer que você é maior do que a maioria dos homens.

Evangeline hesitou por um momento, segurando a respiração, decidindo se correria o risco de arruinar um momento tão pungente. Mas Drake precisava saber o que ela pensava. Merecia saber. Tinha sido muito compreensivo e paciente. Ela devia honestidade a ele.

— A primeira vez doeu. Muito. E ele era bem menor. Não é que não confie em você. Só tenho medo de não ser capaz de acomodá-lo fisicamente sem me machucar ainda mais. Te desejo com cada respiração, te desejo mais do que preciso respirar, mais do que qualquer coisa na minha vida, mas estaria mentindo se dissesse que não estou com um pouco de medo. Quero que seja perfeito com você, Drake. Porque você é tão, tão perfeito.

A expressão no rosto dele se suavizou e ela suspirou, aliviada, por não ter deixando Drake irritado falando do ex. O beijo dele era caloroso e cheio de tudo o que faltava a Eddie. Por vários longos segundos, ele explorou sua boca, dando lambidas suaves em seus lábios, focando-se especialmente em um dos cantos.

Quando se afastou um pouco, seus olhos estavam sérios, mas cheios de calor e sinceridade.

— Não é o tamanho que importa, Angel. O que importa é que o homem tenha certeza de que a mulher está pronta e preparada e, sim, capaz de acomodá-lo. Prometo que vou garantir que esteja assim antes de chegarmos ao final. Se, a qualquer momento, eu fizer algo que te machuque, tudo acaba. Na mesma hora. Espero que me diga se estiver machucando, porque vou ficar muito puto se achar que precisa suportar qualquer dor para me agradar. Entendeu?

Ela deu um sorriso tão largo que suas bochechas doeram. Lágrimas queimaram suas pálpebras.

— Agora podemos voltar para as partes realmente boas?

— Pensei que nunca pediria — ele disse, sussurrando.

Drake pressionou os lábios contra os dela de novo, fazendo amor com a boca, beijando-a longa e vagarosamente, saboreando cada parte de sua língua, absorvendo sua essência, respirando o ar dela, dando-lhe o seu. Então, percorreu o corpo dela devagar, beijando com intensidade, mordiscando, chupando seus mamilos até ela perder a cabeça, deixando-a cada vez mais desesperada.

Assim que ele chegou mais embaixo e colocou a mão firme entre suas coxas para afastá-las, Evangeline soltou um suspirou longo e forte, lembrando-se daquela noite no escritório, quando, usando apenas a língua, Drake lhe dera o maior de todos os orgasmos.

Com os dedos, ele fez uma linha em suas dobras e, depois, com cuidado, as separou, deixando o sexo dela e o clitóris bem à vista – e ao alcance de sua língua.

Ela deu um gemido profundo. Aquela primeira vez tinha sido urgente, esmagadora, como uma bomba explodindo. Desta vez, Drake lambeu, sugou, chupou e provocou, arrastando e prolongando seu prazer pelo que pareceu uma eternidade.

Ele deslizou um dedo para dentro de sua vagina, acariciando as paredes de leve, penetrando mais fundo para chegar, com suavidade, ao seu ponto G, algo que Evangeline pensava ser um mito. Uma umidade repentina encharcou o dedo de Drake, e ele soltou um grunhido de prazer que vibrou sobre o clitóris que vinha banhando com a língua.

Evangeline estava chegando ao orgasmo e queria ele dentro dela, pouco importava se encaixaria ou não. Ela se contorceu, inquieta, implorando em silêncio para que ele a possuísse, que penetrasse tão fundo que não fossem mais duas pessoas, mas apenas uma.

— Só mais um pouco, meu anjo — ele murmurou, contra o clitóris dela. — Quero ter certeza de que não vou te machucar.

Ela quase gritou, me machuque! Não ligo! Apenas faça essa vontade ir embora!

Com cuidado, ele enfiou um segundo dedo, alargando-a e acariciando para frente e para trás até que ficasse ainda mais molhada. Então, retirou os dedos e baixou a boca para a abertura e lambeu a entrada, quase fazendo-a gozar na hora.

Ele circundou a abertura, lambendo-a e chupando levemente, e então deslizou a língua para dentro, saboreando Evangeline de dentro para fora. Estava ofegante, o corpo inteiro contraído, ansiando por algo que se anunciava extraordinário.

Mas em seguida a boca dele a deixou, e era possível sentir a decepção dela tomando todo o quarto.

A mão dele a acalmou.

— Só um momento, Angel. Tenho que te proteger.

Um segundo depois, ele afastou ainda mais as coxas dela e se colocou de joelhos entre elas, segurando sua enorme ereção com uma das mãos enquanto continuava a acariciá-la até estar convencido de que ela estava pronta.

— Gostoso e devagar — ele a acalmou. — Não há pressa. Se precisar que eu pare, diga, mas eu vou lentamente para te dar tempo para se ajustar.

Sentiu a cabeça lisa do pênis de Drake pressionar sua vagina e, por reflexo, arqueou o corpo para cima, querendo mais, mas ele segurou seus quadris com firmeza contra o colchão para impedi-la.

Drake fez uma pausa e a encarou, uma posse feroz gravada em cada canto do rosto dele.

— Esta é a sua primeira vez, Angel. É o que importa. É a sua primeira vez comigo e você vai ter respeito e reverência, e será apreciada como deveria ter sido antes. Quero que esqueça tudo que veio antes de mim. E, da mesma forma que é a sua primeira vez comigo, é a minha primeira vez com você. Não pense que não significa nada. Significa tudo.

Algo mudou dentro dela, seu coração apertando-se e, em seguida, abrandando-se, permitindo uma abertura que nunca existira antes. Que ela nunca tinha permitido a ninguém. A emoção dominava Evangeline e, ainda que quisesse, não conseguiria dizer nada. Mas o que poderia dizer após receber algo tão especial como o que tinha acabado de receber?

Ele. Absolvição do que considerava o pior erro de sua vida. Perdão. Ali, nos braços dele, aquele erro já não existia mais. Drake estava certo. Esta era a primeira vez que ela fazia amor.

Ele avançou devagar, de um jeito agonizantemente lento. Mas assim que chegou mais fundo, ela entendeu por que ele a tinha preparado tanto. Mesmo molhada como estava, Evangeline não tinha ideia de como ele entraria por completo. Por várias vezes, ele fez pausas e, parado, acariciou seu clitóris com o polegar, fazendo-a ter espasmos em torno de seu pênis.

Evangeline já não sabia mais de quem eram os gemidos, se dela ou dele. O rosto dele era a imagem de tensão, olhos fechados, cabeça inclinada para trás como se estivesse experimentando o mais doce dos prazeres ou a dor mais penetrante. Talvez ambos. Deu-lhe um prazer imensurável perceber que ela, Evangeline Hawthorn, comum, nada de especial, podia dar tanto gozo àquele lindo homem, que poderia ter qualquer mulher no mundo.

— Segure-se em mim, Angel — ele disse, a voz tensa. — Envolva suas pernas em torno da minha cintura e incline essa bunda gostosa para cima. Assim, terei um ângulo melhor.

Ansiosa por satisfazer os desejos dele, ela rapidamente fez como instruído e ele penetrou mais alguns centímetros, provocando um suspiro de ambos.

— Mete, Drake — ela sussurrou. — Não vai me machucar. Você nunca vai me machucar. Me possua, me faça ser sua. Por favor. Preciso de você. Muito. Preciso de você. Preciso disso.

Ele gemeu e pareceu travar uma guerra interior consigo mesmo, mas o "por favor" dela, ou talvez o fato de ela ter dito que precisava dele, foi o empurrão que faltava, e ele avançou em uma estocada funda que o fez entrar completamente dentro dela.

Os olhos de Evangeline se abriram de repente, ela foi bombardeada com centenas de sensações diferentes, todas esmagadoras. E nenhuma delas era dor. Apertou as pernas ao redor dele, e cravou as unhas em seus ombros. Ela se arqueou o máximo que pôde, para senti-lo ainda mais.

Ele investiu, indo para frente e para trás em um ritmo lento, afundando o máximo possível antes de retirar o membro até que a cabeça dele mal tocasse a abertura dela, e, em seguida, voltou, deslizando languidamente de volta à mais completa profundidade.

Evangeline nunca sentira nada mais lindo na vida. E ela nunca mais sentiria. Tinha certeza disso, assim como tinha certeza de que o sol nascia todas as manhãs. Seu orgasmo estava florescendo como uma flor que desabrocha sob um raio de sol, e ela sentiu Drake tenso em cima de si: sabia que ele estava tão perto quanto ela. A noite em que ele a fez gozar em seu escritório tinha sido uma escalada rápida a uma explosão esmagadora que a deixara quebrada. Aquilo era muito mais doce, mas não menos intenso ou atordoante. Não era algo só físico, como tinha sido antes. Seu coração já estava envolvido, e ela se sentia impotente para detê-lo.

— Juntos — ela sussurrou. — Estou tão perto, Drake. Não consigo... Não vou aguentar muito mais tempo.

— Se jogue. Vamos juntos — ele sussurrou em seu ouvido.

O mundo embaçou em torno dela e uma única coisa permaneceu em foco: o rosto de Drake acima dela, beijando-a com uma paixão sem fôlego, ternura brilhando em seus olhos. Finalmente, ela chegou lá e se agarrou a Drake, envolvendo o corpo dele com cada parte do seu enquanto se desfazia em um milhão de pedaços, como estrelas espalhadas ao acaso por uma noite clara.

Drake soltou um grito rouco e, com cuidado, deitou-se sobre o corpo de Evangeline, seus quadris ainda bombeando suavemente dentro dela até que ele enfim se aquietou. Ficaram os dois silenciosos e ofegantes no rescaldo de algo que Evangeline não saberia definir com palavras. Por algo que desafiava explicações. Finalmente sabia como era para ser aquilo, e seu único arrependimento era que Drake não tivesse sido o primeiro. Mas não. Ele tinha dito que aquela era a primeira vez – ele foi o primeiro. Eddie tinha sido esquecido e nunca mais seria lembrado. Agora só havia Drake.

— Volto logo, meu anjo — ele sussurrou. — Vou jogar a camisinha fora, fique aqui, não se mexa.

Como se ela pudesse. Evangeline estava completamente anestesiada e não podia se mover nem se quisesse. Alguns segundos depois, Drake voltou para a cama, e os dois viraram de lado para ficar frente a frente.

Drake segurou o rosto dela e o acariciou de leve.

— Não será sempre dessa forma. Mas você precisava que fosse assim dessa vez. Do jeito que deveria ter sido a sua primeira vez. No lugar daquele babaca te machucar, ter prazer e não dar nenhum em troca. Você deveria ter sido tratada com cuidado, e deveria ter sido amada e recebido

carícias como nenhuma outra mulher recebeu. Estou falando sério. Quero que considere esta a sua primeira vez e esqueça que o outro idiota já existiu.

Ah, aquele cara tinha um jeito de atravessar suas barreiras e colocar seu mundo nos eixos – por mais louco que isso parecesse, considerando que, depois de entrar em sua vida, ele só tinha virado tudo de cabeça para baixo.

Evangeline se aconchegou nos braços de Drake, ainda quente, saciada, e não conseguiu resistir ao impulso de correr suas mãos sobre as paredes musculosas de seu tórax e abdômen. Sobre seus ombros e braços bem definidos, que demonstravam um treino rigoroso. Não era um homem que passava o tempo todo atrás de uma mesa, comendo boa comida sem cuidar do corpo.

Ele passou a mão pelas longas madeixas dela, parando de vez em quando para dar um beijo na têmpora, na testa, nos lábios e até nas pálpebras dela.

Enquanto parte da euforia enevoada cessava, as palavras que Drake dissera antes flutuaram de volta para Evangeline. Ela inclinou a cabeça para trás, para encará-lo sob a pouca luz da única lâmpada acesa no cômodo.

— Drake?

—Oi, Angel.

—Como assim?

Ele lhe deu um beijinho antes de se afastar.

— Como assim o quê?

— Você disse que nem sempre vai ser assim. Como assim?

Ele segurou o rosto dela, com seriedade no olhar.

— Você sabe o que eu sou, o que quero e o que espero.

Ela assentiu.

— Só quis dizer que as nossas transas não serão sempre como a de hoje à noite. Gosto de vários métodos de fazer sexo. Áspero, macio, duro, doce. Bondage, spanking, você totalmente à minha mercê, eu no controle em todos os momentos. Gosto de coisas não convencionais. Gosto da ideia de minha mulher estar disponível para mim a qualquer hora. E, depois desta noite, não haverá preservativos. Quando eu gozar, será dentro de você, não em uma maldita borracha. Vou lhe mostrar meus exames de laboratório

recentes e marcarei uma consulta para você escolher um método de contracepção.

Ela baixou o olhar por um momento, mas ele agarrou seu queixo e levantou o rosto dela, a pergunta pairando em seu olhar.

— E se eu te decepcionar, Drake? — ela perguntou, hesitante. — Você sabe que eu não sou experiente. E que eu não tenho experiência no seu... mundo. Ou com suas expectativas.

Ele sorriu e a beijou novamente.

— Primeiro, será um prazer te ensinar tudo o que precisa saber para me agradar, assim como eu vou aprender o que lhe agrada. E, segundo, se me der o que me deu esta noite – sua entrega, sua doçura, sua completa e total submissão – nunca me decepcionará, Angel. Você brilha, amor, de dentro para fora, e é a coisa mais linda que já vi na minha vida. Não vai me decepcionar, simplesmente não é possível. Eu, por outro lado, provavelmente vou decepcioná-la, frustrá-la e irritá-la com frequência. Sou um canalha exigente e meus pedidos, às vezes, serão extremos. Mas, se ficar comigo, Angel, se ficar comigo e resistir, e se não perder a confiança que me deu, garanto que vai aproveitar muito.

14

Mais uma vez, Evangeline acordou aconchegada e quentinha na cama de Drake. Para encontrá-la vazia. Como fizera na manhã anterior, estendeu a mão para sentir algum calor do corpo de Drake que ainda persistisse, mas encontrou apenas os lençóis já frios, embora as marcas causadas pelo peso dele ainda estivessem lá.

Ela suspirou e se perguntou se aquele homem dormia mesmo. Obviamente, a rotina dele tinha horários estranhos, mas na noite anterior ele tinha chegado às 6 horas. Uma exceção para ela? Ou estar na boate às 4 horas da manhã é que era a exceção, porque ela o fizera esperar?

Quem saberia? Mas, após a noite anterior, e a concordância dela com... Bom, Evangeline não tinha muita clareza de em que tinha embarcado. Ah, ele tinha sido bem claro sobre o que esperava e sobre o tipo de relacionamento que teriam, mas ainda havia um milhão de perguntas na cabeça dela. Que pessoa, em sã consciência, não estaria questionando essa situação? Por outro lado, uma pessoa em sã consciência não estaria na cama de um homem pela segunda manhã seguida, mal conhecendo o homem em questão, muito menos teria concordado em se submeter a ele para todas as coisas.

Sua mão encostou em algo duro em meio à suavidade dos suntuosos lençóis. Ela franziu o cenho e sentou-se, puxou as cobertas para cobrir os seios e depois riu. De quem estava se escondendo? Não havia ninguém aqui.

Olhou a caixa, agitada, pois reconheceu que era quase idêntica em forma e tamanho ao presente que Drake tinha lhe dado na noite anterior. Sua mão foi automaticamente para o colar que ele lhe dera e que ainda pendia em seu pescoço.

Sentiu um aperto no coração. Seria outro presente supercaro?

Tinha um bilhete ao lado, mas ela não conseguiu ler antes de abrir a caixa que estava ali, como se a estivesse provocando. Desta vez, foi rápida e abriu a caixa da joalheria para revelar um deslumbrante par de brincos de diamante solitário.

Nossa. Senhora.

Tudo que conseguiu fazer foi olhar fixamente em completo assombro. Eram enormes. Não tinha ideia do que era um quilate, mas aqueles só poderiam ser brincos de diamante de vários quilates. Nunca tinha visto nem anéis com diamantes tão grandes. E ela deveria usá-los? E se um deles caísse? E se ela os perdesse?

Provavelmente, conseguiria comprar uma casa em sua cidade com o valor daqueles brincos. Ter em suas mãos algo tão valioso a deixava quase doente, e, na mesma hora, os afastou e pegou o bilhete.

> Jax virá ao apartamento à uma hora para buscá-la e trazê-la à boate. Use roupas casuais, mas traga algo elegante e sexy para mais tarde. Você passará o dia comigo e voltaremos para casa juntos. Espero que goste dos brincos. Você brilha muito mais que eles em qualquer dia da semana, mas quero que meu anjo cintile. Planeje-se para almoçar e jantar comigo.

Ela desanimou. Drake estava querendo deixá-la desorientada enviando um novo homem a cada hora para ela ou estava só querendo que conhecesse todos os caras que poderiam acompanhá-la quando não estivesse por perto?

Encarou os diamantes, eles brilhavam. Agora, teria que usá-los ou poderia irritar Drake por rejeitar seu presente. Rezaria para que um não caísse, e para que não os perdesse em algum lugar depois de tirá-los no fim da noite.

Então, quando viu as horas, entrou em pânico. Drake tinha dito que Jax, quem quer que fosse, chegaria lá à uma. Eram uma e dez! Nunca tinha dormido até tão tarde. Mesmo após uma longa jornada, acordava antes de todo mundo: tinha muitas coisas a fazer, muitas responsabilidades.

Do nada, algo que Drake tinha dito na noite anterior veio à mente. Ele pedira o número da conta dos pais de Evangeline e o número da agência. Tinha os dois, é claro, mas como explicaria aos pais o repentino afluxo de dinheiro? Nunca, nem uma vez, tinha mentido para a mãe, mas estava bastante tentada a dizer-lhe algo estranho, como que tinha ganho na loteria ou outra coisa tão absurda quanto.

Ela estava prestes a ter um mega ataque de pânico quando ouviu uma voz.

— Aí, Evangeline. Aqui é Jax. Drake ordenou que eu te pegasse à uma hora. Precisa se mexer. O chefe não gosta de ficar esperando.

Ela deu um pulo e quase gritou, mas apertou uma mão sobre a boca para evitar que o som escapasse. Seu coração disparou com o susto. E, em seguida, ficou com raiva. Estava bem cansada de ouvir que Drake não gostava de esperar.

— Pois diga a Drake que ele terá que superar isso — Evangeline gritou, direta. — Ficarei pronta quando der e não antes.

Uma grave risada masculina foi a única resposta.

Apesar da bravata, Evangeline pulou da cama, andando em círculos enquanto tentava descobrir o que fazer primeiro. Chuveiro. Certo. Depois pensaria no que vestir. Teria que descobrir como lidar com a questão de seus pais quando chegasse à boate porque naquele momento não tinha tempo para esse tipo de telefonema.

Entrou e saiu em cinco minutos, penteando, com pressa, o cabelo molhado e secando as madeixas com a toalha o máximo possível. Depois, se dirigiu ao armário onde todas as suas coisas tinham sido colocadas.

Casual. Tudo bem, ela poderia ser casual. Tinha muita familiaridade com o casual. Já da parte elegante, não tinha noção. O que, exatamente, Drake considerava elegante?

Escolheu um par de jeans supercaros e extraconfortáveis – eles a fizeram suspirar quando vestiu. Depois, pegou um dos sutiãs de renda que havia escolhido e voltou a atenção para a blusa que vestiria.

Embora o verão ainda não tivesse dado lugar ao outono, os últimos dias haviam sido mais frescos e lembrou-se de que se sentia em um frigorífico no escritório de Drake. Escolheu então um suéter de cashmere de mangas curtas com um decote profundo com dobras que, discretamente, cobria tudo o que deveria.

Quanto ao calçado, foi direto para o brilhante par de sapatos baixos a que simplesmente não tinha sido capaz de resistir.

E, então, lembrando-se das orientações dele, correu para o quarto e, com cautela, tirou os brincos do suporte na caixa e os colocou em suas orelhas. Nervosa, foi até o espelho para verificar sua aparência, e encarou uma mulher que não reconhecia. Seu cabelo estava desgrenhado e seus lábios ainda estavam levemente inchados pelos beijos apaixonados de Drake.

Mais importante, havia um brilho em suas bochechas e em seus olhos que sugeria uma mulher satisfeita. Estava quase... bonita. Mas logo repreendeu-se por estar vivendo naquele mundo de fantasia para o qual havia sido sugada, e lembrou a si mesma de que ainda era a mesma Evangeline comum de sempre. Roupas caras e joias não iam, como um milagre, transformá-la em algo que não era, e era perigoso acreditar na fantasia, mesmo que apenas por um momento.

Eram pensamentos assim que a preparavam para um terrível choque de realidade e sua queda de volta ao mundo a que pertencia de verdade.

Sabendo que tinha pouco tempo, passou um mínimo de maquiagem e apenas um brilho labial. Em seguida, finalizou com algumas camadas de rímel para destacar o que sabia ser sua maior qualidade, os olhos.

Mas então o medo tomou conta, porque ela ainda tinha que decidir o que levar para vestir mais tarde. A última coisa que queria era fazer papel de boba, ou pior, envergonhar Drake. Prestes a ligar para ele para perguntar o que exatamente queria que usasse, a única alternativa que Evangeline tinha era... Jax.

Ela gemeu, mas e daí?! Como se já não tivesse feito papel de boba na frente de todos os outros homens de Drake. Com Jax não seria diferente. Ele provavelmente tinha ouvido sobre ela de qualquer maneira e estava xingando muito por ter sido escolhido para fazer o trabalho sujo hoje. Ou talvez tivesse se oferecido, querendo ver a doida pessoalmente.

Nervosa, Evangeline saiu do quarto e, espiando a sala de estar, avistou um homem grande esparramado no sofá de Drake, o controle da TV em uma mão e uma bebida na outra.

— Hum, Sr. Jax? — ela perguntou, ressabiada.

Ele se virou e, por instinto, Evangeline deu um passo para trás. Sim, todos os homens de Drake eram caras durões e lindos, teimosos, de sorriso impossível. Mas aquele era enorme! Tinha tatuagens que cobriam ambos os braços e continuavam em torno do pescoço, o que a fez pensar se toda a parte superior de seu corpo era uma imensa obra de arte. Usava ao menos três brincos em cada orelha e seu cabelo era longo e bagunçado de um jeito que dizia não estou nem aí.

Mas os olhos. Uau. Os cabelos de Jax eram negros como a asa de um corvo, mas os olhos dele eram de um azul cristalino. Tudo que Evangeline conseguiu fazer foi olhar fixamente enquanto ele olhava para trás,

obviamente esperando para ouvir o que ela ia pedir. Falando nisso, o que mesmo ela ia perguntar?

Então, ele sorriu e, como com os outros, aquele sorriso transformou-o de um homem para se temer em um que conseguiria parar o trânsito. Levantou-se e caminhou devagar em direção a ela, quase como se adivinhasse que ela poderia correr de volta para o quarto e trancar a porta.

— Me chame de Jax. E você deve ser Evangeline, a menos que Drake tenha duas loiras de olhos azuis escondidas em seu apartamento — ele disse, com um sorrisinho de flerte. — Algum problema? Precisa de alguma coisa?

Sua voz tinha se suavizado e ele parou a vários metros de distância dela, por coincidência ou por deferência ao seu óbvio nervosismo.

— Hum, sim. Quer dizer, não.

Ela gemeu e bateu na testa. Jax riu.

— Que é?

— Sim, sou Evangeline, e não, Drake não tem duas mulheres neste apartamento. Pelo menos, acho bom que não tenha.

A última frase ela murmurou, mas viu que ele tinha ouvido porque seus lábios se contraíram e seus olhos brilharam, divertindo-se.

— Eles não estavam errados sobre você — disse Jax, inclinando a cabeça um pouco para o lado, como se a estivesse estudando.

Evangeline estreitou o olhar.

— Quem? Do que está falando? Merda, sabia que seria a atração do dia para o cara novo.

Ele apenas sorriu.

— O que posso fazer por você, senhorita Evangeline?

Ela se lembrou da razão pela qual tinha procurado Jax e quis morrer de vergonha. Fechou os olhos e sentiu o rosto em chamas. Como poderia sobreviver um dia inteiro no mundo de Drake, ou ainda mais, um longo período de tempo?

Jax amoleceu ao ver aquela mulher linda e meiga encarando-o em evidente aflição. Merda, os outros tinham razão. A agitação dela fazia com que ele quisesse fazer qualquer coisa para corrigir a questão. Tinha rido de Thane, Maddox e de Justice quando exaltaram as virtudes dela, e disseram-lhe o impossível. Que Evangeline era coisa séria. Doce e inocente demais para seu próprio bem, mas uma leoa quando se tratava de defender as pessoas que considerava estarem sendo prejudicadas.

— Evangeline, o que foi? — ele perguntou, com suavidade. — O que posso fazer para ajudar?

Ah, merda. Parecia que ela estava prestes a se desmanchar em lágrimas. Se havia uma coisa com que não sabia lidar, era com uma mulher chorando.

Em vez de responder, empurrou um pedaço de papel para ele. Intrigado, abriu-o e leu a inconfundível caligrafia de Drake. Então, olhou de volta para Evangeline, que ficava cada vez mais ansiosa.

O que diabos no bilhete de Drake poderia tê-la deixado tão transtornada? Era bem direto. Típico do Drake. Não viu nada que pudesse ter causado tanto pânico em Evangeline.

— O que ele quer dizer com elegante e sexy? — Ela perguntou, a voz mais alta a cada palavra. — Não sou sexy e não tenho ideia do que ele considera elegante porque, acredite, minha definição e a dele estão separadas por milhares de quilômetros. E, como obviamente não sou sexy, como diabos vou conseguir me vestir assim?

Jax ficou de queixo caído. Não é sexy? Estava louca?

— Não quero envergonhá-lo — Evangeline sussurrou, lágrimas enchendo seus olhos.

Ele teve de se conter para não puxá-la em seus braços e abraçá-la. Pelo amor de Deus. Estava pensando em abraçar alguém? Deveria saber que estavam armando para ele quando sugeriram que fosse pegar Evangeline. Ela precisava conhecer todos os homens de Drake, Maddox tinha dito, arrogante.

Os lábios de Jax se contraíram numa linha firme. Ele estendeu a mão para pegar a de Evangeline e a puxou com ele em direção ao armário. Não era nenhum fashionista, mas certamente sabia o que ficava bem em uma mulher. Ainda mais uma mulher como Evangeline. Inferno, ela ficaria bem até vestindo um saco. Que diabos estava errado com Drake que sua mulher não se considerava sexy? Se Evangeline pertencesse a Jax, não passaria nem um único dia sem saber exatamente como era desejada.

— Fique aí — ele ordenou, colocando Evangeline no meio do enorme closet.

— Bom, o que está usando agora é um casual perfeito. Está mandando muito bem com esse look. Prevejo que Drake ficará de mau humor toda vez que outro homem entrar em seu escritório.

Evangeline mirou Jax como se não tivesse ideia do que ele estava falando.

Ele quase sacudiu a cabeça. Inferno, os outros não estavam brincando sobre a mulher de Drake. Tinham dito a verdade nua e crua.

— Elegante e sexy para uma noite na boate significa algo um pouco mais brilhante, divertido, até mesmo ousado — Jax disse, e se perguntou se deveria ter incluído mesmo a última parte.

Poderia levar uns cascudos de Drake se sua mulher aparecesse em algo muito decotado. E, junto dos outros, teria que passar a noite toda perseguindo outros caras por babarem naquela bunda gostosa de Evangeline.

— Quer dizer algo assim? — ela perguntou baixinho, pegando um dos cabides.

Os dedos dela deslizaram sobre a seda de cor prata e branca, e ele pode ver o desejo em seus olhos. Naquele momento, não teria a menor importância se não fosse a coisa certa a vestir. Não tinha como dizer a ela que não.

— Absolutamente — ele disse, com um aceno firme de cabeça. — Você tem sapatos que combinem ou precisaremos fazer uma parada e comprar um? Drake compreenderá.

Os olhos de Evangeline se arregalaram, alarmados.

— Ah, não, tenho os sapatos. Além disso, estou atrasada e, como todos me lembram o tempo inteiro, Drake não gosta de ficar esperando, então, ele já deve estar com raiva.

Jax franziu o cenho.

— Não esquenta, querida. Tá tudo bem, Drake é mesmo um filho da puta impaciente que não gosta de ficar esperando, mas não ficará bravo com você, e com certeza não te machucará. Além disso, posso dizer pra ele que fiquei preso no trânsito e me atrasei para te pegar aqui.

Evangeline sorriu e, por um momento, Jax esqueceu-se de respirar. Puta merda, aquela mulher era fatal para qualquer homem e não tinha a mínima ideia disso.

— Muito gentil da sua parte, Jax, mas nunca permitiria que levasse a culpa por eu ter dormido mais que a cama e, em seguida, ter tido um colapso por ser sem jeito demais para saber o que vestir ou como agir. Se Drake vai ficar puto com alguém, que seja comigo e não com outras pessoas.

No rosto de Evangeline, o maxilar se fechou em uma linha teimosa que lhe dizia que ela falava sério.

— Tenho os sapatos aqui — ela disse, curvando-se e vasculhando várias caixas antes de pegar um par de saltos altos furta-cor que ficariam matadores em suas já deslumbrantes pernas. Evangeline franziu o cenho. — Acho que devo levar alguma maquiagem e uns artigos de higiene pessoal. Dá tempo de eu arrumar uma mala rápida?

— Docinho, leve o tempo que precisar. Vou esperar na sala.

Ele estava quase na porta quando ela gritou.

— Oh! Jax, quase me esqueci. Pode fazer algo por mim, por favor?

Inferno, ela poderia pedir-lhe quase qualquer coisa que ele faria, ou morreria fazendo.

— Com certeza. Apenas diga.

— Há uma caixa de cupcakes na cozinha. Pode pegá-los para mim? Ia deixá-los aqui para o Drake, mas como estamos indo para a boate e tem muitos, pensei em levá-los para os caras.

Jax ficou sem palavras por uns segundos. Cupcakes? Levar cupcakes para os caras na Impulse? Drake talvez nunca superasse isso, logo, foi com muita satisfação que ele alegremente concordou em pegar a caixa e esperar por ela na cozinha.

Com cuidado, Evangeline colocou o vestido em um dos porta-ternos de Drake e, em uma das malas dele, enfiou os sapatos e todos os seus artigos de higiene e maquiagem. Depois, correu para a cozinha para ver Jax devorando o último pedaço de um cupcake.

Quando a ouviu chegar, levantou os olhos, ignorando o olhar acusatório e a mão no quadril.

— Puta merda, isso aqui tá gostoso pra caralho. Onde comprou?

Ela se movimentou, desconfortável.

— Eu fiz.

Os olhos de Jax se arregalaram.

— Você fez?

Ela abaixou a cabeça, mas assentiu.

— Gosto de cozinhar.

— Ai, meu Deus, estou amando — ele gemeu. — Alguma chance de você esquecer que queria levar a caixa para todos os caras e me deixar levá-la para casa comigo?

Evangeline sorriu.

— Não. Mas vou fingir que você ainda não comeu um, para que possa comer outro quando chegarmos à boate.

— Boa. Estou faminto. Ainda não tive tempo de comer.

Evangeline franziu o cenho e colocou suas coisas no balcão. Em seguida, empurrou um Jax surpreso para o outro lado e o fez sentar.

— O que está fazendo? — ele perguntou, claramente confuso.

— Alimentando você. Tenho sobras do jantar que fiz para Drake na noite passada. Não vai demorar mais que alguns minutos para aquecer e, como você mesmo disse, já estamos atrasados, então o que são mais alguns minutos, certo? O trânsito está sempre tão ruim!

Jax riu.

— Já gosto de você.

— Não estará tão bom quanto ontem à noite — ela disse, em um tom de desculpas. — Mas não está ruim. Prometo.

— Você cozinhou mesmo o jantar para o Drake?

— Sim. Achei que tinha estragado tudo e o deixado puto. Ele tinha pedido comida por um serviço de entrega, mas eu entendi mal quando ele disse que estaria em casa às 6 horas e que comeríamos aqui. Achei que ele queria que eu cozinhasse, foi um pouco estranho. Até ele provar minha comida — acrescentou, com um sorriso.

Alguns minutos mais tarde, ela colocou em frente a Jax um prato com o que tinha sobrado do peixe e dos acompanhamentos, menos a batata, e piscou quando ele aspirou o cheiro da comida.

— Jesus-Maria-José — Jax murmurou. — Você é uma deusa. Se isso não está tão bom quanto ontem à noite, então é um milagre que Drake tenha sobrevivido e esteja trabalhando hoje. Isso traz o paraíso para dentro da boca da gente. Existe alguma coisa que você não possa fazer? Uma mulher bonita, doce, compassiva e que sabe cozinhar? Por que eu nunca sou o primeiro a vê-las? — ele disse, com tristeza.

Evangeline corou de alegria com aquele elogio obviamente sincero, mas em seguida pegou o prato e colocou-o na pia.

— Ok, é melhor a gente ir ou Drake vai nos estrangular — disse, meio de brincadeira.

Na mesma hora, o telefone de Jax tocou e ele gemeu.

— É o chefe querendo saber onde diabos está a sua garota.

— Sim, você precisa contar a ele sobre o engarrafamento horrível em que estamos — ela disse, sem alterar a expressão.

Jax riu e então disse uma coisa estranha.

— Cara, Drake vai proporcionar aos caras o maior divertimento que temos em algum tempo.

15

Drake reprimiu o desejo de olhar o relógio de novo, sabendo que o gesto faria Silas e Hatcher perceberem que não estava focado no que deveria, que era a maneira de lidar com uma questão que precisavam resolver com agilidade. E Maddox, aquele maldito homem que vivia escondido, perambulando perpetuamente nas sombras, a distância de um chamado, saberia muito bem onde estava a cabeça de Drake – e não era em um certo Eddie Ryker. Para completar, Justice e Thane estavam sentados no sofá de Drake por razões que ele desconhecia, encostados como se não tivessem nada melhor a fazer do que um intervalo eterno. Trataria dos motivos dos dois para estarem ali assim que terminasse a outra questão urgente.

— Então, o que quer fazer, Drake? — Silas perguntou em seu tom tranquilo, sem alterações.

Silas era um enigma que Drake nunca admitiria não entender bem. Sabia o bastante sobre aquele homem que considerava um de seus parceiros mais confiáveis e valiosos para não se preocupar se sua lealdade estava depositada no lugar certo. E sabia, apenas a partir do que tinha conseguido descobrir buscando informações públicas, que a infância de Silas tinha sido o pior tipo de inferno. Mas não sabia muito mais.

Com qualquer outro além de Silas, isso deixaria Drake desconfortável. Não contratava homens que usavam sombras como os outros usavam roupas. Mas em Silas ele encontrou uma alma afim, e também um homem que valorizava muito a palavra de outro, em especial, a sua própria. Em todos os anos que trabalharam juntos, nunca tinha visto Silas faltar com a palavra uma vez que a tivesse dado. Independentemente das circunstâncias. Caso contrário, Drake saberia. Fazia questão de saber tudo sobre seus homens de confiança. Mas, pensou, com pesar, tinha aberto uma exceção com Silas, já que ninguém sabia nada sobre o homem além do que ele deixava que soubessem.

Drake olhou para Hatcher, cuja expressão era suave e impassível, embora seus punhos estivessem fechados e apertados, um sinal claro de sua irritação. Drake franziu a testa ao perceber. Os homens que demonstravam humor, pensamentos ou intenções eram os mais propensos a serem mortos.

— Você vai lidar com isso, Silas — disse Drake, mudando de ideia de súbito, já que antes pretendia dar a missão a Hatcher.

Embora tivesse uma confiança implícita em Silas quando se tratava de cuidar dos problemas, aquela tarefa estava abaixo de suas habilidades. Qualquer um de seus homens poderia fazer o que precisava ser feito. E, embora não tivesse problemas em usar qualquer um dos homens que tinha como parceiros já que havia deixado todos ricos, precisava admitir que, de vez em quando, preocupava-se com o peso que Silas carregava sozinho, uma vez que era seu principal cara para "fazer a limpeza e levar o lixo para fora". Silas era valioso demais, muito necessário para as muitas atividades um tanto escusas de Drake.

Se Silas soubesse que o pensamento de poupar seu faz-tudo tinha passado pela cabeça de Drake, sentiria-se traído. Ele dava muito valor à lealdade e à execução de qualquer tarefa que Drake lhe desse, independentemente de suas mãos ficarem sujas. Mas a razão pela qual Drake tinha escolhido Silas para aquele papel em particular era justamente porque ele era capaz de se desligar, de fazer o trabalho sem se envolver, sem ter emoções ou sofrer crises de consciência – coisas que Drake exigia de todos os seus homens, mas, em especial, de Silas.

Silas não questionaria a decisão de Drake ou seus motivos. Porém, se tivesse sido necessário, teria dito que, entre todos os homens, Hatcher era o que estava com Drake há menos tempo, e ainda precisava provar seu valor não só para o chefe, mas também com os parceiros e irmãos.

Ele lançou outro olhar rápido a Hatcher e ficou satisfeito pelo fato de que ao menos o companheiro não estava demonstrando nenhum sentimento em relação à decisão de Drake. Mas também não podia culpá-lo por sua raiva contra Eddie quando Drake queria nada além de pegar aquele babaca para ele mesmo matá-lo.

Mas aquilo não era sobre Eddie. Eddie já havia recebido uma mensagem bem clara, cortesia de Silas, Jax e Justice, para manter uma boa distância de Evangeline Hawthorn no futuro. Primeiro que ele, sem dúvida, ainda estava se recuperando. Apesar de ter ido à boate de Steven Cavendar na

noite anterior. E, não só teve sua entrada permitida como também foi tratado como VIP e aproveitou-se de todas as vantagens que acompanham esse status.

Drake tinha feito o dever de casa em relação a Eddie, e só tinha ficado mais desgostoso, como se fosse possível. O cara não tinha dinheiro, aliás, nem trabalhava, muito menos parecia ter ambição de fazer algo mais do que viver da generosidade dos pais e de jogar dinheiro fora sem pensar, na tentativa de impressionar tanto mulheres quanto homens. Queria algo que não tinha chance de conquistar nunca. Respeito. Era uma parasita sanguessuga, e, uma vez que viu Evangeline, não teve dúvidas de que ela cairia em seu colo como uma ameixa madura pronta para ser mordida.

Certamente tinha escolhido a mulher errada, e nada cairia em seu colo. Evangeline queria, precisava, ansiava por um homem forte e dominador, mesmo que, como Drake suspeitava, não tivesse percebido isso ainda. Mesmo que tivesse sido satisfatório na cama, Eddie teria falhado em todos os outros níveis em que era possível falhar com uma mulher. Era fraco, inexpressivo e não tinha a menor consciência sobre seu estilo de vida, que tinha somente graças aos pais. Como filho único, tinha sido descaradamente mimado e não sabia nada sobre o mundo real onde Drake, seus homens e Evangeline viviam, e no qual tinham sido forjados. Era um idiota petulante que acreditava que bastava apontar o dedo para uma mulher para tê-la agarrada a si como uma tábua de salvação.

Até Evangeline. E ela não só tinha ferido o orgulho de Eddie, fazendo-o precisar de todo seu charme para seduzi-la, como também tinha feito ele de bobo, e pior, ele sabia, embora nunca fosse admitir. Tinha colocado uma missão para si mesmo: tirar a virgindade de Evangeline e descartá-la no dia seguinte, para nunca mais pensar nela de novo.

— Deu uma boa lição no nosso querido Eddie? — Drake perguntou a Silas, mudando, de repente, o pensamento. — Porque acho que se ele saiu e ficou a noite toda festejando na boate do Cavendar, não recebeu metade do que merecia.

Sua declaração terminou em um grunhido que fez Maddox se materializar de repente no canto mais distante da sala, onde ficava a porta semioculta. Ele observava tudo com os olhos semicerrados, como se decidisse se era preciso intervir.

— Estou surpreso que ele estivesse andando — disse Silas, em seu tom característico, sem emoção.

— Está dizendo que ele tem poderes de cura mágicos, então? – Drake franziu o cenho. O sarcasmo pesava sobre o, agora, silencioso cômodo.

Hatcher deu de ombros.

— Um homem é capaz de muita coisa quando seu orgulho está envolvido. Depois que as primeiras portas se fecharam na cara dele, ele provavelmente se desesperou. E todos sabemos que Cavendar é um michê ganancioso que venderia a própria mãe se pagassem bem. E como Eddie entrou e se ele estava conseguindo andar não seria problema para ele. Só que ele foi visto e não foi expulso. E assim como Cavendar pode ser comprado, duvido que as mulheres que Eddie geralmente tem como companhia deem a mínima para o fato de que ele pareça ter sido atropelado por um caminhão, contanto que as mantenha felizes. E lhes dê carta branca usando o dinheiro de seus pais.

— E é por isso mesmo que quero que vá conversar com Cavendar — Drake disse para Silas.

Silas acenou com a cabeça.

— E depois me conte... — Merda. Quase se esquecera de si mesmo e do fato de que estaria com Evangeline o restante do dia... e da noite.

— Falo com você amanhã — ele emendou. — Espero que o assunto esteja resolvido até lá. — Mais uma vez, Silas apenas assentiu.

— Deveria ter jogado esse idiota no Hudson — Maddox disse, em tom sombrio, falando pela primeira vez.

Um barulho fez os quatro olharem na direção do elevador. Evangeline estava ao lado de Jax, que balançava a cabeça como se dissesse que todos eram estúpidos por não prestarem atenção.

Inferno. Quanto da conversa tinham ouvido? Mas Evangeline não olhou nem uma vez para Drake. Concentrou-se apenas em Maddox, a indecisão clara em seus olhos, mas Maddox nem se alterou. Foi até Evangeline, pegou as coisas que ela segurava e, em seguida, jogou-as nos braços de um Silas desnorteado – algo de que Silas não gostou nem um pouco pois chamou a atenção para ele quando estava prestes a se afastar em silêncio, como fazia na presença de todos os recém-chegados. E, então, Maddox abraçou Evangeline e deu-lhe um beijo barulhento na bochecha.

— Como está a minha refém favorita? — ele brincou.

Drake teve que se conter ao ver aquela exibição espontânea e exagerada de afeto. Sabia bem por que ele tinha feito isso. Se Drake não tivesse se distraído, algo que vinha fazendo cada vez com mais frequência desde que

Evangeline entrou em sua boate naquela primeira noite, saberia muito bem que ela e Jax estavam subindo no elevador. Inferno, ele teria visto o momento exato em que tinham atravessado a entrada da boate.

Quando Evangeline continuou olhando para Maddox com preocupação, ele lhe lançou um olhar de indulgência e riu.

— Não vá ficar tímida comigo agora, querida. Você já me mostrou suas garras. Não se preocupe. Na real, não jogo ninguém no Hudson. É apenas um desejo que tenho. Um cara tem essa reação quando o contador o informa que deve muito mais do que tinha calculado antes – depois de ter pedido uma extensão do prazo para pagar as taxas e de ter pago os impostos devidos pelo atraso, pois todas as minhas K-1s dos investimentos não vão entrar até bem depois de 15 de abril.

Até Silas piscou em reação a como Maddox tinha sido convincente. Não tinha passado despercebido para Drake que Maddox tinha, de propósito, usado termos que Evangeline, em suas condições econômicas, não conheceria e, bem, ricos ou pobres, ninguém amava a Receita Federal.

Evangeline riu e o som melodioso do riso aliviou a tensão na sala.

— Ah, coitadinho. Tenho algo para fazer você se sentir melhor — ela brincou, já que ele tinha brincado com ela.

Drake agora estava cerrando os dentes. Evangeline estava ali. Mais de uma hora atrasada. Ele não tinha acreditado na desculpa esfarrapada de Jax sobre um congestionamento de merda, mas ela estava ali, o que significava que todas os outros não deveriam estar. E, no entanto, ali estavam eles. Percebeu então o quanto tinha sido distraído e idiota. Seus homens sabiam que Evangeline iria à boate. Aqueles que não a conheciam estavam, sem dúvida, morrendo de curiosidade para vê-la, e aqueles que já haviam estado com ela queriam apenas uma desculpa para vê-la de novo. De repente, a ameaça de Maddox de despejar alguém no Hudson soou muito atraente, só que, neste caso, seria um monte de gente.

Evangeline estendeu a mão para a caixa que Jax segurava, e ele fez um olhar de cachorrinho ferido que fez Drake querer bater a cabeça na mesa. Mas o que era isso? Seus homens estavam virando uns florzinhas? Puta merda!

— Me dê a caixa ou não vai ganhar um — Evangeline disse. A tentativa dela de parecer ameaçadora fez Thane e Justice rirem.

Jax suspirou e fez um drama elaborado antes de entregar, relutante, a caixa – ou era uma vasilha de plástico tampada?

Evangeline abriu a tampa, enfiou a mão lá dentro e, para completa surpresa de Drake, tirou um dos cupcakes que tinha lhe dado como sobremesa na noite anterior. Ela segurou o bolinho sob o nariz de Maddox para provocá-lo.

— Melhor agora?

Ele estreitou os olhos.

— Vai depender se você tiver colocado veneno aí ou não.

— Se coloquei, não é nada além do que merece. Tenho certeza de que o seu contador me agradeceria.

Outra rodada de riso soou e Drake se recostou em sua cadeira. Qualquer esforço para disfarçar sua irritação desapareceu. Não que alguém estivesse prestando atenção nele.

— São cupcakes? — Justice perguntou, incrédulo.

Ele e Thane estavam olhando Maddox e Evangeline como se os dois estivessem loucos. Drake até podia ver a graça no fato de que uma mulher com cupcakes havia entrado em seu santuário, onde nenhuma mulher tinha estado antes. Muito menos levando bolinhos.

Evangeline virou-se em direção a Thane e Justice, mas Jax limpou a garganta. Evangeline revirou os olhos e deu-lhe uma das guloseimas. Drake teve um pressentimento ruim de que seu anjo iria fazer seus homens comerem em sua mão como cãezinhos adestrados, dando-lhes guloseimas toda vez que se aproximassem.

Depois, ela caminhou até Thane e Justice, que estavam descansando no sofá de couro, e, com zelo, entregou um cupcake para cada. O que ela fez em seguida surpreendeu Drake.

Primeiro, caminhou até Hatcher, que olhou nervoso para ela e para Drake, como se avaliasse a reação de Drake, ou talvez tentasse determinar se deveria mesmo falar com a mulher do chefe.

— Oi — ela disse, em uma voz tímida, e lhe estendeu um cupcake. — Sou Evangeline. — Hatcher pegou o bolinho e sorriu para ela.

— Olá, Evangeline. Sou Hatcher.

Mas quando ela voltou sua atenção para Silas, que desde então tinha se camuflado no canto mais distante – um canto tão mal iluminado que Drake ficou surpreso por Evangeline ter localizado Silas com tanta facilidade – o quarto inteiro pareceu prender a respiração.

Caminhou até aquele homem grande, que ficou imóvel e silencioso como uma estátua, e emitiu um sorriso trêmulo. Drake percebeu então que,

apesar de toda sua falsa bravata, ela estava, de fato, aterrorizada. Toda sua irritação anterior deu lugar a orgulho. Evangeline estava fazendo exatamente o que ele tinha pedido. Entrar em seu mundo e aceitá-lo – e a ele. E ela obviamente sentiu que aceitando Drake, estaria aceitando seus homens como uma extensão dele.

Seu ciúme evaporou porque ela estava fazendo aquilo – tudo aquilo – por ele.

Ele se recostou, um pequeno sorriso em seus lábios enquanto observava Evangeline inclinar a cabeça para olhar para Silas, que era bem mais alto do que ela.

Então ela apenas colocou a mão na vasilha, tirou um cupcake e o estendeu em direção a Silas.

— Oi — ela disse, do mesmo jeito como antes tinha se apresentado a Hatcher. — Sou Evangeline. Juro que não envenenei o seu cupcake. Só o do Maddox. — E ela se inclinou para a frente e sussurrou, como se conspirasse. — Me assegurei de que o dele tivesse granulado e cobertura cor-de-rosa.

Uma risada soou atrás de Evangeline, mas ela manteve a atenção focada em Silas. Devagar, ele estendeu a mão, com a palma para cima. Ela colocou o cupcake gentilmente em sua mão e ele ficou no mesmo lugar, espantado, um olhar perplexo em seu rosto, como se não tivesse ideia do que fazer com Evangeline.

Somos dois, irmão.

— Que merda é essa? Agora nós temos festinha do cupcake?

A voz de Zander ecoou na sala silenciosa com o efeito de um tiro. Evangeline deu um pulo e esbarrou no cupcake que estava na mão de Silas. Antes de cair no chão, ele sujou as calças dele, deixando um montinho de cobertura.

— Oh meu Deus, desculpe — Evangeline disse, em uma voz ferida, apressando-se em limpar a cobertura do joelho de Silas. — Espero não ter estragado suas calças. Fui muito desastrada!

Lágrimas de vergonha brotaram nos olhos de Evangeline, e seu rubor de embaraço se estendeu das bochechas até o pescoço. Já não olhava para nenhum dos homens da sala. Em vez disso, seu olhar estava firmemente voltado para baixo enquanto esfregava, sem sucesso, a sujeira na calça de Silas.

Drake xingou, querendo matar Zander ali mesmo pelo mal que, ainda que sem querer, ele tinha feito. Por um breve momento, Evangeline tinha conseguido superar a timidez e as incertezas e começado a relaxar perto de Drake e seus homens. Agora parecia que não queria nada além de que o chão se abrisse para engoli-la.

Silas encarou Zander com um olhar mortal e, em seguida, para o eterno choque de todos, inclinou-se e segurou, com cuidado, a mão de Evangeline, que ainda estava escovando suas calças sem parar.

— Evangeline — ele disse, baixinho. — Está tudo bem. Não foi culpa sua. Se Zander tivesse um pouco de educação, não teria entrado aqui e assustado você desse jeito. Pode ter certeza de que vou mandar para ele a conta da lavanderia.

Drake dirigiu a Zander um olhar assassino, um que prometia que aquilo não ficaria barato. O olhar de perplexidade de Zander só serviu para irritar Drake ainda mais, pois aquele imbecil de merda não tinha ideia do que acabara de destruir em apenas três segundos.

A expressão de Evangeline permaneceu preocupada, lágrimas ainda cintilavam em seus olhos, e, de tanto tremer, ela quase deixou cair a vasilha que estava em sua outra mão. Silas pegou a vasilha a tempo e a colocou ao seu lado, antes de alcançar a mão de Evangeline, de modo que passou a segurar as duas.

Depois que o aperto de Silas cessou o tremor das mãos dela, ficou mais evidente que estava batendo muito o queixo. Como se lhe custasse todo o controle que tinha para não explodir em lágrimas e fugir daquela sala o mais rápido possível.

Drake não aguentava ver o desespero tão óbvio nela e abriu a boca para bradar um comando que esvaziaria a sala em segundos. Porém, antes que pudesse falar, Silas apertou ainda mais as mãos de Evangeline e olhou nos olhos dela, sinceridade irradiando dele.

— Se houver outro, eu adoraria provar — disse Silas, como se Evangeline estivesse lhe oferecendo a lua.

Drake viu cada um de seus homens ficar de boca aberta quando Silas acalmou o medo e o embaraço de Evangeline com algumas palavras simples e um gesto reconfortante.

O sorriso de Evangeline teria conseguido iluminar um quarteirão inteiro quando ela pegou outro cupcake e entregou-o na mão de Silas que, em seguida, sobre a cabeça dela, fulminou Zander com o olhar.

— Você deve uma desculpa à senhorita — disse Silas, a voz fria como gelo. — A senhorita de Drake.

— Ah, inferno! — Zander xingou. — Acho que acabei arruinando minhas chances de ganhar um cupcake.

Drake viu Evangeline dar uma olhada na vasilha e, por um momento, pensou que daria um a Zander. Mas, em vez disso, ela pegou o cupcake e virou a vasilha de cabeça para baixo, sinalizando que não havia mais.

— Desculpe — ela disse, calma. — Este é para Drake.

Os outros deram uma risadinha e Maddox olhou para Zander com uma expressão sombria.

— Confie em mim, cara. Você não vai querer conhecer o lado mau dessa daí.

Drake passou a ignorar o entorno quando Evangeline entrou hesitante em seu espaço, atrás de sua mesa, para ficar de frente para sua cadeira, que ele tinha girado para vê-la conversar com Silas.

— Me desculpe o atraso — ela sussurrou. — A gente não pegou um engarrafamento. Na real, eu dormi demais.

Drake lutou contra o seu sorriso, mas depois desistiu, e não ligou a mínima para quem viu sua reação ao anjo em sua frente segurando um cupcake.

— Eu sei — ele sussurrou de volta, sentindo um prazer absurdo por ela não ter sido capaz nem de uma mentira tão pequena.

Um pequeno sorriso curvou os lábios dela, um indo um pouco mais alto que o outro.

— Se lhe der o último cupcake, estou perdoada?

Ele puxou Evangeline entre as pernas, o cupcake ainda em cima da palma dela.

— Vai depender se você vai lamber a cobertura dos meus lábios quando eu terminar.

Um rubor chamuscou suas bochechas, mas ela nem precisou se preocupar. Os homens de Drake haviam desaparecido no momento em que Evangeline se aproximara de sua mesa. Eles poderiam ser uns bobos irreverentes na maior parte do tempo, e com certeza testaram os limites da paciência de Drake ocupando seu escritório quando souberam que Evangeline estava chegando, mas sabiam muito bem quando sair.

Quando Evangeline olhou rapidamente ao redor e percebeu o que Drake já sabia, relaxou, e um brilho safado penetrou seus olhos. Passou um dedo

sobre a cobertura do cupcake, deixando um montinho na ponta. Então, aproximou-se de Drake e, antes que ele percebesse o que ela estava fazendo, lambuzou a boca dele com o doce.

Ele piscou, surpreso, e depois a puxou até que ela caísse assentada em seu colo, o cupcake completamente esquecido. Ela olhou para os lábios dele e sussurrou:

— Hum...

Ela quase conseguiu fazer a sedutora com ele. Mas acabou arruinando tudo ao corar até a raiz dos cabelos, o que fez Drake jogar a cabeça para trás e rir. Aquela era, de longe, a tarde mais desordenada, caótica e distante de seus monótonos rituais diários que tinha em muito tempo. Tudo graças a um anjo travesso, de cabelos dourados e olhos azuis, e a uma vasilha cheia de cupcakes.

16

Evangeline hesitou, sabendo que, em um impulso, tinha provocado Drake, e não poderia apenas pegar um guardanapo e limpar a boca dele. Estava um pouco chocada com o que fizera, mas era uma vontade que não conseguiu ignorar. As brincadeiras dele tinham automaticamente colocado em sua mente a ideia de beijar e lamber cada parte da deliciosa cobertura naquela boca firme e, antes de pensar melhor se deveria mesmo provocar a fera, ela agiu.

Quem era aquela mulher que ela nem sabia que existia? Estava agindo como uma feiticeira sedutora e, se uma parte dela estava um pouco envergonhada, a outra aplaudia a iniciativa que tinha tomado.

O olhar de Drake lhe dizia que não tinha feito nada errado e agora um ar de expectativa o envolvia, ele estava esperando Evangeline terminar o que ela tinha começado.

Hesitante, ela segurou seu maxilar bem marcado e, então, avançou, sua língua lançando-se para o canto da boca dele, onde a maior parte da cobertura estava concentrada em um montinho. Ela lambeu, removendo a substância doce, e Drake gemeu, dando-lhe coragem para continuar.

Ela apertou sua boca contra a dele, sujando os próprios lábios de cobertura mesmo quando sua língua saiu, lambendo delicadamente sobre a pele daquele homem. Então, deslizou sua língua para dentro da boca de Drake, para que ele provasse o doce que agora compartilhavam.

Sugou um suspiro rápido dele, saboreando-o antes de continuar com a remoção lenta e sensual da cobertura. Cobriu cada centímetro da boca de Drake, lambendo e chupando até que não restasse nada além de seus lábios fundidos solidamente juntos. Com uma última lambida vagarosa, ela se afastou, ofegante, seu olhar procurando o dele em antecipação.

Os olhos de Drake brilhavam perigosamente e ela estremeceu, perguntando-se o que tinha provocado. Aquele olhar a fazia sentir-se

caçada de um jeito delicioso, como se fosse a presa e ele, um predador pronto para atacar.

Ele a levantou até que estivesse de pé de novo. Depois, levantou-se também e a empurrou de leve. De frente para Evangeline, sem falar nada, ele desabotoou as calças e as abaixou. Então, enfiou a mão na cueca e colocou para fora seu membro rijo.

Tudo que ela conseguiu fazer foi olhar para a aquela ereção enorme, segurando a respiração em ansiedade. Excitação, nervosismo e uma série de outras sensações se misturaram em sua barriga até que se sentiu tonta.

— Cubra cada centímetro de seus dedos com cobertura — ele disse.

Chocada, ela só conseguia encará-lo fixamente, incrédula, sem ter certeza de onde tinha se metido. Estava paralisada, incapaz de se mover. Parecia que tudo que podia fazer era ficar ali, com a boca aberta.

Drake apertou os olhos e Evangeline percebeu que o tinha desagradado, o que a deixou com uma estranha sensação de fracasso de que não gostava nada.

— Está me questionando? — ele perguntou, em um tom perigosamente baixo.

— N-não — ela balbuciou. — Mas... Mas e se alguém entrar? — perguntou, em um tom desesperado e abafado, como se as paredes tivessem ouvidos. Pelo que observara até então, tinham mesmo.

Ele franziu a testa, seu olhar de desagrado se intensificando junto com uma sensação de aperto em seu peito.

— Primeiro, ninguém ousaria entrar quando estou sozinho com minha mulher. E se eu disser para você chupar meu pau e alguém entrar, espero que continue fazendo exatamente como instruído.

Ela mordeu o lábio inferior para reprimir o protesto instantâneo em seus lábios.

Em vez disso, assentiu devagar com a cabeça.

— A quem você pertence, Angel? — ele perguntou ríspido.

— A você... — ela sussurrou.

— Quem é o seu dono? A quem você deve obedecer sempre sem questionar?

Oh, Deus. O que ela tinha feito? Aquilo era realmente o que ela queria? Sua porção sensata gritava não, que ela estava louca por sequer pensar no assunto. Sua porção impulsiva lembrou a ela que tinha entrado naquela totalmente consciente da natureza exigente e dominadora de Drake. Não

podia dizer que ele não tinha sido bem claro sobre suas expectativas. Ele não poderia ter sido mais direto.

— Você, Drake — ela disse, aliviada por soar mais forte e mais firme do que antes.

Ele estendeu a mão para segurar seu queixo com firmeza.

— Então você precisa ficar de joelhos e colocar a boca onde eu mandei.

Obediente, ela se ajoelhou, alcançou o cupcake e, com os dedos, raspou boa parte da cobertura dele. Com o toque tímido, passou a substância melada em todo comprimento do pênis ereto. Satisfeita por ter feito o que ele havia mandado, jogou o cupcake na cesta de lixo perto da mesa de Drake e depois se virou de volta, mirando a ereção com ainda mais admiração.

Sabia que ele era grande. Seu corpo tinha protestado com a penetração dele quando fizeram amor, mas Evangeline estava muito louca de prazer para prestar atenção de verdade ao tamanho dele. Porém, vendo o pênis enorme de novo, ela não tinha tanta certeza de que seria capaz de fazer o que Drake queria.

Ele precisava saber que ela nunca fizera aquilo antes. Certamente já devia saber.

— Evangeline — ele disse, sua voz um pouco menos objetiva do que antes.

Ela olhou para ele e engoliu em seco.

— Vou guiá-la. Se quisesse uma mulher especialista em fazer boquete, poderia estar com várias outras. Mas essa sua inocência me deixa mais excitado do que qualquer outra coisa que já experimentei. Gosto de ser o único homem que sentiu sua boca doce envolvendo o pau. Relaxe. Prometo que quando eu entrar em você não será nada menos que perfeito.

Encorajada por suas palavras e absurdamente feliz por Drake desejá-la, por saber que gostava de sua inexperiência, inclinou-se para a frente, colocando as mãos sobre as coxas dele. Mas ele as tirou e as colocou nas coxas dela.

— Mantenha as mãos para baixo. Eu vou dirigir seus movimentos. Tudo que tem que fazer é relaxar e confiar em mim.

Naquele momento, ela percebeu que, apesar das dúvidas e de tudo, confiava nele e nem sequer sabia por quê. Deus sabia que aquele começo difícil e tumultuado do seu... o que quer que houvesse entre eles... não

inspirava uma confiança cega, mas Evangeline se sentia segura com Drake e alguma parte dela sabia que ele não iria machucá-la.

Depois de se certificar de que as mãos estavam no devido lugar, ela se inclinou sobre os joelhos dele e, hesitante, passou a língua em torno da cabeça bulbosa de seu pênis, lambendo-a até deixá-la limpa. Em seguida, abriu mais a boca e passou o pênis todo na boca, trabalhando a língua em torno de sua circunferência de modo que nenhum ponto ficasse intocado.

Para seu pavor, só tinha metade do pênis na boca quando sentiu a ponta raspar na parede de trás da garganta. Estava certa. Não tinha chance de conseguir engoli-lo inteiro. Não sem pagar mico e engasgar. Quão humilhante seria isso? Não sabia nada sobre garganta profunda, algo de que só ouvira falar em conversas mais indecentes com as amigas. Segundo elas, os homens gostavam de mulheres que pudessem fazer muita garganta profunda. Mas Drake mesmo tinha desmentido essa informação, dizendo que se quisesse uma especialista em boquete, como tinha dito, não faltariam mulheres a quem ligar. Ele tinha dito que queria Evangeline. Isso tinha que significar alguma coisa, certo?

— Relaxe, Angel — Drake disse, com carinho. — Gosto que seja demorado e lento. Entrar rapidamente em uma boca tão doce seria um crime. Respire fundo. Vou guiá-la. Respire pelo nariz. Não vou te machucar.

As palavras dele tiveram um efeito calmante, e Evangeline relaxou na mesma hora. Os dedos de Drake se enrolaram nos cabelos dela e ele empurrou sua cabeça com as mãos, segurando-a com firmeza enquanto assumia o controle.

Ele avançou, suas instruções repassando na mente de Evangeline. Por um momento, Drake parou, e Evangeline olhou para ele discretamente para ver seu rosto se contorcendo de prazer. Ele saiu e depois entrou novamente, aprofundando a penetração.

Evangeline sentiu um pânico rápido, mas se forçou a respirar pelo nariz e relaxar.

Durante vários longos minutos, ele empurrou, devagar, para dentro e para fora, ganhando mais profundidade conforme ela ia se acostumando com a experiência e com seu tamanho considerável.

Evangeline sentiu a mudança em Drake na mesma hora e entendeu que ele estava quase gozando. A mão dele apertou mais sua cabeça e seus

movimentos se tornaram menos leves. Estava quente e sedoso e muitíssimo duro em sua boca, deslizando sobre sua língua repetidas vezes.

— Vou foder sua boca, Angel. E vou meter com força.

Antes que ela tivesse tempo de reagir, ele começou a meter mais forte, fodendo a boca dela como tinha fodido a vagina. Ela não teve tempo para reagir ou pensar demais ou mesmo para entrar em pânico. Estava focada em ficar tão relaxada quanto possível e em se lembrar de respirar. Precisou de toda a sua força para não sufocar ou ter ânsia de vômito, mas estava determinada a não desapontá-lo.

Uma pequena explosão de líquido escapou em sua língua e a pegou de surpresa. E ela percebeu que ele estava muito perto.

— Engula, Angel. Eu vou gozar e não quero que deixe nem uma gota escapar.

Ela estremeceu com essas palavras, seu corpo inteiro formigando, seus mamilos e o clitóris inchados e excitados. Tanto que um único toque a catapultaria ao orgasmo.

Nunca tinha feito sexo oral, muito menos engolido o sêmen de um homem. E ele tinha dado ordens estritas para não permitir que nem uma única gota escapasse de seus lábios. Ela fechou os olhos, cedendo às exigências urgentes de Drake, e simplesmente se entregou a ele, sabendo que não falharia enquanto deixasse que ele estivesse no controle.

Ele meteu com força e, em um momento, suas bolas chegaram a bater no queixo dela. Seu corpo inteiro estava rígido, e suas mãos estavam fazendo uma confusão nos cabelos dela. Drake não conseguia mais ficar quieto, seus dedos e suas mãos acariciando sem parar a cabeça de Evangeline, enquanto murmurava palavras elogiosas e de encorajamento.

Ele começou a meter mais forte. Mais forte do que tinha metido antes. E ela sentiu uma explosão de líquido quente, primeiro na parede de trás da garganta e, depois, rapidamente, na boca toda. Lembrando-se da ordem de Drake, engoliu na mesma hora e, depois, engoliu de novo, quando mais líquido substituiu o que já tinha sido engolido.

Ele continuou a meter, embora seus movimentos estivessem mais suaves e sem a urgência de antes. O sêmen encharcou sua língua, o interior de suas bochechas e sua garganta até o fundo, preenchendo seu corpo da essência pura de Drake. E ela engoliu tudo, assegurando-se de que nada escapasse.

Quando ele finalmente começou a sair de dentro de sua boca, ela, amorosamente, lambeu todo o membro dele, limpando o sêmen assim como tinha lambido cada gota de cobertura.

Drake se abaixou e a levantou com cuidado. Evangeline estava tremendo, confusa pelo que tinha acabado de acontecer. Nunca teve vontade de chupar um homem. Parecia muito desajeitado, muito trabalhoso e, bem, não muito agradável. Mas Drake tinha mudado sua opinião sobre esse assunto em apenas alguns minutos.

Adorava poder dar tanto prazer a ele e sentir, que, de alguma forma, do seu jeito, tinha algum poder sobre ele.

— Vá se limpar — ele disse, num sussurro. — O banheiro é ali. — Apontou em direção a uma porta. — Ninguém irá te incomodar. Vá e troque para as roupas que trouxe para esta noite, e eu vou providenciar para que tragam comida para quando tivermos fome.

17

Evangeline sentiu-se como uma princesa encantada quando se olhou no espelho, examinando criticamente sua maquiagem, o caimento de seu vestido e o cabelo, que ela tinha prendido no alto da cabeça deixando alguns fios soltos, formando cachos que caíam suavemente sobre seu pescoço.

Por mais que tentasse, não conseguia achar um defeito em sua aparência. Deus sabia o tempo que ela tinha passado pensando em cada detalhe. É hora de encarar a fera. As lembranças da última vez em que entrou naquela boate ainda tinham o poder de envergonhá-la. Nada tinha mudado, exceto seu status como a mulher de Drake. Isso de repente fazia dela algo acima da média? Como diziam na cidade em que nasceu: você pode até passar batom em um porco, mas ele continuará sendo um porco.

Está certo, o vestido era maravilhoso e custava mais caro do que o modelito que ela usara naquela primeira noite, mas, ela também não tinha tentado entrar na boate com um vestido de alta-costura falsificado. Tentou achar qualquer diferença clara que a tornasse, de uma hora para outra, mais digna de estar na Impulse, mas não conseguiu.

Pelo menos, não precisava se preocupar em ser descartada, ou em sofrer algum assédio, e muito menos com a possibilidade de Eddie aparecer para arruinar a noite. Já tinha percebido que Drake não tinha mentido ao dizer que protegia o que era seu.

Um leve arrepio percorreu seu corpo enquanto as palavras de Maddox voltavam a sua mente. Ele tinha falado muito sério quando disse a Evangeline que Eddie nunca mais iria machucá-la ou chegar a menos de um quilômetro dela. O olhar de Maddox era ameaçador e ela acreditou totalmente nele, mas evitou se aprofundar em como ele poderia ter tanta certeza e até onde ele tinha ido para poder garantir que Eddie nunca mais seria problema para ela.

Drake era dono da boate, mas ela deduzia pelo que ouvia aqui e ali que ele tinha vários outros negócios. Não tinha muita certeza de que queria saber sobre tudo que ele fazia e a razão pela qual precisava daquele sistema de segurança tão criterioso e daqueles homens que pareciam poder quebrar o pescoço de alguém com um simples olhar.

Não, não queria saber. De algumas coisas, era melhor não saber. Talvez isso fizesse dela uma pessoa má. Antiética. Para não dizer estúpida e ingênua. Mas tudo em que queria se focar era no que quer que fosse aquilo que havia entre ela e Drake, e ver até onde aquilo ia.

Ele ficou puto. Não, puto era uma palavra muito dura. Irritado talvez fosse uma descrição melhor. Ele ficou irritado quando ela hesitou e pareceu questionar sua autoridade depois de concordar em obedecer a suas ordens e submeter-se a ele. E, no entanto, ela tinha ficado excitada com a autoridade evidente em sua voz. Será que ela estava louca? Havia Drake descoberto uma parte de Evangeline que ela mesma não sabia que existia – e, provavelmente, nunca teria ficado sabendo se não fosse por ele? Ela não conseguia nem se imaginar reagindo ao toque de outro homem como reagia ao dele, ganhando mais vida. Cada um de seus homens era incrivelmente atraente de um jeito único e, ainda assim, ela sentira nada mais que admiração pela beleza deles. Eles não tinham lhe despertado fantasias supereróticas.

Sabendo que levara muito tempo se trocando, arrumando o cabelo e passando maquiagem, e que Drake já devia estar irritado – mais uma vez – ela deu uma última conferida em seu visual e alisou o vestido antes de respirar fundo e calçar os saltos.

A mão dela pairou sobre a maçaneta enquanto reunia coragem para voltar ao escritório de Drake, rezando para que ele aprovasse e gostasse do seu look.

Engolindo em seco e endireitando as costas, levantando o queixo para dar ao menos a impressão de serenidade e confiança, Evangeline abriu a porta e, com o máximo de calma que conseguiu, foi em direção a Drake. Mas por dentro ela era uma massa de nervos em ebulição.

Assim que a porta se abriu e Drake apareceu, seu olhar se fixou nela e fogo queimou em seus olhos. Ele ficou em silêncio, mas seu olhar dizia tudo. Ele examinou cada aspecto de sua aparência, seu olhar fazendo uma leitura lenta da cabeça aos pés dela, o que fez as bochechas de Evangeline arderem tanto quanto os olhos dele.

— Você está deslumbrante — ele aprovou, com uma voz baixa, rouca e supersexy, capaz de fazer as partes íntimas dela se contraírem e formigarem. — Meu anjo virou uma verdadeira mulher fatal. Me deixa com vontade de mudar os planos para esta noite e ficar com você aqui dentro, só para mim. Não gosto da ideia de compartilhar uma gata dessa com ninguém. Prefiro ficar com você no colo para eu lamber, chupar e tocar a noite inteira.

Ela enrubesceu de prazer e delícia com a sinceridade na voz dele e com toda a... possessividade. Nunca imaginara que se sentiria atraída por um homem tão perigosamente possessivo, mas a ideia de que ele a considerava sua e era superpossessivo em relação ao que considerava seu mexia com uma parte de si mesma que Evangeline ainda não conhecia. Ela gostava daquilo. Muito. Que mulher não gostaria de pertencer a um homem como Drake Donovan e ser protegida, mimada e cuidada ao extremo?

— O vestido combina com você. Foi feito para você. E esses saltos... Vou te foder com você usando nada além deles mais tarde. Mas, amor, nenhum vestido, maquiagem ou sapatos pode fazer uma mulher como você ser mais bonita do que já é. Você brilha, independentemente do que usa. Em especial quando não está usando nada. Não há mulher no mundo que ficaria mais linda nesse vestido e com esses saltos. Pelo simples fato de ser você. Não se esqueça.

Tanto em suas palavras como na expressão do rosto dele, não havia sinal de outra coisa além de uma absoluta convicção. E, por Deus, a sensação de posse que Evangeline via tão claramente nos olhos dele fazia seus joelhos tremerem. A imagem de Drake possuindo-a com ela usando apenas aqueles saltos fez seu clitóris inchar e pulsar a ponto de ficar desconfortável.

Podia ter qualquer mulher no mundo e, mesmo assim, ele a escolhera. Evangeline não conseguia entender. Nem compreender. Mas, naquele momento, estava vivendo um conto de fadas e não tinha a menor intenção de questionar por que aquele homem lindo a achava bonita e a desejava, e não a outra mulher. Ela. Evangeline Hawthorn. Uma garota comum. Não tinha nada de extraordinário e ainda assim ele a fazia sentir-se desejada e especial.

Ela encurtou a distância entre os dois e se inclinou para que seus lábios flutuassem quase encostando nos dele.

— Fico feliz que tenha aprovado — Evangeline sussurrou.

E, em seguida, o beijou, sem se importar com o fato de que depois precisaria retocar o brilho labial. Precisava beijá-lo naquele momento. Tinha que lhe mostrar o que suas palavras significavam para ela.

Ela se alimentava avidamente na boca de Drake, sugando a ponta da língua dele quando seus lábios se abriram e então se aprofundando mais para poder saboreá-lo, consumi-lo.

Um grunhido grave veio da garganta dele e vibrou sobre a língua dela, fazendo Evangeline sentir arrepios na espinha.

Ela se afastou devagar, e ele franziu a testa como se não tivesse feito tudo que queria naquele momento, mas ela queria se perder mais uma vez em seu olhar e se deliciar com o desejo e a aprovação que via naqueles olhos escuros.

— Aprovar não é bem a melhor palavra, Angel. Não tenho certeza se você é um anjo ou um demônio na pele de um anjo. Nunca fiquei tão mexido com um simples beijo.

— Eu também — ela sussurrou.

Ele sorriu.

— Diga-me, Angel. Quantos homens você já beijou?

Ela corou e desviou o olhar, constrangida. Ele segurou seu queixo e, com carinho, guiou seu olhar de volta para o dele.

— Não perguntei para deixá-la desconfortável. Quero muito que diga que só beijou um outro homem, porque ele com certeza não conta, o que faria de mim o primeiro. O primeiro que significa alguma coisa. Porque esse pensamento me agrada pra caralho e eu não dou a mínima para a sua inexperiência. Quero ser o homem que vai te ensinar tudo sobre prazer e erotismo. Quero que, com o tempo, você esqueça Eddie Ryker totalmente e acredite mesmo que eu fui o seu primeiro em todos os aspectos do sexo.

O coração parecia que dava pulos dentro de seu peito e, por um momento, roubou-lhe o fôlego. Então, Evangeline sorriu, sem saber o estrago que aquele sorriso podia causar na população masculina.

— Quem é Eddie? — ela perguntou, com leveza.

Drake soltou um grunhido e passou a atacar Evangeline, beijando-a até que tivesse dificuldade para respirar.

— É isso que quero ouvir — ele disse, enquanto acariciava os lábios inchados de Evangeline com o polegar.

— E, para constar, Drake, você foi o primeiro — ela disse, com suavidade. — O que Eddie fez mal poderia ser chamado de outra coisa que não uma transa rápida em que ele teve prazer e não deu nenhum. Você é o único que já me deu isso.

Drake pareceu bem satisfeito com aquela resposta. Afrouxou as mãos sobre Evangeline e permitiu que recuasse, seu olhar ainda deslizando devagar sobre o corpo dela, provocando em Evangeline uma emoção deliciosa. Ele gostava mesmo do que via. Não havia nenhum fingimento em sua resposta, e era uma sensação tão inebriante. Como se estivesse tendo o sonho mais maravilhoso, um de que nunca queria despertar.

— Fique à vontade — ele disse. — A comida chegará em breve e depois dois de meus homens vão escoltá-la até lá embaixo. Quero que aproveite a noite como deveria ter feito na primeira vez em que veio aqui.

Evangeline se virou rapidamente, antes que ele pudesse ver a lividez em seu rosto. Ela se lembrava muito bem das reações dos frequentadores da boate. Ser a mulher de Drake não mudava quem e o que era, e ela ainda seria julgada e considerada indigna, não importava o que Drake achava.

— Evangeline.

Sua voz a deteve quando ela estava prestes a se afundar em uma das confortáveis poltronas que ficavam de frente para a mesa de Drake. Ela se virou, com uma expressão de dúvida.

— Tudo ficará bem — ele disse, com suavidade.

Ela fechou os olhos por um breve momento, decidida a não ficar chateada por causa daquela noite de novo e estragar a maquiagem.

— Você não tem ideia de como aquela noite foi péssima para mim, Drake. Até antes de Eddie chegar.

Os olhos de Drake se estreitaram.

— Explique o que quer dizer.

Ela suspirou, desejando que tivesse guardado seus pensamentos para si, e condenou sua compulsão de botar a verdade para fora, por mais estranha e constrangedora que fosse. Ninguém queria ouvir seu raciocínio e, ainda assim, ela sempre vomitava a pura verdade.

— Evangeline? — ele chamou.

Maldição, mas ele não ia deixar passar. Ela já conhecia aquele tom específico que ele tinha usado para dizer apenas uma palavra. O nome dela. Não era um pedido. Era uma ordem, e ela se sentia compelida a obedecer, apesar de seu claro desconforto em relatar os acontecimentos

daquela noite. Soltou outro suspiro resignado e buscou força e compostura bem fundo dentro de si.

— Assim que saí do táxi, as pessoas já estavam me julgando. As pessoas na fila. Até mesmo o maldito segurança da porta, ou qualquer que seja o cargo dele. O cara que fica na porta e deixa as pessoas entrarem ou as manda esperar na fila. Nem isso ele disse para mim, para ir para fila. Disse logo para eu ir embora. E cada pessoa daquela merda de fila estava dando risadinhas e olhando para mim como se eu fosse uma idiota por sequer pensar que poderia entrar em um lugar como a Impulse. Então, quando mostrei minha entrada VIP, parecia que ele tinha engolido um limão. E as pessoas na fila não foram muito discretas em sua indignação pela entrada de alguém como eu ser permitida enquanto elas continuavam esperando de pé, na calçada. Olharam para mim como se eu fosse um inseto. Outros riram na minha cara.

Evangeline fez uma pausa para descansar, surpresa com a raiva que toda aquela experiência humilhante ainda lhe causava.

— Depois que entrei, não foi melhor. Todo mundo ficou me encarando como se eu fosse um ET que tivesse chegado em um disco voador. Eles acharam divertido, foram bem arrogantes e desagradáveis, e me senti como se estivesse sob uma lupa. A única pessoa que foi legal comigo foi o barman. Ele foi amável. E gentil. Me tratou como uma pessoa normal, como se fosse tão boa e tão bem-vinda quanto os outros, enquanto o resto das pessoas no bar da frente me tratou como se eu fosse uma penetra ali. Foi horrível. Já tinha decidido ir embora. Fui muito burra em ter permitido que minhas amigas me convencessem a vir, mas aí Eddie chegou com uma mulher grudada nele e o olhar dela claramente dizia sou mais bonita, mais chique e melhor que voc*ê*, e, diferentemente de voc*ê*, que *é* um desastre na cama, consigo satisfazer meu homem. E meu orgulho estúpido não me deixou sair porque não queria que Eddie pensasse que eu estava envergonhada ou constrangida. Fiquei ali, esperando que ele não me notasse. Mas não tive essa sorte.

— Não tem jeito de um homem não te notar, Angel. A menos que esteja morto — Drake disse, secamente. — Você se vende muito barato, mas vou trabalhar nisso.

Ela estremeceu e continuou como se ele não tivesse falado nada.

— Foi horrível. A noite foi toda... horrível. E agora devo entrar lá e aguentar tudo de novo? Fingir que aquela noite não existiu e que todos ao

meu redor não estão me julgando, rindo de mim e se perguntando como mesmo eu consegui passar pelo segurança da porta?

Se não estivesse tão vulnerável por ter revivido aquela noite mais uma vez, o olhar no rosto de Drake a teria aterrorizado. Estava tomado por uma fúria assassina, com os olhos opacos, e apertava o maxilar com tanta força que devia estar doendo.

— Nada disso vai acontecer hoje à noite — ele garantiu, com uma voz suave que tinha um toque de ameaça. — Todos os meus funcionários sabem quem você é, que tudo que precisar deve ser providenciado e que deve ser tratada com o máximo respeito. Meus homens estarão por perto o tempo todo e, pode ter certeza, se alguém te desrespeitar de qualquer forma, terá o que merece e não vai ser bonito. Além disso, se alguém passar dos limites com você ou mesmo te olhar da forma errada, vou querer ser informado na mesma hora. Quero sua palavra, Evangeline. Que dirá a um dos meus homens para que me avisem, e o problema será resolvido rapidamente. Não vou tolerar nenhum desrespeito com você.

— Ok — ela disse, em uma voz trêmula, agora que tinha aprendido que Drake queria palavras, não gestos ou assentimentos.

A voz dele ficou mais branda, assim como a expressão e seu olhar.

— Quero que se divirta hoje à noite, Angel. Não sou um babaca que a deixaria em alguma situação constrangedora, nem a colocaria em uma posição desconfortável ou estranha. Tenho uma surpresa para você e acho que vai gostar. E, assim, espero que esqueça essa primeira vez que veio à Impulse.

Ela afundou na luxuosa cadeira de couro enquanto processava aquela frase enigmática e lançava um olhar curioso em direção a Drake. Ele sorriu.

— Quero que se divirta, Angel. Pelo que entendi, você não se divertiu muito em sua vida, pois sempre esteve muito ocupada trabalhando e cuidando dos outros.

O coração de Evangeline deu um pulo e ela não pôde evitar o sorriso ou o calor que de repente invadiu seu peito com a doçura daquele gesto.

— E, falando nisso, ainda preciso saber qual é o banco em que seus pais têm conta, e o número dela e da agência. Vou pedir à minha assistente que ligue e pegue as instruções para a transferência amanhã de manhã. Mas, primeiro, acho que seria bom você ligar para eles e informá-los. Assim o depósito não será uma surpresa.

Na mesma hora, a apreensão substituiu a euforia que acabara de experimentar.

— Ai, meu Deus, Drake. O que digo a eles? Como explico uma transferência inesperada que obviamente não veio de mim? O que eles vão pensar? Vai parecer suspeito, sem contar que vai levantar um monte de dúvidas sobre mim e sobre o que estou fazendo ou o que fiz para justificar um afluxo tão súbito de dinheiro.

Evangeline sentiu o calor invadindo suas bochechas. Vergonha. Como explicar Drake e seu relacionamento com um homem que conhecia há apenas alguns dias?

— E se eles acharem que sou um traficante de drogas ou uma prostituta? — Ela perguntou, com horror.

Em sua pequena cidade natal, se alguém de repente ganhava dinheiro em circunstâncias misteriosas, gerava um turbilhão de fofocas, e isso era a última coisa que queria para seus pais. Se fosse só ela sofrendo, não se importaria. Mas se preocupava com o modo como os pais eram tratados e o que era dito sobre eles. E se importava com o que os pais pensavam dela.

— O que sou exatamente? — Evangeline sussurrou enquanto continuava a olhar para Drake, em completa crise. — Sua amante? Uma acompanhante paga?

Aí, parou e enterrou o rosto nas mãos, sem se importar com o fato de que teria que retocar bastante a maquiagem mais tarde.

— Esta não sou eu — ela disse. — Não sou essa pessoa que deixa alguém, ainda mais alguém que mal conheço, se intrometer e cuidar dos meus problemas no meu lugar. Se fosse só pelo fato de eu me odiar, ou de estar envergonhada, eu aguentava, porque não tem nada que não faria por minha mãe e meu pai. Mas me preocupo se eles ficarão decepcionados ou com vergonha de mim, pois nunca iam querer que eu fizesse algo que fosse contra o jeito como me educaram.

Quando finalmente teve coragem de tirar as mãos do rosto, esperava ver raiva, fúria até, marcando toda a expressão de Drake e cintilando em seus olhos. Mas não viu nada disso. Naquele momento, um laço inexplicável se formou entre eles. Um laço de compreensão. E de orgulho.

Nenhum dos dois falou, ambos cientes da conexão, não em um nível físico, mas em um nível emocional. Eles poderiam viver em mundos completamente diferentes, mas coisas como orgulho e autoestima eram universais, e, nessa seara, estavam em terreno comum. Eram apenas duas

pessoas com algo em comum. Sem divisões, financeiras ou sociais. Pessoas. Apenas pessoas. Experimentando e respeitando sensações que não tinham barreiras.

— Prefere que eu ligue para eles e explique, Angel? — Ele perguntou, com suavidade.

Era tentador. Deus, era tão tentador. Evangeline odiava conflitos, evitava-os a todo custo, porque a incomodavam por dias, semanas até, mesmo depois de terminados. Mas tinha que manter o controle sobre alguma parte de sua vida, já que tinha perdido de tantos outros aspectos em seu breve relacionamento com Drake. E ela era muitas coisas, assumidamente uma covarde, uma covarde que mantinha a cabeça bem enterrada na areia, mas ficaria envergonhada para sempre se não tivesse coragem suficiente para enfrentar as duas pessoas mais importantes em sua vida.

— N-não. Não — ela disse, com mais firmeza na segunda vez. Respirou fundo. — Eu que tenho que fazer isso. Devo uma explicação a meus pais, e deve vir de mim, não de um homem que é um completo estranho para eles. Não foi para isso ou desse jeito que me criaram. Acima de tudo, me ensinaram a assumir a responsabilidade por minhas ações e nunca me esconder atrás de outras pessoas. Posso me esconder de mim mesma, mas nunca serei acusada de me esconder atrás de alguém.

Mais uma vez, havia um brilho profundo de respeito nos olhos dele, fazendo-os parecer mais profundos e mais escuros do que o normal. E, naquele momento, ela percebeu que a aprovação de Drake – seu respeito – significava muito mais do que deveria para ela, dado que mal se conheciam.

— Você se lembrou de trazer seu celular novo ou precisa usar o meu? — Ele perguntou, com leveza, como se ela não estivesse prestes a fazer uma ligação que tinha o potencial de fazê-la surtar com força.

— Eu trouxe — ela respondeu, olhando em todos os cantos da sala, a cabeça confusa, tentando lembrar onde deixara a bolsa.

— Se está procurando sua bolsa, você a levou para o banheiro.

Evangeline lançou um olhar agradecido a Drake e, em seguida, antes que perdesse a coragem, correu para o banheiro, onde sua bolsa estava no balcão ao lado da pia. Procurou o telefone lá dentro e deu-se conta de que não tinha gravado seus contatos no novo aparelho. Não que tivesse muitos.

No estado em que estava, se conseguisse lembrar de cabeça o número dos pais já seria bom demais.

Deslizava os dedos sobre a superfície brilhante do touch screen, franzindo a testa, concentrada, quando entrou de novo no escritório de Drake. Voltando para a cadeira que acabara de abandonar, afundou-se nela enquanto levava o telefone à orelha.

Seu olhar se levantou e encontrou o de Drake, e ela sentiu como se estivesse se afogando. Como se os dois fossem ímãs, e ela estivesse sendo puxada e absorvida por ele. Sem pensar muito, afastou o telefone da orelha e apertou o botão para a opção de viva-voz. Então, levantou-se e foi em direção a Drake. Colocou o telefone sobre a mesa com a tela virada para cima, e teria ficado de pé ao lado do aparelho enquanto falava com os pais, mas, assim que a voz familiar de sua mãe ecoou pelo viva-voz, Drake segurou seu pulso e a puxou por trás da quina até o seu colo. Depois, ele pegou o telefone e o deslizou até perto de Evangeline.

De repente, não estava mais tão nervosa. Calma permeava seus nervos esgotados e ela tirou forças da firmeza e do apoio que encontrava em Drake.

— Oi, mamãe — Evangeline disse, com uma voz alegre.

— Evangeline? É você? Perdeu seu telefone? Quase não atendi. Recebo tantas ligações irritantes de telemarketing e trotes alegando que devo à Receita Federal alguma quantidade obscena de dinheiro. Vou te contar, é ridículo quando uma pessoa não pode atender o próprio telefone sem ser assediada por alguém que não consegue nem falar direito a palavra puni*ção* ou impostos devidos. Mas me lembrei de que esse era o seu código de área e bem, e se algo tivesse acontecido com você e alguém estivesse tentando me avisar? Me sentiria péssima se ignorasse essa ligação.

Os lábios de Drake se contorceram e seus olhos brilharam pela graça daquela cena.

— Estou bem, mamãe — disse Evangeline, apressando-se em tranquilizar a mãe antes que sua imaginação saísse fora de controle e ela pensasse em todo tipo de coisas horríveis que poderiam ter acontecido com a filha.

Sua mãe tinha certeza de que Evangeline seria assaltada, estuprada ou assassinada já na primeira semana em uma cidade tão pecaminosa. Ela e o pai de Evangeline tinham implorado para que ela não se mudasse para

Nova York, e eles não a queriam tão longe deles. Dizer que eram superprotetores era eufemismo.

Ela mordeu o lábio inferior, consciente de que assim que explicasse o que estava acontecendo, sua mãe – e seu pai – ficariam desesperados e implorariam para que voltasse para casa. Drake deu-lhe um aperto reconfortante e um aceno de encorajamento, bastante necessários naquela hora. Ela quis se enterrar no peito largo dele e abraçá-lo bem forte.

— Estou com um telefone novo. O antigo... Er... bem, ele quebrou e eu não posso ficar sem um meio de comunicação.

Estremeceu com a mentira branca, nunca tinha mentido, e não gostou da sensação. A culpa inchou em suas entranhas e ela pediu perdão por aquela mentira.

— Ah, claro. Fico feliz que tenha tomado a atitude mais sensata e comprado um novo logo. Não ia dar certo de jeito nenhum você viver nesta cidade tão grande e não ter como pedir ajuda. E se você se machucar? E se alguém te atacar? Sim, porque outro dia li um artigo no jornal sobre duas mulheres que foram abordadas em Nova York. Toda segurança é pouca hoje em dia.

Evangeline hesitou, fechando os olhos enquanto a mentira crescia e inchava, porque não tinha comprado o telefone. Drake é que tinha. Até o momento Drake tinha comprado tudo. Ela se sentou no colo de Drake e ouviu enquanto sua mãe discorria sobre os perigos de viver em uma cidade onde não se podia contar com os vizinhos e as pessoas não ajudavam quem estava em necessidade.

Tinha tentado explicar à mãe o estereótipo de Nova York e que, na verdade, a cidade era bastante segura, mesmo que Evangeline vivesse em uma área considerada perigosa. Ou melhor, tivesse vivido. Mais uma coisa para contar à mãe. Mas sua mãe recusava-se a acreditar que uma cidade tão grande quanto Nova York pudesse ser segura e dizia a Evangeline que ela era uma alma doce e crédula e quase sempre advertia a filha para não ir para o mal caminho. Ah, em quanto do mal caminho sua mãe pensaria que ela estava naquele momento, dando uma banana para a cautela e entregando sua vida a um homem que ela conhecera apenas dias atrás.

Drake se sacudiu um pouco, e ela olhou sério para ele, tentando saber o que estava errado. Então, viu que ele estava rindo em silêncio e, como mostrava claramente sua expressão, se divertindo.

— Hum, mamãe, o papai está perto de você? Pode colocá-lo na linha também? Tenho algo para contar a vocês dois.

— Claro.

Houve uma longa pausa enquanto sua mãe parecia digerir o pedido de Evangeline, o que era incomum, então Evangeline só podia pensar que havia algo em sua voz que sua mãe tinha pescado.

— Querida, está tudo bem? — a mãe perguntou, ansiosa.

— Evangeline, como você está, querida?

A voz rouca de seu pai soou quentinha nos ouvidos de Evangeline. Por um momento, sentiu tanta saudade que perdeu o ar. Drake a apertou e ela suspirou. Pessoalmente ou por telefone, ela transmitia suas emoções como se fosse um maldito telão em um estádio de futebol.

— Estou bem, papai — ela disse, alegre. — A questão é como você está? Como vem se sentindo esses dias?

— Estou bem — disse ele, a voz rouca. — Você está preocupando sua mãe, então diga logo o que quer nos dizer para ela não ficar se descabelando aqui.

Não conseguia evitar: amoleceu e sorriu. Deus, ela sentia falta deles. Mais do que qualquer coisa, queria ir para casa e encontrá-los, mas comprar uma passagem de avião significava deixar de dar dinheiro aos pais e, por enquanto, eles precisavam muito mais de apoio financeiro do que de uma visita da filha.

Mas Drake estava mudando tudo. Talvez... Ela cortou aquela linha de raciocínio. Seus pais podiam receber o cuidado dele, fato pelo qual ficava grata, mas Evangeline estava sem emprego e sem a menor chance de juntar a grana necessária para ir visitar a família. Dependia de Drake para tudo, e seu coração se apertou com as consequências desse fato.

— Não sou mais garçonete no pub — disse Evangeline, decidindo começar com as notícias mais fáceis e ir abrindo caminho para as mais chocantes.

— Louvado seja Deus! — disse a mãe, com fervor.

— Ótimo — disse seu pai, em tom firme. — Nunca gostei de pensar que você trabalhava em um lugar como aquele. Um bar não é lugar para uma menina boa como você. Odiava vê-la fazer isso porque eu não posso mais prover sustento para minha própria família.

O coração de Evangeline doeu ao sentir a dor na voz de seu pai. Ele não sabia que ela faria qualquer coisa, qualquer coisa, para retribuir tudo o que

tinham dado a ela?

Drake acariciou seu braço para cima e para baixo, parando a mão em seu ombro antes de retomar aquele movimento vagaroso. Estava totalmente absorto na conversa, uma expressão pensativa no rosto.

— E também conheci alguém — Evangeline disse suavemente.

Enquanto ela falava, olhou para Drake, implorando, em silêncio, que ele entendesse a mentira que estava prestes a contar. Sua mãe e seu pai simplesmente não entenderiam. A natureza da relação de Evangeline com Drake os confundiria, e ela não tinha dúvida de que os dois pegariam o próximo voo... Espere, não, seu pai faria sua mãe dirigir até Nova York porque traria sua espingarda e salpicaria a bunda de Drake com balas por ter "desonrado" sua menina.

— Trabalho para ele agora — disse ela. — É um bom trabalho. Salário fantástico. E benefícios também — acrescentou, apressadamente, para Drake ouvir.

Os olhos dele brilharam e seus dentes brancos reluziram. Era tão incrivelmente atraente que ela podia sentir seu corpo ficar excitado e se animar. Seus mamilos se enrijeceram e o bico ficou rígido, ela se contorceu no colo dele, desconfortável, em um esforço para aliviar a sensibilidade entre suas pernas.

— Nossa, isso é maravilhoso, querida! — sua mãe disse. — Quando vamos conhecê-lo?

Evangeline entrou em pânico, evitando o olhar de Drake, porque não queria ser presunçosa. Não quando ele, como tinha deixado claro, é que dava as cartas.

— Em breve — Evangeline respondeu, vaga. — Mas tem mais. Ele não gostava do meu trabalho no bar.

Antes que pudesse continuar, seu pai interrompeu:

— Me parece um homem com uma cabeça boa e alguém que vai cuidar da minha menina. Ainda bem que ele colocou algum juízo na sua mente.

Drake riu, abafando o som com a mão enquanto Evangeline olhava para ele.

— Quando ele insistiu em saber por que eu trabalhava tanto e até tão tarde, expliquei que precisava ajudar a minha família.

Sua mãe emitiu um som de angústia e Evangeline fechou os olhos, sabendo como o orgulho era importante para ela. Algo que ela e seu pai tinham lhe ensinado.

— Ele quer ajudar — prosseguiu Evangeline, tentando vencer o momento difícil. — Não me deixará voltar a trabalhar lá e, por isso, vai depositar um dinheiro na conta de vocês amanhã. Eu queria ligar para avisá-los para que não achassem que tinha sido um engano ou tirassem conclusões erradas.

Sua mãe perdeu o fôlego com a surpresa, mas se recuperou em seguida.

— Até que ponto conhece esse homem, Evangeline? Ele a trata bem? Você sempre pode voltar para cá. Sabe disso. Nós conseguiremos sobreviver. Sempre conseguimos.

Foi nesse momento que Drake a surpreendeu e pegou o telefone, desligando o viva-voz enquanto colocava o telefone na orelha. Antes que Evangeline exigisse que devolvesse o aparelho, ele começou a falar com a sua mãe.

— Sra. Hawthorn, meu nome é Drake Donovan e gosto demais da sua filha. Aquele lugar onde ela trabalhava era perigoso.

Evangeline começou a protestar, mas, na mesma hora, foi calada por um forte aperto do braço que envolvia seu corpo.

— Além disso, o prédio em que ela morava não fica em um bairro seguro e não era muito bem cuidado. Ela morava no sétimo andar e os elevadores não funcionam há pelo menos um ano. As trancas eram tão frágeis que uma criança conseguiria invadir. Eu não podia ficar de braços cruzados e permitir que ela continuasse exposta ao perigo quando posso ajudar de alguma maneira, e é exatamente o que pretendo fazer. Minha prioridade é Evangeline, e, como vocês são a prioridade dela, são importantes para mim também porque quero que ela seja feliz, mas, principalmente, quero que esteja segura. Ela estava ralando demais, sendo exposta a homens que não se importariam em machucá-la. E isso eu não vou permitir de maneira alguma. Compreendo suas preocupações. Elas são as minhas também. Mas, tenha certeza, Evangeline estará bastante segura sob minha proteção e cuidado, e acho que todos vamos concordar que, se vocês estiverem seguros financeiramente, será um fardo a menos para ela.

Drake fez um longo silêncio enquanto ouvia com atenção o que quer que os pais de Evangeline estivessem dizendo, e ela estava se mordendo de frustração e de impaciência por ter sido deixada de fora de uma conversa muito importante a respeito dela! Quanto mais ficava ali, sentada, presa pelo braço de Drake, mais irritada se sentia, até que começou a fritar sobre aquilo.

— Ela estará sob minha proteção constante, e, a partir de agora, vai morar comigo. Estará segura o tempo todo e sua felicidade é de extrema importância para mim, algo que acho que nós três temos em comum. Eu não seria um homem se não fizesse todo o possível para aliviar as preocupações e o estresse de Evangeline, e parte disso é garantir que as pessoas que ela mais ama estejam bem. No passado, ela assumiu essa tarefa sozinha. Isso vai mudar a partir de agora. Agora ela tem a mim. Terei o maior prazer em passar para vocês todos os meus números de contato, bem como o telefone da nossa casa. E vocês agora têm o número novo de Evangeline, depois que ela ligou. Podem ligar a qualquer momento. No entanto, se tiverem qualquer preocupação e, principalmente, se precisarem de alguma coisa, prefiro que falem diretamente comigo, para poupar Evangeline de preocupações desnecessárias.

Evangeline lançou um olhar abalado para Drake. Estava cortando sua comunicação com seus pais? Estava restringindo seu acesso a eles?

Ele a abraçou e lhe deu um beijo na testa quando ouviu a resposta de seus pais.

— Bom — ele finalmente respondeu. — Parece que estamos todos de acordo.

Evangeline sentiu lágrimas queimarem seu rosto. Todos menos eu. Mas as palavras permaneceram não ditas, apenas ecoaram em sua mente.

— Sim, senhor, entendo perfeitamente, e na sua posição eu sentiria o mesmo. Vou te fazer uma promessa: Evangeline estará sempre segura comigo e moverei céus e terras para fazê-la feliz. Não vou deixá-la se arrepender de confiar em mim.

Mas ela já estava se arrependendo, não importava que seus pais, em particular seu pai, tivessem dado a bênção à toda aquela situação confusa. Sentiu que os pilares que a sustentavam, e a sua vida, estavam desmoronando, começando a cair cada vez mais rápido, e seu controle estava evaporando sob o domínio de Drake. Perguntou-se como conseguiria permanecer intacta sendo submissa a alguém tão poderoso e exigente quanto Drake, sem se tornar uma pessoa completamente diferente do que era: Evangeline.

Podia até não ter muito, mas sempre soube quem era e onde estava. Agora Drake ameaçava tudo. Estava tão abalada com o que acabava de acontecer, e talvez estivesse tão envolvida naquela história de Cinderela, que não tinha a real dimensão daquilo com o que tinha concordado.

Ou talvez soubesse exatamente no que estava se metendo, e aquela parte desconhecida de si mesma que se revelara com a autoridade de Drake tinha se firmado e estivesse buscando algo de que sentia falta, uma parte essencial de si mesma que vinha sendo reprimida. Poderia resistir e arriscar ficar insatisfeita, retornando à sua vida normal e previsível. Ou poderia abraçar a vida desconhecida, mas tentadora, que Drake estava lhe apresentando, e talvez descobrir quem era de verdade a Evangeline real e o que ela queria.

18

Drake notou que Evangeline estava chateada e contrariada quando, assim que terminou a ligação para seus pais, ela saiu de seu colo depressa e murmurou alguma desculpa que tinha a ver com precisar retocar a maquiagem. Mas não chamou a atenção dela e nem a lembrou de que tinha prometido dar todo controle a ele e também sua confiança. Não queria arruinar a noite que planejara. E a reação dela era compreensível. Quanto mais conhecia dela e quanto mais descascava das delicadas camadas daquela mulher que agora chamava de sua, mais gostava de quem via e do que ela era. Estava muit*í*ssimo orgulhoso de Evangeline. Era canalha o bastante para assumir que poucas vezes sentira respeito e admiração de verdade por uma das mulheres que tivera, muito menos orgulho. Mas com seu anjo a história era diferente. Ela era um desafio a que não conseguia resistir mesmo que tentasse, e com certeza a desejava, Evangeline, o pacote completo, e estava ansioso por cada etapa do relacionamento. Só esperava que ela conseguisse administrar tudo que ele estava disposto a dar, porque planejava devolver na mesma medida tudo aquilo que ela estava lhe dando.

Era uma mulher enganosamente frágil e ingênua – tinha um âmago de aço. E, após ouvir a conversa dela com os pais, e depois de ele próprio falar com eles, Drake percebeu que tinha tirado conclusões erradas sobre as preocupações dos dois.

Ele ficou com raiva. Não, com raiva não. Furioso. Ficou furioso quando achou que as duas pessoas que deveriam ter protegido Evangeline estavam, na verdade, se aproveitando dela de um jeito horrível. Porém, depois de perceber o amor e carinho óbvios que havia entre os três, entendeu que os pais de Evangeline também não estavam felizes por ela precisar abrir mão de tanto por causa deles. Tinha sido Evangeline quem decidira fazer tudo o que estivesse a seu alcance para prover às pessoas

que a amavam e que a tinham criado. Poucas mulheres jovens colocariam a vida em suspenso indefinidamente para fazer a coisa certa.

No entanto, ele tinha ouvido o alívio nas vozes da mãe e do pai de Evangeline quando lhes disse que ela nunca mais trabalharia naquele bar, e que teria segurança garantida todo o tempo. Pensando bem, estava feliz por ter tirado o viva-voz quando pegou o telefone, porque ouvir o que os pais haviam dito só machucaria Evangeline e a faria sentir-se uma fracassada.

Não queriam receber dinheiro colocando a filha em perigo. Sim, com certeza precisavam da ajuda que ela lhes enviava regularmente, mas preferiam ver Evangeline estudando e feliz, cuidando da própria vida, a assisti-la afundar o próprio futuro por causa dos pais, sempre colocando as necessidades deles antes das suas. Sentiam, obviamente, muita culpa e queriam mais e o melhor para a filha que tanto adoravam. Drake queria dar isso a Evangeline e, por extensão, aos seus pais.

Seu pai estava preocupado principalmente porque, como havia dito a Drake, em um tom que não podia ser confundido com nada além de um aviso, Evangeline não tinha namorado no colégio, embora muitos rapazes tivessem tentado. Por isso, ela tinha pouca experiência e era crédula demais. Tinha medo que ela não tivesse a sofisticação das pessoas de Nova York e que se aproveitassem dela. Outro ponto em que Drake concordava totalmente com ele.

Mas foi a última coisa que o pai de Evangeline tinha dito que tinha abalado o sempre sólido autocontrole de Drake. Ele dissera que Evangeline era muito retraída e evitava relacionamentos, e não conseguia enxergar ou reconhecer os próprios atrativos. Mas, quando ela amava, amava de corpo e alma, e não havia mulher mais leal ou fiel. E que se Drake fosse o alvo desse amor, seria o homem mais sortudo do mundo.

Ele quase começou a xingar enquanto esperava Evangeline voltar. Queria que ela sorrisse, que fosse feliz e que brilhasse. Que iluminasse o cômodo inteiro quando chegasse ao camarote que havia reservado para ela. Todos os caprichos dela seriam atendidos, e não pouparia dinheiro para lhe dar prazer e para surpreendê-la.

Foi salvo de qualquer elucubração a mais quando Evangeline retornou, a maquiagem retocada – mas havia um incômodo em seus olhos de que ele não gostava nem um pouco. Algo a estava chateando e Drake queria que ela estivesse feliz, curtisse a noite e não ficasse com a cabeça longe.

Suspirou e estendeu a mão para ela. Ficou satisfeito quando Evangeline obedeceu e foi até atrás de sua mesa, onde permanecia sentado. Ele a puxou mais uma vez para o seu colo, mas dessa vez ela não relaxou em seu abraço e se misturou ao seu corpo como antes.

— Angel, temos um acordo. Se algo está te incomodando, não importa se uma coisa grande ou pequena, você precisa confiar em mim, e é óbvio que há algo em sua cabeça. Não quero que nada estrague esta noite para você, então, até me dizer o que está acontecendo, você fica aqui comigo.

Ela parecia... triste. Droga. Drake não gostava do efeito que a tristeza dela tinha sobre ele. Ou que isso lhe importasse tanto. Ela se virou para encará-lo, medo e sobressalto refletidos em seus olhos.

— Disse a meus pais que ligassem para voc*ê*, não para mim, pois não queria que eu me preocupasse à toa. Está cortando meu acesso a eles? Só terei notícias dos dois por você a partir de agora? Terei permissão para ao menos falar com eles?

Ele praguejou, percebendo que Evangeline poderia ter interpretado mal a conversa que tinha ouvido.

— Essa não é, de jeito nenhum, minha intenção. Eles são livres para te ligar e você, para ligar para eles. Mas se eles precisarem de algo, espero que procurem a mim e não a você, porque não quero que você se preocupe com algo que eu posso corrigir.

Ela assentiu devagar e soltou o corpo de alívio. Lançou um olhar sentido para ele.

— Desculpa. Já estou pisando na bola. Prometi confiar em você e, no entanto, na primeira oportunidade, fico questionando.

Em circunstâncias normais, sim, Drake estaria impaciente e chateado. Já teria dispensado outra mulher que tivesse cometido as transgressões de Evangeline. Mas nela tudo era compreensível, e não conseguia brigar com ela, pois suas preocupações eram sempre sobre os outros e não sobre si mesma. Deu um beijo na testa dela.

— Não pisou na bola, Angel. Acho que ambos cometeremos erros nesse começo de relacionamento. Seja paciente comigo e serei com você.

Ela sorriu, com brilho de volta nos olhos.

— Me diz, que história é essa de surpresa?

Colocou a mão sobre a parte descoberta das costas dela, incapaz de sufocar o desejo de tocar aquela pele sedosa.

— Acho que disse que a gente ia comer primeiro. Você deve estar morrendo de fome. Além disso, ainda não é a hora da surpresa.

A boca dela se curvou para baixo em um biquinho fofo, que ele duvidou que fosse intencional e até mesmo que ela percebia o que estava fazendo. Ela franziu o cenho e olhou para seu vestido com desânimo.

— Era melhor ter comido antes de me trocar. Provavelmente vou fazer uma meleca no meu vestido e vou ter que retocar a maquiagem de novo.

— Não, não vai não — Drake disse, calmo. — Cada pedaço do que vai comer virá da minha mão.

Ela se virou, seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Sim, meu anjo. Você vai ficar sentada aqui no meu colo enquanto eu te alimento. Vou aproveitar cada segundo disso e, se houver qualquer meleca na sua boca, ficarei mais que feliz em limpá-la.

Evangeline estava confusa.

— Por que quer me alimentar? Não é algo que eu deveria fazer por você, já que sou sua submissa?

Era a primeira vez que ela reconhecia abertamente e dizia em voz alta o que era, e Drake ficou feliz que tenha vindo naturalmente, sem pensar ou hesitar. Ele lhe apertou mais junto ao seu corpo para que ela soubesse que estava contente com a pergunta e com a aceitação em sua voz.

— Como seu dominante, também tenho responsabilidades. Sim, você obedece a mim, responde apenas a mim, mas também é tarefa minha cuidar de você e de todas as suas necessidades. O ato de alimentar minha mulher é algo muito íntimo, algo de que gosto. Por isso, essa é uma forma de você me dar prazer.

— Ah... — ela exclamou suavemente, com uma ruga entre as sobrancelhas e o olhar pensativo enquanto processava a explicação dele.

Uma batida na porta anunciou a chegada da refeição que Drake tinha pedido. Evangeline se contraiu, mas ele manteve o braço em volta dela para que não saísse de seu colo, e deu nela um aperto de advertência que a fez relaxar encostada nele, de novo, na mesma hora.

— Entre — Drake disse.

A porta se abriu e um dos funcionários da cozinha saiu com um carrinho do elevador e, com rapidez, começou a levar os pratos para a mesa de Drake, arrumando as entradas e os utensílios, e servindo vinho para Drake e Evangeline. Poucos segundos depois, ele e Evangeline estavam a sós mais uma vez.

Ele a puxou para ainda mais perto, e ela relaxou em seu peito. Assim, ele conseguiria continuar segurando Evangeline enquanto cortava o bife suculento em pedaços pequenos.

Então, ele cravou um pedaço e, com carinho, levou-o até os lábios dela, esperando que abrisse a boca e aceitasse sua oferenda.

Antes de abrir os lábios e permitir que o garfo deslizasse, sensual, para dentro, Evangeline passou a língua nervosamente sobre os lábios, o que quase fez Drake soltar um gemido. Quando mordeu, ela fez "hum".

— Gostoso? — ele perguntou.

— Muito — ela disse, em um quase sussurro.

Drake continuou dando comida a Evangeline, parando algumas vezes para comer também. Ela foi relaxando até ficar totalmente moldada ao corpo dele. Drake podia senti-la mastigando e engolindo, o corpo dela roçando no dele, e foi absorvido por uma felicidade que vinha fugindo dele havia tempo demais.

Notou que cada vez que comia um pedaço e dava outro para Evangeline em seguida, ela comia devagar, segurando o garfo na boca e permitindo que deslizasse por sua língua como se estivesse absorvendo cada parte da língua dele, que tinha acabado de tocar o talher. Era totalmente inocente. Duvidava que ela estivesse ciente do que fazia, mas aquilo o deixava excitado para caralho e sua ereção ia, sem dúvida, deixar o vestido marcado na bunda dela.

Merda de situação. Não ia se mover nem um milímetro para aliviar a dor que sentia no saco porque gostava de Evangeline bem ali, onde estava. Ela era dele. Pertencia a ele. Podia tê-la a qualquer momento, da forma que quisesse, e tinha prazer em saber disso. Nunca tinha ido tão devagar com uma mulher, mas Evangeline não era qualquer uma. Com ela, esperar só deixava tudo mais gostoso.

Mas naquela noite... Mais tarde, quando a levasse para casa, ele ia mostrar seu domínio e exigiria sua submissão. Física. Seu anjo era durão. Seus olhares eram enganadores assim como sua ingenuidade. Ela tinha mais força interior do que a maioria dos homens que ele conhecia, e ainda assim tinha o espírito suave e doce que cativava todos a seu redor.

Não tinha dúvida de que ela estava pronta e conseguiria aguentar o que tinha planejado para os dois. Tudo que queria era que a noite tivesse acabado e já pudesse voltar com Evangeline para casa para saciar as

fantasias eróticas que vinham tomando conta de todo o seu ser desde o momento em que a vira pela primeira vez.

Por fim, Evangeline mergulhou de novo no abraço de Drake, enfiando a cabeça sob o queixo dele, e soltou um suspiro de satisfação.

— Não consigo comer mais. Até queria, mas estou quase passando mal de tão cheia — ela disse, com pesar.

Drake afastou o prato e a envolveu com os braços, aproveitando a sensação de ter consigo tanta suavidade feminina. Não havia sensação melhor do que abraçar uma mulher satisfeita. Uma satisfação pela qual ele era responsável. Não negava que era um enorme afago no ego.

Passou o rosto nos cabelos dela, com cuidado para não atrapalhar o coque elegante que ela tinha feito. Caso contrário, Evangeline fugiria para o banheiro para fazer tudo de novo e ele preferia que ficasse onde estava, ao menos por enquanto.

— Você estava certo — ela disse, baixinho, a respiração roçando de leve na pele dele.

Ficou tomado por curiosidade. Estava aprendendo rápido que Evangeline falava o que vinha a sua cabeça, e ele sabia que nunca seria capaz de adivinhar o que ela estava pensando em um determinado momento.

— Sobre o quê, Angel?

— Ser alimentada por alguém é algo muito íntimo — ela confessou. — Achei que era bobagem. Mas foi... Isso... Me excitou.

Ele sorriu pela honestidade característica dela, aplaudindo sua decisão de tornar seu aquele anjo de olhos azuis e cabelo loiro.

— A mim também — ele respondeu, em um sussurro.

— Pena que tenha outros planos para mim — ela disse, de um jeito malicioso.

Ele riu.

— Ah, mas não se preocupe, Angel. Tenho mais planos para esta noite do que apenas a sua surpresa. Na verdade, planejei bastante coisa para quando chegarmos em casa.

Ela se ajeitou em seu colo, claramente excitada pela insinuação, e ele quase gemeu em voz alta, porque aquilo não melhorava sua situação quando tudo que queria era enterrar seu pau tão profundamente quanto possível dentro dela. Evangeline suspirou.

— Você é uma tentação, Drake. Como vou conseguir curtir minha surpresa sabendo o que me a aguarda depois?

Ele pegou em seu seio por cima da fina camada de tecido do vestido e acariciou o mamilo até que ficasse duro e ereto. Depois, capturou com a boca um suspiro dela, enquanto lhe dava um beijo longo e forte, que deixou ambos sem fôlego.

— Divirta-se, e depois vamos nos divertir juntos.

19

Voltaram para casa em um silêncio enervante, mas ao menos Evangeline sentou-se encostada no corpo forte de Drake, aconchegada sob seu braço, a bochecha em seu peito largo. O abraço dele era possessivo, o que, como decidira em algum momento nos últimos dias, Evangeline gostava. Gostava muito. Sentia-se pertencendo, pela primeira vez. Que se encaixava, embora fosse absurda a ideia de se encaixar no estilo de vida brilhante e cheio de excessos de Drake. E mesmo assim sentia-se desse jeito. A primeira vez que sentia-se pertencendo a algo desde que deixara a casa dos pais para morar na cidade grande.

Quem diria que se divertiria tanto na boate onde há tão pouco tempo tinha sofrido tantas humilhações? Muito pouco tempo, mas parecia outra vida. Tanta coisa aconteceu desde aquela noite fatídica. De um jeito estranho, doentio mesmo, sua decisão de concordar com o plano das amigas – e o desastre que se seguiu – era o que a tinha colocado na situação em que estava agora e, principalmente, com quem estava agora.

Como dizia sua mãe, o destino tinha formas misteriosas de funcionar, e tentar adivinhar o futuro era como tentar impedir que água escorresse pelos dedos. Suspirou e se aconchegou um pouco mais ao lado de Drake.

A cabeça de Drake girou em sua direção, seu queixo esfregando sobre a parte superior de sua cabeça.

— Por que o suspiro? — ele quis saber.

Ela encolheu os ombros e afundou o rosto no peito dele. Pela primeira vez, não deixou a verdade escapar. Como poderia explicar o que nem sequer compreendia direito? Sem contar que, embora sua experiência amorosa fosse limitada, tinha certeza de que falar de coisas como destino tão cedo em um relacionamento faria com que a maioria dos caras desacelerasse de vez. Ela estava se adiantando demais e, precisava se lembrar, pela primeira vez na vida, de não ficar pensando no próximo ano,

no próximo mês, na próxima semana. Viver o momento. Hoje. Aceitar cada dia como ele vier e aproveitar a caminhada.

Para sua surpresa, Drake não a questionou mais. Talvez tenha percebido sua súbita introspecção. Seguiram o resto do caminho em silêncio, seu calor envolvendo-a como um casulo.

Chegando ao apartamento de Drake, ele ajudou Evangeline a descer do carro e gentilmente envolveu seu corpo em um abraço protetor enquanto se apressava em direção à entrada. Depois, dispensou os dois homens que o tinham acompanhado, homens que ela não tinha notado até então. Os dois logo se imiscuíram nas sombras, o que fez Evangeline se perguntar se eram fruto de sua imaginação.

Quando saíram do elevador, Drake tirou o paletó do terno e, como das outras vezes, o jogou sobre o cabideiro perto da porta. Começou a desabotoar as mangas da camisa, enrolando-as sem muito cuidado, tentando ficar mais à vontade.

— Meu anjo curtiu sua noite na boate? — Drake perguntou. — Você parecia uma princesa sendo bajulada por seus muitos admiradores. Você foi o sucesso da pista de dança. E fora dela também.

Deu um sorriso condescendente para ela, que corou, com uma autoconsciência súbita. No início, ficara tão animada com uma noite na Impulse quanto ficaria com um funeral, mas precisava admitir que tinha se divertido muito quando conseguiu relaxar e aproveitar.

Ser VIP era muito legal, mas ser a Princesa VIP, como Maddox a havia apelidado rapidamente, era diferente de qualquer coisa que poderia ter imaginado. Comparava tudo o que vinha acontecendo a um conto de fadas, mas... aquela noite? Tinha sido como uma fantasia high-tech, futurista, completamente transformadora, que deixava qualquer conto de fadas no chinelo.

Tinha sorrido, gargalhado, estranhos completos foram gentis com ela. E, mesmo com todo o poder que tinha, não havia chance de Drake, em tão pouco tempo, ter armado aquilo, uma boate inteira cheia de pessoas diferentes fingindo notar Evangeline. A única conclusão possível era que...uma mágica tinha acontecido.

Em algum lugar, ela tinha uma fada-madrinha invisível que sacudiu a varinha mágica e alterou toda a realidade de Evangeline. A melhor parte? Já era bem mais que meia-noite, e seu príncipe estava ali em frente, com

um olhar absolutamente delicioso no rosto. Ela se atirou em seus braços, abraçando-o com força.

— Obrigada. Foi a melhor noite. Mas a minha parte favorita foi o tempo que passamos juntos sozinhos em seu escritório e você me deu comida na boca.

Corou na mesma hora, desconcertada pela maneira como tinha dito aquilo. Parecia uma gata, ronronando feliz porque seu dono tinha lhe dado leitinho. Ele segurou seu queixo e o levantou de maneira que seus olhares se encontraram.

— Estou muito contente que tenha gostado de eu te dar comida na boca, pois é algo que quero fazer com frequência. Falo muito sério quando digo que vou cuidar de você, Evangeline. Em todos os sentidos. E esta noite, vou te mostrar um lado de mim e de você mesma que até agora você não viu nem experimentou. Está preparada?

Ela engoliu em seco, mas a confiança ardeu em seu peito, e sentiu borboletas no estômago, ficando, de repente, nervosa de ansiedade. Sentiu a boca seca, e passou a língua sobre o lábio inferior. Drake teve uma reação visível àquele gestual inocente, seu olhar descreveu um caminho quente partindo da boca dela e foi descendo e... descendo.

— Vá para o quarto se despir — ele disse, com suavidade. — Quero seu cabelo solto. Mas fique com a meia fina e os sapatos. Quero que coloque mãos e joelhos na cama, com os joelhos tão próximos da beirada quanto for possível ficar confortável e sem cair. Vou te dar um tempo para se preparar enquanto faço algumas ligações.

Embora não houvesse pressa no tom de Drake, a última coisa que Evangeline queria era não estar pronta quando ele aparecesse. Por isso, entrou no quarto rapidamente e se despiu, ignorando a modéstia natural que gritava de vergonha no explícito conjunto de ordens que Drake lhe havia dado.

Tirou tudo, colocando com cuidado os presentes que Drake lhe dera em uma das pequenas caixas de joias que vieram com eles. Com agilidade, jogou o vestido no armário junto com os sapatos, deixando sua lingerie à mostra. Mas logo se lembrou de que ele a queria de meia e salto.

Xingando, calçou os saltos de novo e, então, tirou o sutiã e a calcinha, sem ousar checar sua aparência no espelho enquanto, sem perder tempo, soltava o cabelo. Não queria saber como estava, ou o que Drake veria quando chegasse no quarto.

Quando voltou para a cama, olhou para ela nervosa, repassando mentalmente as instruções que Drake lhe dera e imaginando como conseguir fazer aquela posição. Até que subiu na cama e, com as palmas das mãos no colchão, arrastou-se até que os joelhos estivessem bem na beirada, suas pernas e os saltos pendurados para fora.

Sentiu-se extremamente vulnerável, sabendo que não conseguiria ver Drake quando ele entrasse no quarto, já que estava de costas para a porta. Ficou imaginando se ele tinha calculado aquilo para que ficasse com o elemento surpresa em suas mãos. Sabia que ele queria – exigia – ter a vantagem em tudo.

Então Evangeline se perguntou se teria sido muito rápida e quanto tempo mais teria que esperar naquela posição, porque Drake não tinha dito quantos telefonemas precisava dar, nem quanto tempo levariam. De novo, talvez ele tivesse calculado aquilo para aumentar sua ansiedade. Seu corpo inteiro estava pegando fogo, formigando, enquanto ela imaginava o que ele faria, como a tocaria, quão firme e exigente seria. Lembrou-se do que ele tinha dito após fazerem amor pela primeira vez.

Que ela precisava de uma transa como deveria ter sido a primeira, mas nem sempre seria daquele jeito com ele.

Ela estremeceu, mas nem de longe era medo. Estava ansiosa pelo momento em que ele liberasse todo seu poder sobre ela. Devia ter medo e, no entanto, não conseguia ter medo de verdade dele. Temia o desconhecido, por não saber direito o que Drake tinha planejado, mas não temia Drake.

Eddie tinha demorado meses para conseguir convencer Evangeline a transar, e, mesmo assim, apesar de achar que ele era “o cara”, ela não queria de verdade dar esse passo com ele. Agora, ela percebia que não confiava completamente nele, e com razão. E, no entanto, depois de apenas algumas horas com Drake, tinha tido um orgasmo e, depois, tinha transado de um jeito tão gostoso que Eddie, ou melhor, sua experiência com Eddie, não passava de uma memória distante que estava se apagando. Uma memória indesejada.

Fechou os olhos, entregando-se à euforia que tomava seu corpo devagar, deixando-a em uma névoa letárgica, induzida pela paixão. Estava tão imersa nessa névoa quente e inebriante que não percebeu de imediato a presença de Drake no quarto. Não até que ele envolveu seu cabelo em sua mão e o agarrou, e puxando de leve para que a cabeça de Evangeline se

levantasse e ela ficasse totalmente ciente de que ele estava em pé atrás dela.

Então, empurrou a cabeça de Evangeline para frente, enfiando o rosto dela no colchão, instruindo a virar a cabeça, deixando a bochecha contra a cama para conseguir respirar. Em seguida, para seu completo espanto, Drake puxou suas duas mãos para trás e as descansou em suas costas, onde, com uma corda em torno de seus pulsos, as imobilizou com firmeza.

Um protesto se alojou em sua garganta, mas ela o engoliu, negando-se a mostrar qualquer resistência àquela primeira exibição do domínio de Drake, sexualmente falando. A maneira enérgica como ele a fazia atender sua vontade a excitava. Não ter qualquer controle sobre a situação só aumentava sua ansiedade. Sua respiração já estava ofegante. Cada músculo em seu corpo estava rígido. Seus mamilos estavam tão tesos que qualquer pressão contra eles seria pura tortura, e algo entre suas pernas começou a pulsar, o que a fez se contorcer sem parar para tentar aliviar a necessidade.

— Não se mexa — Drake disse, seco, fazendo Evangeline estremecer e retomar o foco. Reforçou o que havia dito com um tapa forte na bunda dela. No começo, ela ficou atordoada enquanto sentia queimar na parte em que ele batera sem muita delicadeza. Mas quase ao mesmo tempo em que a dor e a sensação de queimadura começaram, o prazer tomou conta dela e sua pele brilhou, quente. Estava tonta, na fronteira entre a dor e o prazer. Pelo visto, Drake conhecia muito bem os limites das mulheres.

Decidiu ignorar esse pensamento – ou estragaria toda aquela noite. Não queria saber quantas mulheres tinham vindo antes dela ou quantas viriam depois. Só queria experimentar todo o prazer que Drake poderia dar, não importa quanto tempo durasse o relacionamento.

As palmas das mãos de Drake massageavam cada parte da bunda de Evangeline e, então, ele foi abaixando os dedos até que um deslizou para dentro da vagina dela. Com cuidado, ele o enfiou entre as paredes dela, que se contraíam desesperadas, querendo mais, querendo ele. Não apenas os dedos. Queria ele inteiro.

Agora que sabia que conseguia recebê-lo inteiro, estava ansiosa por desfrutar ser possuída por ele sempre que pudesse. Porque sabia, dentro de seu coração, que nunca teria tanto prazer com outro homem. Nunca haveria outro homem com quem estivesse tão sintonizada, e que estivesse disposto a ir tão longe para lhe dar o que queria e precisava.

— Esta noite é para mim — ele murmurou. — Não haverá uma única parte de seu corpo que não ficará com a marca ou a sensação da minha posse. Vou marcar você, para que não restem dúvidas quanto a quem pertence, de corpo e alma.

Ela suspirou, fechando os olhos enquanto sentia aquelas palavras vigorosas envolverem-na como uma névoa suave. Precisava daquilo. Queria aquilo. Chegar a essa conclusão tinha sido rápido e chocante. Mas, após ter sido a pessoa que cuidava por tanto tempo, sempre assumindo e tomando decisões, fazendo o que precisava ser feito, agora alguém estava cuidando dela. Aliviando a necessidade que tinha de tomar todas as decisões e de assumir a responsabilidade. Com Drake, podia apenas relaxar e desfrutar o fato de estar sob seu controle.

— Meu anjo aguenta bem — ele disse. — Você parece tão inocente. Uma raridade, um tesouro, bonita por dentro e por fora. Mas esconde uma força interior que a maioria dos homens não tem, por isso não tenho dúvidas de que aguentará tudo que eu propuser esta noite e que vai curtir cada minuto.

Evangeline estremeceu e um gemido suave escapou de seus lábios entreabertos. Drake apertou sua bunda com uma das mãos enquanto, com a outra, explorava ainda mais fundo sua vagina. Já tinha aprendido a perceber, pela linguagem corporal e pelo toque de Drake, quando ele estava satisfeito e viu que estava gostando de sua reação, de seu gemido de aceitação e excitação.

Algo que Drake havia dito no começo cruzou seus pensamentos. N*ã*o pode me dizer n*ã*o. Nunca. Devia ter deixado Evangeline assustada, porque ficava totalmente a mercê dele, e, naquela hora, ele poderia fazer o que quisesse, não havia nada que pudesse fazer para detê-lo. Mas ela não queria detê-lo. Percebeu que confiava nele tanto em um nível físico quanto no nível emocional. Aquele homem não a magoaria. Embora tivesse dito que aquela noite era para ele, não tinha dúvida de que teria tanto prazer quanto Drake.

Deu outro tapa na outra metade da bunda dela, mas desta vez Evangeline não pulou, nem sequer registrou a dor, porque sabia que o prazer anularia na mesma hora qualquer desconforto inicial.

Outro gemido curto escapou dela, ofegante, e ele falou palavras sujas bem baixinho, enquanto tirava os dedos de dentro de sua vagina.

— Você gosta disso — ele disse, satisfação evidente em suas palavras. — Ficou tão molhadinha nos meus dedos quando dei aquele tapa nessa bunda gostosa. Vou foder essa bunda, Angel. Mas vou prepará-la antes. Vou deixá-la tão louca que você vai me implorar para foder seu traseiro.

Os olhos de Evangeline se arregalaram de choque porque ela nunca tinha sequer contemplado fazer sexo anal. Aquilo estava bem no topo de sua lista das coisas que "nem fodendo" planejava experimentar. Mas com Drake? Não que ele lhe desse escolha, mas de repente estaria até disposta a tentar – e aceitar – o que ele quisesse fazer com ela.

— Não vou te machucar, Angel — ele disse suavemente. — Vou empurrá-la. Testar seus limites. E apesar de estar entre o prazer e a dor, sentirá muito mais prazer. E, ao mesmo tempo, entenderá que quando um homem sabe o que está fazendo, a dor é o prazer. A mistura pode ser inebriante e diferente de qualquer coisa que tenha experimentado antes. Mas é minha responsabilidade não ir longe demais e garantir que o prazer supere em muito qualquer dor que sentir.

A sinceridade na voz de Drake fez Evangeline derreter, e, de repente, ela sentiu vontade de começar. Queria experimentar cada coisa que tinha prometido. Ela mexeu e se contorceu sem parar, o corpo pegando fogo só com aquelas palavras. Quão mais intoxicante ia ser quando Drake começasse a fazer o que tinha prometido?

Levou outra palmada em seu traseiro grande, algo com que ele não parecia se importar de maneira alguma. Na verdade, sua única reação ao corpo dela tinha sido de aprovação, por mais imperfeito que fosse. Ela tinha uma cintura fina, mas estava longe de ser malhada e era flácida em alguns lugares, bem como seus seios. Mas seus quadris eram largos, e tinham uma forma arredondada que parecia quase fora de proporção em relação à cintura e até mesmo aos seios. E sua bunda era grande, grande demais para o gosto de Evangeline, e era por isso que raramente usava roupas justas.

A questão é que, como Drake tinha pré-escolhido a maior parte de suas roupas novas, quase todas eram justas e do jeito que ele considerava sexy nela.

Nada do que ele havia dito, verbalmente ou em linguagem corporal, sugeria que visse qualquer coisa errada com a "gordura" dela. As amigas de Evangeline reviraram os olhos e a repreendiam toda vez que usava a palavra gorda para se descrever. Mas para que mentir para si mesma?

Tinha um espelho e podia ver que não era o que a sociedade considerava a mulher perfeita. E Drake, que, com apenas um estalo, poderia ter mulheres muito mais gostosas, tinha escolhido Evangeline. Ele tinha se irritado quando ela tentou desprezar seus atrativos e falar da falta deles, e, sem rodeios, chamou aquilo de bobagem.

E então, Evangeline se lembrou daquela noite em que Drake disse sem rodeios que de forma alguma diria algo só para agradá-la, e que as outras mulheres a haviam tratado daquela maneira porque não eram tão bonitas quanto ela, que tinha uma beleza natural que a maioria das mulheres gastava centenas de milhares de dólares tentando conquistar, mas nunca conseguiriam.

Como diabos ela deveria reagir a isso?

Sabia que não era feia, mas também não era nada de extraordinário. Ficava na média. No meio. E, mesmo assim, Drake a via de maneira diferente. Estava lá em seus olhos quando ele a observava, sem saber que, secretamente, ela o estudava. Por alguma razão, ele se sentia atraído por ela e, além disso, Evangeline teve dificuldade em acreditar que, com tão pouco tempo de relacionamento, ele tinha feito por ela muito mais do que por suas outras mulheres.

Ele tinha assegurado que seus amigos e sua família fossem cuidados porque não queria que ela tivesse mais essa preocupação. Queria que ela renunciasse a todo controle e cedesse o poder supremo a ele. Deus, ela gostava – não, amava – aquilo mais do que deveria, sendo uma mulher independente, acostumada a prover a si e à sua família sem ajuda de ninguém.

A voz de Drake a trouxe de volta a realidade, um incômodo no tom dele.

— Está aqui comigo, Evangeline? Porque se tiver outra coisa para fazer, por favor, não quero atrapalhar.

Ela piscou e girou o máximo que pôde para que pudesse encará-lo, e quase se encolheu com a raiva indisfarçada na voz de Drake.

Merda. Tinha viajado e Drake tinha percebido, e duvidava que já tivessem cometido esse erro com ele.

— Estava pensando — ela disse, um tom calmo, honesto. Não sabia ser de outro jeito, ainda que isso a prejudicasse.

— Sobre? — ele cortou, em um tom frio. — Porque quando estou fodendo você, é melhor eu ser a única maldita coisa na sua cabeça, ou teremos um problema sério aqui.

— Estava pensando em como você me faz sentir bonita — ela disse, sua voz tão sincera que ele não poderia pensar que estava mentindo. — Nunca me senti bonita antes, até você chegar. É uma sensação aflitiva e, ainda assim, é o sentimento mais maravilhoso do mundo. E...

Evangeline fez uma pausa, mas Drake ainda estava olhando para ela, embora sua expressão tivesse perdido a frieza e a raiva.

— E... — ele disse, mais gentil do que antes.

— Apesar de admitir para mim mesma que confio em você, em um nível emocional, percebi aqui e agora que, quando poderia fazer qualquer coisa que quisesse comigo, que estou amarrada e totalmente impotente, na sua cama, e que não sou páreo para você fisicamente, que sei que você não me fará mal. Sei disso, Drake.

Ele parecia estupefato, como se não soubesse como responder àquela declaração.

— Desculpe se pareceu que não estava prestando atenção em você — ela disse, baixo. — Tudo em que estava pensando era em você e no que vai fazer comigo. Não quero que se segure, Drake. Estava certo. Sou mais forte do que pareço e não vou fugir gritando do seu apartamento porque me mostrou tudo o que já tinha dito que ia acontecer. Quero o verdadeiro Drake e tudo que pode me oferecer física e emocionalmente.

Evangeline teve o cuidado de manter a palavra financeiramente fora de sua declaração, e sabia que ele notaria a omissão. Nunca quis que Drake pensasse que estava com ele pelo que poderia fornecer financeiramente. Isso seria diminuir o que tinham, e ela não queria que nada manchasse a beleza e a evolução de seu relacionamento.

A expressão de Drake se suavizou inteira e, quando falou novamente, não havia mais qualquer indício de raiva ou de aborrecimento em seu tom ou em seus olhos.

— Tem ideia de como é raro encontrar alguém tão refrescantemente honesto como você? — ele perguntou, a voz rouca.

Ela fechou os olhos conscientemente, o olhar dele fazendo seu rosto queimar. Como se ele pudesse ver muito mais do que outros nela. Mais até que suas amigas. O que para as amigas era um defeito e algo que só faria Evangeline passar vergonha, para Drake era outra coisa.

Sentiu que aquele era um homem que tinha sido vítima de muita desonestidade na vida, o que quase com certeza explicava por que era tão

contundente e direto. Não dourava a pílula nem se preocupava em agradar os outros.

Para Evangeline, fazia sentido que, sendo um homem que só dizia a verdade e que não conhecera muitas pessoas honestas na vida, Drake gostasse disso nela, embora ela achasse que estava apenas sendo ela mesma, já que mentir não era de sua natureza.

Não tinha passado despercebido para ela que os homens de Drake, aqueles em que mais confiava e que pareciam ser bem mais do que empregados comuns, compartilhavam todos os traços que Drake possuía. Contundentes, diretos, nenhuma paciência para enrolações e, como Drake, inspiravam obediência e respeito em todos a seu redor.

— Olhe para mim, Angel — Drake disse, um comando firme que fez os olhos dela se abrirem para encará-lo mais uma vez. — Nunca deve se envergonhar por ser uma pessoa honesta e genuína. Isso é raro e, infelizmente, é desse tipo de pessoa que os outros tendem a se aproveitar mais. Não quero nunca que pense que é isso que estou fazendo. Quero você. Pretendo ter você. Mas nunca vou me aproveitar de você.

— Às vezes, sou honesta demais — ela sussurrou. — Nem todo mundo quer ouvir a verdade, e nem todo mundo quer saber o que estou pensando toda hora.

A mão de Drake deslizou sobre a curva de sua nádega e, então, para a parte interna da coxa, roçando com dedo a sua entrada.

— Sempre quero a verdade — ele disse, em um tom muito sério. — Especialmente quando se trata de você e do que está pensando ou sentindo. Não quero que sinta que tem que mentir para mim sobre qualquer assunto. Se não for assim, significa duas coisas. Que não estou fazendo o meu trabalho direito e também que não conseguiu manter a sua confiança. Nenhum dos dois é aceitável.

Ela deu um suspiro de alívio. Por tanto tempo precisou escolher as palavras com tanto cuidado, para não ferir os sentimentos os outros sem querer. Era difícil ir contra algo tão enraizado nela por seus pais. Mas, por outro lado, ela se recusava a mentir abertamente, então, muitas vezes, não dizia nada.

— Significa mais do que você pode imaginar saber que eu possa ser eu mesma com você, Drake — ela disse, olhando no fundo de seus olhos hipnotizantes.

Ele colocou outro dedo, esticando-a, fazendo-a gemer. Os olhos de Evangeline se fecharam enquanto o prazer percorria seu corpo, deixando uma trilha ardente, como se ela tivesse sido queimada por um simples toque.

— Abra os olhos. Quero vê-la quando gozar — Drake disse, todos os vestígios de gentileza e ternura apagados de seu tom e de sua expressão.

Ela estremeceu, porque, mais uma vez, ele tinha assumido com facilidade o papel do macho dominante, demonstrando seu poder e controle sobre sua mulher.

Obedeceu na mesma hora e viu que ele gostou. Talvez para outros, sua linguagem corporal não dissesse muito, ou a mudança quase imperceptível em seu olhar, mas ela já tinha aprendido o que cada expressão significava, ou pelo menos as que tinha visto até agora.

E então um pensamento lhe ocorreu, e Evangeline franziu a testa, tentando encará-lo enquanto ele ainda enfiava o dedo nela.

— Pensei que tivesse dito que esta noite era para você — ela disse, a voz raspando na garganta, tão sexy que mal se reconheceu.

Seus olhos brilhavam e seu sorriso era quase cruel, contrastando com as linhas fortes de seu rosto. O homem era um macho alfa, uma fera sexy. Não havia nada nele de que ela não gostasse. Achava que homens como Drake só existiam na ficção.

Era temido por outros homens, reconhecido por seu poder e natureza predatória. Em geral, ela sempre evitava homens como Drake, por isso não conseguia explicar por que estava tão irremediavelmente atraída por ele e por sua natureza dominante. Mesmo naquele momento, ela deveria estar apavorada, e não ansiosa por cada uma das coisas que ele tinha prometido fazer com ela.

— Angel, se acha que ficar de quatro para mim, para eu te masturbar olhando para essa bunda empinada e sentir você encharcar a minha mão quando gozar não é para mim, está muito enganada. Sim, esta noite é sobre mim. Sobre o que desejo e o que quero fazer com você. E assistir você gozar com meu toque, minha língua e meu pau? Sim, é tudo para mim. Que homem no mundo não ficaria aceso como uma mulher como você toda amarrada em sua cama sendo o anjo inocente que é?

O peito dela se apertou até doer, porque putz... Que resposta poderia dar a isso?

E então não conseguiu dizer mais nada porque Drake começou a penetrá-la com mais força, usando uma mão para explorar sua carne mais sensível e macia e a outra para, alternadamente, estimular seus mamilos, acariciar seus seios e sua barriga. Depois, deslizou-a espinha abaixo e deu outro tapa em sua bunda desnuda.

Evangeline ofegava, sabendo que não iria aguentar por muito mais tempo, mas Deus, ela não queria que acabasse, não importava que Drake tivesse prometido que era apenas o começo.

Começou a tremer com força, inclinando-se mais para baixo no colchão porque seus braços não aguentavam seu peso. Seu orgasmo estava se transformando em algo enorme e esmagador, e ela se perguntou se ia conseguir ficar consciente enquanto estivesse gozando. Estava muito louca, completamente fora de controle, e não tinha consciência e nem reconhecia nada além de Drake e seu toque, o som de sua voz.

Não conseguia pensar. Só conseguiu sentir quando perdeu totalmente o controle, indo em direção ao enorme abismo até cair em queda livre com apenas Drake para pegá-la, protegê-la, como tinha prometido que sempre faria.

— Assim, Angel — Drake disse, sua voz grossa, temperada pela excitação. — Deixe rolar, mas olhe para mim o tempo todo. Quando gozar, quero ver esses olhos azuis deslumbrantes ficarem enevoados e assistir ao prazer que estou lhe dando e sei que nenhum outro será capaz de dar. Você é minha e, antes desta noite terminar, saberá quem possui seu corpo e sua alma.

Era difícil não se entregar completamente ao momento e fechar os olhos quando seu mundo inteiro tinha mudado após Drake ter-lhe dito a verdade. A sua verdade. Suas regras. Ela era propriedade dele, sua posse e nunca teria imaginado que palavras tão simples pudessem abrir uma rota direta para seu próprio coração. Era daquilo – Drake, seu domínio – que vinha sentindo falta toda a sua vida? A resposta se fez no mesmo instante e, insidiosamente, abriu caminho para cada célula de seu corpo.

Mas se concentrou em Drake, como ele tinha mandado, seu olhar fixo no dele. Foi a faísca formada pela conexão instantânea com ele que, bem mais profunda do que o prazer físico que estava sentindo, finalmente a fez chegar ao clímax e esquecer de tudo ao redor.

Foi como se tivesse sido quebrada e, em seguida, fragmentada em um milhão de pedaços minúsculos, mas agora que seus olhos estavam fixos

nos de Drake, não fugiria de mais nada no mundo. Ver seu prazer refletido no olhar dele era a coisa mais erótica e poderosa que já havia experimentado.

E, naquele momento, ela se sentia completamente segura, como se nada pudesse machucá-la novamente. Enquanto ela estava nos braços de Drake, nada podia tocá-la. O mundo exterior deixava de existir. Sua vida anterior, seu modo como vivia, desvaneceu-se, evaporando-se até que restasse somente o aqui e o agora, e o mundo em que tinha entrado por vontade própria. O mundo de Drake. Talvez isso fizesse dela uma louca, por ter sido feito de uma maneira impulsiva, tão diferente do seu jeito de ser. Mas, pelo menos em relação a uma coisa, ela não estava louca: o que quer que houvesse entre ela e Drake era muito real. Tão real que a assustava, mas, ao mesmo tempo, a deixava com um sentimento real de pertencimento, algo que não sentia desde o dia em que deixara a casa dos pais para se mudar para Nova York e trabalhar.

E agora que tinha isso, tinha Drake, desejava aquele homem e tudo que ele pudesse oferecer mais do que desejava respirar. Com o tempo, seus medos e preocupações naturais iriam embora. Precisava acreditar nisso, porque queria demais aquilo tudo para sequer imaginar por um momento como sua vida ficaria depois de ter provado de algo tão bonito e intenso.

Como poderia voltar para sua antiga vida depois de experimentar o mundo onde Drake faz todas as regras e só dá satisfações a si mesmo, e os outros, ao seu redor, respondem apenas para ele? Ele a apresentara a um mundo emocionante e colorido, diferente daquele mundo cinza e monótono de seu cotidiano, em que, no modo automático, ela cumpria tarefas e cuidava de suas responsabilidades.

Expulsou todos os pensamentos de um mundo onde Drake não existia, não querendo deixar nada atrapalhar aquele momento em que Drake a reivindicara, exercera seu domínio fisicamente, a única parte da relação dos dois que ainda não havia sido sedimentada.

Com a respiração pesada e errática, ela estava apenas parcialmente consciente de que ele tinha tirado a roupa. Antes que pudesse processar os efeitos explosivos do orgasmo que havia tido, e o fato de que continuava tremendo da cabeça aos pés, e que o pulsar entre suas pernas já implorava pelo toque dele mais uma vez, Drake agarrou cada uma de suas nádegas com firmeza e as empurrou para cima, deixando Evangeline bem aberta.

A enorme cabeça da ereção de Drake cutucou sua abertura e ele meteu com força. Ondas de choque percorreram o corpo dela, enquanto sua mucosa inchada tentava impedir a invasão forçada. Ele segurava sua bunda com tanta força que ela sabia que as marcas ficariam por dias e adorava que, nesse tempo, toda vez que fosse se sentar sentiria aquele lembrete de que havia sito possuída por ele, e que estaria vestida com os sinais da apropriação e do domínio de Drake.

Ele se retirou até que ela pudesse sentir seu pênis apenas roçando em sua entrada e, então, enfiou de novo, com ainda mais força do que antes. Um suspiro escapou de Evangeline quando percebeu que ele estava inteiro nela e que não chegaria mais fundo.

Bem diferente da primeira vez, quando Drake tinha sido impecavelmente terno e gentil, conduzindo-a devagar, com uma reverência que a deixara com lágrimas nos olhos. E além disso, o que tinha dito, sobre como Evangeline precisava que aquela primeira vez com ele fosse do jeito que deveria ter sido antes, com qualquer outro cara.

O aviso de que não seria sempre daquele jeito ainda rondava a mente de Evangeline, porque agora começava a experimentar o que estava por vir e a entender o que estar com Drake realmente implicava, e isso a deixava animada, excitada, tanto que já conseguia sentir aquela vontadezinha gostosa que sinalizava a lenta escalada para mais um orgasmo.

Sentiu-se bastante esticada, sentiu dentro de si a ardência que turvava a linha quase indefinível entre dor e prazer, misturando os dois completamente até que tudo fosse êxtase puro.

— Vou meter muito e forte, Angel. E depois vou enfiar meu pau nessa boca gostosa e nesse traseiro mais gostoso ainda. E então vou gozar em você inteira e deixá-la marcada, para que saiba exatamente a quem pertence.

Ela sacudiu com força, meras palavras empurrando para cada vez mais perto de outro orgasmo explosivo. Adorava a linguagem descritiva e explícita que Drake usava. Baixa e suja, mas muito sexy. Suas palavras eram tão provocativas e excitantes quanto seu toque.

Começou a meter em Evangeline, abrindo-a sem dó para receber suas poderosas estocadas. Suas mãos deslizaram para os quadris dela, os dedos se afundando para segurá-la firme. E, então, puxou-a para trás para encontrar mais uma estocada.

Depois, uma mão cobriu as mãos amarradas de Evangeline, enquanto a outra se enrolou no cabelo dela. Ele puxou com força, de modo que levantou a cabeça dela para que olhasse para ele, as pernas abertas, curvado sobre a bunda dela para penetrá-la fundo. Então, ficou ali, encarando-a.

Durante um longo tempo, sem dizer nada, eles ficaram apenas compartilhando o poder da atração magnética que tinham um pelo outro. Como se nenhum dos dois fosse capaz de vencer aquilo. Ela não queria que ele terminasse e, a julgar pelo olhar profundo e decidido em seu rosto, ele sentia o mesmo.

Drake fechou os olhos, seu corpo forte estremecendo contra o dela, enquanto se retirava devagar de seu corpo cheio de desejo.

Foi até o outro lado da cama e, então, ajudou Evangeline a se levantar e ficar de joelhos, as mãos dela ainda amarradas atrás das costas. Depois, subiu na cama e se posicionou de modo que ficasse com as costas na cabeceira da cama com Evangeline entre suas pernas.

Ele a puxou para baixo, segurando o rosto dela com as mãos, e posicionou a boca de Evangeline sobre sua ereção carregada.

— Abra — ele disse, seco. — Mas não se mova. Não faça nada além de permanecer como a coloquei enquanto fodo sua boca o máximo que conseguir.

Inclinada como estava, com as mãos amarradas atrás das costas e Drake segurando sua cabeça, dirigindo seus movimentos, não teve escolha senão seguir suas ordens.

Ele abaixou a cabeça dela assim que seus lábios se separaram, e empurrou forte e profundamente, parando na parte de trás da garganta dela com um gemido gutural que vibrou através de seu pênis e invadiu a boca dela. Suas mãos se enrolaram no cabelo de Evangeline, levantando-o e descobrindo o rosto dela, para que ele tivesse uma visão desimpedida daquela mulher chupando seu pau.

Ela queria poder ver aquela cena. Só o fato de estar dando tanto prazer àquele homem já havia reduzido Evangeline a uma massa trêmula, com os sentidos tão intensificados que ela estava perto de gozar pelo simples ato de lhe dar prazer.

Soprou em volta da enorme ereção e foi recompensada por outro ruído desarticulado, estrondoso, vindo da garganta de Drake. Sorriu em torno do

pênis dele, e relaxou, para que ele pudesse ter acesso livre e completo a seu corpo, e fizesse tudo o que quisesse.

Drake soltou palavrões, suas mãos e movimentos de repente foram se acalmando. Evangeline percebeu e seu coração disparou. Tinha feito algo errado? Machucara Drake?

Como se sentisse a tensão repentina de Evangeline, ele passou a mão no cabelo dela e levantou seu queixo o suficiente para que, por cima de seu pau, pudesse ver sua expressão.

— Estou perto — admitiu. — Perto demais e não quero acabar ainda.

Ela sorriu ainda que sua língua estivesse ocupada em um balé delicado ao redor da cabeça do pênis dele.

— Quero essa bunda, Angel, mas vai levar tempo para te preparar. Vou desamarrar suas mãos porque quero que as use para se dar prazer enquanto te preparo e, depois, especialmente quando eu penetrar em você, para que não sinta dor.

Evangeline se ruborizou com a ideia de se masturbar na frente de Drake, e como se soubesse exatamente o que ela estava pensando, ele a levantou para que se ajoelhasse entre suas pernas, encarando-o. Ele sorriu e, com o polegar, acariciou seus lábios inchados.

— Confie em mim, amor. Não será muito fácil a menos que se masturbe, principalmente quando eu meter a primeira vez lá dentro. O objetivo é que esteja tão longe e desesperada para gozar que vai me implorar para enfiar forte e rápido. E só para deixar claro, você não goza até eu mandar. Porque se acabar para você e eu estiver apenas começando, não vai ser tão bom, e pretendo foder esse traseiro gostoso por um longo tempo.

Seu corpo inteiro se aqueceu e ela se movimentou entre as coxas dele, já ansiosa para experimentar ser completamente de Drake. Ele liberou as mãos delas e, com carinho, esfregou seus pulsos, para ter certeza de que ela não tinha sentido nenhum desconforto. Depois, jogou a corda no chão e segurou seu queixo, olhando diretamente nos olhos dela.

— Posicione-se como antes, os joelhos na borda da cama. Abaixe a cabeça e apoie o peito no colchão, para que consiga alcançar seu clitóris e esfregá-lo do jeito que quiser. Vou pegar lubrificante no banheiro. Enquanto isso, quero que fique como eu disse, e quero ver você se tocando e se dando prazer quando eu chegar.

Havia um tom diferente em sua voz, um que lhe dizia para nem pensar em desobedecê-lo.

Deslizou por debaixo das coxas dele e ficou de quatro. Avançou devagar até chegar à beira da cama. Inclinou-se até que o rosto e o peito estivessem apoiados no colchão, e balançou um pouco ao colocar a mão sobre a pélvis. Deixou seus dedos deslizarem lentamente até mais embaixo e começou a acariciar seu clitóris já latejante e deu um suave suspiro de alegria com as pequenas ondas de prazer que invadiam suas veias.

Drake saiu e voltou antes que ela pudesse se dar conta. Estava tão absorta nas sensações maravilhosas que estava experimentando, que não percebeu que ele havia voltado até que sua mão deslizou em sua bunda, surpreendendo-a e arrancando-a da névoa em que tinha mergulhado.

— Se começar a gozar, pare — Drake disse. — Só goze quando eu disser, porque estarei prestes a gozar também e quero que venha comigo.

— Estou com você, Drake — ela sussurrou, com suavidade, sorrindo de um jeito que viu que ele gostou por causa do fogo que se acendeu em seus olhos.

Esfregou o polegar entre as nádegas dela, o lubrificante fresco contrastando com suas mãos quentes. Depois, enfiou apenas a ponta de um dedo dentro de seu orifício enrugado, e ela respirou fundo, os olhos se arregalaram de surpresa com o quão grande seu dedo parecia.

— Masturbe-se — Drake mandou. — Não disse para parar. Vou foder sua bunda esteja você pronta ou não. A escolha é sua.

Se estava tão resistente a um dedo, ela não tinha ideia de como aguentaria aquela enorme ereção. Não precisava de um segundo aviso, e não queria chatear Drake por desafiá-lo. Começou a girar suavemente o dedo em torno do clitóris até encontrar o ângulo certo, a quantidade certa de pressão e a velocidade que ela precisava para se distrair dos leves, embora persistentes, toques de Drake para garantir que ela estivesse bem lubrificada.

Lembrando-se de não parar de se tocar enquanto ele encaixava o pênis na abertura, fechou os olhos e concentrou-se apenas nas prazerosas sensações que seus dedos estavam lhe dando. Mas então a enorme pressão e a ardência provocadas pela entrada dele em sua minúscula entrada se transformaram em algo completamente diferente.

Estava à flor da pele, quase lá. Desejando que ele parasse e, ao mesmo tempo, que enfiasse o máximo que pudesse e pusesse fim ao sofrimento

dos dois. Choramingou baixinho, um som que o fez parar na mesma hora.

— Demais? — Drake sussurrou, sem parar de pressionar.

— Não. Quero mais, Drake. Por favor, preciso de mais. Estou tão perto e quero você profundamente dentro de mim. A dor já não é dor. A dor é prazer.

E, de repente, Drake mergulhou fundo, e Evangeline soltou um grito rouco, tirando os dedos do clitóris ou teria gozado na mesma hora. Ofegava com o corpo inteiro enquanto Drake permanecia enterrado até as bolas em sua bunda.

Deus, era a sensação mais incrível que poderia imaginar. Nunca pensara que encontraria prazer naquilo. A ideia soava repugnante. Mas, naquele momento, era o símbolo da completa dominação de Drake sobre ela, de que era posse dele. Ela precisava daquilo. Precisava dele.

Drake foi saindo de dentro dela devagarinho, recuando centímetro por centímetro até ficar só a cabeça de seu pênis. Parou por um segundo e, em seguida, enfiou tudo novamente, arrancando outro grito dela.

— Oh Deus, Drake. É demais. Não vou aguentar — ela disse, impotente. — O que eu faço?

— Shhh, Anjo. Ainda não terminei. Coloque suas mãos para a frente, palmas para baixo na cama, e não tire até que eu esteja pronto.

Relutante, Evangeline fez como ele mandou, e fechou os olhos em preparação para o que veio a seguir.

Não foi tão forte como tinha sido em sua boceta e com sua boca, mas Drake veio firme, direto, ganhando profundidade a cada estocada. Mas seu ritmo era lento, quase vagaroso, acariciando dentro e fora até que o mundo ficou totalmente nebuloso em torno dela.

Depois do que pareceu uma eternidade, ele enrolou uma mão no cabelo de Evangeline, segurando firme em seu quadril com a outra mão, e puxou sua cabeça, forçando seu pescoço para trás.

— Se toque agora, Angel. Estou quase lá, então você precisa correr atrás.

Com ansiedade, ela deslizou a mão entre seu próprio corpo e a cama mais uma vez e encontrou o ponto certo, gemendo na mesma hora em que o primeiro arrepio tomou conta dela.

— Não preciso correr atrás — ela disse, já sem fôlego. — Vai, Drake. Estou tão perto. Vem forte. Sem dó. Do jeito que quiser. Quero ser isso para você. Só para você.

Ele soltou o cabelo dela e agarrou o quadril dos dois lados, inclinando-a ainda mais. Começou a dar estocadas longas, firmes e o mais profundas possível. Evangeline sentiu um jorro de umidade vindo de si mesma, as primeiras ondas de seu orgasmo tomando-a, como um maremoto consumindo tudo em seu caminho.

Ela gritou, ficou louca embaixo de Drake, até que ele finalmente enfiou tudo, prendendo-a com firmeza entre a cama e seu corpo enquanto metia repetidamente nela.

E, então, de repente, ela não sentiu mais o peso de Drake, e ele tirou o pau da bunda dela. Evangeline sentiu o jato quente de sêmen se espalhando em suas costas e em suas nádegas. Depois, ele meteu de novo, até o fim, enquanto se contorcia e convulsionava, esvaziando o que restava de seu sêmen nas profundezas de Evangeline.

— Nunca tive visão mais bela — ele disse, de repente. — Você é minha, Angel. Você inteira. Não tenha mais dúvidas de que pertence apenas a mim e outro homem nunca tocará ou tomará o que é meu.

20

Como esperado, Evangeline acordou sozinha na cama na manhã seguinte. Sem dúvida, Drake tinha saído há algum tempo. Não tinha ideia de como ele conseguia trabalhar tanto e de como tinha conseguido incluí-la naquela rotina corrida.

Fechou os olhos em pânico ao ver que o que tinha para aquela manhã era o mesmo que tivera em todas as outras manhãs desde que oficialmente se mudara para a casa de Drake. Temia saber qual era o presente supercaro da vez.

Com um suspiro resignado, abriu primeiro o presente, evitando o bilhete que Drake tinha deixado.

Era um deslumbrante e sem dúvida caríssimo bracelete cravado com enormes diamantes. Combinava com os brincos de diamante que ele lhe dera, e Evangeline ficou preocupada que em breve Drake lhe desse um colar do mesmo tipo.

O único presente que nunca tirava era o colar que Drake lhe dera, porque tinha um significado especial para ela. Representava o apelido que ele tinha lhe dado, o jeito que só ele tinha de chamá-la, e tinha sido o primeiro presente que ele lhe dera. Naquele momento, ela ainda não tinha percebido que aquilo seria um ritual diário: Drake comprando joias caras que a faziam sentir-se culpada por serem extravagantes e desnecessárias.

O que a deixava desconfortável era o pensamento por trás dos presentes. Que ele estava tentando comprá-la, quando tudo que queria era ele. Sentia-se culpada usando uma joia tão cara enquanto seus pais e suas amigas viviam um dia de cada vez, um salário a cada mês.

Sim, Drake tinha cuidado de suas amigas e de sua família, mas Evangeline ainda se incomodava em viver com tanto luxo e ganhar presentes cujo valor seria suficiente para cobrir as despesas de seus pais por um ano inteiro.

Com outro suspiro, colocou o bracelete cuidadosamente de volta na caixa e saiu da cama para guardá-la ao junto das outras peças, antes de voltar para ver o que Drake tinha a dizer naquela manhã.

> Longo dia no escritório. Tenho muita coisa para fazer e várias reuniões. Gostaria que cozinhasse algo que possa esquentar mais tarde, já que não sei a hora exata em que vou chegar. Vou ligar para você do caminho, para que aqueça a comida antes de eu chegar. Zander vai passar aí hoje à tarde para pegar uma lista com você e sair para comprar tudo o que precisar para esta noite. Aproveite o dia e descanse. Fui bem duro com meu anjo ontem à noite.

Evangeline apertou os lábios. Não podia nem ir ao mercado comprar as poucas coisas necessárias para cozinhar? Afinal, não importava o que Drake dissesse, era uma prisioneira? Só tinha uma certeza. Não ia ficar parada naquele apartamento o dia todo enquanto Zander brincava de menino de recados. O dia estava bonito e a previsão era de temperaturas mais baixas, mais outonais que do resto da semana. Não tinha intenção de ficar em casa sem sair o dia todo.

Como não sabia a que horas Zander iria chegar – e por que precisava de Zander para ser babá du jour de qualquer maneira? Ele não tinha trabalhado na noite anterior? Ou teria que passar por todos os homens de Drake, um por um, até que chegasse ao último e começasse tudo de novo?

Deu de ombros. Bom, não sabia que horas ele chegaria, e havia um mercado ali perto. Se Zander não tivesse chegado depois que Evangeline tomasse banho e se vestisse, ela iria ao mercado comprar os ingredientes necessários para o jantar.

No banho, pensou em várias receitas, buscando algo mais sofisticado do que costumava cozinhar para as amigas quando fazer cada dólar render ao máximo era uma necessidade.

Lembrou-se do bife (bife Wagyu?) que tinha comido com Justice e tinha sido supercaro. A questão era: onde encontraria aquela carne cara para comprar, se é que era possível conseguir comprá-la sem ser nos restaurantes chiques que a serviam.

Tinha a receita de um molho de manteiga simples e delicado: uma carne tão gostosa não precisava de nada pesado para mascarar o sabor natural, e bem, manteiga deixa tudo mais saboroso, sua mãe sempre dizia. Vagens seriam um acompanhamento perfeito, assim como uma deliciosa receita

caseira de macarrão com queijo que sabia, e, para incrementar, poderia acrescentar lagosta. Só faltavam batatas, porque, para ela, bife sem batatas era um pecado imperdoável.

Batatas gratinadas ou apenas cozidas com um molho à escolha de Drake?

Terminou o menu quando vestiu um par de jeans confortáveis e tênis. Escolheu um suéter largo, com um decote canoa que deixava à mostra quase nada de seu colo, que estava bem mais bonito graças aos novos sutiãs que tinha comprado.

Olhou para a crescente coleção de joias que Drake lhe dera, mas optou por não usar nada além do colar de anjo. Era simples e sem ostentação. Tinha a ver com ela, diferentemente das outras coisas.

Após aplicar uma maquiagem leve e pentear os longos cabelos, achou melhor não prendê-los, para que secassem mais rápido. Depois, foi para a sala de estar para pegar a bolsa e sair.

Estava tão entretida em seus pensamentos que não notou Zander até que ele pigarreou. Evangeline levou um susto e soltou um gritinho. Depois, afastou-se com cautela, xingando a propensão dos homens de Drake em aparecer do nada. Será que Drake tinha dado a eles passe livre para o apartamento? Ou eles simplesmente preferiam não bater? Pelo amor de Deus.

— Desculpe por te assustar de novo — Zander disse. — Drake tinha dito que você sabia que eu viria.

— Ele disse que viria, não que já estaria aqui quando eu me levantasse — Evangeline murmurou. — Pelo visto, a ideia de bater na porta ou tocar a campainha para avisar que estão chegando não é hábito de nenhum de vocês.

Zander sorriu.

— Vou sair do seu pé assim que me der a lista de compras para o mercado.

Evangeline franziu o cenho.

— Na verdade, eu mesma vou fazer as compras. Faça o que quiser com a sua tarde.

O sorriso de Zander desapareceu, e ele a olhou, inquieto.

— Ei... não foi o que entendi.

— Mas é como vai ser — ela respondeu, firme. — Estou indo às compras. Você decide se quer vir.

Evangeline se virou em direção às portas abertas do elevador.

— Merda. Drake não vai gostar disso — Zander murmurou atrás dela.

Ela apertou o botão para fechar a porta e divertiu-se ao ver a expressão assassina de Zander quando as portas se fecharam na cara dele, impedindo-o de acompanhá-la.

Desceu e passou pelo porteiro, surpreso, antes que ele conseguisse abrir a porta para ela. Ao sair, sentiu o ar revigorante e piscou ao ser banhada, de repente, pela luz do sol. Estava certa. Era um dia espetacular. Respirou fundo, como se estivesse vendo o mundo exterior pela primeira vez desde que entrou no mundo de Drake.

Sem perder tempo saboreando a sensação de liberdade, Evangeline começou a descer a rua em direção ao mercado, a poucos quarteirões de distância, com a lista na cabeça. Zander a alcançou na esquina, quando ela esperava a luz para a travessia de pedestres ficar verde.

Agarrou seu cotovelo e a girou, seus olhos brilhando com fúria.

— O que diabos acha que está fazendo, mulher? — Só faltou ele rosnar para ela. — Está tentando deixar Drake puto?

— A questão mais correta é se ele está tentando me irritar — ela respondeu, docemente. — Adoro como as minhas compras, das quais por acaso eu nem ia participar, foram planejadas e organizadas apesar de ninguém além de mim saber o que vou cozinhar e do que vou precisar, incluindo marcas, temperos, ingredientes etc.

— É para isso que serve uma lista — ele rosnou.

O celular de Evangeline tocou e, quando o pegou e viu o nome de Drake na tela, lançou um olhar acusador para Zander. Ele deu de ombros.

— Você cavou seu próprio túmulo.

— Alô? — ela disse, preocupada.

— O que diabos acha que está fazendo? — Drake disse.

— Vou fazer compras para o jantar, como você mandou — ela disse, na defensiva, não gostando de nada de que Zander estivesse a poucos passos de distância e provavelmente conseguisse ouvir cada palavra de Drake, mesmo com os sons de tráfego ao redor.

— Talvez não se lembre da conversa que tivemos em que fui bem claro dizendo que eu precisava saber onde você está o tempo inteiro, e, se fosse sair, que eu precisava ser informado e que eu não ficaria nem um pouco feliz se você se esquecesse disso.

Seu tom era frio. Claramente, Drake estava furioso. Não apenas com raiva. Ele estava, como Zander disse, puto.

— Não tive essa chance — ela respondeu, em um tom frio à altura do dele. — Me mandaram dar uma lista a ele, me disseram que ele iria comprar e eu não. Prefiro fazer minhas próprias compras, especialmente quando se trata de um menu que planejei meticulosamente. Ele não aceitou e queria que eu ficasse dentro do apartamento o dia todo, quando o tempo aqui fora está maravilhoso e eu queria fazer minhas próprias compras. Portanto, minha única opção foi vir sozinha.

— Tudo que precisava fazer era, a qualquer momento, pegar o telefone e me ligar — Drake disse, a raiva ainda vibrando em sua voz. — Poderia ter falado comigo o que queria, me deixado ciente do seu paradeiro, para eu não precisar receber um telefonema do homem que designei para protegê-la me dizendo que você escapou e agora estava só Deus sabe onde nesta cidade.

Ela ficou em silêncio, de queixo caído. Drake fazia parecer tão simples e, ainda assim, nada do que ele dissera sugeria que Evangeline pudesse ter escolha ou dar uma opinião naquela questão.

— Se cometer esse mesmo erro de novo, não vou ser tão compreensivo — Drake disse em um tom frio, um pouco mais calmo. — Agora faça suas compras e não torne o trabalho de Zander mais difícil do que já é. O trabalho dele é a sua segurança, e ele não pode fazê-lo se você não está com ele.

— Ok — ela sussurrou, envergonhada por sentir, de repente, lágrimas nos olhos.

Drake desligou e ela encarou a tela, agora branca, e colocou o aparelho de volta na bolsa, recusando-se a olhar para Zander.

Ele suspirou ao lado dela e, hesitante, colocou a mão no ombro dela.

— Não começamos com o pé direito, né, Evangeline? — perguntou, com pesar.

— Dedo duro — ela murmurou.

Ele riu, e um pouco da tensão foi embora. Depois, sua voz ficou sombria de novo.

— Ele tem razão em um ponto. Você não deveria sair sozinha. É perigoso. Poderia ter se machucado. Sua segurança é meu trabalho, então deixe-me fazê-lo e tanto a minha vida quanto a sua serão bem mais fáceis.

Ela deu um suspiro exagerado.

— Suponho que isso significa que vamos a pé e você quer que eu carregue tudo na volta?

Ela lhe deu um pequeno sorriso que pareceu agradá-lo, e, bem, ela tinha sido uma vaca com ele. Não era culpa de Zander. Ele estava apenas seguindo ordens. Evangeline suspirou também.

— Desculpe-me por dificultar seu trabalho. A culpa não é sua.

Ele pareceu perplexo e desconfortável com o pedido de desculpas.

Andaram o restante do caminho e Zander protegeu Evangeline de modo que ninguém conseguisse sequer encostar nela.

Após quase uma hora bem frustrante examinando o balcão de carnes e tentando até em um açougue próximo, Evangeline começou a se perguntar se carne Wagyu existia mesmo fora do restaurante ao qual Justice a levara. Talvez fosse importada. Era boa em cozinhar refeições deliciosas com os ingredientes comuns. No entanto, alimentos requintados, gourmet e caros iam além da sua alçada.

— O que diabos está procurando, Evangeline? — Zander perguntou, frustrado. — Se eu soubesse, talvez pudesse ajudar.

Os olhos dela se iluminaram e ela xingou a si mesma por não ter pensado nisso antes.

— Você tem o celular de Justice? Ele está ocupado? — ela perguntou, ansiosa. Encarando-a sem palavras, Zander não conseguiu esconder a perplexidade.

— Tem ou não? — ela perguntou, exasperada. — Quer que eu passe a tarde fazendo compras ou vai ligar para Justice para mim?

A resposta ficou óbvia quando, na mesma hora, Zander pegou o celular, apertou um botão e entregou o aparelho a Evangeline.

— Fala, cara, como está aí com a Angel? Algum desastre até agora? — Justice perguntou, divertindo-se.

— Depende do que chama de desastre — Evangeline respondeu, doce. — Eu diria que enfiar um chute na boca de alguém poderia até ser considerado um desastre.

— Merda — disse Justice, com um gemido. — Olá, Evangeline. Tudo certo? Por que está me ligando do telefone do Zander? Meu número e de todos os outros devem estar programados no seu celular.

— Putz — ela disse. — Nem olhei. Quer dizer, pedi a Zander para te ligar. Não sabia que eu tinha o seu número. Mal sei usar aquele maldito aparelho.

— Precisa de algo? — A voz de Justice ficou mais séria. — Está com algum problema?

— Não, não, bom, não é nada sério. Você se lembra do restaurante que me levou? Aquele que tinha um bife supercaro?

— Sim — ele respondeu, claramente confuso.

— Não consigo achar daquela carne em lugar nenhum — ela disse, frustrada. — Drake quer que eu cozinhe esta noite e ele gosta de carne, então pensei em comprar um bife Wagyu para grelhar. Mas não consigo achar de jeito nenhum.

Justice riu.

— Não, claro que não. Mas vamos combinar assim: vou fazer uma ligação agora mesmo. Zander vai levá-la de volta ao restaurante para falar com o chef. Ele saberá do que precisa e vai te ajudar.

— Sério? — Evangeline sussurrou, admirada das conexões que obviamente não só Drake tinha, mas seus homens também. Sério que era fácil daquele jeito e ela tinha desperdiçado uma hora inteira quando um simples telefonema teria resolvido tudo?

— Sim, sério. Deixa eu desligar para ligar lá. Quando chegarem, o chef já estará esperando.

Ela desligou e devolveu o telefone a Zander.

— Ele disse para você me levar ao restaurante onde ele me levou para comer bife Wagyu outro dia.

— Puta merda! Vai fazer bife de Wagyu para o Drake hoje à noite e eu não sou convidado? — Zander perguntou, em um tom fofo, fingindo raiva.

— Não, mas se for legal comigo o resto do dia, guardo para você um pouco da sobremesa. Vai ser ainda melhor que os cupcakes. Juro.

Zander gemeu.

— Drake é um filho da puta de um sortudo. Espero que ele tenha noção disso.

— Também espero — murmurou Evangeline, baixo, para Zander não ouvir.

Porém, a julgar pela sobrancelha arqueada e pelo olhar curioso que ele lhe enviou, ela não tinha tido essa sorte.

— Ah, ele sabe — Zander disse, com doçura. — Nunca pense o contrário, Evangeline. Se acha que ele é assim com outras mulheres, está enganada. Você é especial para ele, ainda que não tenha percebido.

Sem saber o que pensar, Evangeline deixou essa história de lado e os dois começaram a caminhada em direção ao restaurante.

Como Justice dissera, quando Evangeline e Zander chegaram, embora o restaurante ainda estivesse fechado, conseguiram entrar na mesma hora. Foram levados à cozinha, onde foram recebidos por um homem de meia-idade que Evangeline deduziu que era o chef.

Quando a viu, ele sorriu e envolveu uma de suas mãos entre as suas.

— Justice me disse que você gostou do meu bife no outro dia.

— Foi o bife mais maravilhoso que já comi — disse Evangeline, com sinceridade. — Queria fazer um para o jantar hoje à noite, mas não conseguimos encontrar a carne em lugar nenhum.

O chef foi até o balcão onde havia um pacote de açougue embrulhado. Passou papel-filme em torno dele para que não vazasse e o entregou a Evangeline.

— O segredo é cozinhá-lo bem — explicou. — Esses bifes são muito marmorizados, por isso, se uma pessoa geralmente gosta da carne malpassada, sugiro cozinhá-la até ficar ao ponto para mal. Mas também não cozinhe demais. O ideal é a gordura se dissolver na medida certa e que o bife esteja todo quente. Se não forem cozidos o suficiente, o marmorizado fica com a consistência gelatinosa em vez de ficar suculento. Passe do ponto e, bom, você vai ter uma gororoba queimada sem nada do sabor que poderia ter.

— Muito obrigada! — Evangeline agradeceu, sorrindo radiante para o homem mais velho. — Não tenho dúvidas de que o jantar será um sucesso graças à sua generosidade e conselhos de especialista. Quanto devo pela carne?

O chef piscou e ficou desconcertado na mesma hora. Zander entrou no meio de um jeito gentil, e disse:

— Drake tem uma conta no restaurante. Ele será cobrado. Não precisa se preocupar com isso.

As pessoas tinham contas em restaurantes? Por falar nisso, eles conheciam os chefs a ponto de conseguirem obter, para fazer em casa, o que sem dúvida era uma carne exclusiva?

Quanto mais entrava no mundo de Drake, mais consciente ficava de como era sem noção quando se tratava de ter dinheiro e conexões. Tudo parecia ter saído de algum filme ridículo. Não parecia a vida real, não a vida dela.

Então, ela surpreendeu o já desnorteado cozinheiro dando-lhe um abraço.

— Obrigada por fazer isso por mim. Não tenho dúvidas de que o jantar será maravilhoso esta noite, graças a você. E tenha a certeza de que receberá o crédito por nos dar uma refeição tão incrível.

O homem corou.

— Foi um prazer, senhorita Hawthorn. Embora, pelo que ouvi falar de suas habilidades culinárias, eu pudesse colocá-la para trabalhar na minha cozinha qualquer dia da semana e sei que não demoraria a perder meu cargo aqui.

Foi a vez de Evangeline corar, e ela se perguntou como era possível aquele homem saber algo sobre suas habilidades na cozinha.

— Não quero ocupar mais do seu tempo — Evangeline disse. — Preciso ir para casa, para minhas compras não estragarem. Obrigada novamente.

Zander a conduziu para fora da cozinha e, em seguida, do restaurante. Do lado de fora, ela mais uma vez piscou e apertou os olhos por causa do sol brilhante de outono.

— Você precisa de óculos escuros — Zander murmurou.

Ela lançou um olhar estranho para ele e depois sacudiu a cabeça. Mas, enquanto caminhavam, Zander parou em uma loja chique e a arrastou para dentro, onde fez com que ela escolhesse óculos escuros caríssimos, cujo preço a deixou horrorizada quando ficou sabendo.

Evangeline balançou a cabeça, rebelando-se, recusando-se a sequer pensar em fazer aquela extravagância. Ele ignorou e, como ela não se decidia, escolheu os dois que considerou terem ficado melhor nela. Depois, lançou-lhe um olhar que agora era bem familiar, já que Drake e todos os seus homens o usavam como uma segunda pele. O olhar que dizia: voc*ê n*ão vai me fazer mudar de ideia.

Após pagar pelos óculos, Zander tirou um par da caixa e os deslizou sobre o nariz de Evangeline, ajustando-os a seu gosto antes que saíssem da loja. Parecia bastante orgulhoso de si mesmo, e Evangeline não teve coragem de acabar com a festa. Preferiu guardar seus pensamentos e não disse que achava ridículo pagar centenas de dólares por um par de óculos escuros para ela. Um par de cinco dólares comprado em um supermercado ou farmácia teria bastado.

Mas ela usaria o que Drake quisesse, e duvidava que ele ficaria feliz em vê-la usando qualquer coisa menos do que aquilo que considerava o

melhor.

E foi por causa de suas preocupações e de sua desatenção ao ambiente ao redor que ela tropeçou enquanto seguiam pela calçada e se esborrachou antes que Zander pudesse pegá-la. O impacto no concreto lhe tirou o fôlego, e os xingamentos de Zander encheram o ar.

— Jesus Cristo, Evangeline, você está bem?

Com cuidado, Zander a virou para encará-lo, e sua expressão preocupada preencheu a visão dela. Evangeline estendeu a mão, apreensiva por ter quebrado os óculos escuros e quando, de fato, eles se partiram em dois, ela quase começou a chorar.

— Eu os quebrei — ela disse, em lágrimas.

— Fodam-se os óculos — ele disse, a fúria encobrindo suas palavras. — Estou mais preocupado em saber se quebrou algum osso. Consegue se levantar? Machucou-se em algum lugar?

Evangeline deixou que ele a ajudasse a se levantar. Quando ele tentou esticar sua perna, ela se contorceu.

— Meu joelho — ela disse. — Acabei de ralar. Deus, eu sinto muito. Sou tão desastrada.

Zander inclinou-se no meio da calçada, forçando-a a apoiar-se em seu ombro enquanto examinava o rasgo em sua calça jeans e, mexendo o tecido, tentava enxergar o machucado.

— Está sangrando — disse ele, sombrio. — Não consigo enxergar direito para ver qual a profundidade do machucado e se vai precisar de pontos. Vou ter que ligar para Drake.

— Não! — ela explodiu. — Pelo amor de Deus, Zander. Ralei meu joelho. O mundo não vai acabar. Drake não precisa ser perturbado no trabalho porque sou uma idiota que caiu e machucou o joelho. O dia dele está cheio, ele me disse que tinha várias reuniões e que chegaria tarde em casa. Não quero atrapalhá-lo com algo tão insignificante.

Zander franziu o cenho, insatisfeito com a resposta. Conhecia Drake o suficiente para saber que, se Evangeline estivesse envolvida e, principalmente, se estivesse machucada, não se importaria com uma maldita reunião. Mas ela parecia estar à beira de um colapso e, como pela manhã já tinha deixado Drake chateado, entendia muito bem por que ela não queria deixá-lo com raiva mais uma vez – embora Zander tivesse certeza de que raiva era a última coisa que Drake sentiria naquela situação.

— Zander, por favor — ela suplicou. — Já é bastante embaraçoso sem o Drake.

A expressão de Zander se suavizou e, em seguida, ele balançou a cabeça e pegou o telefone. Para o pavor de Evangeline, ele não pareceu se importar com a sua súplica.

— Sim, aqui é o Zander. Preciso que venha buscar Evangeline e eu, e que o médico de Drake seja acionado. Vou levá-la para vê-lo.

Houve uma longa pausa.

— Não. Ela não quer que Drake saiba. Ela levou um tombo. O joelho está doendo, mas não consigo examinar direito no meio de uma porra de calçada. Venha logo.

Depois de dar à pessoa com quem falava a localização dos dois, Zander desligou e começou a recolher as sacolas que deixara cair quando Evangeline tropeçou. Então, segurou a cintura dela com seu enorme braço tatuado.

— Apoie-se em mim e tente não colocar muito peso na perna machucada — ele disse. — Precisamos ficar em algum lugar em que não haja o risco de um imbecil com pressa derrubar você. De preferência, algum lugar em que possa sentar e poupar esse joelho.

Ele praticamente a carregou junto com as sacolas até debaixo de um toldo de um restaurante próximo. Lá, acomodou Evangeline em um banco para clientes da fila de espera. Quando a mulher que cuidava da porta ameaçou protestar, ele lançou-lhe um olhar feroz, e, na mesma hora, ela fechou a boca e voltou com pressa para dentro.

— Para quem ligou? — Evangeline quis saber.

— Justice. Ele não deve estar longe, ou teria acionado alguém que está mais perto para vir te buscar.

— Preciso mesmo ir ao médico? — Evangeline perguntou, com uma careta. — A gente devia ir para casa. Posso cuidar do meu machucado, não foi nada grave. Nem está doendo tanto mais.

— Mas a gente vai para casa — disse Zander, com calma. — O médico particular de Drake tem uma clínica no segundo andar do prédio. Ele tem um consultório, mas seu trabalho principal é cuidar de Drake e seus funcionários. E acredite, ocupamos quase todo o tempo dele — completou, com um sorriso.

Mas Evangeline não sorriu de volta. Franziu a testa pensando sobre o que Zander tinha dito. Drake precisava de um médico particular? De um

que cuidasse dele e de seus homens? Seu trabalho era perigoso? Aliás, ela ainda precisava descobrir exatamente o que Drake e seus homens faziam para ganhar a vida. Ser dono de uma boate com certeza não era suficiente para gerar a riqueza que Drake e seus homens tinham, muito menos era motivo para ter um médico particular para fazer curativos regularmente. Sentiu-se um pouco enjoada, imaginando onde tinha se metido e se haveria volta.

— Está doendo muito? — Zander perguntou.

Ela mirou Zander e apertou os olhos por causa do sol que brilhava atrás de seus ombros largos. Ele franziu o cenho, pegou o outro par de óculos escuros e, na mesma hora, os colocou sobre o nariz de Evangeline.

— Só um pouco. Você está exagerando — ela murmurou. — Parece até que levei um tiro.

Zander não achou graça. E sua expressão ficou tão sombria que Evangeline se perguntou se levar um tiro era uma possibilidade. Seria aquela a razão de Drake ser tão zeloso e querê-la protegida toda vez que deixasse o apartamento?

Se achasse que poderia mesmo ter aquela resposta, perguntaria a Zander apenas isso, mas sabia que ele jamais lhe diria algo. Então, Evangeline suspirou e se resignou com a consulta com o médico.

Ficou surpresa quando, apenas cinco minutos mais tarde, um carro chique do qual ela não sabia nem a marca parou ao lado deles. E, para deixá-la ainda mais surpresa, não só Justice, mas também Silas, saíram do carro. A julgar pela reação de Zander, a presença de Silas também o surpreendeu.

Justice deu de ombros, e os dois se aproximaram de onde Evangeline estava sentada.

— Silas estava comigo e, quando ouviu o que aconteceu, decidiu vir.

Não precisa nem dizer que ninguém nunca dizia não a Silas.

— Só espero que ele não a assuste — Zander murmurou, esperando que só Justice ouvisse.

Na mesma hora, Evangeline se eriçou e foi para cima dele, cambaleando quando seu joelho protestou contra o movimento súbito e inesperado. Ela colocou o dedo na cara de Zander.

— Você foi o único que me assustou até agora. Sem falar de como é grosso. Como ousa sugerir que um homem de modos impecáveis, que fez um esforço considerável para aliviar o meu constrangimento depois de eu

ter deixado cair um cupcake na sua calça – por sua culpa, diga-se de passagem – poderia, de alguma forma, me assustar? Sério, estou bem melhor com ele.

Silas encarava Evangeline como se ela fosse um E.T., a surpresa evidente em sua expressão. Foi até onde ela estava tentando ficar em pé e colocou um braço a sua volta.

— Dói muito? — ele perguntou baixinho.

— Chega — Evangeline murmurou. — Só quero ir para casa. Não é tão grave e com certeza não me faz precisar ir ao médico de Drake que, convenientemente, tem um consultório no prédio em que ele mora. Inferno, o prédio todo deve ser do Drake.

— E é — Silas confirmou, em sua voz sombria.

Evangeline fechou os olhos. Não deveria ter dito aquilo. Era culpa dela por ter tocado no assunto. Silas a apertou, dando-lhe segurança discretamente. Ela não entendia por que os outros pareciam ter respeito – e um medo saudável – daquele homem. Bem, o respeito ele sem dúvida tinha ganhado, e merecia. Mas era o medo que ela não entendia, nem entendia por que achavam que ela o temia: Silas não tinha sido nada além de gentil, bondoso e sensível com ela.

E porque ela estava pensando nessas coisas e porque tudo o que pensava costumava sempre sair de sua boca, resolveu falar antes que pudesse pensar mais.

— Quer ir comigo ao médico? — ela murmurou, para que os outros não ouvissem. — Pelo visto, Zander acha que você me assusta, mas, sendo bem sincera, ele me assusta mais do que você e do que qualquer um dos outros. E, se tenho mesmo que ir a esse médico, ficaria mais confortável se você fosse comigo em vez dele.

Silas ficou totalmente rígido e ela percebeu que tinha cometido um grande erro. Malditas fossem ela e sua propensão a dizer tudo que passava em sua cabeça. Precisava andar com uma mordaça enfiada na boca o tempo todo.

— Desculpa —Evangeline disse, com sinceridade. — Já interrompi o seu dia com algo que não foi nem de perto um grave acidente. Eu devia mesmo era ir para o apartamento de Drake e limpar o machucado. Sabe, Band-Aids são curas milagrosas.

— Me deixaria muito triste saber que uma mulher como você tem medo de mim — Silas disse, também com sinceridade. — O fato de não ter

medo de mim e, na verdade, de me defender dos outros, faz você ganhar vários pontos comigo. Se ficará mais confortável comigo por perto, vou com você. Não precisa dizer nem explicar mais nada. Agora, vou levá-la até o carro. Zander pode voltar para o apartamento com suas sacolas, enquanto eu e Justice a levamos até a clínica.

— Você não é uma má pessoa, Silas — ela sussurrou. — Na real, para mim você é um perfeito cavalheiro. E nunca vai me convencer do contrário.

Uma nuvem cobriu os olhos dele antes que piscasse e, nessa nuvem, Evangeline viu um passado de dor, lembranças e coisas que haviam moldado o homem que ele era agora. Então, porque parecia ser a coisa certa, ela o abraçou, encaixando aquele tronco enorme no seu, bem menor, e apertou com força.

— Obrigado por ter vindo tão rápido. Prefiro que Drake não saiba disso, mas, se não formos logo, não terei tempo de fazer o jantar como deveria, e não quero que Drake fique ainda mais chateado comigo do que já está.

Silas franziu o cenho.

— Tenho certeza de que ele vai entender totalmente se não fizer o jantar, considerando que feriu seu joelho e quem sabe o que mais em sua queda.

Evangeline sacudiu a cabeça.

— Não quero que ele saiba disso. De nada disso. O dia já começou todo errado, e isso só vai arruinar a noite também. Podemos ir e acabar logo com isso?

Em resposta, Silas apenas a pegou, embalando-a em seus braços, e se sentou no banco de trás do carro. Uma vez acomodado, com ela ainda em seu colo, ele colocou um travesseiro sob seu joelho ferido e pediu-lhe que relaxasse, dizendo que estavam a apenas alguns minutos do apartamento de Drake.

Evangeline suspirou. Bem-vinda ao mundo de Drake. Mas o mais correto seria Bem-vinda ao mundo insano de Drake, onde nada faz sentido.

Afinal, não era nem um pouco normal estar esparramada no colo de um homem que obviamente dava medo em outros, sendo levada às pressas para uma clínica particular, de propriedade de Drake, um homem muito rico e cheio de segredos, um cara misterioso que agora, segundo ele mesmo – bem, com a concordância dela – a possuía.

Louca. Era a única palavra para definir a vida que tivera até então, chata, monótona, previsível e aborrecida.

Coisas como aquela simplesmente não aconteciam com garotas comuns vindas de cidades pequenas como a que ela tinha nascido. Mas aquilo estava acontecendo, e era real demais para que se sentisse confortável.

21

Evangeline não disse o que estava sentindo, mas o Dr. McInnis pareceu ter percebido que ela estava angustiada e agitada – talvez o fato de ela ter ficado o tempo todo murmurando que aquilo não era necessário tenha sido uma boa pista.

Ele deu um sorriso reconfortante, disse que iria atendê-la bem rápido e que não precisava se preocupar. Mas quando ele falou que Evangeline precisaria levar alguns pontos porque o corte tinha sido bem profundo e havia o risco de uma infecção, se ele fosse deixado aberto a bactérias, germes e sabe Deus o que mais, seu nível de ansiedade disparou. Foi Silas que a acalmou e disse, natural e sério, que ela estava atrasando todo o processo. Que se relaxasse e permitisse ao médico fazer o que achava necessário – e, no fim das contas, aquele era o médico – já teriam terminado e poderiam estar de volta ao apartamento de Drake.

Ela pegou na mão dele, mais para seu conforto do que para qualquer outra coisa, e lhe deu um aperto de agradecimento, perguntando-se por que parecia ser a única a ver o homem gentil e educado através da aparente rigidez daquele homem. Uma rigidez que provavelmente tinha sido moldada por necessidade. Tinha a mesma impressão a respeito de todos os homens de Drake. Que talvez nenhum deles tivesse tido uma infância fácil e que todos tinham lutado muito para construir o caminho para o sucesso, portanto mereciam cada parte da grana e do respeito que exigiam. Com certeza, eram um grupo diverso, que incluía desde o refinado Drake e as palavras suaves que ele parecia sempre ter na ponta da língua aos homens mais rústicos, que tinham a esperteza das ruas, como Zander e, bem, Justice. Apenas de uma maneira diferente. Silas era uma misteriosa combinação do estilo refinado e cheio de sofisticação de Drake com a ousadia que Zander e alguns dos outros tinham. Mas a única característica comum a todos era aquela atitude de não dar a mínima ao que os outros pensam.

Não tinha dúvida de que, apesar de ter sido muito paciente e gentil com ela, Silas não era assim com todo mundo. Ela tinha visto uma ponta de frieza em seus olhos. E de dor. Duvidava que ele tivesse percebido que ela tinha visto aquilo e, se tivesse, sabia que ele não ficaria feliz.

Mas ela era uma observadora de pessoas. Para mulheres como ela, observar era o mais próximo que conseguia chegar dos estilos de vida dos outros e, assim, desfrutava um pouco do mundo alheio através da observação. Como resultado, em geral enxergava muito mais do que uma pessoa comum. Estudava as pessoas, observava quando elas não sabiam que eram observadas. Era nesses momentos que a maioria delas deixava escapar e revelava o que costumava tentar esconder.

Era muita pretensão achar que sabia algo sobre Silas, seu passado e suas razões de ser. Mas ela intuía nele um tormento interior antigo, vindo da infância. E não era na infância que a maioria das pessoas eram moldadas? A família ou a falta dela, as defesas aprendidas e a capacidade de lidar com os outros e criar seus próprios escudos para sobreviver.

Creditava tudo que era à sua educação, ao amor e ao apoio incondicional que recebera dos pais e sua constante orientação. Às convicções que os dois tinham passado a Evangeline. Os pais dela eram pessoas boas. As melhores. Ela era uma das sortudas, diferentemente de Silas e, ela acreditava, da maioria dos homens de Drake, talvez até do próprio Drake.

Ele era um homem distante que, dentro de si, guardava um fogo ardente. Era muito severo sobre o que considerava seu código pessoal. Ela não precisava de um manual para saber disso. Bastava olhar para ele para ver que, muito provavelmente, o passado tinha moldado o homem que tinha se tornado. Um homem por quem estava irremediavelmente atraída, a quem não conseguia resistir, mesmo quando sua mente, ou melhor, sua sanidade, questionava seus motivos e suas decisões e, com frequência, queria saber se tinha perdido a cabeça ao mergulhar em uma relação tão extrema com um homem que mal conhecia, de forma tão imprudente, sem uma avaliação ou consideração mais cuidadosa.

E, mesmo assim, ainda que soubesse que tinha pela frente um longo caminho antes de conseguir arranhar a superfície deste homem complicado e misterioso, ela tinha vontade e sim, uma sensação de desafio, de ser capaz de descascar camada após camada até chegar ao coração dele. Só então compreenderia perfeitamente o que tinha feito de Drake aquele macho alfa inflexível, intransigente e dominador. Mas não

achava nenhuma dessas características ruins. Não quando elas se expressavam de maneira tão deliciosa.

Bom, mas naquela manhã Evangeline tinha desobedecido Drake descaradamente e ele tinha ficado puto e não parecia nem um pouco feliz. Ela sugou seu lábio inferior, mordiscando nervosa, ao pensar em quais seriam as consequências de suas ações e qual seria a reação de Drake quando chegasse em casa. Embora sua culinária pudesse distraí-lo, duvidava de que conseguiria dissuadir Drake se ele estivesse planejando falar sobre sua desobediência, algo que ele havia dito que não toleraria de maneira nenhuma. E, pensando bem, Evangeline sabia que ele estava certo e que ela tinha agido como uma criança petulante e birrenta, querendo impor alguma coisa fazendo aquilo. Sabia as regras. Sabia de cor.

E Drake estava certo. Tudo que ela precisava ter feito era pegar o telefone e ligar para ele, dizer o que queria e ele provavelmente teria concordado.

Lembrou-se de uma das coisas que Drake tinha escrito no bilhete e se sentiu mais culpada ainda. Ele tinha dito a ela para ficar em casa e descansar, que um de seus homens iria às compras para trazer tudo o que ela precisasse. As palavras exatas tinham sido:

Fui bem duro com meu anjo ontem à noite.

Evangeline suspirou. Ele só estava cuidando dela e tinha sido gentil. E ela tinha sido uma vaca, entendendo tudo errado e se exaltando por achar que não podia nem mesmo ir ao mercado sem uma grande operação de segurança.

Devia desculpas a Drake. Desculpas sinceras, e não frases prontas, que dissessem a ele o que ela achava que ele queria ouvir, com objetivo de apenas acalmá-lo.

— Evangeline?

O tom preocupado de Silas interrompeu seu devaneio silencioso.

— Está sentindo alguma dor? Ele anestesiou a área e você não deve sentir os pontos. Se sentir, fale para gente na mesma hora.

Do local onde se preparava para suturar o corte, o médico a mirou, preocupação em seus olhos.

— Posso lhe dar uma injeção para dor. Vou dar uma com antibióticos e te passar uma pomada para aplicar três vezes por dia. Não acho que um antibiótico oral seja necessário nesse caso. Porém, se notar qualquer vermelhidão, sensibilidade ou inchaço na área e, principalmente, se sentir-

se mal e tiver febre, mesmo que baixa, quero que volte na mesma hora para eu te passar antibióticos.

Ela retribuiu com um sorriso tranquilizador.

— Estou bem. De verdade. Não estou sentindo nada. E não preciso de medicação para a dor. Se doer mais tarde, tenho certeza de que um analgésico será mais do que suficiente. Estava muito preocupada pensando em todos os erros que cometi hoje para perceber qualquer desconforto no joelho. É meio chato quando a gente percebe que agiu como uma criança birrenta, se apoiando em razões ridículas para ficar emburrada.

Essa última parte ela disse com um suspiro, e seus lábios se curvaram para baixo, fechando sua expressão. A expressão de Silas foi tipo um puxão de orelha, o que a surpreendeu: pela primeira vez não havia nada da gentileza que até então havia encontrado nele.

— Tudo bem que a gente não se conhece há muito tempo e que não passamos tanto tempo juntos – algo que espero que seja consertado quando Drake afrouxar um pouco a coleira que colocou sobre você.

Um pouco de divertimento substituiu a bronca nos olhos de Silas, e Evangeline entendeu que aquelas últimas palavras eram uma provocação.

— Mas a última coisa de que eu a chamaria é de criança birrenta ou emburrada. Você é muito honesta e sincera, duas qualidades que, infelizmente, caíram em desuso. Além disso, você não tem muita noção das tantas boas qualidades que tem e parece confusa quando alguém te elogia, como agora, enquanto eu falo, a julgar pelo seu olhar.

Ela corou porque ele tinha toda razão.

— Até recentemente, eu não costumava receber muitos elogios — ela murmurou.

— Então você com certeza não está perto das pessoas certas. E aposto que as pessoas à sua volta são invejosas. Ou o contrário, principalmente se forem homens: querem muito se aproximar mais, mas você não tem a menor ideia disso, o que os deixa irritados e machuca seu frágil ego masculino.

— Tá bom, pode parar já — ela disse, cada vez mais desconfortável.

Mas ele não parou. Com um dedo, ergueu o queixo dela, obrigando-a a encará-lo e parar de evitar seu olhar.

— O que você é, Evangeline, é especial. E, se falar mal de si mesma na minha frente mais uma vez, vou dobrá-la sobre os meus joelhos e espancar

essa bunda perfeita até que jure riscar do seu vocabulário todas as palavras negativas que usa para se descrever. Estamos entendidos?

Puta que pariu! Que merda. Pronto, estava usando de novo palavras que fariam sua mãe corar e se perguntar onde tinha errado na educação de Evangeline, uma vez que tinha lhe ensinado que uma verdadeira dama nunca dizia coisas tão vulgares.

Encarava Silas com os olhos arregalados e já não precisava mais das mãos dele para manter-se assim. No fundo daquele olhar, viu o domínio brilhando tão claramente como vira no olhar de Drake. Como não tinha percebido antes? Suave e gentil o caramba. Silas, Drake e, bem, todos os homens de Drake, eram homens dominantes, quase grosseiros, alfa. Mas no espaço daquelas poucas palavras que Silas despejara sobre ela com tanta suavidade, viu um homem que talvez fosse muito mais dominante do que os outros. Mais até do que Drake, o que era incompreensível para ela.

Podia finalmente ver o lado assustador que os outros viam e experimentavam diariamente, e lá estava ela, construindo teorias ingênuas sobre ele, baseadas em dois breves encontros em que ele agira como um perfeito cavalheiro.

Engoliu em seco, porque não achava que Silas estava brincando. Não havia nenhuma indicação de brincadeira em seus olhos. Somente uma verdade sombria. E seriedade total. E então, como seu cérebro estava frito, e ela estava a ponto de babar, emitiu uma resposta ridícula.

— D-Drake nunca permitiria! — ela disse, em um sussurro chocado. E para sua vergonha ainda maior, percebeu que o médico ainda estava lá, costurando seu joelho agora esquecido, e tinha ouvido toda aquela conversa.

Seus lábios estavam curvados, achando tudo divertido, mesmo sem tirar os olhos do que estava fazendo. Evangeline nunca tinha visto mãos firmes como as dele.

Silas lhe deu um sorrisinho, apenas um canto de sua boca se contorceu para indicar o que ele pensava daquela afirmação ingênua.

— Não tenha tanta certeza do que Drake vai e não vai permitir, Evangeline. Fazer isso só levaria a inevitáveis mal-entendidos. Tenho certeza de que Drake tem sido muito exigente em suas demandas a você, a principal delas sendo obediência. Eu diria que isso já significa muitas experiências inéditas, não é?

Evangeline queria gritar. Como diabos os homens de Drake, aquele homem, sabiam tanto sobre o que Drake tinha dito ou não para ela? Ou será que suas mulheres – e seus padrões e expectativas – variavam tanto que suas necessidades e demandas eram senso comum entre os seus homens?

Merda, eles comandavam, tinham ou eram membros de algum tipo de sociedade de BDSM? Será que todos eram sócios de algum lugar onde havia manuais e regras para este tipo de coisas e todos seguiam o mesmo "código"?

Ela queria cobrir o rosto com os cabelos e ir para bem longe dali, porque tudo só ficava mais perturbador.

— Você não me machucaria — ela disse, quase desesperada.

O olhar de Silas se suavizou.

— Não, Evangeline. Eu nunca te machucaria. Disciplinar não precisa envolver dor. A menos que goste disso. — Ele encolheu os ombros. — As pessoas gostam do que lhes dá prazer. Não cabe a mim julgar. Mas, se está perguntando se eu cumpriria minha ameaça, a resposta é sim. Não faço ameaças vazias. Nunca. Então, sim, vou colocá-la sobre meu joelho e espancar essa bunda se falar merda sobre si mesma de novo perto de mim. Se não quer que isso aconteça, é simples, basta não falar essas bobagens, certo? Sacou?

— Saquei — ela disse, porque se ele fosse como Drake, e parecia mesmo ser, também ia querer palavras como resposta, e não um aceno de cabeça.

— Você terminou? — Silas perguntou ao médico, de repente.

O médico parecia ter terminado, mas estava claramente entretido com a conversa de Silas e Evangeline, porque apenas segurava um curativo sobre o joelho de Evangeline enquanto, fascinado, observava os dois.

— Ah, sim, claro. Só me deixe pregar isso no joelho dela.

Então, ele olhou para Evangeline.

— Deixe-o coberto hoje à noite. Você pode retirar o curativo pela manhã, mas mantenha a área limpa e aplique a pomada conforme instruí. E, mais uma vez, se tiver algum dos problemas ou sintomas listados, volte aqui na mesma hora.

Evangeline assentiu, ainda desconcertada com aquela divulgação pública de tantas informações tão pessoais. Todos os que trabalhavam para

Drake sabiam cada detalhe sórdido de seu relacionamento? Ou estavam apenas adivinhando baseado em seus relacionamentos passados?

Ficava bem chateada de pensar que seu relacionamento, ou o que fosse que tivesse com Drake, estivesse seguindo diretrizes ou uma rotina que ele fazia automaticamente, independentemente de quem fosse a mulher da vez.

Alguma mulher seria suficiente algum dia? O rosto de Evangeline se borrava e se misturava a tantos outros que tinham vindo antes dela? Ela se destacava? Supôs que tinha sorte por ele ao menos se lembrar de seu nome e não confundi-lo com o de outra mulher. Se isso acontecesse, provavelmente o apunhalaria com uma faca de cozinha.

Silas a ajudou a descer da mesa de exames e depois a conduziu da clínica para o elevador que os levaria ao último andar. Ele inseriu seu próprio cartão-chave, mais uma prova de que os homens de Drake eram obviamente confiáveis – e tinham acesso total até mesmo aos seus refúgios mais particulares.

Quando entraram no apartamento, ela viu que os mantimentos haviam sido colocados no balcão e, quando ia correr para organizá-los, Silas a bloqueou, a empurrou até a sala e a fez sentar-se no sofá, com uma almofada embaixo da perna.

— Fique aqui — ele ordenou. — Sei que Drake disse que chegaria tarde, e também sei que ele ligará avisando quando estiver a caminho. Portanto, até receber essa ligação, você vai ficar quieta e relaxar para não piorar mais o machucado. Dadas as circunstâncias, Drake vai entender se o jantar se atrasar um pouco.

Evangeline mordeu o lábio, recusando-se a lembrar Silas que Drake não tinha ideia de que tinha se machucado. A não ser que algum dos outros homens já tivesse dedurado. Uma possibilidade forte.

Mas quando Drake finalmente ligou, ela percebeu que não, ele não sabia. Além disso, ele ainda estava um pouco irritado com a transgressão de Evangeline naquela manhã.

22

O telefone tocou, despertando Evangeline no sofá. Droga! Como ela podia ter adormecido? Tinha planejado que assim que Silas saísse, iria começar o jantar, independentemente de ele dizer que ela deveria descansar até que Drake ligasse.

Arrastou-se até alcançar o telefone, feliz pois, ao menos, Silas o tinha colocado ao seu alcance. Quase grunhiu quando tirou as pernas do sofá e as colocou no chão para que conseguisse se levantar e ir para a cozinha enquanto falava com Drake.

— Alô? — ela disse, ofegante.

— Estarei em casa daqui a vinte minutos — ele disse, breve.

— O-ok — ela disse, segurando o telefone com mais firmeza.

Enquanto falava, buscava os ingredientes nas sacolas, tentava escolher as panelas adequadas e ligou a grelha no fogão profissional de Drake.

— Não vou comer assim que chegar — ele disse.

— Sim, claro — ela se apressou em responder. — O jantar estará pronto quando você quiser comer.

— Ótimo. Então, quero que vá para a sala de estar e tire a roupa toda. Quando eu chegar, quero que esteja em pé perto da ponta do sofá, a barriga encostada no braço, pernas ligeiramente afastadas. E, quando eu disser, você vai se inclinar para a frente e apoiar as mãos no sofá de modo que fique dobrada sobre o braço.

Ela hesitou, um olhar confuso fez sua testa se enrugar.

— Ok — ela disse, calma.

— Sua punição, Angel — ele disse, evidentemente percebendo sua confusão. — Não pense que já esqueci o que aconteceu hoje de manhã.

Ela quase deixou o telefone cair, mas conseguiu segurá-lo antes que ele se espatifasse no chão.

— Certifique-se de que esteja pronta e de que prestou atenção a cada uma das minhas instruções, ou não ficarei satisfeito — disse ele, com uma voz aveludada.

— Não vou decepcioná-lo, Drake — ela disse, baixo.

Desta vez, ele hesitou. Então, disse:

— Eu sei, Angel. Disso eu sei. — E desligou, deixando Evangeline com os olhos fixos no aparelho.

Ela fechou os olhos, recusando-se a se concentrar no fato de que ele iria puni-la. Precisava começar o jantar para que ele não pensasse que ela não tinha feito nem isso. Aquele dia inteiro tinha sido uma cadeia de tragédias épicas.

Por um momento, pensou em ouvir o conselho de Silas e contar para Drake tudo o que tinha acontecido assim que ele entrasse porta adentro, mas, em seguida, franziu o cenho. Que covarde estava sendo. Estava tentando sair do problema na primeira oportunidade, quando tudo tinha sido culpa dela.

Não, ia deixar o jantar quase pronto e, depois, iria para a sala de estar para fazer o Drake havia mandado. Não ia arregar logo na primeira vez em que seu relacionamento era testado, ou, pelo menos, na primeira vez que tinha desobedecido Drake. Por alguma razão, ela achava que isso o deixaria muito mais decepcionado do que sua desobediência.

Em cinco minutos, tudo estava preparado em cima do fogão, o som crepitante de comida cozinhando e um cheiro convidativo preenchiam o ar. Só faltavam os bifes, e ela não ia fazê-los até que fosse a hora de comer.

Sabendo que lhe restavam menos de cinco minutos até a chegada de Drake, ela foi até a sala de estar, ignorando as pontadas de dor no joelho. Se em vez de passar a tarde inteira dormindo no sofá ela tivesse andado para lá e para cá, o joelho nem doeria. Mas após tantas horas de inatividade, é claro que os movimentos súbitos iriam causar dor.

Despiu-se com pressa e depois, com cuidado, dobrou sua roupa e deixou na mesa de centro. Não queria que parecesse que tinha feito tudo na correria, embora tivesse sido exatamente assim.

Deslizou os sapatos para debaixo da mesa de café, e colocou o sutiã e a calcinha em cima de sua camisa e de seu jeans rasgado.

Quando estava nua, foi até a ponta do sofá e se dobrou sobre ela, passando as mãos sobre o braço de couro, e então se inclinou para a frente, testando se ficaria confortável quando ele pedisse que se curvasse.

Ok, não tinha sido tão ruim.

Endireitou-se e, obediente, assumiu sua posição exatamente como ele tinha descrito e, em seguida, fechou os olhos, sabendo que os próximos minutos até que ele chegasse pareceriam uma eternidade.

Drake esperou impacientemente que as portas do elevador se abrissem e saiu na mesma hora, sem sequer perder tempo pendurando o casaco no cabideiro. Ele o tirou no caminho para a sala de estar e jogou-o de lado.

Prendeu a respiração quando viu Evangeline em pé, do jeito que havia instruído, na ponta do sofá, sua pele nua brilhando sob a luz fraca. Apenas uma lâmpada estava ligada no canto mais distante, conferindo ao cômodo um ar de intimidade.

Caminhou até as costas de Evangeline, incapaz de resistir a uma tentação tão bela. Escovou o cabelo dela sobre um ombro e pressionou seus lábios na curva de seu pescoço. Ela estremeceu com o toque dele e sentiu arrepios dançando em sua pele.

— Tão sensível — ele murmurou. — Tão linda. — Ele ouviu seu suspiro suave, tão bonito quanto ela.

— Fique onde está — ele ordenou.

Drake saiu da sala para pegar o chicote no quarto. Aquela seria a primeira experiência de Evangeline com outra coisa além da mão dele e dos poucos tapas que tinha dado na bunda dela, e por isso ele não tentaria algo muito forte. Não até ter certeza de que Evangeline estava pronta e poderia acompanhá-lo.

Quando Drake voltou, ela ainda estava parada ali, quieta como uma estátua, sua pele pálida brilhando na luz sobrenatural. Era uma deusa e era toda sua.

Passou o cabo do chicote ao longo da espinha de Evangeline, provocando outro arrepio nela. Continuou com a exploração delicada, deixando ela se acostumar com a sensação do couro antes que marcasse sua bunda linda. Colocou-se ao lado dela para que pudesse ver seu rosto, sua expressão.

— Vou dar seis chicotadas — ele disse, sem alterar a voz. — Apenas para que, no futuro, você se lembre de que não deve me desobedecer. E um aviso, Angel. Se acontecer de novo, não vou ser tão bonzinho.

Ela se apoiou na outra perna, um movimento quase imperceptível, mas ele estava totalmente atento a ela e não deixaria nada passar. Estava prestes a dar o primeiro golpe, ainda ao lado dela, porque queria ver sua

reação. O momento em que a dor inicial daria lugar ao prazer. Queria ver seus olhos ficarem enevoados com o prazer que ele lhe daria.

Mas um súbito lampejo de dor e clara aflição passou rapidamente pelos olhos dela antes de desaparecer, fazendo-o duvidar que tinha mesmo visto aquilo. Mas não. Tinha visto claramente. Drake franziu o cenho porque não tinha feito nada além de acariciar sua pele com o flogger.

Deixou uma de suas mãos ao lado do corpo e continuou olhando fixamente para ela.

— O que há de errado? — perguntou. — Evangeline, olhe para mim.

Ela virou a cabeça devagar para encará-lo, para que ele visse mais que seu perfil. Seus olhos brilharam com lágrimas não derramadas, e aquilo o destruiu.

— Não tem nada errado, Drake. Não vou desobedecê-lo de novo — ela disse, baixinho. — Desculpe. Eu estava errada. Estava sendo uma criança birrenta e fui uma vaca. Você não merecia isso de mim.

Evangeline trocou a perna de apoio de novo, e ele viu que ela moveu a maior parte de seu peso para uma das pernas em vez de manter os dois pés firmes no chão. Ela estremeceu, a dor mais uma vez latejando em seus olhos, antes que, visivelmente, conseguisse se controlar e se virasse para frente. Inclinou-se para colocar as mãos no sofá como ele tinha instruído mais cedo, mas tudo que Drake conseguia ver era a dor em seus olhos. A dor que ele não tinha causado de forma alguma.

Seu olhar percorreu o corpo dela, procurando por qualquer fonte discernível de desconforto. Seus olhos se apertaram quando ele viu o que o sofá havia escondido de sua vista. Um curativo no joelho.

Ele se ajoelhou na mesma hora, virando-a de lado para que o encarasse, e então pôde ver claramente a bandagem sobre seu joelho.

— Que merda é essa? — ele murmurou, baixando a voz para que suas palavras enfáticas não parecessem guardar nenhuma amargura ou raiva contra Evangeline.

Levantou-se com rapidez e, em seguida, levantou também Evangeline, aconchegando-a em seu peito. Foi até a frente do sofá e, com cuidado, fez com que ela deitasse nele. Depois, ergueu suas pernas com cuidado para não lhe causar mais dor, e colocou as duas sobre seu colo para olhar de perto o joelho dela.

— O que aconteceu? — perguntou.

Ela suspirou.

— Não é nada, Drake. Juro. Foi uma estupidez minha, fui muito desastrada. Zander e eu fomos comprar mantimentos e depois ele insistiu que eu precisava de um par de óculos escuros. Então, parou em uma loja e comprou dois pares, ridiculamente caros.

Ela estremeceu e fechou os olhos, e ele percebeu que estava mais chateada com o custo dos óculos escuros do que com a lesão no joelho.

— Quando saímos, tropecei. Nem sei o que aconteceu exatamente, num minuto eu estava de pé e, no seguinte, de bruços na calçada. Zander ficou apavorado. Queria te ligar na mesma hora, mas eu implorei que não o fizesse. Então, ele chamou Justice para nos pegar. Mas Silas veio com Justice e ele insistiu em me trazer ao médico.

Os olhos de Drake se apertaram enquanto absorvia aquele relato.

— E por que achou que não era importante me ligar?

— Você estava ocupado — ela sussurrou, angústia irradiando de sua voz. — Seu bilhete dizia que estaria ocupado e que tinha reuniões importantes o dia todo, por isso chegaria tarde para o jantar. Não era nada que valesse a pena perturbá-lo. Seu médico deu os pontos em apenas alguns minutos e me deu remédios para tirar a dor.

— Teve que dar pontos? — ele perguntou, com os dentes firmemente cerrados.

Os olhos dela se arregalaram de medo e nervosismo, mas ele estava determinado demais a ir fundo para entender toda aquela bagunça para se preocupar em acalmar o temor de Evangeline de que estivesse zangado com ela. Jesus. Deveria ter sido ele lá com ela. Durante todo o maldito tempo.

— Uns poucos pontos — ela disse, na defensiva. — Não sei nem por que ele se deu ao trabalho. Já tive machucados piores e só de colocar um curativo deu certo.

— Pode até ter dado certo antes — ele disse, tentando controlar suas emoções. — Antes de você pertencer a mim. Mas agora não está certo. Agora, você pertence a mim, e sempre vou garantir que seja a mais bem cuidada de todos. Seu conforto e segurança em primeiro lugar. Não deveria ter precisado ir à clínica com um homem estranho para confortá-la. Eu deveria ter estado lá para te abraçar, te trazer ao apartamento e deixá-la aqui no mais absoluto conforto. Essa é a minha função, Angel.

Ele mirou Evangeline com um olhar intenso.

— Agora me diga. Qual é a sua função?

Ela parecia aturdida e sua testa se enrugou, em óbvia confusão.

— Não entendo o que quer — ela disse, impotente. — Não estou me fazendo de estúpida, Drake. Estou mesmo confusa com a sua pergunta.

— Minha função é cuidar de você. Prover para você. Garantir a sua segurança quando não posso estar por perto e, principalmente, garantir que esteja confortável acima de tudo. Você só tem uma função, meu anjo, obedecer.

Evangeline olhou admirada para Drake ao ser tomada por um monte de emoções conflitantes. Ele tinha uma maneira bem direta de colocar os fatos – a verdade – como ele os via. Ficou um pouco irritada. Mas sentiu mesmo um grande alívio. Como se tivesse tirado um peso enorme dos ombros.

Era mesmo tão fácil quanto ele fazia parecer? Que este homem, este homem lindo e dominante, lhe daria carinho, iria mimá-la, paparicá-la, protegê-la, cuidar dela e, em troca, tudo o que precisava fazer era obedecer? Era quase mais do que podia imaginar. Como se estivesse mergulhada em uma fantasia e, se abrisse os olhos, tudo desapareceria num instante e por isso se apegava ao sonho com toda força, apertando bem os olhos para manter a realidade bem longe.

Drake se inclinou e, com cuidado, retirou o curativo. Após inspecionar, pôs os lábios com reverência na ferida. Evangeline ficou espantada ao ver que, numa hora, ele era todo puro poder, um macho alfa pronto para castigar sua submissa e, no segundo seguinte, era tão amoroso e terno que colocou nos olhos dela um brilho diferente.

— Daqui para frente, se alguma coisa, e quero dizer qualquer coisa mesmo, acontecer com você, quero saber na mesma hora. Não me importa se achar que é bobagem. Vou querer saber no mesmo minuto que acontecer. Entendeu?

Evangeline engoliu e, de algum jeito, conseguiu verbalizar seu consentimento mesmo com um nó na garganta.

Então, para deixar Evangeline ainda mais chocada, ele deslizou o corpo dela para ainda mais perto do seu, até aconchegá-la em seu peito. Pressionou seus lábios com firmeza na testa dela e, depois, ficou de pé, segurando-a no colo. Ele a levou para a cozinha. Lá, acomodou Evangeline na ilha, com o resto da cozinha ao seu redor.

— Hoje, eu cozinho para minha princesa ferida — ele disse, um brilho em seus olhos.

Chocada, ela protestou na mesma hora.

— Uns pontinhos não vão me impedir de fazer o jantar, de jeito nenhum. Além disso, está quase tudo pronto, só os bifes que ainda vão precisar de alguns minutos para grelhar de cada lado.

Drake apertou o nariz dela com carinho e, depois, deu-lhe um beijo longo e demorado na boca.

— Então não vou ter muito trabalho, vou? Você vai continuar sentadinha aí e vai me orientar. Diga-me o que fazer e como, e o jantar estará pronto logo, logo.

Evangeline observou fascinada Drake cuidar da refeição, parando de vez em quando para perguntar se estava fazendo tudo certo. Enquanto o observava e relembrava os acontecimentos anteriores, quando ele tinha deixado sua punição para lá e, na mesma hora, tinha cuidado para que ela estivesse bem e assistida, teve uma espécie de epifania.

Drake gostava de cuidar dela. Na real, ele parecia adorar. Isso – ela – tinha muita importância para ele, e levava muito a sério o que chamava de "função". Evangeline pensou que talvez Drake nunca tivesse tido alguém que se importasse de verdade com ele e, por isso, parecia tão determinado a lhe dar algo que talvez tivesse faltado a si mesmo.

Isso não só a deixava mais determinada em aceitá-lo incondicionalmente como também a fazia querer fazer tudo o que pudesse para cuidar de Drake e protegê-lo. Talvez ninguém em seu passado jamais tivesse assegurado que ele estivesse feliz e cuidado, mas ela não seria como aquelas pessoas. Drake teria certeza de que ao menos uma pessoa se preocupava profundamente com ele a ponto de buscar sempre sua felicidade e conforto. E, se Evangeline pudesse fazer isso tudo simplesmente agradando-o e seguindo suas regras, então o faria sem hesitar, sem se questionar.

— Drake — ela disse, hesitante.

Ele se virou, como se sentisse a seriedade no tom dela.

— Desculpe — ela disse, com suavidade. — Por hoje. Mais cedo. Fui uma vaca e, como eu disse, você não merecia isso de mim. Tenho vergonha do jeito que agi, fiz sem pensar e isso te machucou. Estou me sentindo muito mal. Me perdoa? Vou tentar com afinco nunca mais dar razão para você ficar chateado comigo de novo. Quero agradar você. É importante para mim. Mais importante do que imagina.

A expressão no rosto de Drake ficou mais relaxada, e, depois de virar os bifes, ele foi até Evangeline e a abraçou.

— Você não é uma vaca, Angel. Longe disso. Acho que a nós dois devíamos combinar de esquecer tudo que rolou hoje e seguir em frente. Mas, amor, quero que me prometa uma coisa. Nunca mais vai me deixar puni-la ou mesmo colocá-la em uma situação em que se machuque ou sinta qualquer desconforto. Devia ter me contado sobre o acidente na mesma hora ou pelo menos antes de eu colocar um chicote na sua bunda. Graças a Deus percebi antes de aplicar seu castigo, nunca me perdoaria se tivesse te causado alguma dor desnecessária.

Havia remorso e um autodesprezo genuíno em seu tom. O coração dela amoleceu até se derreter todo, Drake parecia tão horrorizado em quase ter causado mais dor a ela.

— E não consigo explicar o quanto significa para mim que diga, desse jeito tão gentil e doce, que se importa comigo. Que quer me agradar e que isso é importante para você. Nunca tive isso — ele admitiu e, na mesma hora, ficou incomodado por ter revelado algo que considerava muito pessoal. Mas aquilo só reforçava o que Evangeline já tinha entendido.

— Quero que saiba que agradá-la é tão importante para mim quanto agradar a mim é importante para você. Quero que seja feliz. E que brilhe. Para mim. Somente, sempre, para mim.

Ela relaxou e lhe deu um beijo. Depois, foi se afastando com um sorriso provocante no rosto.

— Então, não vai ter castigo para mim hoje à noite? — ela perguntou, baixinho.

Ele voltou para o fogão, pegou um dos bifes e o levantou, para ela ver.

— Mais um minuto ou dois — ela aconselhou. Ele a olhou com sobriedade.

— Não, Angel. Acho que posso dizer que por hoje você já teve emoção demais. Nunca me considerei um homem paciente, mas ultimamente tenho achado que, quando a recompensa é grande, estou disposto a esperar. Mas saiba que agora que entende melhor os parâmetros e limites que estabeleci para você, não vou desculpar tão fácil no futuro e toda desobediência ser*á* punida. Mas nunca serei tão severo, e eu cortaria meu braço direito fora antes de machucar você de propósito.

O corpo dela ficou todo formigando e, em seu estômago, decepção e curiosidade se misturavam. Naquele momento, ela percebeu que não temia

que Drake a machucasse. Fisicamente. Ele era muito disciplinado e contido em tudo. A parte física de Evangeline fantasiava sobre que castigo Drake tinha preparado e se ela ia gostar tanto como na noite em que tinha batido algumas poucas vezes em sua bunda. A parte emocional dela não queria nem pensar em decepcionar Drake de novo, de modo a justificar um castigo. Ter a aprovação dele, ela percebeu, significava muito.

— E se eu quisesse que você usasse o chicote em mim? — ela perguntou, quase sussurrando, antes que pudesse medir as palavras. — Não como castigo. Te agradaria, Drake? Porque eu fantasio sobre isso e acho...

— O que acha, Angel?

— Que me agradaria muito — ela admitiu.

Drake estava pegando os bifes na grelha para colocar no prato e ficou completamente imóvel quando ouviu aquilo. Depois, desligou as outras bocas do fogão e se virou, devagar, com os olhos se incendiando.

— Talvez se eu não ficasse de pé — ela se adiantou antes que perdesse a coragem. — Um homem com a sua experiência com certeza conhece mil maneiras de chicotear uma mulher sem que ela precise colocar qualquer peso no joelho.

— O que acho — ele disse, devagar — é que devemos comer primeiro. E depois podemos falar sobre isso. De preferência, com você na minha cama, amarrada e sem conseguir fazer qualquer coisa além de aceitar o prazer que vou te dar.

Ela engoliu em seco. Como poderia comer agora? E conseguir lembrar o gosto de qualquer coisa?

Ele serviu um pouco da comida em cada prato e colocou os dois na mesa. Em seguida, voltou e, com cuidado, a tirou da ilha e a levou para a mesa. Porém, em vez de colocá-la em sua própria cadeira, Drake se sentou com Evangeline em seu colo.

Ela percebeu que ele iria alimentá-la de novo e, desta vez, nem pensou em resistir. Tinha gostado da primeira ocasião que ele tinha dado comida em sua boca. A intimidade os envolvia, sugando Drake e Evangeline cada vez mais para dentro de uma névoa densa feita de paixão e desejo.

Quando começou a alimentá-la – e a si mesmo – ele a elogiou por mais uma excelente refeição.

— Mas foi você que cozinhou, não eu! — Evangeline protestou.

— Não dá para chamar de cozinhar apenas colocar dois bifes em uma grelha e virá-los na hora que você me disse e, ao mesmo tempo, ligar o calor das outras bocas para aquecer a comida que já estava preparada — ele disse, objetivo. — Estava uma delícia. Aprecio muito o esforço que você fez para que essa refeição fosse especial para mim. Significa muito para mim, Angel. Só lamento que tenha se machucado no processo.

— Valeu a pena ralar o joelho para te agradar — ela sussurrou. — Quero muito te agradar, Drake. É uma necessidade que tenho, nem eu consigo entender. Você me dá muito. Me faz sentir bonita e desejada. Queria muito retribuir um pouco que fosse de tudo que já me deu desse jeito tão altruísta.

Ele lhe deu um beijo, e a abraçou mais forte.

— Você me faz bem, Angel. Nunca duvide disso. Agora, o que acha de continuarmos essa conversa no quarto, onde eu posso cuidar do meu anjo do jeito certo e dar o que ela precisa e deseja de seu homem?

— É a melhor ideia que ouvi o dia todo — ela sussurrou, a boca quase encostando na dele.

Drake levou Evangeline para o quarto e, com reverência, a deitou na cama. Então, ficou em cima dela, seu olhar subindo e descendo por seu corpo nu, com um claro deleite em seus olhos.

Pela primeira vez, ela não ficou tímida ou encanada. Ela se sentiu... ousada. Como uma sedutora com muito mais experiência do que ela tinha de verdade. Não queria ser uma participante passiva no que Drake escolhesse para aquela noite, mas, ao mesmo tempo, a ideia de que ele tomaria todas as decisões e teria todo o controle lhe causava uma excitação indescritível.

Quando seu olhar caiu sobre o joelho de Evangeline, Drake franziu o cenho. Ele pareceu estar fazendo considerações.

— Quanto dói? — ele perguntou. — E não doure a pílula. Não quero fazer nada esta noite que lhe cause ainda mais dor.

— De verdade, acho que está bem melhor agora — ela disse, com sinceridade. — Adormeci no sofá porque Silas não queria ir embora até que me visse ali. Minha ideia era me levantar assim que ele saísse para começar a fazer o jantar, mas caí no sono e só acordei quando você ligou. Como fiquei parada por muito tempo, meu joelho ficou duro e sensível quando comecei a me mexer, mas agora está confortável e não está mais tão sensível.

Os lábios dele se apertaram.

— Se tivesse me ligado, eu teria feito a mesma coisa que Silas, só que você teria ficado em meus braços e eu teria te abraçado enquanto você descansava.

A imagem era tão tentadora que, naquele momento, ela desejou ter permitido que Zander chamasse Drake.

— Agora eu queria ter te ligado — ela sussurrou.

Ele se abaixou e deu um beijo de leve sobre o joelho dela. Depois, olhou para Evangeline, de modo que ficassem olho no olho.

— Na próxima vez, ligue.

— Vou ligar — ela prometeu.

Um brilho diferente cintilou nos olhos de Drake. O de um predador, cheio de calor e de antecipação, que a deixava ofegante e nervosa por causa de uma vontade sem igual.

— Você poderia me fazer sentir melhor agora — ela disse, a voz rouca sussurrada, convidando-o.

— Ah, sim, meu anjo. É exatamente o que quero fazer. Mas, primeiro, vou chicotear essa bunda gostosa para que ela esteja com as minhas marcas enquanto eu te fodo.

Evangeline não conseguiu controlar o estremecimento, nem o suave gemido que escapou de seus lábios. A expressão dele ficou séria.

— Mas não farei nada que cause mais dor em seu joelho.

— Eu sei, Drake — ela disse, com aperto no coração. — Sei que nunca me machucaria. Eu quero isso. Quero você e tudo que tiver para me dar. Vou adorar tudo.

O rosto inteiro de Drake se suavizou, e um brilho quente ardeu em seus olhos escuros.

— Tão doce e generosa — ele murmurou. — O que fiz para merecer esse anjo?

Afastou-se da cama, fazendo Evangeline sentir a perda de seu calor, o toque de seu olhar e as mãos que com tanta reverência acariciaram seu corpo. Voltou um segundo depois com uma corda e o chicote. A pulsação dela aumentou, a respiração errática soprando de seus lábios.

— Meu anjo está animado — ele disse, a aprovação flamejante em seus olhos.

— Sim — ela disse. — Quero tudo, Drake. Quero... você.

Ele virou Evangeline de costas, sempre preocupado com seu joelho, e colocou suas mãos para trás. Depois, com cuidado, passou a corda em volta delas, testando para ter certeza de que não estava machucando sua pele. Saiu mais uma vez, só por tempo suficiente para tirar a própria roupa, e então voltou, levantando-a da cama.

Sentou-se na beirada da cama e virou a cara de Evangeline para baixo, de modo que a barriga dela ficasse em seu colo e as pernas dela ficassem balançando ao lado de suas pernas. Suas mãos percorreram as costas, os ombros e a bunda dela. Depois, chegaram ainda mais abaixo, percorrendo cada uma das pernas, cada toque deixando-a mais e mais em chamas. Com a mão, Drake deu um leve tapa em uma das nádegas, e Evangeline engasgou na mesma hora. Então, ele acariciou a área, suavizando a dor, até a queimadura quente do prazer tomar conta de tudo.

Depois, como fizera antes, na sala, ele acariciou as costas e a bunda dela com a ponta do flogger e, antes que ela esperasse, bateu o chicote na outra nádega.

Fogo percorreu sua pele, mas como ocorrera com os tapas dele, a dor desapareceu em seguida para ser substituída pelo zumbido quente daquele prazer proibido, ousado.

— Quantos você quer, Angel? Quantos consegue aguentar?

— Quantos quiser me dar — ela disse, ofegante. — Sou sua, Drake. Só sua. Pertenço a você e sou sua para fazer o que quiser.

Ela percebeu que sua resposta tinha agradado Drake pelo afeto e delicadeza em sua carícia esfregando a mão sobre a área em que acabara de bater. E também pelo som de aprovação que ele fez.

— Você foi feita para mim — ele disse, com satisfação na voz. — E sim, meu anjo querido. Você pertence a mim e posso fazer o que quiser com você.

Ele bateu em sua outra nádega, fazendo-a estremecer e então gemer quando a euforia a envolveu como uma nuvem. Seu joelho e os acontecimentos do dia desapareceram na obscuridade, esquecidos, quando ele começou a administrar seus golpes, cada chicotada mais e mais forte que a última.

Teve o cuidado de não sobrecarregá-la, preferindo ir preparando-a gradualmente, do mais leve ao mais forte. E, à medida que a dor aumentava, um prazer indescritível aumentava também.

— Tão linda — Drake disse, de repente, enquanto esfregava a mão sobre sua carne latejante. — Essa bunda tão vermelha com minha marca, meu selo de propriedade. Fala pra mim, Angel. Quer mais? Ou quer que eu foda essa bunda gostosa? Ou talvez prefira que eu meta nessa bocetinha que também me pertence?

Ela gemeu, quase apática, tão imersa estava na névoa espessa que a envolvia.

— Quero tudo — ela sussurrou. — Tudo o que tiver, tudo o que pode me dar, Drake. Por favor. Preciso muito de você.

As palavras mal saíram de seus lábios e Drake reposicionou Evangeline e montou nos quadris dela, empurrando a bunda dela para cima, abrindo-a com seus polegares, e então meteu bem forte e fundo em sua vagina. Ela quase gozou ali. Evangeline fechou os olhos, apertando com força ao redor dele, tentando segurar sua lubrificação quando ele começou a cavalgar com força. Drake foi quase violento, não parou enquanto metia.

Bombeou dentro dela de novo e de novo, seus quadris batendo com força contra a bunda dela e, ao mesmo tempo, acariciando a carne que ardia no traseiro que, Evangeline sabia, agora tinha as marcas do chicote.

— Drake! — ela gritou, desesperada. — Estou muito perto. Vou gozar!

Ele retirou o pau, e Evangeline gemeu com a partida abrupta, a enorme ereção passando por sua carne inchada e ultrassensível. A mistura da dor ao prazer era uma sensação inebriante e ela fechou os olhos, mordendo o lábio inferior para adiar seu orgasmo.

Levou um susto quando o chicote bateu de novo em sua bunda, rápido e furioso, atingindo cada centímetro de sua nádega dolorida.

Sem interromper as chicotadas, Drake murmurou, em um sussurro:

— Vou desamarrar suas mãos para que possa se tocar enquanto meto na sua bunda, mas não se ajoelhe nem coloque peso sobre seus pontos. Entendido?

— Sim — ela respondeu, com uma ponta de desespero.

As chicotadas pararam e, com pressa, Drake desamarrou os pulsos de Evangeline e os esfregou para acabar com qualquer dormência residual. Depois, pegou a mão esquerda de Evangeline e a deslizou entre ela e o colchão, até que seus dedos alcançaram seu clitóris inchado.

Houve um som de esguicho quando Drake espremeu o tubo de lubrificante e, em seguida, com os polegares, afastou as nádegas dela. Sabendo o que estava por vir, Evangeline começou a se acariciar, e não

demorou para ele meter dentro dela com a mesma força que tinha metido em sua vagina.

Ela começou a tremer, seus dedos escorregadios, observando, entre suas pernas, como Drake a levava cada vez mais alto e mais perto do orgasmo. Justo quando ela achou que chegaria ao ápice, ele se retirou, deixando-a perto demais do orgasmo, e ela gemeu de frustração.

Drake deu risadinhas, e fogo se acendeu em toda a sua bunda enquanto o chicote descia, roubando seu fôlego. Seu peito ofegou e ela inalou bruscamente enquanto a dor desaparecia dando lugar à euforia. Evangeline fechou os olhos quando mais golpes desceram sobre suas nádegas, e entrou em um mundo enevoado que perdia o foco a sua volta, um mundo onde só êxtase existia.

Com as mãos, ele afastou as nádegas de Evangeline bruscamente, e mergulhou para dentro dela de novo. Mas ela estava muito lânguida para continuar se tocando, muito letárgica para registrar a necessidade de fazer aquilo.

— Toque-se, amor — Drake comandou. — Quero você comigo e eu estou prestes a gozar nessa sua bunda rosada.

Ela se acariciou devagar, a urgência anterior se dissipando. Como se sentisse o estado de subespaço em que Evangeline estava, Drake descartou os movimentos mais bruscos, preferindo estocadas demoradas, estabelecendo um ritmo vagaroso.

Se antes seu orgasmo tinha vindo a galope, daquela vez Evangeline estava sendo levada lentamente até o ápice. E, quando os dedos de Drake cavaram seus quadris com mais força, e ela pode senti-lo inchar e crescer ainda mais dentro dela, aplicou mais força ao seu toque, determinada a gozarem juntos. Sempre juntos.

O orgasmo de Evangeline a inundou, um espasmo gostoso e lento envolveu todo o seu corpo e fez com que cada terminação nervosa pegasse fogo. Estava formigando da cabeça aos pés, arrepios deliciosos percorrendo sua pele, tornando-a hipersensível a cada toque dele.

E quando Drake se inclinou sobre ela e pressionou seus lábios em sua espinha e lambeu o caminho até a nuca, o mundo girou ao redor de Evangeline e tudo perdeu o foco no mais incrível êxtase que ela já experimentara na vida.

Sentiu o calor do gozo de Drake inundando-a, esquentando-a de dentro para fora, mas ele levantou a cabeça e saiu e, então, jatos quentes de

sêmen cobriram suas costas, fazendo-a tremer mais uma vez.

Por um longo momento, ele ficou ali, entre as coxas dela. Depois, com cuidado, pegou um dos braços de Evangeline e o acariciou inteiro, do pulso ao ombro. Deu um beijo quente no ombro dela.

— Voltarei daqui a pouco para cuidar do meu anjo — ele disse, sussurrando.

E, então, pouco tempo depois, um pano morno limpou os resquícios de seu gozo nas costas e na bunda dela. Drake tomou cuidado com a nádega que deveria estar sensível por causa das chicotadas, e por causa do sexo anal que começou bruto e terminou delicado. Depois, girou Evangeline devagar, para que se deitasse na cama, preocupado com o joelho. Ela olhou para cima, para os olhos que brilharam de prazer e aprovação.

— Meu anjo teve um dia longo e precisa descansar agora. Não tem nada que eu queira mais do que te abraçar enquanto dorme.

23

Evangeline acordou e logo se aconchegou mais nas cobertas, uma dor leve em suas nádegas trazendo de volta o prazer delicioso que Drake lhe dera. Não tinha a menor vontade de sair do casulo, de se levantar e entrar na realidade. Por isso, ficou ali por um longo tempo, saboreando cada momento da noite anterior.

Era como ter o sonho mais bonito, do qual nunca queria despertar. E, então, lembrando-se do já clássico combo bilhete e presente ridiculamente caro com que vinha acordando todas as manhãs desde que se mudara para a casa de Drake, virou-se com relutância, esperando...

Soltou um suspiro, suas esperanças caíram por terra. Estava lá: uma caixinha ao lado de um bilhete. A maioria das mulheres acharia aquilo muito romântico. Mas, cada vez que Drake lhe dava um presente, de alguma forma barateava a relação dos dois, e a reduzia a uma transação comercial. Como se estivesse pagando a ela por... sexo. Quando o melhor presente que poderia dar a ela era poder acordar em seus braços.

Ela se encolheu e, então, se sentou, puxando as pernas contra o peito e envolvendo-as com o braço, abraçando-se enquanto olhava aquela caixinha ofensiva.

Não tinha por que adiar, Drake, sem dúvida, deixara no bilhete suas instruções para o dia.

Primeiro, abriu a caixa, temendo o que veria. Mas nem ela estava preparada para a extravagância daquele presente. Ela o deixou cair como se estivesse queimando, e encarou horrorizada o mimo que custara dezenas de milhares de dólares.

Era uma gargantilha de safiras e diamantes, que reluziu, brilhante, à luz. As pedras eram de tamanhos diferentes, que iam das muito grandes até as mais pequeninas, que estavam incrustadas nas bordas. Era linda, com certeza, mas Evangeline não se via usando aquilo.

Será que Drake não tinha aprendido nada sobre ela? Que presentes caros eram totalmente desnecessários? Não lhe dera segurança suficiente de que ele era tudo o que ela queria e precisava? E não presentes todo dia de manhã?

Com as mãos trêmulas, abriu o bilhete e, então, leu a escrita, agora familiar.

> Bom dia, meu anjo. Espero que seu joelho esteja bem melhor e que goste da gargantilha que escolhi especialmente para você. Comparada à sua beleza e aos seus lindos olhos azuis, ela fica sem graça, mas acho que vai combinar muito bem com os dois. Certifique-se de me informar se sair do apartamento. E lembre-se de nunca fazer isso sem um dos meus homens.

Aquilo não deveria estar incomodando Evangeline. Achou que tinha superado tudo depois da noite anterior, quando tinha percebido certas coisas sobre Drake e sua necessidade – seu prazer – em cuidar dela e protegê-la. Mas, naquele momento, fora da fantasia, ficava irritada com Drake querer restringir tanto a sua liberdade. Falando nisso, era mesmo necessário armar aquele circo todo cada vez que ela queria deixar o prédio?

— Você escolheu isso — ela lembrou a si mesma.

Tinha sido bem avisada sobre os requisitos de Drake, e tinha aceitado de bom grado, concordando com esses requisitos e também sabendo as consequências e recompensas de suas ações.

Ah, tudo bem, afinal não ia durar para sempre, certo? Apenas até que... que o quê? Que Drake se cansasse dela? Decidisse que queria um novo macaco de estimação?

O pensamento a entristeceu, e ela se repreendeu por querer tudo. Ter o bolo e devorá-lo também. Tinha que parar de pensar demais. Viver o momento ao menos uma vez na vida. Não pensar sobre o dia seguinte até que ele chegasse. Por um período glorioso em sua vida, ela ia aproveitar e colocar as suas necessidades acima das necessidades dos outros, e se recusava a passar todo seu relacionamento com Drake sentindo-se culpada por, como ele mesmo tinha dito, apreciar o passeio. Quando, em sua vida, tinha cedido a algum impulso? Mandado a cautela às favas e mergulhado, sem pensar, em alguma coisa? Ah, essa era fácil: nunca!

Claro que havia coisas que ela gostaria de fazer. Visitar as amigas, por exemplo. Ou apenas desfrutar de um passeio lá fora. Mas, sinceramente, o

que mais precisava era ter um descanso de toda aquela testosterona abundante que sempre havia onde Drake estava – ou melhor, onde ele não estava. Se tivesse que passar mais um dia com um dos homens dele na sua cola, Evangeline talvez gritasse.

De repente, um dia sozinha sem deixar o apartamento de Drake pareceu mais atraente do que antes.

Evangeline se levantou e tomou um banho sem pressa. Depois, lembrou-se de passar a pomada em seu joelho. Era tarde para um café da manhã, então avaliou suas opções de almoço.

Estava tentada a pedir um delivery, embora tivesse muitos ingredientes ali para que fizesse algo para si mesma, rapidinho. Comida sempre fora um luxo para ela, um luxo a que raramente se dava, a não ser em ocasiões especiais. Quanto mais pensava nisso, mais tinha vontade de comer uma comida chinesa ou tailandesa boa de verdade. E por que não? Tinha muito dinheiro. E os servos de Drake não estavam por perto para sacar o cartão de crédito do bolso.

Mas ela não deveria estar economizando? Não podia acreditar que as coisas estavam garantidas. E se Drake, de repente, se cansasse dela e a mandasse embora? Ela precisaria de cada centavo para se sustentar até encontrar um emprego e um novo lugar para morar. Porque de uma coisa já sabia: se Drake terminasse o relacionamento, não ia voltar para seu velho apartamento sabendo que ele pagara o aluguel por dois anos.

Mandando para longe aqueles pensamentos desagradáveis, Evangeline foi para a cozinha e pegou o telefone para procurar lugares nas redondezas que entregavam no apartamento de Drake.

Após alguns frustrantes minutos iniciais, percebeu que não tinha a menor familiaridade com aquela parte da cidade e quase desistiu da ideia de pedir um delivery. Mas então lhe ocorreu que, certamente o porteiro ou o concierge poderiam lhe ajudar.

Feliz por não ter que desistir do almoço agora que já tinha se acostumado com a ideia e não conseguiria tirá-la da cabeça, Evangeline terminou de se vestir e pegou o elevador até o saguão.

Quando ela saiu, olhou ao redor, um pouco desconfortável, sem saber direito onde encontraria o concierge. Das outras vezes que teve de passar correndo pelo lobby não conseguiu observar onde ele ficava.

Foi salva pelo porteiro, que se aproximou dela com um sorriso de boas-vindas no rosto.

— Senhorita Hawthorn, posso ajudá-la?

— Sim — ela, disse, com gratidão. — Vai soar muito bobo.

Ela corou, mas o porteiro apenas sorriu e lhe deu um olhar gentil.

— Garanto-lhe que nada que pedir será bobo. Como posso ajudá-la?

— Bem, er... pode me dizer onde encontrar o concierge? Sabe, eu queria pedir uma comida chinesa ou talvez tailandesa, mas não conheço muito esta parte da cidade e não tenho ideia de quem entrega aqui ou não. Você acha que o concierge saberia me dizer?

— Claro! — O porteiro parecia horrorizado. — Mas, senhorita Hawthorn, da próxima vez não precisa se incomodar em você mesma ligar. Posso lhe dar vários menus, bem como o serviço de entrega que o Sr. Donovan usa com mais frequência. Com ou sem um menu, tudo que precisa fazer é interfonar e falar comigo ou com o concierge sobre o que deseja e, na mesma hora, cuidaremos disso. Entregaremos a comida em seu apartamento pessoalmente.

— Ah — ela disse, devagar, entendendo que, em sua ignorância, tinha evidentemente cometido uma gafe.

— Já sabe do que gostaria? Sei de um excelente restaurante que oferece comida chinesa e tailandesa a apenas alguns quarteirões daqui. Posso providenciar para que entregue o que você gosta em apenas alguns minutos.

Ela recitou um longo pedido que incluía vários aperitivos e acompanhamentos, pois queria provar tudo. O porteiro apenas assentiu e depois explicou a Evangeline que ela deveria voltar para o apartamento, e que traria a comida em vinte minutos ou menos.

— Mas espere. Preciso saber quanto custa — ela protestou, começando a tirar uma nota de vinte do bolso.

Mais uma vez, o porteiro pareceu horrorizado e, na mesma hora, levantou a mão em protesto.

— Não posso aceitar seu dinheiro, senhorita Hawthorn. O Sr. Donovan não ficaria nada feliz. Fui instruído a cuidar de todo e qualquer pedido seu. Ele cuidará de tudo, por favor, não se preocupe.

Evangeline suspirou. Claro. Por que ela não tinha adivinhado? Ainda assim, não querendo mais aborrecer o gentil porteiro, ela sorriu e enfiou o dinheiro de volta no bolso.

— Obrigada, senhor. E, por favor, me chame de Evangeline. Senhorita Hawthorn soa formal demais, e, bem, como tenho certeza de que já

percebeu, estou longe de ser o tipo de garota que precisa ser chamada de senhorita qualquer coisa.

O homem sorriu, aparentemente feliz com a abertura de Evangeline.

— Então por favor me chame de Edward, porque também não estou muito acostumado com "senhor".

— Edward, então — ela disse, ampliando seu sorriso.

— E, Evangeline, por favor me avise quando lhe puder ser útil. Não gostaria que o Sr. Donovan pensasse que não estou fazendo meu trabalho direito, e ele deixou bem claro que você deveria ser cuidada e tratada como prioridade.

— Com certeza, Edward. Não gostaria que o Sr. Donovan pensasse que qualquer um de nós está cometendo algum pecado imperdoável — ela disse, com um sorriso de provocação.

Edward relaxou, um brilho em seus olhos.

— Você é uma lufada de ar fresco, senhorita Evangeline. Acho que nos daremos muito bem.

— Gostaria muito — ela respondeu, com sinceridade. — Amigos nunca são demais.

Ele primeiro pareceu surpreso e, depois, muito satisfeito com a ideia de que ela o considerava um amigo. Mas ele provavelmente trabalhava só para gente muito rica e não estava acostumado a qualquer tipo de deferência ou respeito. Na mesma hora, Evangeline sentiu-se culpada pela generalização. Como se todas as pessoas ricas fossem rudes e esnobes. Drake não possuía nenhuma dessas qualidades, embora ela duvidasse de que sequer soubesse o primeiro nome de Edward e muito menos, o considerasse um "amigo".

— Agora, volte lá para cima para que eu possa providenciar a sua refeição — ele disse e, com as mãos, fez um gesto para mandá-la embora. — Não posso deixar que fique faminta sob a minha guarda.

Então aquela era a vida de uma princesa rica e mimada, Evangeline pensou enquanto o elevador subia até o apartamento. Ainda era desconcertante para ela o jeito como sua vida tinha virado de cabeça para baixo tão rapidamente, e quanto tinha mudado em tão pouco tempo.

Supôs que outras mulheres não perderiam tempo se estressando sobre aquilo e preocupando-se com o que estavam ganhando. Provavelmente, elas se deleitariam com o novo estilo de vida e não teriam a menor dificuldade em se adaptar. Porém, o orgulho de Evangeline e o fato de não

conseguir ver o que Drake via com tanta clareza quando olhava para ela a deixava cautelosa. Mas, se não tomasse cuidado, ela poderia passar por chata e ingrata, e isso era a última coisa que queria que Drake achasse de si. Drake e qualquer outra pessoa, aliás.

Sua mãe tinha lhe dado uma boa educação, e ficaria bem decepcionada se descobrisse que Evangeline tinha alguma vez agido assim.

Enquanto Evangeline esperava a entrega, seu celular tocou e o toque era diferente. Franzindo o cenho, ela o pegou, e viu o nome de Drake na tela. Ele deve ter definido um toque diferente para si mesmo para que ela soubesse que era ele antes mesmo de mirar a tela. Ela sorriu, achando fofo que ele tivesse se preocupado e feito algo tão atencioso e gentil.

— Alô? — ela atendeu, com um ardor que não conseguiu conter naquela saudação.

— Como está meu anjo hoje? — ele perguntou, com uma voz séria. — Não está fazendo travessuras, né?

— Estou bem — ela disse, sincera. — Quase não sinto dor.

Houve um breve silêncio e então:

— Vou chegar atrasado hoje à noite. Desculpe, mas não consegui evitar. Tenho uma reunião que começa tarde, que não pode ser reagendada. Esperava estar em casa a tempo de te levar para jantar, mas prefiro que não me espere porque não sei a que horas vou chegar. Se mesmo assim quiser comer fora, um dos meus homens irá buscá-la para levá-la aonde quiser. Se preferir, pode ficar aí, você que sabe.

Havia um arrependimento sincero no tom de Drake que dizia a Evangeline que ele queria de verdade que a noite fosse diferente, e foi uma injeção de ânimo saber que ele estava desapontado por não vê-la tão cedo quanto planejara.

— Pedi um delivery para o almoço e acho que nem vou querer comer mais tarde. Mas se quiser, faço alguma aqui mesmo. Acho que prefiro ficar em casa — ela respondeu, calma.

Houve uma pausa clara, como se Drake estivesse analisando a resposta dela.

— Alguma coisa está errada?

— Não — Evangeline disse, quase sussurrando. — Não há nada de errado, Drake. Por favor, não se preocupe comigo quando tiver que resolver assuntos dos seus negócios. Te vejo quando chegar em casa.

Antes que Drake fizesse mais perguntas, e ele teria feito, Evangeline desligou o telefone e colocou o celular no silencioso, tentando não mergulhar em sentimentos conflituosos que ela mesma não entendia muito bem. Como então poderia esperar que Drake entendesse?

Minutos depois, recebeu uma mensagem de Drake da qual não sabia o que pensar direito.

> Silas passará aí por alguns minutos para lhe entregar um cartão do banco e dois cartões de crédito, todos em seu nome. Ele também vai lhe dar uma boa quantia em dinheiro, caso precise. Desbloqueie todos os cartões e espero que os use para qualquer coisa que precisar. Para qualquer coisa, Angel.

Evangeline ficou pensando se o porteiro tinha ligado para Drake para informá-lo que ela tinha tentado pagar pelo delivery. Estremeceu, não queria nem precisava de um cartão bancário e dois cartões de crédito, muito menos do dinheiro que Drake tinha dito que Silas estava trazendo. Mas, mais uma vez, pensar que poderia estar agindo como uma chata cheia de ingratidão fez com que parasse de se lamentar. Podia aceitá-los com gratidão, mas não significava que ela teria que ficar louca e sair gastando a rodo em compras desnecessárias. Usaria os cartões ou o dinheiro apenas para comprar os mantimentos para as noites em que Drake quisesse que ela cozinhasse.

Perambulou pelo apartamento, explorando os quartos em que ainda não tinha estado. Quando entrou no que parecia ser o escritório de Drake em casa, Evangeline ficou paralisada e, sem seguida, deu meia volta, sentindo como se estivesse se intrometendo onde não devia.

No total, havia quatro quartos, e o único em que tinha estado e visto até aquele momento era o de Drake. A presença de Drake estava gravada em cada canto daquele amplo apartamento, que se estendia por toda a cobertura do prédio. Até mesmo a decoração refletia masculinidade pura. Não havia nada de fru-fru ou mesmo estiloso e elegante. Apenas masculinidade. Uma forte presença alfa que a envolvia, na qual ficava imersa mesmo quando Drake não estava ali.

Era reconfortante e fazia com que ela se sentisse segura mesmo na ausência dele. Percebeu que aquele era seu refúgio, seu santuário. Uma barreira entre ela e a dura vida lá fora. A campainha do interfone tocou, e ela correu para atender.

— Senhorita Hawthorn, er, quer dizer, Evangeline — Edward corrigiu rápido.

— Sua comida chegou, mas um cavalheiro está aqui para vê-la e se ofereceu para levar a comida com ele. Tudo bem?

— É o Silas? — ela perguntou.

— Sim.

— Então, ótimo, mande-o subir. E, mais uma vez, obrigada, Edward, por sua paciência e gentileza. Agradeço muito.

— Sempre que precisar, Evangeline. Se houver alguma coisa que possa fazer por você, me avise imediatamente.

Ela se afastou do interfone e, em seguida, foi para a cozinha. Não queria que parecesse que esperava ansiosa a chegada de Silas. Teria recebido aquela tarefa específica ou teria se voluntariado? Ela suspirou, porque...Aquilo realmente importava?

Uma saudadezinha apertou seu peito. Desde que se mudara para a casa de Drake, não tinha acordado em seus braços. Acordava sozinha todas as manhãs, Drake tinha saído há muito tempo, deixando apenas o protocolar presente e o bilhete. Abriria mão de todos os presentes só para ter uma manhã em que acordasse com os braços dele à sua volta e, quando abrisse os olhos, ele seria a primeira coisa que veria.

— Evangeline? É o Silas — ele chamou do hall.

— Na cozinha — ela respondeu.

Ele chegou em seguida, carregando várias embalagens de delivery, a expressão de quem estava se divertindo.

— Está planejando alimentar um exército?

Ela sorriu, relaxando.

— Eu estava com fome e tudo parecia bom, então decidi pedir um pouco de cada coisa e provar tudo.

Largou as embalagens e enfiou a mão no bolso, de onde tirou um maço de notas e três cartões plásticos.

— Drake me pediu para deixar isso para você.

— Sim — ela murmurou, evitando olhar para o dinheiro e para os cartões que ele deslizou pela ilha.

Evangeline os ignorou e começou a abrir as embalagens, enquanto o aroma enfeitiçante se intensificava, fazendo seu estômago roncar, ansioso pelo que estava por vir.

— Já comeu? — ela perguntou, em um impulso. Silas pareceu surpreso.

— Não.

— Bom, como pode ver, tenho comida mais do suficiente para uma pessoa. Quer almoçar comigo? Ou você tem outros assuntos urgentes para tratar?

Quando ele ficou calado, olhando como se não tivesse ideia do que responder àquele convite, Evangeline gemeu por dentro, porque, merda, estava sempre falando sem pensar e obviamente Silas era um homem ocupado. Todos os homens de Drake eram, e ela não queria que Silas se sentisse obrigado a comer com ela por medo de deixá-la chateada.

— Tudo bem se precisar correr — ela disse, em seguida. — Com certeza vou entender. Não quero que perca algo importante só para me agradar.

— De jeito nenhum — ele disse, com uma voz solene. — Por acaso eu adoro comida asiática, então, se não se importa de dividir, ficarei honrado em almoçar com você.

Evangeline respondeu com um sorriso satisfeito e, em seguida, pegou no armário dois pratos e, da gaveta, retirou talheres e colheres. Sentaram-se nos banquinhos da ilha, e, junto com Silas, tirou toda a comida da embalagem.

— Ah, uma mulher com os mesmos gostos que eu — Silas disse, e soltou um suspiro exagerado. — Todos os meus favoritos. Espetos de frango teriyaki, rangum de caranguejo, enroladinho de ovo. E isso é só a entrada. Mal posso esperar para ver que pratos você pediu.

— Noodles de porco, picante, frango do General Tso com arroz frito, carne com molho adocicado, carne kung pao, frango com laranja e noodles frito, picante, é claro. Ah, e pad see ew. Como pode ver, não é só chinês. Há alguns pratos tailandeses também, assim teremos o melhor dos dois mundos.

— Vou querer um pouco de tudo — Silas pediu.

— Eu também. — Evangeline riu. — É por isso que pedi um pouco de tudo. Quando estiver em dúvida, escolha tudo.

— Concordo totalmente.

Encheram os pratos até quase transbordar e, em seguida, atacaram a comida com prazer. Silas parecia se deliciar a cada garfada tanto quanto Evangeline. Estava divino. Havia meses que não se dava ao luxo de pedir seu delivery favorito, e sentiu-se aproveitando ao máximo quando apenas

semanas antes teria se sentindo enormemente culpada por aquela extravagância.

— Estes enroladinhos são os melhores — Evangeline comentou, quase gemendo de prazer. — Não acho que já tenha comido um melhor. Preciso gravar o telefone desse restaurante no celular. Estou sentindo que vou pedir esse delivery ao menos uma vez uma semana.

— Você age como se isso fosse um luxo — analisou Silas, observando-a atentamente.

Ela abaixou a cabeça constrangida, as bochechas ruborizadas.

— Desculpa — Silas disse, baixinho. — Não queria te envergonhar.

Ela balançou a cabeça.

— Estou sendo ridiculamente sensível. Você está certo. É... ou melhor... era... um luxo. Um luxo pelo qual eu não podia pagar. Eu trabalho, ou melhor, trabalhava, muitas horas para ganhar o máximo possível e enviar dinheiro para meus pais na minha cidade. Eles precisam muito de todo o apoio financeiro que eu pudesse dar. Só tirava a quantia estritamente necessária para pagar meu aluguel, contas de casa e mantimentos. Comer em restaurantes ou mesmo pedir um delivery eram extravagâncias pelas quais não podia pagar. Não conseguiria fazer isso quando meus pais precisam tanto de grana. Então, comprava ingredientes mais baratos e, na maioria das vezes, cozinhava para mim porque comer em casa significava mais economia, e mais dinheiro para enviar para eles toda semana. Então sim. Você poderia dizer que isso aqui é como o paraíso, e eu pretendo me empanturrar tanto que talvez me sinta mal depois, mas, no momento, não me importo.

A expressão de Silas ficou tempestuosa, e sua mandíbula ficava mais protuberante quando ele a fechava com força. Parecia estar fazendo um grande esforço para não soltar uma torrente de obscenidades, surpreendentemente, já que ele era tão articulado e não tinha quase nada das grosserias dos outros homens de Drake.

Após alguns segundos, quando ele visivelmente recuperou a compostura, a tensão diminuiu.

— Se você topar, podemos nos encontrar toda semana para almoçar. Trago a comida, qualquer coisa que estiver a fim naquela semana, e vamos almoçar juntos. O que acha?

Evangeline respondeu com um sorriso deslumbrante, sem saber o efeito que aquilo teria sobre aquele homem fechado e duro: algo dentro dele

amolecia, ainda que ele mesmo achasse que aquilo era impossível. Ele tinha acertado na mosca quando disse a Evangeline que ela era especial. Na real, ela era única, e o fato de ela não ter a menor ideia disso só fazia com que fosse ainda mais autêntica. Como teria sido sua infância se tivesse a presença de alguém como Evangeline para iluminar a escuridão de seu desespero?

— Vou adorar — ela disse, sem esconder a animação.

— Fechado, então — ele disse. — Apenas me avise quando estiver livre e Drake não for ficar em casa nem tiver programado nada com você, e virei com a comida.

Ela franziu o cenho.

— Mas não pode simplesmente largar tudo por um capricho e vir almoçar na hora em que eu disser.

— Não posso? — ele perguntou, sério. — Faço meu próprio horário e, a menos que Drake tenha um assunto urgente para eu resolver, tudo mais pode esperar.

Uau. Quanto mais ela se acostumava ao mundo de Drake, mais ela percebia que seus "homens", embora alegassem trabalhar para Drake, pareciam mais como parceiros – irmãos, em certo sentido – do que subordinados que obedeciam às ordens do "chefe". Eles faziam seus próprios horários e iam e vinham como queriam, a menos que, como Silas dissera, Drake tivesse um assunto urgente que precisasse de atenção imediata. E ela não queria nem saber o que era um "assunto urgente".

— Ok, fechado. — Então, ela franziu o cenho. — Tenho seu celular no meu telefone? Mal sei como operar essa coisa.

Ele se esticou para pegar o telefone na ilha da cozinha. Depois de mexer no aparelho por poucos segundos, inclinou-se para ver a tela onde os contatos eram exibidos.

— Aqui está o telefone do Drake — ele disse, apontando para o nome de Drake e para o número abaixo dele.

— O que são todos esses outros números? — Ela perguntou, espantada com a quantidade de números em seus contatos.

— Depois de Drake é o número de Maddox. — Ele franziu a testa e, em seguida, apertou uma série de teclas, tirando-o brevemente de sua vista, e, em seguida, estendeu o aparelho para Evangeline, para que ela visse de novo. — Tomei a liberdade de mover meu número e gravá-lo logo abaixo

do de Drake. Se, por qualquer motivo, tiver problemas, quero que me ligue se não conseguir falar com Drake.

Ela levantou uma sobrancelha, mas não disse nada, não querendo ofendê-lo sem querer. E, bem, era fofo que ele quisesse assumir o papel de seu vice-protetor.

— Depois de mim estão Maddox, Justice, Thane, Jax, Hartley, Hatcher, Zander e Jonas. Vejo que nem seus pais e nem suas amigas estão nos seus contatos, então você deve gravar os números deles aí. Ou eu posso fazer isso para você, se me der nomes e números.

— Quem é Jonas? Acho que não o conheci. — Evangeline franziu a testa.

Silas sorriu.

— Mas ainda vai. Sem dúvida. Drake vai cuidar para que fique bem familiarizada com todos os homens designados para sua proteção.

— Será que Zander tem mesmo que estar nos meus contatos? — ela perguntou, sem nem tentar esconder a irritação na voz.

Silas a surpreendeu cobrindo sua mão com a dele e dando-lhe um ligeiro aperto.

— Zander não é o idiota que parecer ser. Está certo, vocês dois não começaram com o pé direito, mas ele é um bom homem e faria qualquer coisa por qualquer um de nós e, agora, por você também. Ele não permitiria que alguém se machucasse sob sua guarda. Ele é durão e pode ser meio grosseiro, mas não encontrará muitos homens mais leais do que ele. Ele ainda não sabe como lidar com você e fica nervoso, e esse não é um sentimento de que ele gosta ou com o qual está familiarizado.

— Eu o deixo nervoso? — ele perguntou, incrédula. — Ele poderia me esmagar como um inseto com o dedo mindinho!

Graça brilhou nos olhos de Silas, deixando Evangeline chocada por uns segundos: ele era sempre tão quieto e solene. Sério. Como se raramente tivesse razão para rir ou se divertir com qualquer coisa.

— Nenhum dos homens de Drake sabe como lidar com você ainda. Nunca conheceram alguém como você e, como ainda não conseguem te entender, não ficam felizes porque se sentem em desvantagem. Acho que se sentem intimidados.

Ela balançou a cabeça, sem acreditar, e depois riu da ideia de todos aqueles caras durões, estilo comigo-ninguém-pode sentindo-se

intimidados por ela. Era totalmente hilário e ela não conseguia parar de rir. Ainda arfava quando controlou o ataque.

— Você acha que estou tirando uma com a sua cara — Silas disse, sua expressão séria. — Mas é a mais pura verdade. Aliás, estamos todos convencidos de que Drake também não conseguiu entender você completamente ainda, o que é muito engraçado, porque ele consegue ler as pessoas com a mesma facilidade que lê um livro. Mas, desde que você entrou na boate, ele mudou muito.

Evangeline franziu o cenho.

— Não tenho muita certeza de como devo interpretar isso. Tipo, não sei se é uma coisa boa ou ruim.

Silas sorriu. Os dois continuaram a comer, o celular de Evangeline momentaneamente esquecido em cima da ilha da cozinha.

— Conheço Drake há muito tempo, Evangeline, e pode acreditar. É uma coisa muito boa. Você é boa para ele. A melhor coisa que já aconteceu na vida dele.

Ela ficou paralisada, absorvendo o impacto enorme que aquela declaração tinha sobre ela. Seu coração vibrou e seu pulso bateu acelerado enquanto a felicidade penetrava nos cantos mais profundos de sua alma.

Comeram em silêncio por mais alguns minutos, até que Silas voltou sua atenção novamente para o telefone dela.

— Se qualquer coisa, qualquer coisa mesmo acontecer, se você se vir em uma situação que a deixe ainda que só um pouco desconfortável, ou se você se machucar, for ameaçada ou ferida de alguma forma, ligue na mesma hora para Drake. Se não conseguir falar com ele, ligue para mim. Estou perto do meu telefone todo dia e toda hora, por isso é bem difícil não me encontrar. Mas, se por acaso isso acontecer, vá descendo a lista na ordem e ligue para cada um dos homens de Drake até fazer contato. Não vai ser nada legal ter que explicar a Drake se alguma merda acontecer e você não ligar, então quero que prometa, Evangeline. Não importa o quê, não importa se você acha que é pequeno ou sem importância, você deve pegar o telefone e começar a ligar, combinado?

Os olhos dela se arregalaram, mas ela engoliu a comida em sua boca e só depois respondeu:

— Combinado. Entendi. E sim, eu prometo.

— Boa. E precisa de ajuda para gravar outros telefones na lista de contatos?

Ela enrugou o nariz.

— Com o risco de soar como uma típica loira dos estereótipos, eu sou uma completa analfabeta nessas tecnologias, então, sim, por favor, se não se importa, poderia colocar aí o número dos meus pais e das minhas amigas? São apenas cinco números, não vai tomar tanto do seu tempo.

— Não tenho nenhum compromisso, Evangeline, então pare de fazer essa cara de quem pede desculpas e de preocupação por estar tomando meu tempo.

— Obrigada — ela disse, carinhosa. — Realmente gosto de você, Silas. Você só tem sido doce e gentil comigo. Não tem ideia do quanto foram importantes as duas vezes em que veio me "resgatar".

A julgar pela expressão em seu rosto, Silas parecia ter acabado de ser acusado de ser um assassino em série. Quase engasgou, olhando para Evangeline totalmente estupefato.

— Pelo amor de Deus — ele murmurou. — Não sou doce, muito menos gentil, e ninguém nunca disse ou pensou dessa forma. Não sou um bom homem, Evangeline. Não vou mentir para você. Parece ter uma impressão equivocada sobre mim. Você acredita demais nas pessoas. Isso só é bom para duas coisas: se machucar ou ser morta. — Ele balançou a cabeça. — Não, não sou um bom homem, mas você não precisa ter medo de mim. Juro pela minha vida. Mesmo se não fosse a mulher de Drake, teria minha proteção incondicional, e é por isso que quero ser o primeiro na lista de pessoas para quem você liga caso precise de ajuda e não consiga falar com Drake.

— Você está enganado, Silas — ela disse, teimando. — Não sei que tipo de sacanagem fizeram com você ou quem te fez sentir como se fosse inferior de alguma forma, mas, quem quer que seja, era um merda inútil. E, se eu descobrir quem foi, vou dar uma surra nessa pessoa e depois chamar o Zander para terminar o serviço, já que ele parece curtir esse tipo de coisa.

Silas parecia chocado, perplexo e uma série de outras coisas que só podiam ser definidas como expressões de "que porra é essa?". Mas, em seguida, para surpresa de Evangeline, ele inclinou a cabeça para trás e começou a rir. Uma gargalhada genuína, que vinha de dentro, algo que ela não imaginava que ele era capaz de fazer. Ficou admirada de como a risada de Silas, um som tão bonito, o transformou totalmente, de um homem

calmo, polido, contido, bem-educado, mas com mais sombras do que cor nos olhos, em que alguém que parecia anos mais jovem.

As linhas e os sulcos no rosto e na testa dele simplesmente desapareceram e seus olhos brilharam com aquela risada genuína. Tudo o que ela podia fazer era encará-lo fascinada, incapaz de tirar os olhos da transformação deslumbrante que estava acontecendo bem em sua frente.

— Você é um tesouro inestimável, Evangeline — ele disse, seus olhos ainda brilhando de diversão. — E sinto pena do idiota que ousar mexer com alguém de quem você gosta. Você pode parecer um passarinho e um anjo inocente, mas por dentro você é uma leoa feroz, com dentes e garras mortais.

Ainda rindo, ele pegou o telefone dela.

— Me passe os nomes e os números dos contatos que quer que eu insira, antes que comece a planejar o ataque e sabe-se lá o que mais para depois Drake e eu precisarmos tirar você da prisão.

Ela sorriu, superfeliz consigo mesma por ter sido capaz de fazer Silas se soltar. E, bem, não tinha mentido. Gostava dele. Havia algo em Silas que a fazia se lembrar Drake. E Evangeline desconfiava, tinha quase certeza, de que Silas teve uma vida muito dura na sua infância, e seu coração doía pelo menino que ele tinha sido. Carinho, alguém para defendê-lo, alguém que gostasse dele pareciam ideias distantes para ele, como se nunca tivesse experimentado esses sentimentos. Isso a deixava puta.

Primeiro, ela passou a ele os nomes e o número de seus pais. Em seguida, foi a vez dos números dos celulares de Steph, Lana e Nikki, bem como o número fixo em seu apartamento.

— Só isso? — Silas perguntou quando ela parou de falar.

Ela assentiu, um pouco constrangida.

— Não conheço muita gente na cidade e Steph, Lana e Nikki são minhas únicas amigas. Eu não tinha muito tempo para ficar saindo e conhecendo gente nova, ou para fazer novos amigos, porque trabalhava o máximo de horas que conseguia.

Evangeline desejou ter mantido a boca fechada, porque a diversão abandonou os olhos e a boca de Silas. Os lábios dele se apertaram, e ele pareceu ficar puto.

Porém, para sua surpresa, ele não expressou sua óbvia chateação. Em vez disso, segurou as duas mãos dela e apertou devagarinho.

— Bem, agora você tem a gente. Todos nós. Com todos os defeitos e tudo o mais. Sim, você pertence a Drake, mas também a todos nós. Drake é a coisa mais próxima de um irmão que já tive, assim como os outros. E porque você é a mulher dele, nossa lealdade, proteção e amizade também se estendem a você. Você tem amigos agora, Evangeline. Nunca pense o contrário. É por isso que espero que me ligue se precisar de alguma coisa. Se alguma vez houver algo que possa fazer por você, ficaria muito chateado se não se sentisse à vontade para recorrer a mim.

— Não me faça chorar — ela disse, com uma raiva de mentira. — Eu não sou bonita quando estou chorando. Algumas mulheres são especialistas na arte de derramar uma ou duas lágrimas e dar uma fungada delicada e feminina. Eu choro feio. Meu rosto fica todo vermelho, meus olhos incham e meu nariz escorre como uma torneira aberta. Acredite em mim, você não quer ver isso.

Silas não reagiu àquela tentativa do que parecia uma piada. A expressão dele ficou pesada, e tristeza cruzou seus olhos, mas foi embora quase antes que ela percebesse.

— Odiaria que tivesse algum motivo para chorar — ele disse, com dor em sua voz. — Você merece ser feliz, Evangeline. E espero que Drake mova céus e terras para isso. Porque se ele não mover, é um maldito idiota.

24

Era tarde da noite, e ainda que Drake tivesse deixado claro que não sabia a que horas chegaria em casa, ela não achou que seria tão tarde. Às nove, ela se enroscou no sofá, completamente nua, porque queria esperar por ele, não importava a que horas ele voltasse. E, embora ele não tivesse lhe dado instruções sobre como estar quando ele chegasse e nem mesmo tinha dito se era para ela esperar, Evangeline queria que ele voltasse para ela. Para ele saber que era importante, que suas necessidades eram importantes e que ela queria agradá-lo. Queria ver a aprovação calorosa naqueles olhos que tinha aprendido a desejar tanto que às vezes se sentia assustada.

Caiu no sono sem perceber. E, quando abriu os olhos, ainda sonolenta, Drake estava em pé na frente do sofá, seu olhar ardendo sobre sua pele nua.

Ela sorriu na mesma hora, embora ainda estivesse piscando com o que restava de sono em seus olhos. O rosto de Drake se suavizou quando ele se inclinou para lhe dar um beijo longo e gostoso.

— Não precisava me esperar, Angel, mas eu estou muito feliz que esteja aqui.

— Eu não deixaria de esperar por você, Drake — ela disse, a voz séria. — Queria que a primeira coisa que visse quando chegasse em casa fosse eu, esperando por você. Só lamento ter caído no sono.

Ele colocou um dedo nos lábios dela.

— Shhh, meu bem. São quase 11 horas da noite. Não há necessidade de pedir desculpas por adormecer. Não liguei desta vez porque achei que poderia acordá-la.

Evangeline se levantou, não queria ficar esparramada no sofá.

— Como foi o seu dia? Me pareceu que estaria bem ocupado. E você está com cara de cansado, Drake. Você não dorme muito.

Ele sorriu.

— Meu anjo se preocupa comigo e quer cuidar de mim. Ninguém nunca cuidou de mim, nem quis cuidar, aliás.

Deu um pequeno sorriso, seguido por uma breve sombra de dor e... carência.

Mesmo que aquele homem gostasse de cuidar dela, era óbvio que precisava do mesmo cuidado, admitisse ele ou não, já que, provavelmente, considerava isso uma fraqueza.

Mas ia ter que passar por cima disso, pois Evangeline não tinha a menor intenção de receber sem retribuir de todas as formas que pudesse. A felicidade dele tinha se tornado importante para ela, e ela não conseguia sequer identificar quando isso tinha acontecido. Mas, do mesmo jeito que ele a mimava, dava carinho e a enchia de cuidados, ela queria devolver o favor na mesma medida. Evangeline franziu o cenho.

— Agora você tem alguém que quer cuidar e vai cuidar de você de todas as formas que puder. Quero fazer você feliz, Drake, e não apenas cedendo poder a você e me submetendo. Quero fazê-lo se sentir tão amado quanto você me faz sentir.

Ele pareceu abalado com aquela declaração tão direta, como se nunca tivesse se deparado com uma situação dessas antes e não tivesse certeza de como reagir. Mas seus olhos disseram tudo. Eles brilhavam de prazer e contentamento. Drake olhou para Evangeline como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo – do seu mundo.

Ele estendeu a mão para ajudá-la a se levantar do sofá e puxou-a para cima, em direção ao seu corpo, para que ela se aninhasse nele. Segurou o rosto dela em suas mãos e beijou-a devagar, sem a menor pressa, saboreando cada centímetro daquela boca, por dentro e por fora.

— Tenho algo para você — ele disse, com uma voz rouca, cheia de paixão.

O brilho quente que a cercara, afogando Evangeline na troca silenciosa entre eles, e a expressão de admiração em seus olhos evaporaram na mesma hora. Medo e decepção substituíram a alegria dela por ele estar de volta em casa, e ela ficou tensa.

Vendo a reação dela, Drake franziu o cenho, mas não respondeu. Em vez disso, tirou uma pequena caixa do bolso e colocou-a em sua mão.

— Abra — ele disse.

Seus dedos estavam tremendo, algo que ele poderia interpretar como animação ou expectativa, mas não era nenhum dos dois. Ela n*ã*o queria

abrir a maldita caixa. De alguma forma, aquilo barateava o que ela considerava um profundo vínculo emocional estabelecido com as poucas palavras que trocaram e transformava a noite toda em algo totalmente diferente.

Não queria ver o que havia dentro. Tudo que Evangeline queria era ele, que ele a levasse para a cama para que ela pudesse fazer o que havia jurado fazer, e, pelo menos uma vez, cuidar dele depois de um longo dia de trabalho. Será que era tão difícil de entender? Será que ninguém nunca tinha desejado Drake Donovan, o homem? E não aquilo que ele possuía ou o jeito arrogante como ele despejava aqueles presentes na sua frente todo santo dia?

Mas, obediente, ela abriu a caixa, e encontrou um colar para combinar com os enormes brincos que ele já havia dado a ela. Exatamente como tinha previsto, embora naquela ocasião tivesse sido um pensamento sarcástico. Não pensava de verdade que ele iria tão longe. Mas já deveria saber.

Ela arfou quando teve uma visão completa do colar de diamantes. Era enorme. Maior que os dois brincos juntos! O pingente era uma gota de diamante do tamanho do polegar dele!

Algo dentro dela estalou e ela não se conteve mais, sua decepção intensa demais para ser disfarçada.

— Isso tem que parar, Drake! Chega! Todos os dias você me dá algum presente ofensivamente caro. Só hoje foram dois. Não quero seus presentes. Quero voc*ê*. Não consegue entender isso? A essa altura, já não me conhece um pouco melhor?

Lágrimas se acumularam nos olhos de Evangeline, e ela tremia de raiva e decepção.

— Não quero isso — ela disse. — Não sei o que fazer nem com esses primeiros que você me deu. O que vou fazer com o resto?

A expressão de Drake ficou tomada de fúria, mas Evangeline estava com muita raiva para reconhecer que, para ele, tinha passado dos limites.

Ele xingou muito, palavrões cabeludos. Por um bom tempo, virou-se, deu as costas para ela, suas mãos fechadas em punhos apertados, tensas ao lado de seu corpo. Quando se voltou para ela, seus olhos estavam quase enegrecidos de raiva.

— Por que diabos você tem que transformar tudo que eu te dou em algo tão grande? — ele soltou. — Não falo só das joias. Você parecia estar a

caminho do corredor da morte quando lhe dei roupas. Todas as vezes em que quis comprar algo para você, houve resistência sua, e você conhece muito bem as regras, não pode alegar que não sabia. Você sequer pensa em como isso me faz sentir? Não é a rejeição de apenas um objeto físico. É uma rejeição a mim e ao meu desejo de mimar e cuidar de você e de fazê-la se sentir como a mulher muito especial que é.

Evangeline amoleceu até a alma, e nunca sentira mais vergonha de si mesma do que naquele momento. Oh, Deus, ela nunca tinha sequer imaginado que Drake consideraria aquilo uma rejeição a si mesmo, e tudo que ela desejava era ele. Não diamantes, joias, roupas caras, cartões de crédito e fundos ilimitados. Ela tinha feito uma confusão total e absoluta, tudo porque tinha deixado suas inseguranças tomarem conta dela, já que não conseguia imaginar por que Drake a tinha escolhido. Ele dizia que ela era especial, mas ela não era! A não ser que... ele achasse que era e ela preferisse não acreditar nele. O que era o maior desrespeito, por não ter fé nele. Ela estava dizendo claramente que não confiava nele, quando nada poderia estar mais distante da verdade. Foi até Drake na mesma hora, encurtando a distância entre os dois e envolvendo aquele corpo enorme, ignorando sua rigidez e o fato de que ele não devolveu o abraço.

— Ai, Drake, me desculpe — ela disse, seu coração se partindo em pedaços irregulares, doloridos, que a deixaram completamente abalada por machucá-lo. — Nunca quis fazer você se sentir assim. Você não entende como é difícil para uma garota como eu...

Ela parou e fechou os olhos, mas não antes que Drake visse um sinal fugaz de desespero brilhando como um farol.

Apesar da raiva, Drake segurou o queixo dela, acariciando sua bochecha com o polegar, porque tinha algo mais acontecendo ali e ele tinha tirado uma conclusão que, pelo visto, não era a mais correta.

— Angel, abra os olhos e olhe para mim — ele disse, com voz firme.

Quando ela finalmente obedeceu, ele viu as lágrimas que ameaçavam cair de seus olhos brilhantes.

— Que diabos você quer dizer com “eu não entendo como é difícil para uma garota como você”? De que tipo de garota está falando?

Ela corou e teria fechado os olhos de novo, mas ele deu um toque de advertência em sua bochecha com o polegar, pedindo sua atenção.

— Nunca tive nada — ela disse, em um tom baixo. — Exceto o amor dos meus pais. O amor das minhas amigas. O apoio deles. Todo o resto que

tenho é fruto do meu trabalho. Não é muito, mas é meu. Foi conquistado e tenho bastante orgulho disso. Uma garota como eu precisa trabalhar para ter as coisas, porque nunca teve uma fila de caras lá fora querendo uma mulher chata, quieta, tímida que não precisa ou quer coisas. Às vezes, sinto que você me dá tanto e eu não te dou nada em troca.

As lágrimas estavam perigosamente perto de cair, e ele podia sentir as ondas de angústia que irradiavam de Evangeline.

— Os presentes são bonitos. Muito valiosos para mim. Amo todos e cada um deles. Morro de medo de usar as joias, porque... e se eu perder alguma? Mas, ao mesmo tempo, cada presente é um lembrete do quanto você me dá e de como eu dou tão pouco em troca.

Agora, ela chorava abertamente, lágrimas deslizando silenciosas por suas bochechas e colidindo com os polegares dele.

— Tudo o que sempre tive para me sustentar era minha autoestima — ela disse, em uma voz engasgada, carregada de emoção. — Não dá para colocar um preço na autoestima. E agora, não me sinto valendo muito e odeio esse sentimento. É um sentimento de desamparo, e Deus, não há nada pior do que sentir-se desamparado. Você tem tanto orgulho, Drake. Certamente você entende o que estou tentando dizer.

Para o gosto de Drake, Evangeline estava perto demais de implorar. O desespero na voz dela chamava-o às profundezas de sua própria alma.

Aquela explosão apaixonada tocou fundo dentro dele. Ficava impressionado com o fato de que em todos os relacionamentos ou até casinhos que havia tido antes, uma mulher nunca, nem uma vez, tinha tido questões com os presentes que lhes dava. Na verdade, muitas vezes, a mulher fazia biquinho porque os brincos eram bonitos, mas sem um colar para acompanhar, não ficavam tão deslumbrantes quanto poderiam.

Nunca antes Drake tivera uma mulher em sua frente falando da coisa com a qual ele tinha mais intimidade. Orgulho. Autoestima. De não aceitar nada de ninguém e de ter conquistado tudo que possuía. No entanto, ele a tinha reduzido a aquilo, dando-lhe presentes caros, como se pudesse comprar seu afeto, seu sorriso, sua felicidade, quando, na verdade, pensando bem, os sorrisos de Evangeline mais brilhantes de que podia se lembrar tinham sido no momento em que ela o viu após um longo dia de trabalho. E como ela pareceu feliz quando ele tinha escolhido ficar e permitiu que ela cozinhasse para eles, nas raras ocasiões em que não saíram. Nada que tinha comprado tinha chegado perto do tipo de alegria e

contentamento que tinha visto nos olhos e no rosto dela quando simplesmente estavam juntos. Ela era de verdade? Aquilo o deixou totalmente desnorteado, e, pela primeira vez na vida, Drake não tinha ideia de como lidar com uma mulher. Aquela mulher. E isso o fazia se sentir desamparado, um idiota de primeira.

— Está enganada quando diz que não tem nada para me dar — ele disse, brusco, ainda tentando se recompor, um turbilhão de revelações na sua cabeça. — Mas eu entendo, Angel. Entendo muito bem.

De repente, a distância entre eles era demais. Não apenas a distância física, mas também a distância emocional. Ele tinha cometido tantos erros com ela. E mesmo sabendo que ela não era como as outras mulheres que conhecia, ele a tratara da mesma forma. Tinha coberto Evangeline de presentes caros e luxuosos, em vez de lhe dar as coisas que importavam de verdade para ela. Mesmo sabendo o tesouro valioso que possuía e que ela era única e rara, ele não tinha feito o esforço para realmente aprender sobre ela.

Ele estendeu os braços, segurando a respiração e esperando que ela não o recusasse.

— Venha aqui, Angel. Me recuso a ter essa conversa quando você parece cansada e tudo que eu quero fazer é te abraçar.

Ele deu um longo suspiro de alívio quando, depois de uma ligeira hesitação, ela caminhou até seus braços. Ele os envolveu ao redor dela e, por um longo tempo, simplesmente a abraçou, fechando os olhos ao mergulhar o rosto em seus cabelos cheirosos.

Então ele a conduziu até o sofá e se sentou, puxando-a para sentar-se também, em seu colo, mais uma vez envolvendo-a com firmeza. Tronco pequeno se encaixava no dele com perfeição. Como se ela tivesse sido feita para ele e só para ele. Duas peças de um quebra-cabeça.

Perfeita pra caralho. Suave, quente. Tão amorosa e generosa. Ela era uma luz brilhante nos becos mais escuros de sua alma calejada. Um presente de boas-vindas, um tesouro, cada vez que ele passava pela porta de casa.

— Primeiro, quero abordar a questão da igualdade e como você pode contribuir para sentir que me dá algo em troca do que lhe dou. Porém, amor, se tudo o que me der for você mesma, já vou passar o resto da vida tentando correr atrás do prejuízo, porque nada, e falo sério, nada que eu te der nunca será mais precioso do que você se dando para mim. Não se pode

colocar um preço em algo que não tem preço e vale mais do que todo o dinheiro do mundo.

Ele sentiu o sorriso dela contra seu peito e acariciou seu cabelo, descansando o queixo em cima da cabeça dela, deliciando-se com a alegria que sentia por um ato tão simples.

— Você é uma excelente cozinheira e disse que gosta de cozinhar. A princípio, não gostava da ideia de você cozinhar para mim de noite aqui casa porque, como lhe disse no primeiro dia, nunca quis que você fosse uma escrava doméstica.

Ela tirou a cabeça do peito dele para que pudesse encará-lo, travessura em seus olhos.

— Só uma escrava sexual — ela brincou.

Drake relaxou, o alívio percorrendo suas veias porque ela não estava mais tensa, nem parecia irritada.

Ele lhe deu um tapa de brincadeira na bunda e deixou sua mão ali, segurando a maciez inchada de seu traseiro.

— Isso mesmo — ele disse, sem nenhum remorso. — Mas causei algo em você que não foi legal. Te fiz sentir como se não estivesse contribuindo com nada para o nosso relacionamento. Você gostou de cozinhar para mim e ficou feliz por eu ter gostado da sua comida. Merda, eu adorei até aquela porra de cupcake e você fez cada um dos meus homens comerem na sua mão para ganharem um também. Se, há um mês, me dissessem que os homens que trabalham para mim estariam fazendo fila para ganhar um bolinho feito por um anjo, eu teria tido um ataque de riso.

Ela corou, mas seus olhos brilhavam de prazer, os cantos de sua boca inclinados para cima em um meio-sorriso delicioso e peculiar, tão característico dela. Alguns poderiam considerá-lo um defeito, mas Drake achava-o cativante. Ele fez uma pausa para baixar a cabeça e mordiscar o canto da boca dela, passando a língua por aquela deliciosa pequena peculiaridade. Em reação, ela estremeceu e seu corpo inteiro se contraiu. Tão responsiva. Ele achava isso, dizia isso, vezes demais para serem contabilizadas desde que ela entrou em sua vida, ou, sendo bem honesto, desde que ele a arrastara para sua vida.

Ela se acendia para ele. Ele. Só para ele. Inferno, ela tinha estado perto de seus homens, seus irmãos, todos caras a quem a maioria das vadias não conseguiam resistir. Evangeline, porém, era afetuosa com eles, muito para desconforto e perplexidade deles, mas de nenhuma forma suas atitudes ou

respostas poderiam ser interpretadas como sensuais. Ela não era uma pegadora. Era muito honesta, para não mencionar que era inocente demais para ser uma. Se gostasse de você, era gentil com você e fazia com que soubesse que gostava de você. Simples assim. E, pelo visto, ela tinha decidido que gostava de todos os irmãos. Muitos homens matariam para ver uma mulher pegar fogo no instante em que a olhassem de um determinado jeito. Ou quando a tocassem, beijassem, sussurrassem as palavras certas. Ele tinha uma mulher assim no colo e nos braços. Em sua cama todas as noites, oferecendo a sua completa submissão da forma mais doce possível. E, se ele não fosse cuidadoso, ia foder tudo e perdê-la.

Ele quase balançou a cabeça. Meio-termo. Essa palavra não estava em seu vocabulário. Mas, com Evangeline, estava aprendendo rapidamente novas palavras e, sem dúvidas, suas definições.

— Amo a sua comida — ele disse. — Está entre as melhores refeições que já fiz na vida.

E tinham sido mesmo. Drake podia pensar em fazer de tudo para segurar uma mulher como Evangeline, mas não era um mentiroso. Não mentiria nem para fazê-la sentir-se melhor ou para acalmá-la. Ela valorizava a autoestima acima de tudo. Quão vazia seria essa autoestima se fosse construída em cima de mentiras ditas por ele?

Os olhos dela brilharam de prazer, seu rosto inteiro iluminado com um brilho que rivalizava com o sol, suas bochechas mais rosadas a cada segundo. Evangeline olhou para Drake como se ele tivesse acabado de salvá-la de um prédio em chamas, pelo amor de Deus. Não era preciso muito para agradar àquela mulher, e lá estava ele atirando dezenas de milhares de dólares nela quando aparentemente, tudo o que ela queria de verdade era... ele.

Não conseguia compreender, mas a prova estava ali, olhando-o nos olhos. Ela queria o homem Drake Donovan. Não a riqueza, o poder, o status ou o prestígio de estar pendurada em seu braço e sob sua proteção.

Seu dinheiro a horrorizava. Os presentes que havia lhe dado a deixavam aterrorizada. Silas tinha informado a Drake que ela não tinha ficado muito feliz em aceitar o dinheiro e cartões de crédito que ele tinha enviado. Estava mais entusiasmada com a porra da comida chinesa do que por um cartão de crédito sem limite de gastos. E ele apostava toda a sua fortuna que ela nem tinha tocado no dinheiro, muito menos contado as notas.

Como manter uma mulher como aquele anjo feliz se ela não parece querer nada?

Ela s*ó* quer voc*ê*.

Isso ele poderia dar a ela. Se era tudo o que precisava para fazê-la feliz, para mantê-la feliz e para garantir que ela nunca o abandonasse, ele lhe daria exatamente o que desejava.

— Uma vez por semana, no mesmo dia, a menos que não seja possível de jeito nenhum, você cozinha para mim. Vou arrumar o meu horário para estar em casa no máximo às seis. E quando digo "a menos que não seja possível de jeito nenhum", Angel, quero dizer que só a morte me impedirá de estar aqui. Agora, isso é tudo o que posso prometer — ele disse, sua voz séria. — Você é minha responsabilidade mais importante. Me deu a sua confiança e, com essa confiança, você se deu para mim, apostou que vou mantê-la feliz. Levo minhas responsabilidades muito a sério e, portanto, vou continuar a mimar você para caramba. Você não vai ter trabalho nenhum, a não ser nas noites em que cozinhar para mim. Mas não vai lavar a merda dos pratos depois. É para isso que pago uma faxineira. E o que pode fazer por mim é aceitar o que eu decidir lhe dar e saber que, se estou dando aquilo, não é para balançar sua autoestima ou para mostrar que tenho muito mais dinheiro, mas porque me faz feliz. E o que me fará ainda mais feliz é se, como eu disse na noite em que a trouxe para casa comigo pela primeira vez, você pensar em formas criativas de expressar sua gratidão. Não ficar pensando em maneiras de me retribuir e, muito menos, não ficar remoendo o fato de não ser capaz de me pagar de volta. Porque isso vai me deixar muito puto.

Ela o surpreendeu jogando seus braços ao redor de seu pescoço e lhe dando um abraço forte. Ela mergulhou o rosto em seu pescoço, e o sussurro suave de sua respiração soprou sobre a pele dele, acendendo cada uma de suas terminações nervosas.

— Desculpa — ela disse, em uma voz emocionada que estava abafada pela garganta dele.

Ele a afastou e olhou direto nos olhos dela.

— Porra, por que diabos está se desculpando?

Ele sabia que soara nervoso, mas, merda, ela era a mulher mais irritante e complexa que ele já conheceu.

— Fui... tenho sido uma vaca ingrata — ela disse, com dor. — E egoísta. Nunca pensei em seus sentimentos. Estava tão preocupada com minhas

próprias inseguranças e, cada vez que outro presente aparecia, meu pânico aumentava. Você está certo. Por tudo isso, peço mil desculpas, Drake.

Ela levou a mão ao queixo dele e acariciou seu rosto, a sensação aveludada, o contraste entre a pele macia dela e os traços dele, muito mais duros e ásperos, inebriantes e viciantes.

— E pode ter certeza de que serei bastante criativa em minhas expressões de gratidão — ela acrescentou em um sussurro rouco

Ele pressionou um dedo nos lábios dela e lhe enviou um olhar de reprimenda.

— Não fale de si mesma desse jeito. Nunca. Eu nem deveria estar tendo essa conversa com você, considerando que Silas falou a mesma coisa, palavra por palavra, e, se acha que eu não vou permitir que ele te coloque no colo para espancar essa bunda gostosa caso repita esse tipo de merda sobre si mesma, não poderia estar mais enganada.

Os olhos dela se arregalaram e sua boca se abriu.

— Não era brincadeira dele?

— Silas lhe parece o tipo de homem que faz brincadeiras? — Drake perguntou, sem rodeios.

— Entendido — ela murmurou.

Então ela olhou para ele, e o brilho em seus olhos fez seu membro enrijecer na mesma hora.

— Por que esse olhar? — ele perguntou, desconfiado.

— Bem... Prometi ser criativa na maneira de expressar minha gratidão — ela disse, solene, embora a expressão inocente, inocente demais, em seu rosto indicasse que era qualquer coisa menos solene.

— Ah, você prometeu mesmo, não prometeu? Quão criativa você é, Angel?

Ela deu um sorriso tímido e o mirou de baixo para cima. Então, entrelaçou os braços ao redor do pescoço dele, tendo que ficar na ponta dos pés para tentar alcançá-lo.

Ela estava tímida, adorável, a bochecha rosada.

— Não quero te decepcionar, Drake. Nunca. E você sabe que eu não tenho nenhuma experiência exceto com você.

Ele ficou bastante satisfeito com a afirmação de que era a única experiência de Evangeline, e que nenhuma referência fora feita ao babaca do ex dela. Porém, não ficou tão feliz com sua declaração de não querer

decepcioná-lo, mas não a interrompeu, pois claramente ela estava tendo dificuldades em falar o que queria dizer.

— Gostaria que me ensinasse a como te dar prazer. Só você. Você disse que a outra noite era para você, mas, na realidade, foi para mim. Esta noite... — Ela tomou mais ar. — Esta noite, quero que seja de verdade sobre você. Quero que tenha controle absoluto e me mostre como te dar prazer, da maneira que quiser. Quero que me faça fazer o que quer que deseje que eu faça com você – por vo*cê*. E não quero que se segure por medo de me machucar ou de me assustar.

Ela parou por um momento, olhando fixamente nos olhos dele, como se estivesse medindo sua reação.

— Quero você. Só você. Nada mais. Só você, seu controle, seu domínio, o homem que você é, o homem que sei que você é. Não estou tentando mudar as regras, juro. Não quero controle esta noite. Só quero que, ao menos uma vez, seja egoísta e tire o que quiser de mim, da forma que quiser, que precisar, que gostar. Só queria saber o suficiente para não ter que te perguntar como lhe dar tudo o que quero lhe dar.

Ela terminou em um sussurro, um fio de pesar em sua voz.

Ele estava abalado. Ele, um homem que era inabalável. Mas a súplica sincera de Evangeline ia direto ao ponto e tocava partes de seu coração que há muito tempo haviam se fechado, para nunca serem abertas ou sangrarem novamente. Por ninguém.

Segurou o belo rosto dela com suas mãos, acariciando-o devagar enquanto ele olhava para seus olhos, perdendo-se completamente ali.

— Estou feliz que não tenha experiência suficiente para saber tudo sobre me dar prazer — disse ele, em um tom selvagem. — Não há nada mais belo do que uma mulher pedindo a seu homem para guiá-la e ensinar-lhe como dar prazer a ele. Você me faz sentir como se eu fosse o único homem que já entrou no seu mundo, Angel. Não pode imaginar como isso me faz sentir.

Ela sorriu, seus olhos brilhando calorosamente.

— Então, vai fazer isso? Vai me possuir do jeito que quer me possuir esta noite? Bruto, duro, longo, gostoso. Não importa, Drake. Porque agradar você, te dar prazer, me dá prazer também e muito mais. Muito mais.

Meu Deus, o efeito daquela mulher sobre Drake em tão pouco tempo. Ele estava envolvido para caralho e tinha noção clara disso. Era impotente

para manter suas defesas rígidas e de pé ao seu redor, e Deus o ajudasse, ele não queria.

Pela primeira vez na vida, Drake queria deixar alguém entrar. Apenas rezava para que, quando isso acontecesse e ela visse o monstro que ele era de verdade, não perdesse aquele milagre precioso que era tê-la olhando para ele como se fosse seu mundo.

Ele olhou para aquele sorriso doce, pensando em cada uma das palavras – dos presentes – que ela havia dado a ele. Sabia como seus desejos eram sombrios? Era capaz mesmo de compreender completamente as coisas que o excitavam? Por algum motivo, ele achava que não. Com aquela inocência, como ela poderia?

Ele não tinha dúvida de que Evangeline era totalmente sincera e ali, naquele momento, ela lhe daria tudo o que quisesse. Faria por ele o que ele quisesse. Mas será que ela entenderia ou será que veria suas fantasias obscuras como uma traição à promessa que tinha feito de protegê-la e sempre cuidar dela?

— Tenha certeza do que está me oferecendo, Angel — ele disse, seu tom grave e sério.

— Tenho certeza — ela disse, sem hesitar.

— Então, quero que se lembre de algo, a coisa mais importante de tudo, quando eu fizer o que quero com você nesta noite. Você depositou em mim sua confiança, e precisará não só se lembrar disso, mas acreditar nessa confiança... e em mim.

Ela não ficou assustada e não pareceu assim. Havia uma faísca de curiosidade e seu corpo foi tomado por um tremor delicado, como se estivesse imaginando o que ele estava pensando. O que ele queria... o que lhe exigiria aquela noite. Ele puxou-a para perto de seu corpo. Até que não havia nada entre eles e seus braços envolveram aquela pele nua e acetinada. Deixou que suas mãos descessem pelas costas dela, segurando suas nádegas e depois apalpando.

— Confia em mim? — ele perguntou, dando a ela uma última chance de desistir. — O bastante para não questionar nada que eu pedir a você esta noite? Para seguir e ouvir minhas instruções, independentemente do que sejam?

Ela inclinou a cabeça para trás, determinação e segurança firmes naqueles olhos lindos. Ela passou os braços em volta do pescoço dele, sem tirar os olhos dos dele nem por um segundo.

— Meu presente para você sou eu — ela disse, em uma voz doce, capaz de tocar a alma que, por si só, era uma carícia. — Sou sua, Drake. Sei que nunca vai me machucar. Não posso prometer que não vou ter medo em algum momento esta noite, mas precisa saber que o meu medo não é de você. Nunca é de você. Se eu temer algo, será o desconhecido. Mas, acima de tudo, meu maior medo é o de te decepcionar.

— Então vá e prepare-se para mim — ele disse, a voz sussurrante. — Tome um longo banho e aproveite a água. Não há pressa, vou levar algum tempo para fazer os arranjos adequados para uma noite que meu anjo prometeu ser só minha. Minha fantasia. O prazer é meu. E sabe, Evangeline, vou retribuir com juros o presente que está me oferecendo hoje à noite. Também planejo criar maneiras muito criativas de expressar minha gratidão.

Ele deslizou um dedo pela bochecha sedosa de Evangeline enquanto seus olhares estavam fixos um no outro.

— Quando terminar o banho, seque o corpo e o cabelo e vá se deitar na cama. Não se cubra com os cobertores nem com os lençóis. Quero que se deite no meio, o cabelo espalhado pelos travesseiros, as coxas separadas, as mãos acima da cabeça com os dedos segurando na cabeceira da cama.

Ela sorriu, depois suspirou e balançou a cabeça com pesar.

— E, mais uma vez, está parecendo que em uma noite que seria para ser só sua, sou eu a princesa mimada e paparicada.

Ele a mirou, solene.

— Não tenha dúvida, Angel. Você *é* a minha princesa paparicada. Mas, nesta noite, eu pretendo apenas assistir, e isso é muito para mim. Apenas lembre-se de sua promessa de confiar em mim e de ter certeza de que eu nunca permitirei que se machuque, e minha noite será perfeita.

25

Enquanto Evangeline mergulhava languidamente na banheira, ela ponderava a estranheza das últimas palavras de Drake antes de conduzi-la até o quarto e depois desaparecer, deixando-a sozinha para seguir suas instruções.

Elas pareciam se contradizer, e, por mais que tentasse, não conseguia imaginar um cenário no qual, como Drake havia dito, ele só observaria e, ao mesmo tempo, precisasse dizer que nunca permitiria que ela se machucasse.

Os dois pontos pareciam incongruentes. Certo, ela não tinha muita experiência com sexo, muito menos sexo kinky, dominação ou fetiches. Nem sabia direito esses nomes, ou mesmo as diferenças entre sexo kinky e um fetiche, se é que havia alguma.

Bom, ela não iria arruinar o que prometia ser uma noite excitante por ficar remoendo as palavras enigmáticas de Drake. Estava mais focada em sua reação a sua declaração apaixonada sobre querer agradá-lo, sobre querer que lhe ensinasse a dar prazer a ele e sobre ela retribuir pelo menos uma pequena parte de tudo o que ele tinha dado a ela.

Isso o deixara muito feliz. Não havia como negar que Drake tinha ficado admirado e surpreso e, sim, tinha até mesmo se deleitado com sua sinceridade. E tinha confessado o que Evangeline já imaginava, que ele nunca tinha tido alguém que se importasse com ele, que cuidasse dele e colocasse as necessidades dele acima das suas próprias. Já tinha sido amado por alguém? Será que alguém pelo menos já tinha gostado muito dele? Ou será que a maioria das pessoas em sua vida eram manipuladoras interesseiras querendo tirar dele cada centavo que conseguissem?

E a família dele? Ele nunca falava sobre eles parecia espantado por Evangeline ser tão próxima dos pais. Na verdade, ela desconfiava que ele tinha sentido raiva dos dois e do fato de ela ter renunciado a tanto para ajudá-los até ver com os próprios olhos o amor e a preocupação deles com

ela. Ele mesmo tinha falado com os dois e, depois disso, Evangeline nunca mais tinha sentido em Drake aqueles pequenos indícios de raiva reprimida quando falava de sua família.

— Oh, Drake — ela sussurrou, seu coração doendo. — Como deve ter sido solitário viver em um mundo onde ninguém se importa com você. Como deve ser difícil ter o seu valor medido pelo dinheiro e pelo status social! Alguém já viu o verdadeiro Drake Donovan? Ninguém nunca amou o verdadeiro Drake Donovan?

Evangeline ia provar a ele que seu dinheiro não significava nada para ela, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida. Chegava a desejar que ele não tivesse grana, porque assim não teria nenhuma dúvida sobre as razões pelas quais ela estava com ele. Ainda que ele não tivesse um centavo, ela ia querer estar com ele, e ficaria desesperada para ser submissa a ele e lhe dar prazer.

Mas ele algum dia acreditaria nisso? Ou uma pequena parte dele, bem lá no fundo, enterrada sob anos de cinismo, estaria sempre lá, sussurrando traiçoeira em sua mente, dizendo-lhe que ela não era tão diferente das outras?

Sem querer, os olhos de Evangeline pousaram sobre o relógio no balcão perto da pia, e ela percebeu que meia hora tinha se passado enquanto ela tentava resolver o quebra-cabeça que Drake Donovan era. Ele tinha dito para aproveitar e não ter pressa, mas não tinha sido claro. Ela tinha sido bem clara ao dizer que aquela noite pertencia a ele, e a última coisa que queria era deixá-lo esperando. E ainda precisava secar o cabelo e se posicionar do jeito certo na cama.

Deixando para trás todas as perguntas sem noção e especulações que tinham ocupado seu tempo na banheira, Evangeline se levantou, a água escorrendo pelo seu corpo. Saiu, e primeiro enrolou uma toalha no cabelo para, em seguida, pegar outra para secar seu corpo.

Depois de enxugar o cabelo com a toalha e tirar toda a umidade que pôde, sentou-se no banquinho e começou a pentear as longas madeixas. Dividiu o cabelo em partes e passou a escova ao longo do comprimento, usando então o secador. Queria estar bonita, e seu cabelo, depois de lavado, seco e escovado era um de seus maiores atrativos. Escovou até que o cabelo brilhasse e estivesse bem macio, como se tivesse secado ao vento, emoldurando seu rosto e caindo em camadas sobre suas costas.

Depois de se secar mais uma vez com a toalha para garantir que não restasse umidade em seu corpo, foi até o quarto. Ficou aliviada porque Drake ainda não tinha voltado.

Engatinhou no colchão e, com um suspiro, parou bem no centro, sua cabeça aninhada no monte de travesseiros. Então, lembrou-se do restante das instruções.

Afastou as coxas de modo que apenas um filete dos lábios de sua vagina ficasse visível e, depois, esticou os braços para agarrar as ripas da cabeceira da cama. Ainda que não estivesse presa, a sensação de ser subjugada, refém, uma prisioneira esperando o que aconteceria em seguida, fez deliciosas ondas de prazer percorrerem seu corpo. Seus mamilos ficaram eretos, os bicos enrijecidos, e ela pôde sentir a umidade entre as suas pernas, seu clitóris pulsando cheio de desejo, querendo atenção.

Pretendo apenas assistir.

Mais uma vez, aquelas palavras vieram à sua cabeça, provocando uma nova onda de curiosidade e confusão em suas veias. Se ele não tivesse mandado que colocasse as mãos acima da cabeça e segurasse na cabeceira da cama, ela poderia achar que ele queria assistir enquanto se masturbava.

Tinha ficado constrangida na primeira vez em que ele havia pedido que ela se tocasse, quando iam fazer sexo anal, mas agora tinha superado esse sentimento e estava ansiosa para obedecê-lo, já que lhe agradava vê-la dando prazer a si mesma.

Virou a cabeça devagar quando a porta do quarto se abriu e sorriu quando Drake apareceu na porta. Mas seu sorriso congelou quando viu que ele não estava sozinho. Atrás dele caminhava um homem extremamente bonito e bem vestido, que parecia ter a mesma idade de Drake.

Pânico percorreu sua espinha e sua expressão deve ter denunciado um pouco do que sentiu, pois Drake fez sinal para o homem ficar parado e se aproximou sozinho da cama. Foi aí que ela viu a corda que estava em sua mão.

Ele se sentou na beira da cama e, com carinho, passou a mão em seu corpo, com um sorriso quente e reconfortante. Mas seus olhos brilhavam de necessidade.

— Confie em mim — ele sussurrou.

E com aquelas duas palavras e com a ternura em sua expressão, a inquietação de Evangeline se dissolveu em um instante.

— Confio em você — Evangeline sussurrou, injetando todo o calor e emoção que sentia em seu sorriso.

Ele pegou uma das mãos dela e enrolou a corda ao redor do pulso, amarrando com firmeza à ripa em que ela estava segurando momentos antes. Fez o mesmo com a outra, até que as duas mãos de Evangeline estivessem amarradas, deixando-a impotente para proteger sua nudez do estranho que aguardava a poucos metros dali.

Drake inclinou-se e pressionou os lábios contra a testa dela.

— Nunca vou te machucar, Angel, nem permitiria que outro te machucasse. Meu desejo para esta noite é assistir outro homem te dar prazer. Ele está bem ciente dos meus limites e do que vou e não vou permitir.

Ela lambeu os lábios, nervosa, e para sua surpresa, o medo inicial se dissipou, foi substituído por um zumbido quente de tesão. Era como comer o fruto proibido. Era uma ousadia gostosa ter outro homem lhe dando prazer – transando com ela – ao comando de Drake. Mas outro pensamento a tomou, e a culpa subiu com força por suas veias.

Seu olhar preocupado encontrou o de Drake e ela o encarou desesperada, tantas perguntas girando em sua mente. Tinha imaginado muita coisa, mas não aquilo. Drake era possessivo de um jeito ameaçador. Não conseguia entender como ele poderia estar disposto a compartilhar o que era sua... propriedade... com outro homem.

O olhar de Drake se suavizou quando tocou e acariciou os seios dela, apalpando-os, envolvendo-os com a mão, acariciando seus mamilos até ficarem rijos.

— Não é uma traição, meu querido anjo. Não quero que pense isso, nem vou permitir que se recuse a sentir prazer porque não sou eu que estou te dando.

Ela franziu a sobrancelha, genuinamente confusa, mas Drake deu o assunto por concluído. Ele se levantou e se virou, dirigindo-se ao homem perto da porta em um tom formal.

— O nome dela é Evangeline e ela é minha. Ela é um tesouro valioso e espero que a trate como tal. Você vai começar com delicadeza e cuidado até que se sinta confortável com sua presença e seu toque. Então, e só então, poderá exercer sua vontade. Minha vontade. Como já te expliquei.

Depois, voltou-se para Evangeline.

— Angel, este é Manuel, um homem que eu considero um amigo, em quem confio muito. Ele vai te dar prazer e espero que obedeça a seus comandos, porque eles são os meus comandos. Hoje à noite, quero ver como outro homem dá prazer e come a minha mulher.

Ela estremeceu com a linguagem grosseira e descritiva que Drake usou, mas talvez ele a tenha usado de propósito mesmo, pois conhecia a reação dela quando o fazia.

Drake se afastou e caminhou até a cadeira que ficava na diagonal da cama, onde teria vista privilegiada para Evangeline transando com outro homem.

Ela estava confusa, curiosa, dividida e, ao mesmo tempo, muito excitada. Sua respiração era rápida e curta, ela podia sentir o calor de sua pele ruborizada.

Manuel foi até a cama como Drake tinha feito antes, e ficou olhando para ela, tesão em estado bruto cintilando incandescente nos brilhantes olhos azuis dele.

— Sinto-me honrado — ele disse, sussurrando. — Nunca tive antes uma visão tão bela quanto a de um anjo esparramado diante de mim, preso à cama, os cabelos espalhados pelos travesseiros como seda.

Ah, aquele homem era bom. Sedução pura, e usando apenas palavras.

— Toque nela — Drake ordenou. — Acaricie cada centímetro de sua bela pele.

Manuel colocou um joelho na cama e pousou a mão sobre a barriga de Evangeline. Ela estremeceu na mesma hora e sentiu o corpo todo se arrepiar.

— Não vou te machucar — Manuel disse, baixinho.

— Eu sei — ela respondeu, também baixinho. — Drake nunca permitiria.

Manuel sorriu.

— Drake é um filho da puta de um sortudo. Sua confiança nele é um presente com que a maioria dos homens só pode sonhar.

O olhar dela procurou o de Drake para ver a aprovação cintilando em seus olhos. Ele estava encostado na cadeira, parecendo relaxado e à vontade. Qualquer preocupação que tivesse sobre irritá-lo por causa de sua resposta sexual ao homem que ele trouxera evaporou. Ele parecia... satisfeito. Como se tivesse muito orgulho dela. E, se aquilo lhe dava prazer, se era o que queria, então ela daria sem reservas.

Como se Drake estivesse ouvindo os pensamentos de Evangeline, seu olhar se fixou no dela, aprovação ainda brilhante em seus olhos.

— Seu prazer me dá prazer, Angel. Nunca se esqueça disso. Você queria me dar o que eu quisesse hoje à noite, e o que mais quero é assistir enquanto outro homem te possui. Assim que se sentir mais confortável com Manuel, ele assumirá o controle e me tornarei um observador passivo. Mas não pense, nem por um segundo, que não estarei aproveitando muito. Sem dúvida nenhuma, há algo de erótico em ver minha mulher amarrada na minha cama, sendo fodida e dominada por outro homem.

Ela gemeu, as mãos de Manuel faziam o mesmo caminho que as de Drake tinham feito há pouco tempo sobre seus seios. O toque dele era diferente. Evangeline saberia, saberia até de olhos fechados.

— Pode beijá-la, lambê-la, usar sua boca em qualquer lugar dela, exceto nos lábios — Drake disse a Manuel. — A boca dela é minha e só minha, e essa doçura nunca será provada por ninguém além de mim.

— Vou me consolar provando essa boceta gostosa — Manuel disse — Posso garantir, não vai ser nenhum sacrifício. E esses seios... — ele murmurou, baixando a cabeça em direção a eles.

Seu olhar encontrou o de Drake de novo quando ela se arqueou depois que a boca de Manuel se fechou em torno de um daqueles pontos túrgidos, e ela suspirou enquanto ele sugou de levinho, acariciando a ponta com a língua e, em seguida, dando uma mordidinha.

Para sua decepção, Manuel ergueu a cabeça e levantou-se da cama. Mas então ela percebeu que ele estava se despindo e seu pulso se acelerou. Olhou para Drake em vez de Manuel enquanto ele tirava sua última peça de roupa.

— Olhe para ele, Angel — Drake comandou. — Olhe para o homem que vai te foder com força e por bastante tempo.

Evangeline engoliu em seco e virou o olhar para Manuel. Seus olhos se arregalaram ao verem aquele lindo exemplar do sexo masculino de pé ao lado da cama. A mão dele envolveu sua crescente ereção, e, segurando o pênis, ele puxou para frente e para trás, inchando e endurecendo ainda mais, até que a ereção estivesse completa, esticada em direção ao umbigo.

— Levante as mãos amarradas dela sobre sua cabeça e gire-a de forma que ela fique na transversal da cama, com as pernas para o lado. Assim você pode provar e foder a boceta dela. Ela gosta de sexo bruto e forte,

Manuel. Mas espero que você se controle e a prepare até que ela consiga aceitá-lo e esteja completamente pronta para recebê-lo.

Mãos desconhecidas, mas não desagradáveis, fizeram como Drake instruíra, e Manuel se posicionou para ficar entre suas pernas abertas, seus olhos brilhando de delícia enquanto olhava para ela.

Ele se ajoelhou, separou os grandes lábios da vagina de Evangeline e começou a acariciar de leve aquela carne sensível. Ela sentiu a luxúria aumentar e arqueou os quadris. Embora suas mãos estivessem presas, seus braços se levantaram e, de repente, ela sentiu mãos muito familiares se fecharem em torno de seus pulsos e os puxarem rudemente até o colchão, segurando-os no lugar com firmeza.

A sensação dupla de um homem entre suas pernas e Drake a segurando para que não pudesse se mover fez Evangeline se contorcer, inquieta, e um gemido escapou de seus lábios. A cabeça de Drake baixou e ele beijou sua boca de cabeça para baixo.

— Deixe-o te dar prazer, Angel. Enquanto eu o vejo possuir o que é meu.

Manuel lambeu, chupou e a torturou, devorando sua vagina sem pressa. O prazer era esmagador, mas seu foco não estava em Manuel. Ela não olhava para baixo, para sua cabeça escura entre suas pernas. Ela olhava fixamente para Drake, os dedos segurando suas mãos, observando a reação dele ao outro homem – aquele estranho, ao menos para ela – com o único interesse de dar prazer a Drake.

Mãos ásperas e abruptas separaram suas coxas e a mão de Manuel segurou seu queixo, puxando para baixo, os olhos dele brilhando.

— Olhe para mim, Evangeline.

Mal terminou de falar e já meteu com força nela. Evangeline agarrou as mãos de Drake ainda mais forte, mas ele liberou uma, para ficar acariciando seu cabelo, dando um apoio silencioso a ela.

Manuel se ergueu sobre ela, seu corpo cobrindo-a inteira, seus seios achatados contra o peito dele enquanto seus quadris ondulavam e rolavam sobre os dela, penetrando-a profundamente. Mas o olhar dela volta e meia estava em Drake de novo, absorvendo o calor e a excitação em seus olhos escuros.

— Linda para caralho — Manuel rosnou quando metia com ainda mais força nela. —Me diz, Evangeline. Quão bruto você gosta?

Enquanto falava, ele enfiou a mão no cabelo dela e puxou sua cabeça para cima, de modo que ela foi forçada a olhar para ele. Ele abaixou a cabeça, e, por um momento, pensou que desobedeceria a ordem de Drake de não beijar sua boca. Mas ele lambeu e mordiscou seu pescoço, sua orelha e deslizou seus lábios pela curva de seu pescoço, sussurrando elogios em seus ouvidos.

— Por Drake, aguento qualquer coisa — Evangeline disse.

— Me pergunto se ele sabe como é sortudo — Manuel disse, pensativo.

— Não tenha a menor dúvida — Drake grunhiu.

— Ajude-me a virá-la — Manuel pediu a Drake. — Quero essa bunda.

— Não até que eu a tenha preparado — Drake alertou.

— Nunca machucaria qualquer mulher, muito menos a sua — disse Manuel, seus olhos se estreitando.

Drake inclinou a cabeça.

— Claro. Não quis ofender. Evangeline é muito preciosa para mim e eu não a machucaria de forma alguma.

Os dois homens a viraram, garantindo seu conforto. Drake desamarrou seus pulsos e posicionou-a para que sua mão estivesse livre para se tocar. Manuel colocou um travesseiro sob seus joelhos e então se afastou para que Drake pudesse aplicar lubrificante na abertura de Evangeline, enquanto ele próprio cobria o preservativo que usava.

Drake se moveu para a cabeceira da cama e se reclinou de um jeito relaxado, de modo a ter uma visão direta de Evangeline e Manuel.

— Me diga se ficar forte demais — Drake disse, em tom sério, seu olhar sobre Evangeline.

— Não vou te decepcionar, Drake — ela disse, sussurrando.

Ele franziu o cenho.

— A única maneira de você me decepcionar é aceitar a dor só porque acha que vai me agradar. Prometa que não fará isso.

— Prometo — ela disse, com sinceridade.

Drake levantou o olhar para Manuel, que tinha se posicionado de joelhos atrás de Evangeline e agora acariciava e apalpava a bunda dela.

— Deixe a bunda dela vermelha antes de comê-la.

— Vai ser um prazer — Manuel murmurou.

Evangeline gemeu baixinho, fechando os olhos brevemente com a excitação. Como seria ter a mão de outro homem batendo em sua bunda?

Sua única experiência com spanking tinha sido com Drake. Só tinha gostado porque tinha sido com ele?

Não demorou a saber a resposta. Assim que a mão de Manuel golpeou uma de suas nádegas, fogo acendeu nela e desapareceu em segundos para ser substituído pelo brilho quente de prazer. Ela abriu os olhos para ver um olhar caloroso em Drake, de aprovação.

— Meu anjo gosta da dor.

— É apenas prazer — ela sussurrou.

Manuel alternou as nádegas, evitando atingir o mesmo ponto até que cada centímetro da bunda de Evangeline estivesse doendo e pulsando. Ela se contorceu, inquieta, tocando-se devagar, sabendo que ainda não podia ir muito longe.

Fez uma pausa quando Manuel parou. Ele colocou as duas mãos sobre sua bunda e afastou bastante as nádegas, o pau batendo e cutucando a entrada dela. Então, ele parou quando a ponta mal tocava a abertura, e ela começou a se tocar com vontade, na expectativa da entrada.

— Mete com tudo nela — Drake disse, repetindo a ordem anterior. — Sem piedade.

Oh céus. Ela começou a tremer com violência, já prestes a gozar.

Manuel enfiou só até a cabeça de seu pênis entrar totalmente dentro dela. E, antes que ela pudesse respirar, ele enfiou mais fundo, entrando completamente. Ela gritou e balançou, descontrolada, entregue.

As mãos de Manuel apertaram seus quadris para contê-la, mas ela lutou, não contra ele, mas contra o tumulto que tomava seu corpo.

— Jesus — Manuel murmurou. Ele a empurrou para a frente e a aprisionou Evangeline entre seu corpo e a cama, segurando-a enquanto entrava e saía de sua bunda.

Ele era bruto, animalesco, tomando-a, possuindo-a, tudo que Drake lhe pedira para fazer. Sua mão, presa entre seu corpo e a cama, movia-se freneticamente, buscando o orgasmo que cada vez mais fugia ao seu controle.

Então, para sua surpresa, Manuel os girou para os lados, seu pênis ainda encaixado profundamente dentro dela, e tirou sua mão, substituindo-a por seus próprios dedos para tocar e acariciar seu clitóris. Enquanto ele metia, o olhar de Evangeline encontrou o de Drake, querendo compartilhar o momento com ele. Tudo para ele. Só para ele.

A luxúria brilhou nos olhos de Drake e Evangeline pôde ver a protuberância entre suas pernas. Nesse momento, desejou que ele estivesse metendo nela, tão forte quanto Manuel.

— Chegue lá, Angel — Drake disse, de um jeito áspero. — Não faça Manuel esperar.

Ela soltou um gemido do fundo da garganta e jogou a cabeça para trás quando a boca de Manuel achou seu pescoço e o mordeu com força suficiente para deixar uma marca. E então ela apenas deixou rolar e foi voando até o topo, acelerando cada vez mais até que Drake entrou e sumiu de seu foco e o mundo ao seu redor se apagou. Ela estava ofegante quando Manuel saiu de dentro dela e, então, se dobrou para dar um beijo em sua testa.

— Obrigado por esse presente lindo, Evangeline — Manuel murmurou. — Nunca esquecerei da minha única noite com um anjo.

— Você pode ir agora — Drake disse.

Evangeline registrou apenas vagamente Manuel retirando seu peso da cama, ouviu os movimentos enquanto ele se vestia e depois a porta fechando devagar quando saiu. Ela olhou para Drake, para vê-lo se levantar e, com pressa, arrancar a própria roupa.

Depois, ele subiu na cama, virou-a de barriga para cima e estava sobre ela – e dentro dela – antes que Evangeline pudesse respirar.

Ele cobriu a os lábios dela com a boca faminta, sua língua mergulhando tão fundo quanto seu pênis penetrava em sua vagina. Ele a devorou, a consumiu, seu desejo e luxúria eram esmagadores.

Ele se sentiu enorme dentro dela, grande como nunca havia se sentido. Foi uma corrida para chegar ao fim e, pela primeira vez, ele não teve o cuidado de garantir que ela estivesse com ele. Mas aquela noite era para ele. Ela tinha deixado isso claro. Envolveu os ombros largos dele em seus braços e acariciou suas costas de leve, fazendo carinho em seus músculos firmes enquanto ele tirava o que precisava. Ela deu a ele tudo que tinha.

Em segundos, Drake explodiu dentro de Evangeline. Depois, deixou o peso do corpo cair sobre o dela, enquanto ela continuava a acariciar suavemente suas costas. Ele acariciou o pescoço dela, seus lábios explorando aquela pele delicada, enquanto ele beijava e, depois, mordia.

— Minha — ele rosnou. — Tão linda e toda minha.

26

Evangeline estava no seu lado da cama, aconchegada debaixo do ombro de Drake, um braço estendido sobre seu peito nu e uma perna sobre a dele. Ela estava mole como um macarrão molhado e completamente saciada. Era tão tentador ir caindo devagar no sono, o corpo quente de Drake ao lado, mas ela ainda estava impressionada, tentando processar a enxurrada de sentimentos conflitantes despertados pela noite que tinha acabado de viver.

E talvez ela precisasse de mais segurança, mesmo que Drake tivesse deixado bem claro que estava bem com o que tinha acontecido. Merda, ele tinha orquestrado todo aquele encontro de modo que seria o auge da hipocrisia se ele tivesse qualquer ressentimento ou ciúme. Mas, ainda assim, ela não tinha experiência com o estilo de vida que ele tinha e com o qual se deleitava. Como poderia não estar em conflito profundo?

— Drake? — ela perguntou, hesitante.

Ele ergueu a mão do braço sobre o qual ela estava deitada e passou seus dedos pelos cabelos dela, em carinhos lentos e sensuais.

— O que foi, Angel? — ele perguntou, em uma voz acolhedora.

Ela afundou o rosto em seu peito, de repente tímida e insegura.

— Eu te decepcionei esta noite? Está chateado por eu ter gostado de fazer sexo com Manuel? Por eu ter gozado?

Ele se virou, de modo que pudessem se encarar, e passou o outro braço ao redor dela, puxando-a para mais perto de si.

— Angel, olhe para mim — disse, suavemente.

Com relutância e um pouco de medo, ela ergueu o queixo devagar até finalmente encontrar o olhar dele. Para seu alívio, os olhos dele estavam calorosos. A afeição brilhava em suas profundezas.

— De jeito nenhum você me decepcionou. Não tem ideia de como foi erótico e sexy assistir outro homem possuir o que é meu, minha

propriedade, comigo controlando e comandando o prazer que ele tinha com você.

Os olhos dela se arregalaram de surpresa, porque não conseguia entender o conceito. Não parecia coerente, com tudo o que sabia sobre Drake, que ele permitisse que qualquer outro homem a tocasse. Muito menos que fizesse sexo com ela.

— Você é a mulher mais bonita e desinibida que já tive, e me deu algo muito especial hoje à noite. Em primeiro lugar, me deu sua confiança sem reservas e nunca mostrou qualquer sinal de recuo. E seu foco principal sempre esteve em mim. Não no homem que estava fazendo sexo com você. Você me deu a si mesma de presente. Propriedade sobre o seu corpo para fazer com ele o que eu desejasse e, ainda que não perceba, a quantidade de confiança envolvida para você ceder a qualquer coisa que eu deseje é enorme, e poucas mulheres dariam a um homem algo assim tão precioso.

— Uau — ela sussurrou. — Acho que nunca pensei por esse ângulo.

— Voc*ê* é um presente, meu anjo. E tudo o que vem com você, tudo o que faz de você quem é. O melhor presente que já me foi concedido.

Ela inclinou a cabeça para o lado, estudando a atitude dele.

— Por que isso o excita? — ela perguntou, com curiosidade genuína. — Quero dizer, observar, ficar olhando outro homem me tomar e me possuir da maneira que você fez.

— Primeiro — ele disse, em tom grave —, sou o único que possui você. Nunca se esqueça disso. Manuel estava aqui a meu convite e recebeu instruções explícitas sobre o que poderia e o que não poderia fazer, mas nunca houve qualquer dúvida sobre a minha posse sobre você. Manuel se sentiu privilegiado e teve a honra de poder ter você por um breve tempo. Que homem não se sentiria? Quanto a por que isso me excita...

Ele encolheu os ombros e sua mão deslizou pela cintura dela para cobrir a bunda.

— Por que algo excita alguém? Algumas coisas não têm explicação. No meu caso, é o maior tesão poder fazer o que quiser com o que eu possuo. Que seu corpo, sua boceta, sua bunda, sua boca, cada parte da sua alma pertence a mim e só a mim, e, portanto, tenho o poder de tomar decisões sobre como essa propriedade tão preciosa é tratada. Sim, outro homem te comeu, mas isso é tudo que ele fez. Ele te deu prazer, o que por sua vez me deu prazer. Mas ele não te possui, você não pertence a ele. Ele não a tem

inteira e nunca terá. Você inteira é propriedade minha, e me deixa excitado pra caralho ver outro homem ter poder sobre você e te colocar de quatro porque eu quis, do jeito que eu instruí, porque me agrada ter o privilégio – a honra – de decidir renunciar ao poder que tenho sobre você, ainda que por um tempo determinado.

— Isso é algo que vai querer que aconteça com frequência, então? — ela perguntou, sem alarde.

Os olhos de Drake se estreitaram ao analisar o rosto dela, procurando alguma pista ou motivação por trás daquela pergunta aparentemente inocente. Mas tudo o que viu foi curiosidade honesta.

— Acho que a pergunta mais correta é se isso é algo que voc*ê* gostaria que acontecesse com frequência.

A expressão dela era séria, e seus olhos irradiavam sinceridade.

— Só quero te dar prazer, Drake. Quero te fazer feliz. E, se me ceder a outro homem enquanto assiste te faz feliz, é claro que eu gostaria que acontecesse de novo.

Ela engoliu em seco e, antes que ele pudesse dizer alguma coisa, continuou.

— Olhei para você o tempo todo — ela sussurrou. — Mesmo quando ele mandou que eu olhasse para ele. Fiquei assistindo a você, porque queria ver o seu prazer e a sua excitação. É você que eu quero, Drake. Não outra pessoa. Sim, senti prazer, mas sabe por quê?

Drake franziu a testa, estava analisando Evangeline, atordoado por aquela declaração, por sua honestidade e pelo fato de que ela colocava todas as cartas na mesa, não segurava nada. Ela estava totalmente vulnerável, e ele sabia, ele sabia que a vulnerabilidade era um dos piores sentimentos do mundo, e não queria que ela se sentisse assim com ele nunca.

— Gostei de estar com outro homem porque estava dando prazer a voc*ê*, e você gostou de ver outro homem tomar para si e possuir o que lhe pertence. Essa foi a fonte do meu prazer. Mal consigo me lembrar do prazer f*í*sico que ele me deu. Eu estava lá. Tive um orgasmo. Foi bom, não nego. Mas o meu prazer não era o meu foco. Ele não me machucou. Gostei do físico dele. Mas, emocionalmente, eu estava focada apenas em você. E porque você olhou para mim com tanto calor, orgulho e aprovação, não teria importado quem você escolheu para transar comigo. Só você importa para mim.

Ele se sentiu incapaz de responder, de dizer qualquer coisa, de tão atordoado que ficara com o impacto das palavras dela. Como podia sentir cada uma delas profundamente. Ele absorveu aquela declaração apaixonada, a expressão de Evangeline, a sinceridade brilhando intensamente em seus olhos, e, de repente, sentiu como se o coração estivesse prestes a explodir em seu peito.

— Drake? — ela sussurrou, hesitante, seus olhos inchados com preocupação e seus lábios se virando para baixo em uma expressão de infelicidade. — Fiz ou disse algo errado? Está bravo comigo?

Com o coração prestes a sair do peito, ele a virou de um jeito brusco e afastou suas coxas. E assim que Evangeline ficou de costas, meteu dentro dela, provocando-lhe um suspiro de surpresa. Quase ao mesmo tempo em que o choque cintilou em seus olhos, ele foi substituído por um brilho enevoado de paixão e necessidade.

Ele retirou o pau com mais delicadeza do que tinha enfiado, consciente de como ela deveria estar sensível após receber dois homens diferentes em algumas horas. Em seguida, meteu de novo, enterrando-se em suas profundezas sedosas.

Ele olhou para ela com ferocidade, seus quadris se movendo para frente e para trás, estabelecendo um ritmo vagaroso, mas ele ardia. No fundo, onde nunca sentira nada, nunca permitira que alguém chegasse tão perto a ponto de tocar aquela parte.

— Não. Merda, não — ele disse, com força. — Porra, Angel! Como diabos você me virou do avesso desse jeito? Você me bagunçou tanto aqui dentro que mal consigo respirar direito. Bravo com você? De jeito nenhum. Acha que fez algo errado? Nada do que fez é errado. Você é tudo o que é certo e perfeito e bom no meu mundo. Nunca pense que disse ou fez algo errado. Até o dia em que mentir para mim, nunca terei motivo para estar irritado ou decepcionado com você.

Perto de chegar ao ápice e perder-se em sua feminilidade sedosa, ele meteu fundo dentro dela e permaneceu ali, completamente dentro, o peito arfando de emoção e necessidade. Tanta necessidade. Era como se ela tivesse aberto uma ferida antiga, deixando-a de novo em carne viva. Como se pela primeira vez desde sua infância, quando aprendera a fechar-se para os outros e não sentir nada, podia sentir algo de novo. Não era uma sensação confortável. Ele se sentia muito exposto e, merda, vulner*á*vel. A mesma coisa que, momentos antes, ele tinha lamentado que ela sentisse.

— Nunca vou mentir para você, Drake — ela disse, sua voz, sua expressão, extremamente solenes e sinceras. — Eu te dei minha confiança incondicional e gostaria muito que confiasse em mim do mesmo jeito. Entendo se achar que é muito cedo ou se for algo que não possa me dar agora. Mas, um dia, espero tê-la, porque ter você, ter a sua confiança, é tudo o que posso querer. Não o seu dinheiro. Não o status social. Nada além de você e da minha esperança de que um dia tenha tanta fé e confiança em mim quanto eu em você.

Um medo congelante tomou o peito de Drake, deixando-o, por um momento, paralisado e incapaz de falar. Drake confiava em poucas pessoas. Menos de dez, todos seus irmãos. Nunca confiou em uma das mulheres que teve, muito menos tinha depositado fé incondicional em alguma delas. Tinha aprendido com a experiência que as mulheres que se jogavam em cima dele não tinham interesse em Drake Donovan. Apenas no que ele poderia lhes dar. Mas foda-se. Ele precisava dizer algo para Evangeline. Não podia ficar ali deitado, olhando para ela como um imbecil.

Quase podia senti-la escorregando pelos dedos como água corrente. Impossível de segurar. As mulheres, especialmente uma mulher como ela, que se abriam tanto, mostrando o coração e a alma, se tornavam vulneráveis, sujeitas à rejeição. Ela, que era a pessoa mais honesta e sincera que já conhecera, não ficaria com um homem se não sentisse que ele pudesse retribuir as mesmas coisas que ela oferecia tão incondicionalmente.

Evangeline, no entanto, parecia entender o conflito que o consumia por dentro. Sorriu com doçura e, com os olhos quentes e cheios de compreensão, pousou um dedo sobre os lábios dele.

— Não espero que confie em mim ou tenha fé em mim já neste instante — disse ela, a voz carregada com toda a doçura que fazia dela o anjo que era. Seu anjo. — Confiança e fé devem ser conquistados, e isso não acontece da noite para o dia. Vêm com o tempo. Ou não. O que estou dizendo é que você tem ambos de mim. Sem condições. Sem reservas. Sem volta. E espero que um dia você possa me oferecer o mesmo, da mesma forma. Não quero que diga nada apenas para me consolar, Drake. Palavras não significam nada. Nunca diga que confia em mim a menos que realmente sinta isso. Mas, até que sinta essas coisas e as demonstre,

estarei aqui esperando. Não vou a lugar nenhum. A menos que decida que não me quer mais.

Havia um tom de tristeza naquelas últimas frases, e o olhar de Evangeline perdeu um pouco da vivacidade, até que ela se recompôs e ofereceu a Drake o calor de seu sorriso, seus olhos brilhando de novo.

Não querer Evangeline? Toda aquela declaração dela tinha questões suficientes para ele pensar e refletir por meses, se não anos. Mas não querer Evangeline?

Certo, talvez nos casos que tivera antes – ele não os chamaria de relacionamentos, porque seria menosprezar o que tinha com Evangeline – não querer a mulher envolvida depois de algum tempo era uma forte possibilidade. Não, mais que isso. Era algo inevitável, que acabaria acontecendo. Drake nunca ficava com a mesma mulher por mais de um dia, dois no máximo. Mas, mesmo que houvesse muito pouco tempo que conhecera Evangeline, não podia imaginar um cenário em que não a desejasse. E isso o assustava para caralho.

Mergulhou o rosto no cabelo dela, dominado por sua natureza amorosa e cheia de generosidade, e pela consciência de que era um canalha egoísta.

— Não te mereço — ele disse, sério, finalmente expressando algo que nunca tinha dito a outra mulher. Algo em que nunca acreditara antes e nem havia cogitado. Mas sabia, estando seu coração e sua cabeça de acordo ou não, que Evangeline merecia muito mais do que ele poderia dar a ela. Mesmo que só de pensar nela com outro homem seu sangue fervesse.

Ele fechou os olhos, inspirando o cheiro de seus cabelos, acariciando de leve os fios acetinados.

— Não mereço pisar no mesmo chão que você. Mas, Deus me ajude, não vou abrir mão de você. Não posso abrir mão de você. Você merece um homem que possa lhe oferecer todas as coisas que você dá e muito mais. Mais do que posso te dar, Angel. Você merece muito mais do que posso dar.

— Bem, que bom que decidiu que não vai abrir mão de mim, pois não planejo ir a lugar nenhum — ela disse, com serenidade. — Sou sua, Drake. Por quanto tempo me quiser, serei sua.

Ele podia imaginar o sorriso que ele tinha certeza que estava no rosto dela. Aquele que era capaz de iluminar um quarto inteiro e enchê-lo de luz do sol. Mesmo sem olhar para Evangeline, Drake sabia exatamente como

ela estava naquele exato momento – e isso o fazia se sentir como um canalha maior ainda.

Ela puxou a cabeça dele com carinho, de modo que seus olhares se encontraram, e, em seguida, envolveu o rosto dele com as mãos, seu toque tão suave como uma brisa vinda do mar. Havia um entendimento tão gentil naqueles olhos que a casca dura que há anos cercava o coração e a mente de Drake começou a rachar e a quebrar, e ele sabia que não podia permitir que ela se despedaçasse e desmoronasse. Como uma mulher inocente poderia causar tantos estragos em sua existência antes tão bem ordenada? Uma rotina diária que se transformara em um ritual inflexível, completamente acabada, sem falar que uma consciência que ele nunca tinha possuído escolhera justo agora para se revelar? Ele era tão implacável e tão violento quanto poderia ser. Não tinha chegado onde estava sendo tranquilo ou vulnerável a dramas de consciência, nem mesmo por seguir alguma regra a não ser que ele a tivesse feito. E, no entanto, uma pequena mulher ameaçava o único jeito de viver que ele conhecia? A vida que ele tinha criado para si por pura necessidade.

Ele sabia que deveria dispensá-la naquele momento. Faça a coisa certa e a mande para longe. Deixe Evangeline ir embora antes que você acabe destruindo os dois. Pelo menos o homem frio e implacável que ele era desde que podia se lembrar não tinha desaparecido – ainda. E graças a Deus por isso, porque enquanto ele continuasse sendo um canalha egoísta e sem coração, não tinha a menor chance de ele deixar Evangeline escapar.

Se isso fazia dele um babaca completo, que fosse. Ele a protegeria da realidade do mundo em que vivia e buscaria garantir que sua outra vida – a que ela não conhecia – nunca chegasse a ela de nenhum jeito. Tinha aprendido ainda bem jovem que nada nunca está garantido e que promessas dificilmente são mantidas, se é que alguma vez são. Mas faria uma promessa a si mesmo naquele momento, um risco que nunca tinha corrido antes, porque quebrar uma promessa que fez para os outros já era bem ruim, mas quebrar uma que fez a si mesmo era impensável.

Não faria mal a Evangeline, nem ia mentir para ela. Ela merecia esse respeito e já era mais do que ele tinha dado a qualquer pessoa. Faria o que fosse necessário para protegê-la e abrigá-la da verdade, da realidade, mas não conseguiria mentir para ela, que demonstrava tanta confiança e fé nele.

Confiar nos outros era um conceito estranho para ele, mas, por ela, ia tentar. Poderia aprender. Ela já lhe ensinara muito. Que o bem existia em um mundo que não tinha feito muito para provar isso a ele. Ela não tinha lhe dado nenhuma razão para duvidar de seus motivos, e isso por si só era bem mais valioso do que o que ele tinha oferecido a ela. Qualquer coisa que o dinheiro pudesse comprar, mas seu anjo não estava à venda. Não poderia ser comprado. O que ela mais queria era algo que ele não tinha certeza que poderia dar a ela.

Confiava em seus homens, tanto quanto era capaz de confiar em alguém, mas não era tolo de pensar que eles nunca o trairiam. Poderia oferecer a Evangeline algo que não podia sequer dar aos homens que considerava irmãos? Ainda não tinha essa resposta, mas poderia muito bem tentar respondê-la.

Ele se retirou do abraço aveludado que agarrava avidamente seu pau, fazendo com que ambos soltassem um gemido baixo depois que ele tinha permanecido totalmente enfiado nela, sem fazer movimentos, por um período prolongado de tempo.

Evangeline se sentiu inchada e apertada em torno de Drake, seu pênis hipersensível e as paredes internas dela contraindo-se e apertando-o, como se protestando por sua saída.

— Estou te machucando? — ele perguntou, direto.

— Não. Sim. Deus, eu não sei. Apenas não pare.

A voz era apertada e rouca, e suas mãos apertaram os ombros dele, suas unhas cravando fundo, marcando-o como ele a havia marcado antes. Ver a marca dela em sua pele catapultou Drake ao frenesi.

Ele começou a meter nela, seu ritmo frenético e ainda assim ela pedia mais. Ela se arqueou, aprofundando cada metida. Seu rosto era a imagem da agonia e do êxtase.

— Chegue lá, Angel — ele falou, assim que sentiu a primeira expulsão violenta de seu sêmen pulsando profundamente na vagina dela.

Ela gritou, as unhas mais afiadas, cravando-as ainda mais fundo, entrando na pele de Drake, e ele se deleitou com a mordida afiada da dor.

Ele meteu cada vez mais forte, mais e mais rápido até que o som de carne encontrando carne soasse alto em seus ouvidos. Ela gritou seu nome e se despedaçou, embrulhando seus braços e pernas com tanta firmeza em torno dele que ele não pôde fazer nada além de enfiar o pau tão fundo

quanto poderia e sentir cada pulsação dos jatos de seu sêmen no corpo dela.

Ele se abaixou e enfiou os braços embaixo dela, de modo que a abraçou tão forte quanto ela o abraçava. Depois, cedeu, permitindo que seu peso a cobrisse como um cobertor, seu pênis ainda enterrado em sua doçura, cada pequeno resquício de seu gozo fazendo seu corpo inteiro tremer ao sair dele.

Descansou a testa na têmpora dela, e estremeceu ao sentir a respiração de Evangeline soprar quente em sua nuca. Nunca se sentira tão relaxado e tranquilo na vida, mesmo que a culpa crescesse dentro dele por se permitir aquela luxúria egoísta. Ela tinha lhe dado tudo, enquanto ele ainda mantinha trancada uma parte de si – sua alma.

Evangeline virou a cabeça só um pouquinho, apenas o suficiente para que seus lábios roçassem a base do cabelo de Drake e ela o beijasse. Um pequeno, requintado beijo que ele sentiu até o dedinho do pé. O corpo dela ainda envolvia o seu com firmeza, apertado, ela o segurando ainda mais perto, se é que ainda havia algum espaço entre eles.

— Obrigada por me dar o presente do seu prazer esta noite — ela sussurrou. — Queria tanto fazer algo só por você. Para te agradar. Para lhe mostrar que eu me importo, Drake. Se você já se sentiu como se não importasse para ninguém, lembre-se de hoje à noite e saiba que você é muito, muito importante para mim.

Drake não conseguiu responder, um nó bloqueou sua garganta na mesma hora. Tudo o que ele podia fazer era apertá-la contra o próprio peito, não querendo que nada estivesse entre eles naquele momento. Nem seus medos, nem sua culpa, nem seu remorso. Porque nada poderia fazê-lo se arrepender. Por uma noite maravilhosa, o tempo tinha parado, e ele tinha visto o céu pela primeira vez em sua vida. Tinha sentido uma paz diferente de tudo o que havia experimentado, e tinha vivido como era ser envolvido pelas asas de um anjo.

27

Havia um brilho ao redor de Evangeline nas semanas que se seguiram à noite da fantasia libertina de Drake. E as revelações emocionais entre Drake e ela, que tinham rolado em seguida, não podiam ser ignoradas.

A única sombra que ainda restava para Evangeline era o permanente distanciamento de suas amigas. No começo, tinha estado tão ocupada com Drake, focada em atender suas vontades e se deliciando com a descoberta de algo novo e maravilhoso, que não tinha pensado muito na passagem do tempo ou em como tinha ficado sem falar com elas por um período tão longo.

Mas também havia o fato de que nenhuma das amigas tinha feito muito esforço para falar com ela também. Perceber isso não foi muito legal. Se fossem mesmo suas amigas, não iam querer que ela fosse feliz? E não iam querer ver como ela estava feliz? Como poderiam saber se não tinham sequer ligado ou mandando uma mensagem de texto para ela?

A discussão sempre caminhava em círculos de volta para Evangeline e sua responsabilidade nesse distanciamento, e a culpa só aumentava, forte e pungente, porque assim como suas amigas não tinham tentado contatá-la, ela também não tinha ligado nem dado sinal de vida.

Sentiu com mais força essa desconexão quando Drake lhe informou que precisaria viajar e estaria fora da cidade naquela noite. Evangeline esperava que ele fosse querer sua companhia, como ele havia dito no começo do relacionamento quando tinha explicado as regras. Porém, ele disse que não queria que ela ficasse superentediada, pois teria uma maratona de reuniões e não poderia ficar com ela. Ele pegaria um avião, saindo ao meio-dia e voltaria no dia seguinte cedo, pela manhã. Ele a incentivou a se divertir, desde que um de seus homens a acompanhasse onde quer que fosse.

Nervosa, tinha ligado para Lana, Nikki e Steph, pensando em colocar o papo em dia e acabar com a distância entre elas, mas seus telefonemas não foram atendidos e suas mensagens não foram lidas. Então ela preferiu ficar no apartamento de Drake e não sair porque não estava com cabeça para isso. Estava com medo de ter perdido as amigas que tinha desde que morava em uma pequena cidade do Mississippi.

Naquela noite, ela dormiu sozinha pela primeira vez desde que tinha se envolvido com Drake, e descobriu que não gostava muito disso. Mexeu e se virou a noite inteira, prendendo-se a uma esperança ridícula de que ele voltaria mais cedo do que o esperado. Quando chegou a manhã programada para a chegada dele, Evangeline já tinha pensando em uma meia dúzia de maneiras diferentes de transar com Drake assim que ele atravessasse a porta.

Como tinha que ser, a poucos minutos da hora marcada para Drake chegar, sua mãe ligou – para seu desgosto, entre tantos outros, ela foi escolher bem esse dia e esse horário. Evangeline lançou um olhar de desculpas para Drake, mas ele apenas sorriu e a colocou sentada em seu colo enquanto falava com sua mãe – e seu pai – e começou a distraí-la, mordiscando seu pescoço e várias outras partes de seu corpo até deixá-la pronta para jogar o telefone longe e se virar para atacá-lo.

Drake riu quando ouviu a mãe dela perguntar sobre seu “rapazinho” e se ele estava tratando-a bem. Então, para surpresa de Evangeline, ele pegou o telefone de sua mão e, por quase meia hora, conversou com seus pais.

Ela assistiu, satisfeita, enquanto Drake falava com eles em um tom afetuoso, relaxado e até sorrindo de vez em quando. A felicidade apertou seu peito e ela se aconchegou a seu lado enquanto ele continuava a conversa, assegurando-lhes que estava cuidando muito bem da filha deles, mas que ela estava cuidando ainda melhor dele.

Tudo em seu relacionamento com Drake parecia... certo. Já não lutava com as perguntas e com os medos que a haviam atormentado antes. As últimas semanas tinham sido nada menos que mágicas e ela se perguntou se os sonhos podiam mesmo se tornar realidade. Ela se repreendeu por estar sempre esperando algo dar errado e o conto de fadas acabar.

Já era hora de deixar de ter tanto medo do que poderia acontecer no futuro e se jogar no aqui e agora para desfrutar cada minuto de seu tempo com Drake. Quem podia garantir que não iam acabar juntos por muito tempo? Drake tinha provado a ela mais de uma vez que não tinha sido

errado em dar-lhe a sua confiança e a sua fé. Ele encarava esses dois presentes com muita seriedade e respeitava a oferta deles, cuidando deles – e dela – como tinha prometido fazer.

Evangeline também tinha parado de questionar se era boa o suficiente ou o que um homem como Drake poderia ver nela. Ele estava feliz. Ela estava feliz. O que mais importava? Independentemente de como Evangeline se via, Drake via nela alguém bem diferente, e nunca perdia a chance de lhe provar isso.

Sentia-se como uma borboleta saindo do casulo após uma longa hibernação, e sentir-se livre daquelas inseguranças antigas e tão profundamente arraigadas era estimulante.

Evangeline Hawthorn era... confiante! Ela era bonita! E digna de Drake Donovan.

Um sorriso ridículo atacou seu rosto e ela estava tão absorta sendo refém de seus pensamentos sonhadores que não percebeu Drake desligando o telefone com seus pais até que os lábios dele tocaram seu pescoço para fazer uma trilha ardente subindo até mordiscar sua orelha.

— Meu anjo parece feliz — ele murmurou. — Espero que minha volta tenha algo a ver com isso.

Ela se virou e colocou os braços ao redor do pescoço dele, e cobriu seu rosto todo com beijos.

— Ah, Drake, estou feliz mesmo! Senti muito a sua falta.

Ele sorriu de um jeito indulgente para ela.

— Só fiquei fora um dia, amor.

— Um dia muito longo — ela respondeu, fingindo estar brava.

Ele sorriu.

— Seus pais são legais.

A mudança rápida de assunto fez com que ela parasse, e então ela também sorriu, as bochechas se alargando até quase quebrarem.

— Você gosta deles.

— Sim — ele disse, sério. — São pessoas boas.

Lembrando-se de que era pouco provável que Drake tivesse tido muita experiência com pessoas boas, ela olhou para ele com a mesma seriedade.

— Eles são o melhor tipo de pessoas — ela sussurrou. — Faria qualquer coisa no mundo por eles.

— Então eles são muito sortudos.

Ela estendeu a mão e a pousou sobre a bochecha dele, áspera, com a barba por fazer.

— Também faria qualquer coisa por você, Drake. Espero que nunca se esqueça disso.

Ele segurou a mão dela e a arrastou sobre seus lábios, para beijar a parte interior dela.

— Oh, você provou isso, Angel. Mais de uma vez. Duvido que algum dia esquecerei. — Assim que terminou de falar, Drake tremeu de leve e soltou um suspiro.

— Há alguma coisa errada? — ela perguntou, ansiosa, a euforia anterior indo embora enquanto ela absorvia a expressão sombria de Drake.

Drake encarou Evangeline, odiando o que estava prestes a fazer. Enganá-la. Ou melhor, mentir por omissão. Fazer algo parecer outra coisa completamente diferente. Sendo que tinha prometido a si mesmo que nunca mentiria para ela nem a magoaria. E se não tratasse disso corretamente, não só estaria mentindo para ela, mas também poderia magoá-la se a deixasse entender mal suas razões.

Sabendo que quanto mais tempo permanecesse em silêncio e quanto mais arrastasse isso, pior ia parecer, e que tudo poderia explodir na sua cara, ele a beijou e permitiu que seu arrependimento sincero transparecesse. Ele a puxou para que se sentasse no sofá, de modo que ficassem lado a lado.

— Sei que amanhã seria nossa noite de ficar em casa e você cozinhar para mim, mas tenho uma reunião de negócios muito importante aqui. Vou receber meus colegas na nossa casa. Infelizmente, é inevitável, e prometi que não perderia os nossos jantares a não ser que fosse absolutamente necessário. Este é um dos raros momentos em que é absolutamente necessário esse encontro onde podemos ter certeza de que teremos silêncio e privacidade.

A sobrancelha de Evangeline franziu, confusa, enquanto ela tentava processar aquela explicação vaga, e não escapou a Drake a decepção nos olhos dela, muito menos suas tentativas de disfarçar sua reação e se recompor rapidamente.

— Entendo — ela disse, e apenas um pequeno tremor em sua voz entregava seus sentimentos. — Talvez possamos fazer outro mais para frente na semana.

Merda, ele odiava o que vinha a seguir. Como garantir que ela não estivesse presente durante o encontro sem que fosse óbvio que ele não a queria lá? Mentindo para Evangeline, ele tinha quebrado uma de suas promessas – um voto – que tinha feito a si mesmo, algo impensável. Não iria, sob quaisquer circunstâncias, quebrar outra promessa que tinha feito, a de que ela nunca seria tocada pela sombria vida alternativa que ele levava.

— Sei que não saiu na noite passada, e pensei que talvez fosse gostar de sair amanhã à noite. Diga o que quer e vou fazer acontecer, Angel. O que gostaria de fazer. Sendo bem sincero, a reunião vai ser chata pra caramba, e não espero de jeito nenhum que precise passar por constrangimentos com estranhos em sua própria casa. E, com toda certeza, ninguém espera que precise ficar agradando seis idiotas arrogantes que vão ficar aqui medindo quem tem o pau maior nessas negociações.

Nem precisou fingir que estava puto e irritado com aquela situação, porque estava mesmo. Se não houvesse tanto em jogo neste maldito negócio, mandaria cada um daqueles caras ir se foder. Nunca abrira sua casa para qualquer assunto relacionado a trabalho. Aquele era seu único santuário. E agora era o de Evangeline, e o irritava muito ter que, em poucas palavras, tirar seu anjo de sua própria casa por uma noite e fazer o bonzinho com homens que não gostaria que chegassem nem a um quilômetro dela.

Evangeline mordeu o lábio inferior, hesitando, claramente imersa em seus pensamentos. Naquele momento, desejou que ele pudesse lê-la. Noventa e nove por cento do tempo, ela era totalmente transparente, seus olhos uma janela para sua alma, mas este era aquele um por cento do tempo em que Drake não tinha ideia do que ela estava pensando ou sentindo.

Ele teve que se segurar para não dizer o nome dela nem fazer a pergunta que certamente faria se abrisse a boca. Porque sabia que soaria inseguro, e tinha que fazer tudo bem certinho. Era apenas uma reunião de negócios, e ele estava oferecendo a ela toda uma cidade em uma bandeja de prata naquela noite. Não precisava soar como se tivesse razão para se preocupar com o que ela estava pensando.

— Amanhã à noite é a folga das meninas — ela disse, baixinho. — Queria... preciso vê-las. A gente não tem se falado desde a noite em que Steph veio aqui. Eu... nós... deixamos que passasse muito tempo. Preciso

falar com elas. Tentei ligar para elas quando você estava fora. Pensei que poderíamos sair para comer, colocar o papo em dia. Mas elas não retornaram minhas chamadas.

Os lábios de Drake se contraíram discretamente. Droga. Ele não achava tão bom que ela fosse a um encontro com as amigas. Não se houvesse a possibilidade de elas encherem a cabeça de Evangeline com um monte de merda. Mas, ao mesmo tempo, aquilo era a saída perfeita. Ela ficaria feliz e ele conseguiria mantê-la longe de seus negócios.

— Deveria ir, então — ele disse, com carinho.

Os olhos dela se arregalaram de surpresa.

— Não se importa?

Ele a puxou mais para dentro da curva de seu braço para que ela ficasse firmemente aninhada nele.

— É óbvio que esse distanciamento está te deixando infeliz — ele disse.

Ele acariciou a bochecha dela com a mão e, então, segurou seu rosto, passando o polegar sobre sua pele acetinada.

— Quero que seja feliz, Angel. Se ver as suas amigas vai deixá-la feliz, então um de meus homens vai levá-la amanhã à noite.

— Eu deveria me planejar para dormir na casa delas? — ela perguntou, um pequeno tropeço em sua respiração.

Só então ele franziu o cenho.

— De jeito nenhum. Pedirei a Maddox para te trazer de volta às 11 horas e, se por alguma razão minha reunião se estender, vou informá-la, mas assim que acabar quero você aqui de volta. Uma noite longe de você já foi o suficiente. Sem chance de eu passar outra noite sem você quando acabei de chegar de viagem.

Ela riu e deu um sorriso malicioso.

— Me diz, você precisa ligar para Maddox neste exato minuto ou pode esperar um pouco?

Ele arqueou uma sobrancelha e olhou desconfiado para ela.

— Vai depender do que você tem na manga, sua safadinha.

Ela se levantou e inclinou sobre ele, montando em seu colo, passando os braços em volta de seu pescoço antes de deslizar para o chão até ficar ajoelhada entre suas coxas, suas mãos indo direto para o zíper de suas calças.

— Ah, não sei. Quanto tempo tenho para recebê-lo de volta em casa devidamente?

Ela lambeu os lábios e começou a abrir as suas calças. Os olhos de Drake brilharam, semicerrados.

— Bem, se for esse o caso, não tenha pressa, Angel. Maddox pode esperar. Por outro lado, eu não posso. Então, por favor, dê as boas-vindas a seu homem.

28

Para a surpresa – e deleite – de Evangeline, ela acordou na manhã seguinte envolvida pelo corpo quente e forte de Drake. Ele abraçava Evangeline, a cabeça dela aninhada em seu ombro, os braços dele ancorados, possessivos, ao redor dela e uma perna jogada sobre a dela. Ainda que quisesse, ela não conseguiria se mover. Mas sair dali era a última coisa que queria.

Soltou um profundo suspiro de alegria, pensando que nunca tinha sido mais feliz do que naquele momento.

— Bom dia, Angel — ele murmurou, com a boca em cima do cabelo dela.

— Bom dia — Evangeline respondeu, sorrindo contra seu ombro.

— Está sorrindo.

Ela fez que "sim" com a cabeça.

— Alguma razão em particular?

— Esta é a primeira vez que acordo em seus braços — ela disse, sonhadora. — É... tão gostoso.

Drake passou a mão de cima a baixo nas costas dela e, em seguida, apalpou sua bunda.

— Descobri que não gosto de ficar longe de você nem uma noite, e não quis deixar nossa cama tão cedo esta manhã.

— Que bom. Esta é a melhor maneira de acordar.

Ele suspirou.

— Infelizmente, não posso demorar, ainda que quisesse muito. Preferiria passar o dia em casa, fazer amor e mantê-la nua até que tivesse que se aprontar para ir encontrar suas amigas. Mas há coisas das quais preciso me inteirar. Mesmo um afastamento de apenas um dia me deixa com uma pilha de merda para resolver.

Ela inclinou a cabeça para trás e sorriu para ele.

— Tudo bem, Drake. Isso foi suficiente. Você já me fez ganhar o dia, e isso me deixou ansiosa para estar de novo com você mais tarde, esta noite, quando tiver terminado a sua reunião.

Ele a beijou e explorou longamente sua boca e seus lábios. Em seguida, rolou para o lado, deslizando debaixo das cobertas.

— Ah, como você me tenta, Angel. Se não me levantar agora, vou tocar um foda-se de verdade e manter você na cama o dia todo.

Ela o recompensou com um sorriso radiante e, com a mão, fez um gesto para espantá-lo.

— Levanta, ou vai chegar atrasado. Você pode fazer isso comigo hoje à noite.

Um delicioso brilho penetrou nos olhos de Drake enquanto ele olhava para o corpo dela, exposto depois que ele puxara o cobertor para se levantar da cama.

— Ah, vou fazer isso e um monte de outras coisas.

Ela estremeceu com a promessa na voz dele, e assistiu, apreciando, quando ele se virou e caminhou, nu, até o banheiro. Ficou deitada na cama muito tempo depois de ele lhe dar um beijo e ir embora, sem querer abandonar o calor do corpo dele que ainda emanava do colchão.

Até que finalmente reuniu coragem, pegou o celular no criado-mudo e buscou o nome de Lana. Começaria por ela e iria alternando. Alguma hora, alguém ia atender. Os dias de folga geralmente começavam devagar por causa da longa noite anterior, então, sabia que ao menos uma delas estaria em casa – se não todas as três.

Respirou fundo, apertou ”ligar” e esperou para ver se Lana iria atender. Para seu espanto, ela atendeu no segundo toque.

— Alô?

O entusiasmo de Evangeline perdeu a força na mesma medida que a paranoia começou a crescer dentro dela, e ela se repreendeu por isso. Lana parecia grogue, como se tivesse sido acordada pelo telefonema. Provavelmente, nem tinha visto quem estava ligando. Eita. Evangeline iria aproveitar ao máximo aquela oportunidade.

— Lana, oi! É Evangeline. Venho tentado falar com vocês. — Houve uma hesitação, e, em seguida, um período de silêncio.

— Vangie?

— Sim, sou eu. Acordei você?

Em silêncio, Evangeline torceu para que Lana não se aproveitasse da desculpa que acabara de dar a ela, e quase deu um soco no ar em comemoração quando a amiga disse que não, Evangeline não a tinha acordado.

— Como você está? — Evangeline perguntou. — Como estão todas? Sinto tanto a falta de vocês. Drake tem uma reunião importante hoje à noite e achei que a gente poderia se reunir, já que vocês estão de folga.

— Er... Vangie, só um segundo, ok?

A linha ficou em silêncio e Evangeline enrugou a testa. Em seguida, ela ouviu uns sons abafados, provavelmente Lana saindo da cama, e então o som de uma porta se fechando. Uma torneira ligada? Ela tinha ido para o banheiro?

A ficha caiu e, com ela, veio medo e uma tristeza profunda. Lana não queria que Steph e Nikki soubessem que estava falando com Evangeline. Fechou os olhos, lágrimas escorreram de suas pálpebras. Por que deveria escolher entre Drake e suas melhores amigas? Por que não poderiam ser felizes por ela e querer seu bem?

— Er... olha, Vangie. Não quero que entenda mal, mas Steph ainda está muito magoada com tudo que aconteceu. Não acho que é boa ideia a gente se encontrar agora. Espere mais algumas semanas. Deixe Steph se acalmar um pouco.

— Por que ela não pode ficar feliz por mim? — Evangeline sussurrou. — Por que vocês não podem ficar felizes por mim?

Lana suspirou.

— Queremos o que é melhor para você. E não temos muita certeza de que esse Drake é o melhor.

— Essa decisão não deveria ser minha?

Lana suspirou de novo.

— Estou apenas dizendo o que está rolando. Você sabe como a Steph é. Ela guarda rancor por um tempão até que esquece. Apenas dê tempo ao tempo.

— Você e a Nikki topariam me encontrar em algum lugar hoje à noite? — Evangeline perguntou, desesperada para salvar algo no meio daquele fiasco completo.

— Essa nem é a questão — disse Lana, uma pitada de impaciência em sua voz. — A gente vai trabalhar hoje à noite. Da abertura até o final.

Evangeline franziu o cenho.

— Mas é o seu dia de folga. Este sempre foi seu dia de folga.

— Não mais — Lana disse, com amargura. — Não depois que você saiu. Estamos com pouca gente e todo mundo tem feito horas extras para cobrir até que a gerência contrate um substituto. E ele está bem felizinho de embolsar esse salário que não está pagando, não tem a menor pressa de contratar alguém novo.

Evangeline fechou os olhos, a culpa e o pesar lutando pela mesma atenção. Apesar de Lana dizer que era Steph que estava guardando rancor e que estava chateada com Evangeline, tinha ficado óbvio que Lana também não estava muito a fim de se reconciliar com ela.

— Lamento ter incomodado você — Evangeline sussurrou. — Vou deixá-la voltar a dormir. Seu turno será longo esta noite.

Antes que Lana pudesse responder, Evangeline deslizou o dedo sobre o botão para terminar a ligação e colocou o telefone em seu peito, imóvel, olhando fixamente para o teto. As lágrimas que haviam ameaçado durante a chamada então caíam livremente, deslizando dos cantos de seus olhos, sobre suas têmporas e em seus cabelos, molhando o travesseiro em que sua cabeça descansava.

Nunca, nem em um milhão de anos, ela teria imaginado que seria uma dessas mulheres que prefere um cara a suas melhores amigas, e era exatamente o que tinha feito. Não podia culpar as amigas por estarem chateadas ou se sentindo traídas. Um dia as coisas estavam normais e, no outro, tudo havia mudado.

— Não me arrependo — ela sussurrou, decidida.

Drake valia a pena. E se Steph, Lana e Nikki fossem amigas de verdade, teriam apoiado Evangeline desde o início. Teriam desejado que ela fosse feliz em vez de ficar presa na mesma vida mundana, sem futuro, que ela levava.

Ficou na cama, olhando para o teto, lamentando a perda de três pessoas que amava muito. Em seu coração, não conseguia culpar as amigas, ou mesmo se ressentir com elas. Evangeline tinha agido de um jeito totalmente estranho. Tinha sido irracional, para ser sincera. As coisas haviam dado certo, mas poderiam ter dado muito errado, de várias formas.

Se uma delas tivesse sido tão impulsiva, Evangeline teria reagido da mesma maneira. Teria lutado e tentado fazer a amiga voltar à razão.

Mas para o amor não há regras. O amor vale qualquer sacrifício. Assim como ela não podia – não iria – culpar as amigas por seus sentimentos,

nunca lamentaria a decisão de ficar com Drake.

Ela o amava.

E ele também gostava dela. Amava? Ela não tinha certeza. Mas sabia que ocupava um lugar muito importante na vida dele. Poderia amá-la? Com certeza. No início, ela teria dito que nunca, nem em um milhão de anos alguém como Drake poderia amar alguém como ela. Mas ele havia provado o que vivia dizendo mais uma vez. Tinha provado que aquelas não eram palavras destinadas a apenas causar um efeito. E não era só sexo porque, Deus sabe, Drake poderia conquistar qualquer mulher que quisesse apenas com o olhar.

Evangeline vira a maneira como as mulheres comiam Drake com os olhos. Expressões abertamente lascivas. Paquera. Convites descarados. No entanto, quando ele estava com ela, era como se outras mulheres não existissem. Sua atenção estava sempre focada em Evangeline.

Virou-se de barriga para baixo e forçou-se a se sentar. Não ia ficar ali, o dia todo desanimada, depois de ser abençoada com um presente precioso como aquele. Drake. Sua vida tinha mudado para sempre na noite em que entrou em Impulse, e pensando bem, ela não mudaria nada daquilo que tinha culminado naquela noite, porque, de outra forma, não teria conhecido Drake.

Ela suspirou. Seus planos para a noite tinham furado. Supôs que precisava encontrar um plano B e informar Drake, que, por sua vez, falaria com Maddox. Por mais que tentasse, nada lhe atraía. Ela não tinha nenhum desejo de sair sem Drake ou sem as amigas.

Drake podia tanto n*ã*o ter aquela maldita reuni*ã*o de neg*ó*cios esta noite.

Parou abruptamente quando saía da cama, a mente correndo na velocidade da luz. Sabia que Drake tinha encomendado um buffet e que receberia seis convidados. Ela poderia deixar esse buffet na lona quando quisesse e deixar os parceiros de Drake de queixo caído com uma refeição suculenta.

Quanto mais pensava nisso, mais animada ficava. Não havia necessidade de Drake encomendar comida fora para aquele encontro, ela poderia organizar um jantar maravilhoso e fazer o papel de anfitriã para ele. Queria deixá-lo orgulhoso, provar que poderia se encaixar em seu mundo sem fazê-lo passar vergonha entre as pessoas com as quais mantinha negócios.

Ela investiria tudo naquela refeição, prepararia algo digno de um restaurante cinco estrelas, e se vestiria com roupas elegantes. Ia, até mesmo, usar as joias caras que ele comprou para ela. As joias que tinha relutado tanto em aceitar. Uma vez que o jantar estivesse servido e que tivesse certeza do conforto e da satisfação de todos, Evangeline desapareceria discretamente, para que pudessem discutir os negócios à vontade.

Mas havia muito a fazer e, se não começasse agora, seus planos não passariam de uma falha épica. O primeiro passo era planejar o cardápio e, depois de tomar banho e trocar de roupa, Evangeline se sentou no bar da cozinha e fez uma lista com todos os itens de que precisaria. Depois, ela simplesmente interfornaria para Edward e pediria que ele providenciasse aqueles ingredientes.

Essa tarefa terminada, ela entrou em seu armário e passou uma hora pensando nas possibilidades de seu guarda-roupa. Não queria exagerar ou parecer que estava tentando impressionar, mesmo que fosse exatamente o que queria fazer. Impressionar Drake. Mas ela queria algo... elegante. Bonito, chique e, ao mesmo tempo, simples.

Por fim, escolheu um vestido de coquetel azul, sem alças, com a saia até o joelho, perfeito. Percebeu, com entusiasmo, que a gargantilha de safira e diamante que nunca usara ficaria linda com o vestido, e poderia usar os brincos de diamante que Drake tinha comprado para ela. Finalizaria o look com o bracelete de diamante e saltos prata. Prenderia o cabelo para exibir bem a gargantilha e os brincos, mas deixaria uns cachinhos caírem sobre o pescoço e as bochechas. Usaria um modelador para fazer anéis bem soltos.

O cérebro dela parou de súbito quando ela se lembrou da mais importante barreira para conseguir fazer aquela surpresa. Maddox. E o fato de que ele deveria levá-la para o apartamento de suas amigas.

Ela franziu o cenho. Pense, droga. Tinha que haver uma maneira.

Espere. Lana tinha dito que todas estavam trabalhando naquela noite. Da abertura até o final, o que significava que o apartamento ficaria vazio, e ela ainda tinha uma chave. Tudo o que precisava fazer era preparar tudo que pudesse com antecedência e só então pedir a Maddox para levá-la ao apartamento. Ele esperaria no carro enquanto Evangeline subia, e ela podia descer pela escada de incêndio, andar alguns quarteirões e pegar um táxi de volta para o apartamento de Drake.

— Você é um gênio, Evangeline! — ela disse, contente.

Seu plano era impecável e totalmente factível. Maddox nunca suspeitaria que ela iria fugir pela escada de incêndio, e ela poderia estar de volta com tempo de sobra para se vestir e terminar os preparativos antes que Drake chegasse com seus convidados.

Feliz por ter se planejado para qualquer imprevisto, separou as roupas que usaria à noite e, em seguida, escolheu um look simples para sair com Maddox. Algo que não atrapalhasse sua descida pela escada de incêndio do sétimo andar.

O resto do dia se arrastou. Evangeline verificava o relógio a cada meia hora, torcendo para o que tempo passasse mais rápido. Soltou um suspiro de alívio quando Edward trouxe pessoalmente os ingredientes que tinha pedido e piscou quando ela pediu, ansiosa, para não comentar com ninguém sobre aquilo. Disse-lhe a verdade, que estava planejando uma surpresa para Drake, e ele pareceu encantado por ter sido incluído no segredo.

Feliz por finalmente ter algo para fazer, arrumou tudo o que pôde de antemão: preparou três aperitivos diferentes e duas opções de molhos para acompanhar. Prepararia a vitela no fogão assim que chegasse em casa do apartamento das amigas.

Preparou os ingredientes para os acompanhamentos e, em seguida, colocou tudo na geladeira. Satisfeita porque o jantar havia sido providenciado e exigiria meia hora no máximo para ser finalizado quando ela retornasse, ela checou o relógio de novo e deu um pequeno gemido. Já eram quatro e meia!

Correu para o quarto e, com pressa, penteou o cabelo, fazendo um coque bagunçado e, em seguida, calçou sapatos slip-on. Depois de uma rápida conferida de cima a baixo no espelho – afinal, estava indo para o apartamento de suas amigas – correu de volta para cozinha só para checar se estava tudo certo, e repassar o menu na cabeça uma última vez para ter certeza de que não tinha se esquecido de nada.

— Evangeline? Pronta para ir? — Maddox chamou, do hall.

A adrenalina disparou nas veias de Evangeline e alguns segundos foram necessários para que ela conseguisse estabilizar seus nervos já tão desgastados. Depois, com calma, respondeu:

— Sim. Deixa eu pegar minha bolsa e já vou para aí.

Respirou fundo quando pegou a bolsa e foi em direção ao hall.

Bem, não foi nada. Com alguma sorte, seus planos correriam na mais perfeita ordem e ela deixaria Drake orgulhoso, fazendo o papel da anfitriã impecável.

29

Evangeline entrou correndo no prédio de Drake, sem fôlego, procurando Edward desesperadamente. Para seu alívio, ele estava no saguão e, quando a viu, foi em sua direção com um sorriso acolhedor no rosto.

— Não tenho muito tempo, Edward. Tenho que correr para o apartamento para conseguir fazer a surpresa. Mas preciso de um favor. Assim como lhe pedi para não falar nada sobre ter comprado os ingredientes, queria que não falasse nada sobre eu estar aqui quando o Sr. Donovan chegar. Se ele perguntar, saí com Maddox às 5 horas e ainda não voltei.

Os olhos de Edward brilharam, mas suas palavras eram solenes.

— Seu segredo está bem guardado, Evangeline. Não vou dizer uma palavra. Prometo.

Ela o abraçou, apertando com força, deixando-o confuso e ofegante.

— Obrigada — ela disse, com fervor. — Agora, se me der licença, não tenho muito tempo.

— Gostaria que ligasse para avisá-la quando o Sr. Donovan entrar no elevador? — perguntou.

Ela nem tinha pensado nisso e achou uma excelente ideia.

— Seria perfeito. Não tinha pensado nisso. Muito obrigada.

— Por nada. Agora, vá em frente para que sua surpresa não seja arruinada.

Ela correu para o elevador e, momentos depois, estava no apartamento. Foi imediatamente para a cozinha e colocou os acompanhamentos no forno. Usou três frigideiras para cozinhar a vitela no fogão. Levaria apenas alguns minutos para aquecer os aperitivos, então, os deixaria para o final.

Depois de ter certeza de que tudo estava quase pronto, correu para o quarto para se trocar e arrumar seu cabelo e a maquiagem. Era meticulosa

e se aprontou com muito cuidado, verificando seu relógio a cada poucos minutos para se certificar de que não atrapalharia o jantar.

Finalmente satisfeita com o resultado final, olhou-se no espelho e seus olhos se arregalaram em choque.

Ela estava... bonita. Sexy até. Tinha feito um olho esfumado e sensual e, nos lábios, tinha escolhido um brilho labial cintilante que não ofuscava o efeito forte de seus olhos. Seus cabelos estavam presos em um nó delicado com cachos frouxos flutuando preguiçosamente por seu pescoço.

A gargantilha e os brincos eram maravilhosos, totalmente de acordo com as mulheres elegantes que costumavam acompanhar Drake. E o vestido se encaixava perfeitamente nela, acentuando suas curvas. Pelo menos ali, não reclamou sobre o que considerava suas imperfeições, porque naquela noite ela estava suave e feminina.

O vestido se estendia até a parte superior de seus joelhos e os saltos faziam suas pernas parecerem mais longas e atraentes.

Fechou a última joia, o bracelete em seu pulso, e borrifou, de leve, seu perfume favorito no pescoço e nos pulsos, e respirou fundo. Não demoraria muito para que Drake chegasse com seus parceiros, e ela queria estar lá para cumprimentá-los e fazer o papel da anfitriã graciosa.

Tinha providenciado uma grande variedade de vinhos finos e os licores mais caros para acompanhar os aperitivos divinos que ela planejava dispor artisticamente em bandejas de prata. Ia verificá-los naquele momento e, quando Edward ligasse para dizer que Drake tinha chegado, colocaria as entradas na mesa de café na sala de estar, para que os homens pudessem relaxar enquanto ela terminava o jantar e arrumava a mesa.

Dando uma última olhada no espelho, ela sorriu, satisfeita com sua aparência e ansiosa para ver a aprovação nos olhos de Drake ao perceber como ela tinha se esforçado para receber seus convidados.

Estava tremendo de emoção quando saiu do quarto e voltou para a cozinha para verificar os acompanhamentos e o progresso da vitela no fogão. Cheirou os deliciosos aromas que enchiam o apartamento, aliviada porque nada parecia ter passado do ponto ou queimado.

Abriu o forno para ver os acompanhamentos já borbulhando, e, em seguida, virou a vitela para que ambos os lados ficassem iguais. Depois, colocou os molhos para aquecer, mexendo de vez em quando para que não queimassem.

Sua pulsação aumentou, e ela ficou um pouco aturdida quando viu o botão do interfone se acendendo e ouviu a voz de Edward.

— O sr. Donovan e seis de seus parceiros estão subindo.

— Obrigada, Edward — ela disse, com sinceridade. — Fico muito grata a você por fazer isso por mim.

— Não precisa agradecer. Só estou fazendo meu trabalho. E cuidar de suas necessidades é uma grande satisfação.

Evangeline equilibrou as três bandejas cheias de aperitivos feitos com habilidade – afinal, tinha sido garçonete em um bar movimentado – e rapidamente as colocou na sala de estar. Depois, se virou e subiu os degraus em direção ao hall.

Evangeline alisou seu vestido e, em seguida, afastou-se um pouco das portas do elevador para poder cumprimentar as pessoas e, principalmente, ver a aprovação e o orgulho nos olhos de Drake quando ele percebesse o esforço que ela tinha feito para ser útil a ele, e como, cumprindo o que prometera, sempre cuidaria dele e o protegeria. E... queria que ele tivesse orgulho dela e nunca lamentasse a decisão de tomá-la para si.

***

Foram necessários anos de aperfeiçoamento daquela persona impenetrável que permitia a Drake participar de conversas que iam desde o aleatório até o obsceno com os “parceiros de negócios”, como aqueles que ia receber naquela noite, em casa, e já estavam no elevador. E realmente dar a impressão de que ele dava alguma importância sobre o que tinham a dizer.

Ele raramente recebia alguém em casa. Geralmente, optava por uma das muitas salas em escritórios e prédios que possuía, ou uma sala reservada em um restaurante caro. Ou, dependendo do parceiro de negócios com quem se reuniria, eles simplesmente se encontravam na Impulse e ocupavam a suíte VIP premium com vista para a pista de dança, já que Drake nunca permitia que alguém em quem não confiava de antemão entrasse em seu escritório na boate.

Antes de Evangeline, era simplesmente uma questão de não querer que seu espaço privado fosse invadido, mas agora ele sentia como se estivesse contaminando tudo, trazendo tamanha sujeira para a casa de Evangeline.

Mas algumas questões não permitiam que houvesse espaço ou margem para erro. Nenhuma chance de ser ouvido, mal compreendido ou, neste caso, de ser visto em um lugar público juntos.

Graças a Deus ele teve a ideia de tirar Evangeline dali, porque enquanto Drake podia controlar suas feições, mascarar seus pensamentos e não deixar nada do que estava sentindo ser refletido por seus olhos, com seu anjo por perto, para ele seria tão fácil permanecer indiferente quanto seria para ela não ser nem honesta e nem sincera em suas palavras e expressões. E a maior força de Drake, a razão pela qual era invencível, era que não tinha fraquezas para os seus inimigos explorarem.

Até agora. Até Evangeline.

Se soubessem que Evangeline era sua maior e *ú*nica fraqueza, ela com certeza seria usada para derrubá-lo, porque se antes ele não negociava nunca – não tinha nenhuma razão para isso – agora não havia nada que não faria, não sacrificaria para mantê-la segura.

O mero pensamento de que seu anjo estava ferido ou contaminado por causa dele fazia todas as partes da sua alma tremerem de medo, e ele era um homem que não temia nada e ninguém.

— Top esse apê, Donovan — disse um dos homens quando chegaram ao último andar.

Drake lhe deu um sorriso preguiçoso e disse:

— Apenas o melhor. A única maneira de viver.

— Isso aí — outro concordou.

As portas do elevador se abriram e Drake parou, de repente. Choque e pavor congelaram suas veias quando viu Evangeline de pé no final do saguão, um sorriso tímido e acolhedor no rosto, tão incrivelmente linda que, por um momento, ficou sem palavras.

Ai, Deus. Não. Aquilo não estava acontecendo. Que porra era aquela? Ia matar Maddox. Aquilo não podia estar acontecendo. N*ã*o estava acontecendo. Só podia estar imaginando aquilo, a presença dela, mas um assobio engraçadinho atrás dele confirmou que aquele anjo em sua frente era muito real. Assim como o mal ao qual ele prometera nunca expô-la.

— Isso sim é top — um dos homens disse. — Você estava regulando para gente, Drake.

— Não me importaria em ter um pouco disso — disse outro, tosco, enquanto os outros riam.

— Ei, Donovan. Ela faz parte da recepção que preparou para nós? Porque preciso dizer, você sabe mesmo fazer uma festa boa do caralho.

Evangeline corou, embaraço e perturbação obscurecendo seus olhos. A incerteza e o medo brilharam em sua expressão. Mas então levantou a

cabeça e, com calma, se recompôs e começou a caminhar, um sorriso reconfortante de volta ao seu rosto.

— Boa noite, senhores. Me acompanhem até a sala de jantar. Há aperitivos e bebidas. O jantar estará pronto e em breve.

— Espero que ela seja a sobremesa — um deles murmurou, com a voz grave.

Drake sentiu um aperto no coração e desolação se instalou em cada um de seus ossos porque ele sabia o que precisava fazer. Não tinha escolha. E ele nunca teve tanto ódio de si quanto naquele momento.

Evangeline tinha decidido bancar a anfitriã e tinha ido fundo naquilo. Para ele. Porque queria tanto deixá-lo feliz e orgulhoso dela, e mostrar que ele era importante para ela.

Estava tão linda que o deixou sem fôlego. Estava até usando as joias que ele lhe dera – presentes que tinha recebido com bastante desconforto, porque não queria que ele pensasse, por um segundo sequer, que ela queria alguma coisa que não fosse ele, e sim os bens materiais que ele lhe dava. Estava vestida impecavelmente, como se quisesse deixá-lo orgulhoso. Digna dele, quando era ele quem não era de modo algum digno dela.

E ele estava prestes a destruir o presente mais precioso que já teve, porque não tinha outra escolha.

— Que diabos está fazendo aqui, puta? — ele rosnou. — Você não entende as ordens que recebe? Se eu quisesse que minha prostituta do dia se vestisse para brincar de anfitriã no meu apartamento, certamente teria escolhido uma com mais classe e com um mínimo de inteligência para obedecer a ordens simples.

Os olhos de Evangeline se arregalaram com choque e desolação. Ela ficou imóvel como uma estátua, as lágrimas se acumulando em seus olhos, seu rosto corado de humilhação.

— Não cozinha merda nenhuma. Pensou mesmo que eu me envergonharia deixando você servir meus parceiros de negócio, se já pedi comida em um dos restaurantes mais sofisticados da cidade?

Lágrimas escorreram pelas bochechas dela, a maquiagem de seus olhos manchando seu rosto, desenhando nele duas faixas escuras.

— Maldita inútil que não consegue nem seguir ordens simples — repetiu, com um grunhido. — Fique de joelhos — ele mandou. — Agora! — Quando ela hesitou.

Tremendo e quase caindo, ela caiu de joelhos, sem jeito, e tremeu quando entraram em contato com o duro chão de mármore italiano.

Drake caminhou para a frente, pegou em seu zíper, abriu sua calça e, lá de dentro, puxou seu pênis, flácido.

— Chupa meu pau! Quero ver você me fazer ficar duro e engolir cada gota de porra.

Ela ergueu o olhar, a traição e uma desolação total deixando seus olhos nublados. Drake enfiou a mão de um jeito bruto em seus cabelos e puxou o coque elegante que ela tinha feito até que seu cabelo caísse sobre o pescoço.

— Abra a boca!

Os lábios de Evangeline tremiam e o medo substituiu o constrangimento e a vergonha.

Medo. A única coisa que ele tinha jurado que nunca a faria sentir.

Ele não foi carinhoso. Não podia se dar ao luxo de ser. Assim que os lábios dela se abriram, enfiou o pau até o fundo da garganta dela, fazendo-a engasgar e quase vomitar.

— Nem um boquete decente sabe fazer — ele disse, com desgosto.

Ele segurou sua cabeça com um aperto rude, e começou a foder sua boca com uma força que nunca tinha usado antes com ela.

Sabendo que não havia chance de ele gozar porque não tinha prazer algum na brutalidade a que estava sujeitando Evangeline, disse, em uma voz cruel:

— Engula tudo! Se derramar uma gota, vou puni-la de um jeito que não conseguirá se sentar por uma semana.

— Por que está fazendo isso? — ela sussurrou, em lágrimas, baixo o suficiente para que os outros não pudessem ouvir.

— Porque me desobedeceu.

Uma derrota completa se refletiu no corpo e no rosto de Evangeline, ela ajoelhada, suportando, roboticamente, o tratamento ríspido que Drake estava lhe dando.

Mas o que acabou com Drake foi o fluxo sem fim de lágrimas que ela deixava cair, e ele agradeceu o fato de os homens estarem atrás dele e não poderem ver a angústia em seu rosto. Angústia que nem mesmo Evangeline percebeu, porque sua mente já não estava ali, apenas seu corpo, tomado de entorpecimento.

Ele se odiou mais do que achava possível odiar alguém. Mais do que odiava sua mãe e seu pai. Depois de foder a boca dela por um tempo em que seria crível que tivesse gozado, mandou que ela engolisse e lambesse cada gota. Então ele a levantou bruscamente e empurrou-a para a cozinha.

— Jogue fora toda essa merda que cozinhou e limpe cada panela, frigideira e utensílio. Depois recolha e jogue no lixo tudo que colocou na sala. Daqui para frente, fique longe da minha cozinha e do meu negócio. A *ú*nica área permitida a você é o quarto. E fique sabendo que, quando eu voltar, será severamente punida por desobedecer uma ordem direta, uma que não tinha jeito de ter entendido errado.

Drake hesitou, odiando-se cada vez mais com cada uma das palavras abominosas e desprezíveis que saia da sua boca.

— Qual é o seu trabalho, puta? Qual é o único trabalho que você tem?

— Ob-Obedecer — ela respondeu, com a voz embargada.

— Uma única tarefa e nem isso você consegue fazer — ele disse, fingindo desgosto.

Então Drake se virou para os homens que o acompanhavam, enojado por eles estarem visivelmente excitados pela humilhação de Evangeline e por ele ter feito ela pagar um boquete na frente deles. Ele queria vomitar.

— Vamos a algum lugar onde possamos conseguir uma refeição decente. Peço desculpas pela óbvia inépcia de minha prostituta estúpida.

Foi em direção à porta do elevador e, no caminho, virou-se para trás, a expressão tão fria e assustadora quanto poderia ser.

— Quando eu voltar, quero esse lugar impecável, e você nua na cama, pronta para receber o seu castigo. E não terei misericórdia.

Evangeline ficou ali, em choque, olhando fixamente para as portas fechadas do elevador por vários minutos após a partida abrupta de Drake. Olhou para si mesma, lágrimas escuras, manchadas de maquiagem, caindo no chão.

Bonita? Sensual? Elegante?

Ela estava se enganando e Drake tinha pregado uma das maiores peças da história, porque tinha feito ela sentir todas essas coisas.

In*ú*til. Prostituta. Vaca.

As palavras que ele usou para descrevê-la ecoaram repetidamente em sua cabeça, até que a raiva finalmente a despertou do entorpecimento que a envolvia por causa do choque. Foi em direção à cozinha como um robô, treinado para seguir as ordens de Drake, mas ainda tremia muito. Arrancou

os saltos de seus pés e os arremessou para a sala de estar, na direção da mesa de café e das bandejas que tinha preparado com tanto cuidado. Acertou em duas garrafas de vinho e duas de licor, que caíram da mesa, e ela ficou satisfeita ao ouvir o ruído de vidro quebrando.

Invadiu o quarto, arrancando e rasgando seu vestido até que conseguisse se libertar. Com as mãos trêmulas, removeu cada peça de joia que ele tinha comprado para ela e as jogou na cama.

Então, caiu no chão de joelhos, vestindo apenas calcinha e sutiã. Soluços crus, barulhentos, escalavam sua garganta até saíram pelos seus lábios, era o som de um sofrimento terrível.

Ser*á* punida severamente.

Não, inferno, não! Para o inferno com Drake. Para o inferno com todas as mentiras que ele uma vez alimentou para fazê-la se sentir bem, só para a deixar no chão depois.

Sentindo-se como uma mulher velha e decrépita, ela rastejou até o armário e revistou até encontrar um par de jeans e uma camiseta. Drake tinha jogado fora todas as suas roupas antigas quando ela fora viver com ele; caso contrário, ela não levaria nada do que ele tinha dado a ela. Fez uma mala com três calças jeans, um vestido leve que pudesse usar para procurar emprego e dois pares de sapatos.

O resto ela deixou pendurado, ainda com as etiquetas. Depois, percorreu todo o quarto, removendo, sistematicamente, todo e qualquer sinal de que já estivera naquele lugar. Foi de cômodo em cômodo, jogando fora ou simplesmente destruindo qualquer possível lembrança de si mesma que Drake pudesse ver.

E então, lembrou-se da refeição em que tinha trabalhado tão intensamente. Torceu para que tudo tivesse queimado e virado uma gororoba carbonizada.

Depois de levantar as bandejas de prata e despejar os aperitivos sobre o sofá, a cadeira e o chão para acompanhar as garrafas quebradas, foi para a cozinha e despejou cada frigideira e assadeira no chão.

— Vá para o inferno, Drake Donovan. Te dei tudo e isso é o que recebo em troca. Espero que apodreça no inferno, que é o seu lugar. Eddie pelo menos foi honesto.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Evangeline. Desceu de elevador para encontrar um Edward preocupado, que correu para apoiar seu cotovelo.

— Senhorita Hawthorn — ele disse, esquecendo, com a pressa, toda a familiaridade, como se tivesse virado um estranho de repente, da mesma forma que Drake.

Ela explodiu em um acesso de choro e tentou se desviar dele.

— Por favor, Evangeline. Me diga o que aconteceu. O sr. Donovan retornou pouco depois de subir e parecia muito bravo. Você está bem?

— Nunca vou ficar bem — ela disse, sem rodeios, lágrimas escorrendo livremente pelo seu rosto.

— Deixe eu te ajudar, por favor. Diga-me o que posso fazer.

Percebendo que o velho homem estava genuinamente preocupado e alheio a tudo o que tinha acontecido, ou pelo menos não tinha recebido ordens de ignorá-la, Evangeline parou.

— Preciso sair daqui — ela disse, desesperada.

— Claro. Devo ligar para um dos homens do Sr. Donovan vir te atender?

— Não! — ela gritou. — Preciso de um táxi e preciso que nunca diga a ninguém, principalmente para Drake e seus homens, que me viu e que me ajudou, ou receio que seu trabalho estará acabado, assim como eu estou.

Compaixão suavizou os olhos dele enquanto a guiava para a porta.

— Para onde devo pedir o que o táxi a leve? — perguntou, gentilmente.

Evangeline deixou os ombros caírem e passou a mão pela bagunça de seu cabelo, sabendo que devia estar horrível com aquela maquiagem escorrendo e o penteado destruído.

— Não tenho lugar para ir — ela sussurrou, consciente de que não poderia ir para o apartamento das amigas. Não conseguiria aguentar o "Eu falei", e também não queria que tivessem pena dela. Não acreditava que apenas horas atrás ela acreditava que estava correta por ter preferido ficar com Drake a ouvir o que as amigas tinham a dizer. Como poderia encará-las de novo? E, mesmo que se sentisse bem-vinda com elas, ali seria o primeiro lugar em que Drake a procuraria. Ainda que tivesse a intenção de dispensá-la – e ela não tinha dúvidas de que tinha – provavelmente ia caçá-la, para ao menos lhe dar sua punição, e, em seguida, falar na sua cara que não a queria mais. Por que deixar passar outra oportunidade de humilhá-la mais um pouco? Melhor ainda se for na frente das amigas. Que se foda. Sua mãe perdoaria as obscenidades, dadas as circunstâncias.

Mas o que mais ele poderia fazer com ela depois do que tinha feito? Tinha perdido seu orgulho, envergonhada demais e mais humilhada do que tinha se sentido com Eddie. Nunca mais seria a mesma. Drake a havia

destruído completamente e não restava nada além dos pedaços quebrados de sua dignidade. Para o inferno com tudo. Nunca confiaria em outro homem enquanto vivesse.

A boca de Edward se apertou em uma linha irritada e ele a escoltou para fora do prédio e, então, para o lado da rua, onde fez sinal para um táxi que esperava ali.

— Minha irmã é gerente de um hotel no Brooklyn. Não é nada de muito chique, mas vou ligar para ela e avisá-la para esperar você. Ela vai providenciar um lugar para você ficar pelo tempo que precisar, até que decida aonde ir.

Ela olhou para Edward, os traços dele borrados por trás do brilho das lágrimas.

— Não posso deixar que você ou ela façam isso, Edward. Não tenho dinheiro para um hotel. Pelo menos, não para mais de uma noite, até encontrar um emprego.

Com das mãos, ele pegou as dela. Abriu a porta de trás do táxi e, com carinho, a colocou lá dentro.

— Não se preocupe com isso — ele a tranquilizou. — Minha irmã vai cuidar de tudo.

Então, tirou do bolso várias notas e as entregou ao motorista, dando-lhe o endereço para o hotel no Brooklyn.

— Adeus, Evangeline — Edward disse em uma voz suave, seus olhos cheios de compaixão.

— Foi realmente um prazer te conhecer. Desejo tudo de melhor para você.

Quando o táxi se afastou, Evangeline enterrou o rosto em suas mãos e explodiu em uma torrente de lágrimas.

30

O jantar foi infernal para Drake. A fachada que ele usou, tão arrogante, quando subiu o elevador com os homens com quem faria "negócios" em seu apartamento, tinha sido completamente destruída. Só conseguiu ficar ali sem mandar todos se foderem porque se agarrou com unhas e dentes ao que restava de sua indestrutível força de vontade.

Dessa forma, quando um dos homens riu e deu tapinhas nas costas dele em uma sala reservada em um dos restaurantes que frequentava, e disse: Belo show, Drake. Nunca se pode esquecer de fazer uma mulher lembrar de seu lugar no mundo, Drake quase espancou o sujeito.

O lugar de Evangeline no mundo? De alguma forma, sem que ele sequer percebesse, ela havia se tornado seu mundo. Já não podia imaginar seu mundo sem aquele sorriso doce e generoso, sem aquela determinação cativante para cuidar dele e para lembrá-lo sempre de que alguém se importava com ele. Exatamente como nesta noite, merda!

Não conseguia fazer com que a visão dos olhos dela desolados parasse de se repetir em sua cabeça, como um clipe. As lágrimas e o medo dela. Dele, porra. Ele, que havia jurado que nunca lhe daria qualquer razão para temê-lo, que ela sempre estaria segura com ele e que a protegeria acima de tudo. E a ideia de que tinha tratado Evangeline muito pior que aquele merda do ex-dela era mais do que podia aguentar.

Mas não conseguia reagir. Não podia correr com o jantar para voltar logo para casa e pedir perdão de joelhos para ela. Um perdão que ele não merecia. Porque então esses homens saberiam exatamente o que Evangeline significava para ele e usariam de todos os meios disponíveis para chantagear e extorquir tudo o que pudessem dele.

Drake era uma fonte inesgotável de frustração para seus inimigos e adversários porque não tinha fraquezas. Por isso, não tinham como tocá-lo, machucá-lo, e o temiam porque ele era implacável e eliminava qualquer

coisa que ameaçasse a si ou aos seus interesses comerciais. Sem contar que vivia cercado por homens de confiança, que dariam suas vidas para proteger Drake e eram tão temidos quanto ele.

Mas eles magoariam Evangeline sem titubear e sem nenhum remorso. Eles a usariam como um trunfo e não ligariam a mínima se a destruíssem – e a ele também – no processo. Se aproveitariam da oportunidade de derrubar Drake e seu monopólio em inúmeros negócios.

E Drake nunca se perdoaria se Evangeline fosse machucada, ferida ou morta por causa dele. Nunca poderia viver sem ela. E a merda era que, apesar de só estar admitindo agora, ele já sabia disso há bastante tempo. Apenas não conseguia dizer a verdade a si mesmo, porque o tornava fraco e vulnerável.

Como fazê-la entender?

Tinha acabado de destruir algo superprecioso e cagado em cima da confiança incondicional e da fé que ela tinha tão generosamente depositado nele sem nenhuma garantia, sem impor condições, embora Deus sabe, ele nunca dera a ela nenhuma razão para fazê-lo. Ele só tinha tirado dela, e nunca tinha lhe dado nada que realmente importasse. Pelo menos, não para ela. Dar coisas caras para ela era como dar ossos para um cachorro, e tudo que ela queria era aquilo que ele não tinha coragem de entregar. Acesso irrestrito ao seu coração. Era um covarde do caralho, que não era digno nem de lamber os sapatos dela.

Um dos homens olhou para Drake, cujo comportamento, frio e calmo, mascarava o tumulto interior diferente de tudo o que já experimentara na vida.

— Que bunda gostosa você tem ali no seu apartamento, Donovan. Eu com certeza não daria a mínima se aquela vadia sabe cozinhar ou não.

Os outros riram e concordaram com a cabeça.

— Não me importaria de experimentar aquilo por um tempo. Se der o pé na bunda dela, me avise, tá? E se não dispensá-la por agora, me avise quando o fizer, para eu chegar nela e dar umazinha.

Drake sorriu, ainda que, por dentro, estivesse borbulhando de ódio.

— Ela tem vários outros talentos, se é que me entende, o que compensa a falta deles em outros departamentos. Por enquanto, estou me divertindo com ela, mas vou me lembrar da sua oferta e, quando me cansar, e as qualidades pararem de superar os defeitos, ela será toda sua.

Drake odiava cada palavra. Só de se referir a Evangeline com tanta falta de respeito e falar, como se não fosse nada, de passá-la a outro homem como uma geladeira usada, ficava enojado. Só conseguia pensar nos olhos de seu anjo quando a acusou e humilhou na frente dos outros. Como ele passara tanto tempo elevando-a, construindo sua confiança depois do que seu ex fizera com ela. E agora, em apenas alguns minutos, tinha destruído completamente tudo o que tinha trabalhado para conseguir e devolver a ela.

E o que ele tinha feito com ela tinha sido muito pior do que o que aquele merda tinha feito. Porque ela confiava em Drake. Ela acreditava nele, tinha fé nele, sem reservas. Sem condições, estipulações. Tinha dado a ele e somente a ele um presente precioso: ela mesma. Tinha dado a ele o que nunca tinha dado a outro homem e ele tinha cagado em cima disso tudo, e sobre ela.

Ele queria vomitar. Teria um monte de explicações a dar e muito chão para rastejar quando chegasse em casa. Ficaria de joelhos. Faria algo que tinha jurado que nunca mais faria: implorar. Qualquer coisa para Evangeline perdoá-lo e voltar a confiar nele. Porque, para o resto de sua vida, não ficaria um dia sem se lembrar da humilhação e dor desta noite, as lágrimas riscando aquele lindo rosto enquanto ele a destruía na frente de outros, que ficaram ali olhando, divertindo-se – e aprovando.

— Agora, se pudermos começar a trabalhar e deixar para lá algo tão sem importância como a minha gostosa do dia — disse Donovan, ácido.

Os outros pararam com as brincadeiras e suas expressões ficaram mais sérias. O líder, chefe da família Luconi, inclinou-se para a frente, sua voz grave.

— Está disposto a apoiar nossa tomada do Vanuccis?

— Depende — Drake respondeu.

Não tinha a menor chance de ele fazer negócio com homens que demostraram um desrespeito tão flagrante para com Evangeline, ainda que fosse o cúmulo da hipocrisia, já que Drake é que tinha provocado tudo aquilo. Mas ele poderia fazer parecer que alguém da família Luconi estava passando informações para os Vanuccis, o que, por sua vez, iniciaria uma guerra entre as duas famílias rivais, resultando na eliminação de dois problemas para Drake.

— Diga seu preço, Donovan — Luconi disse, com gravidade. — Seu nome tem muito peso. Se estiver ligado a nós de alguma maneira, os

Vanuccis não vão nem querer brigar, porque a última coisa que querem fazer é irritar você.

— Vou pensar sobre sua proposta — Drake disse, fingindo que ia pensar seriamente sobre o assunto. — Vou mandar um de meus homens entrar em contato com você em alguns dias para discutir os termos. Quando os Vanuccis ficarem sabendo do nosso encontro, virão até mim com uma oferta também, por isso, é bom que sua proposta seja alta.

O velho Luconi estreitou os olhos, encarando Drake.

— Como diabos eles saberiam que nos encontramos, a menos que dissesse a eles?

Drake riu com desdém.

— Você é um tolo, meu velho. Se acha que os Vanuccis não têm um homem dentro de sua organização para informar cada passo seu, ainda que seja cagar, você não é tão inteligente como eu achava.

Já estava plantando uma semente de dúvida para quando de fato vazasse a informação para os Vanuccis, instigando assim um banho de sangue entre as duas famílias do crime organizado.

Para o alívio de Drake, as entradas finalmente chegaram. Ele comeu rapidamente, mal sentindo o sabor do que estava a sua frente. Fez questão de não verificar seu relógio para ver quanto tempo tinha passado, porque ele queria aqueles filhos da puta fora dali, mas eles pareciam estar se divertindo.

Não eram estúpidos. Fazia questão de nunca subestimar seus sócios ou seus inimigos. Não tinha dúvida de que estavam se demorando e observando de perto Drake e suas ações, para que pudessem determinar exatamente qual era a sua relação com Evangeline.

Por isso, foi Drake quem sugeriu que eles fossem tomar um drinque depois que terminassem o jantar, deixando na mão deles a decisão de acreditar que ele não tinha pressa ou que estava apenas tentando disfarçar um blefe.

Felizmente para ele, uma vez que discutiram os Vanuccis em profundidade e tentaram obter um compromisso de Drake no local, os Luconi desistiram e deram-se por satisfeitos. Saindo do restaurante, cada um seguiu seu próprio caminho, enquanto Drake usou a porta de trás, como se nunca estivesse estado ali naquela noite.

Ligou para seu motorista e pediu que o pegasse a dois quarteirões do restaurante. Entrou com pressa no carro e o instruiu a chegar em casa o

mais rápido possível. Seu motorista, sem pestanejar com o pedido, pisou fundo na mesma hora, e Drake fechou as mãos em punhos apertados durante todo o interminável caminho até lá. Xingou cada semáforo, mas seu motorista percorria as ruas com habilidade, furando cruzamentos que não tinham muito movimento. Quando finalmente chegaram, Drake saiu e começou a correr antes que o carro tivesse encostado para estacionar.

Pegou o elevador expresso que só atendia a sua cobertura e a entrada do prédio, rezando durante todo o percurso para que Evangeline ao menos olhasse para ele, e quem sabe ouvisse o que tinha a dizer.

Deus, que ela seja doce, generosa e perdoe uma última vez, e ele nunca mais lhe daria razão para duvidar dele.

Assim que as portas do elevador se abriram, ele correu para dentro do apartamento gritando o nome dela. Estremeceu quando viu a confusão na cozinha, o conteúdo do que parecia ser um extenso menu jogado no chão, frigideiras e panelas espalhadas pelo bar, no fogão e no chão, junto com a comida.

Quando passou pela sala de estar a caminho do quarto, seu pavor só aumentou quando viu as bandejas de prata com aperitivos espalhados por todo o cômodo, licor e garrafas de vinho quebradas e enormes manchas úmidas em seus móveis e tapete.

Sem dar atenção a isso, chegou no quarto, preparado para implorar, de joelhos, que ela o perdoasse. Tinha um monte de explicações a dar, e essa explicação levaria a perguntas que ele não estava preparado para responder sem medo de afastá-la. Se é que já não tinha feito isso.

Mas Evangeline não estava em lugar algum. Todas as joias com as quais ele a presenteou, incluindo as peças que ela havia usado naquela noite, estavam espalhadas em sua cama, e o que restou do vestido estava espalhado, em pedaços, no chão. Quando checou o armário, viu que estava cheio, mas faltava uma calça jeans, algumas blusas e um par de tênis. Principalmente, uma mala pequena não estava mais ali.

Drake caiu de joelhos, o peito tão apertado que parecia estar sendo esmagado.

Seu pior pesadelo tinha virado realidade. Ela tinha ido embora. Ele a tinha afastado. Ele a tratou de um jeito desprezível.

Desde a sua infância não sentia tanta desolação e desespero impotente. Mas aquilo, aquilo era culpa dele. Tinha feito o impensável. Não era a

vítima ali. Evangeline é que era. Seu doce e inocente anjo, cujo único crime era amá-lo e querer cuidar dele e mostrar-lhe que era importante.

E ele retribuiu aceitando seus agrados e atirando-os em sua cara da maneira mais desprezível que um homem poderia para machucar a mulher de que gostava.

Enterrou o rosto nas mãos, agonia crua arranhando suas entranhas.

— Fodi com tudo, Angel. Mas vou atrás de você. Que Deus me ajude. Sei que falhei. Eu te decepcionei. Mas, droga, n*ã*o vou deixar você escapar. Nunca vou deixar você escapar. Vou lutar por você até o fim. Não posso viver sem você — ele sussurrou. — Você é a única coisa boa na minha vida. O único sol que já tive em uma vida mergulhada em cinza. Não posso viver sem você. Você é minha única razão para viver. Tem que voltar para casa, porque sem você, eu não tenho – eu não sou – nada.

Caros leitores,

Originalmente, quando o livro Submissa foi encomendado, junto com os livros dois e três da série Enforcers, a história de Drake e Evangeline só deveria ocupar um livro, já que o livro dois seria sobre Justice e o três sobre Silas.

Mas, uau! A história de Drake e Evangeline se tornou tão... grande e avassaladora, que quando cheguei a mais de cem mil palavras, percebi que estava apenas no meio dessa épica história de amor.

Então, depois de discutir o problema com meu editor, ambos sentimos fortemente que seria um enorme desserviço à história se cortássemos longos trechos e eliminássemos cenas só para conseguir atender uma contagem de palavras que permitia apenas a metade da história planejada. Decidimos dividir a história deles em duas partes: Submissa, que é a primeira, e Dominated, que é a segunda.

E, mesmo depois de dividir a história deles em dois volumes, a contagem de palavras para ambos os livros será alta e, quando terminar, os dois volumes serão, de fato, o equivalente a três de meus livros "normais".

Espero que gostem da jornada de Drake e Evangeline até o "felizes para sempre" e sigam acompanhando o passeio até "o fim", em Dominated.

Isso é novo para mim. Nunca tinha acontecido em toda a minha carreira, então estou tão surpresa quanto qualquer um de vocês, acreditem em mim! Mas eu não quero enganar os personagens ou você, leitor, dando-lhe uma história diluída, menos apaixonada e desoladora só por causa da contagem de palavras. Não seria justo com ninguém.

Muito amor sempre. Vocês são todos muito queridos ao meu coração.

Maya Banks

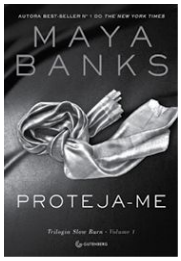
LEIA TAMBÉM A SÉRIE SLOW BURN

PROTEJA-ME
Maya Banks
Tradução de Marcelo Salles

Quando a irmã do magnata Caleb Devereaux é sequestrada, ele não vê outra alternativa senão procurar a ajuda da enigmática jovem Ramie St. Claire.

O que o poderoso homem não imaginava é que, ao encontrá-la pela primeira vez, os dois ficariam reféns de suas emoções.

Em uma eletrizante história repleta de suspense e tensão, Caleb fará tudo para proteger Ramie e os dois serão levados a experiências inimagináveis, enquanto percorrem os caminhos sinuosos de um romance quente e arrebatador.

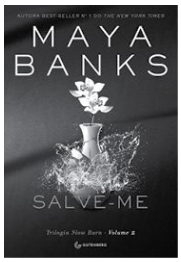


SALVE-ME
Maya Banks
Tradução de Marcelo Salles

Abandonada quando bebê e adotada pelo jovem e rico casal Gavin e Ginger Rochester, Arial cresceu em um mundo de privilégios. Sua única ligação com o passado é algo que a distingue de todos os outros: seus poderes telecinéticos. Protegida por seus pais adotivos para manter seu dom em segredo, Ari cresce no colo do luxo, mas também do isolamento. Até que, quando jovem, alguém começa a ameaçar sua vida...

Beau Devereaux é um homem frio, rico e poderoso, CEO da DSS, empresa de segurança criada pela família após todos os sinistros acontecimentos com o irmão Caleb e a cunhada Ramie. Beau é mais que familiarizado com as realidades de poderes psíquicos. Assim, quando Ari o procura, dizendo que seus pais haviam desaparecido e que ela precisa de proteção, ele se prontifica a ajudar. O que Beau não está preparado é para a extensão de sua atração por sua bela e poderosa cliente.

O que começou apenas como mais um trabalho, rapidamente se transforma em algo pessoal, e Beau descobre que é capaz de qualquer coisa para proteger Ari. Mesmo que isso lhe custe a vida.

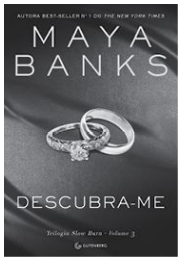


DESCUBRA-ME
Maya Banks
Tradução de Marcelo Salles

Há 12 anos, Zack perdeu o amor de sua vida. Sem saber se Gracie morreu ou se o abandonou, ele procura qualquer pista sobre o seu paradeiro, tentando pôr um fim ao tormento. Sua carreira no futebol americano foi deixada de lado, pois nada teria mais importância do que descobrir o motivo de Gracie ter desaparecido. Empregado pela DSS, a empresa de segurança dos irmãos Devereaux, Zack se torna o braço direito de Caleb e Beau, atento a qualquer informação que o desperte do seu pior pesadelo e traga de volta a sua felicidade.

Há 12 anos, Anna-Grace foi traída pelo homem que havia jurado jamais lhe fazer mal. Escondendo um passado terrível enquanto se mantém sob a proteção do poderoso Wade Sterling, ela quer apenas permanecer longe de todas as memórias que a destruíram por completo: esquecer o homem que a arruinou e que ela um dia havia amado.

Anna-Grace quer esquecer que um dia amou Zack.



Copyright © 2015 Maya Banks
Copyright © 2017 Editora Gutenberg
Título original: Mastered
Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.
EDITORA*Silvia Tocci Masini*

EDITORAS ASSISTENTES *Carol Christo Nilce Xavier*

ASSISTENTE EDITORIAL*Andresa Vidal Vilchenski*

PREPARAÇÃO*Nilce Xavier*

REVISÃO*Andresa Vidal Vilchenski*

REVISÃO FINAL
Sabrina Inserra

CAPA
Carol Oliveira (Sobre a imagem de Imageman [shutterstock])

DIAGRAMAÇÃO
Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Banks, Maya

Submissa / Maya Banks ; tradução Isabela Noronha. -- 1. ed. -- Belo Horizonte : Gutenberg Editora, 2017. -- (Série The Enforcers ; v. 1)

Título original: Mastered

ISBN 978-85-8235-448-3

1. Ficção erótica 2. Ficção norte-americana I. Título II. Série.

17-03849 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:1. Ficção : Literatura norte-americana 813

A **GUTENBERG** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I 23º andar . Conj. 2301 . Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034 4468
www.editoragutenberg.com.br

Belo Horizonte
Rua Carlos Tuner, 420 Silveira . 31140-520 Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro
Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ Tel.: (55 21) 3179 1975


FILIPE VILICIC
O CLUBE
DOS
YouTubers
Como ícones rebeldes construíram o maior fenômeno da internet e se tornaram os principais influenciadores da juventude brasileira
GUTENBERG

O clube dos youtubers

Vilicic, Filipe
9788582356029
240 páginas

Compre agora e leia

Como jovens – e alguns adultos – rebeldes, incomodados com suas vidas, criaram o maior fenômeno da internet? Nos últimos 10 anos, os youtubers se ergueram como os mais importantes e relevantes influenciadores da juventude brasileira. Felipe Neto, Kéfera, Whindersson Nunes, Julio Cocielo, Gregório Duvivier, Fábio Porchat, Kibe, Mandy Candy, Liniker, KondZilla, Henrytado, RezendeEvil, Marco Túlio (o Authentic Games), Cauê Moura e tantos outros se transformaram em ícones ao conquistar milhões de seguidores – e bilhões de views. De lá para cá, tornaram-se celebridades multimilionárias que mal conseguem sair de suas casas sem serem abordadas por dezenas de fãs. Ao longo de 4 anos de pesquisa, o autor Filipe Vilicic entrevistou mais de cem desses ídolos, além de seus agentes, amigos, familiares, fãs e tantos outros que formam esse universo que os rodeia. Assim, não só conta em detalhes a saga das grandes referências do meio, mas também explica como se construiu uma potência que tomou o mundo e, especialmente, o Brasil – segundo maior mercado do YouTube e onde a plataforma tem mais influência no comportamento, na cultura e na formação dos jovens. Fãs de youtubers encontrarão ainda uma série de revelações incríveis sobre seus ídolos, em um texto que retoma casos emblemáticos que serviram de impulso para a fama e a riqueza dessas figuras. Além disso, a obra mostra o dia a dia dos influenciadores digitais: eles estão felizes com tudo que conquistaram? Usam drogas? Por que a depressão é um mal que acometeu tantos deles? Por que são rebeldes? Há ainda dezenas de histórias exclusivas: os conflitos da trupe do Porta dos Fundos com políticos do mais alto calibre; a briga e a conciliação de Felipe Neto com Felipe Castanhari (e o que tudo isso tem a ver com o cenário recente da política nacional); a

impressionante trajetória de Whindersson Nunes, que foi de ajudante de garçom a maior youtuber do país; o caso de mulheres como Maddu Magalhães, Lully e Natalia Kreuser, que encaram com firmeza o ambiente machista da internet; a genialidade dos empreendedores que criaram a Galinha Pintadinha; os segredos de bastidores do próprio YouTube – incluindo a fórmula do sucesso para se tornar um famoso da internet; e muito mais. Este livro vai atrair tanto os fãs quanto aqueles que ainda tentam compreender o tsunami de youtubers que inundou nossas vidas nesta era ultraconectada.

Compre agora e leia


LISA
KLEYPAS
SÉRIE THE TRAVIS FAMILY-4
A ESCOLHA
GUTENBERG

A Escolha

Kleypas, Lisa
9788582355916
224 páginas

Compre agora e leia

Ela evitava relacionamentos a qualquer custo. Ele jamais pensou que encontraria alguém como ela. Avery Crosslin organiza os melhores casamentos da alta sociedade de Houston, no Texas, mas não acredita no amor, pelo menos não quando o assunto é a vida dela. Quando conhece Joe Travis e o confunde com um fotógrafo de casamentos, não tem a intenção de deixar que ele se aproxime. Mas Joe é o tipo de homem que vai atrás do que quer, e ela acaba não resistindo. Depois de uma noite juntos, no entanto, Avery está determinada a impedir que isso aconteça novamente. Um homem como Joe só pode significar problemas para uma mulher como ela. E justo quando acaba de ser contratada para planejar o casamento do ano, um evento decisivo, ela não vai deixar que distrações a impeçam de alavancar a sua carreira. Mas complicações começam a se acumular rapidamente, colocando o grande evento em risco, especialmente quando os segredos da noiva vêm à tona. Em pouco tempo Avery é levada a fazer a escolha mais difícil de sua vida. E precisa arriscar tudo – sua carreira, sua família e seu coração – para descobrir o que realmente importa.

Compre agora e leia


Kristina
Ohlsson
Da autora do best-seller internacional Silenciadas
"Uma das melhores jovens escritoras suecas."
Booklist
DESAPARECIDAS
Série Fredrika Bergman
Gutenberg

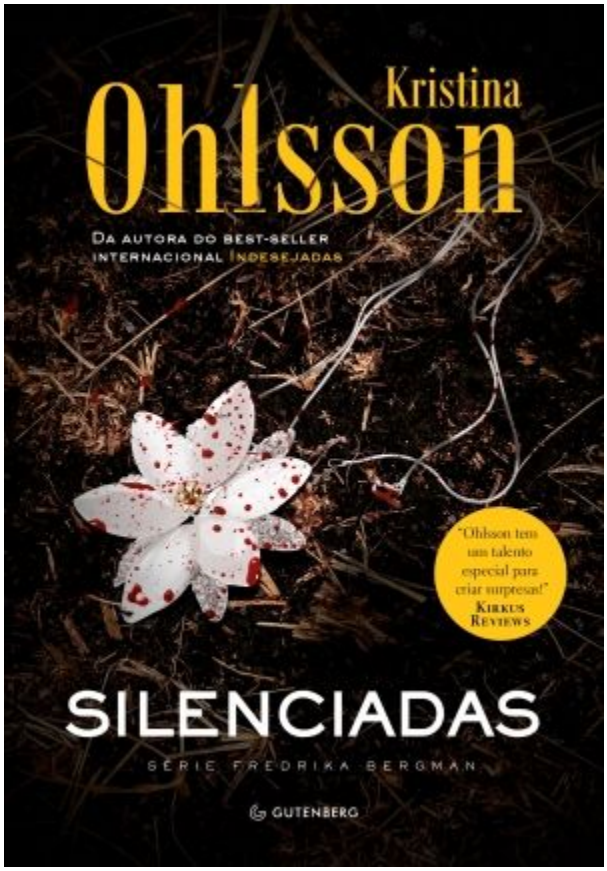
Desaparecidas

Ohlsson, Kristina
9788582355930
400 páginas

Compre agora e leia

A analista criminal Fredrika Bergman e a equipe do inspetor Alex Recht são designados para investigar o brutal homicídio de Rebecca Trolle, uma jovem desaparecida dois anos antes, vista pela última vez a caminho de uma festa. Seu corpo é localizado numa cova rasa em uma remota área florestal e algum tempo depois outras vítimas são encontradas no mesmo local. Fredrika descobre que, à época de sua morte, Rebecca estava fazendo uma pesquisa para sua monografia sobre uma figura pública – alguém com um passado obscuro. A investigadora está profundamente envolvida com o caso, que a essa altura já não é para estômagos fracos, mas quando o nome de seu companheiro entra para a lista de suspeitos, a provação poderá ser grande demais para ela suportar… Desaparecidas é o terceiro volume da série protagonizada pela criminalista Fredrika Bergman. Os dois primeiros volumes são Indesejadas e Silenciadas.

Compre agora e leia


Kristina
Ohlsson
Da autora do best-seller internacional Indesejadas
"Ohlsson tem um talento especial para criar surpresas!"
Kirkus Reviews
SILENCIADAS
Série Fredrika Bergman
Gutenberg

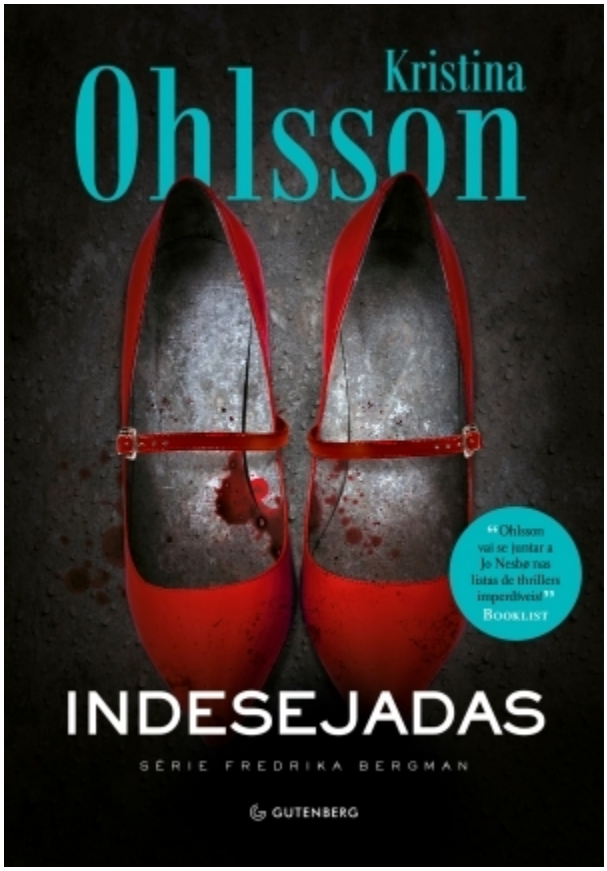
Silenciadas

Ohlsson, Kristina
9788582355978
320 páginas

Compre agora e leia

Quinze anos atrás: uma adolescente é surpreendida enquanto colhia flores para a celebração do solstício de verão e brutalmente violentada. No presente, um homem é morto em um atropelamento. Ele não tem nenhuma identificação e não é reportado como desaparecido. Ao mesmo tempo, um sacerdote e sua esposa são encontrados mortos em um aparente duplo suicídio. Fredrika Bergman, juntamente com a equipe de investigação de Alex Recht, é encarregada de casos aparentemente desconexos. A investigação leva a uma rede de contrabando de pessoas: um novo agente a operar rotas de imigração ilegal a partir de Bangkok, Tailândia. À medida que a polícia desmantela o esquema, começa a se revelar uma trilha que remonta à década de 1980, a um crime não denunciado, mas cujas consequências irão muito além do que qualquer um poderia esperar.

Compre agora e leia


Kristina
Ohlsson
"Ohlsson vai se juntar a Jo Nesbø nas listas de thrillers imperdíveis"
BOOKLIST
INDESEJADAS
SÉRIE FREDRIKA BERGMAN
GUTENBERG

Indesejadas

Ohlsson, Kristina
9788582355954
336 páginas

Compre agora e leia

Uma garotinha desaparece de um trem com destino ao centro de Estocolmo. Em outra parte da Suécia, uma jovem vive oprimida pelo homem que um dia pensou ser seu príncipe encantado – e ela sabe melhor do que ninguém o motivo pelo qual a menina sumiu. A analista criminal Fredrika Bergman enfrenta dificuldades para ser aceita na equipe liderada pelo inspetor Alex Recht, que tem como braço direito o impetuoso investigador Peder Rydh. Fredrika, a única com formação acadêmica entre os policiais, trava uma difícil batalha para conduzir o caso por uma linha de investigação diferente daquela escolhida pelo restante da equipe. O caso ganha contornos dramáticos, e o que todos temiam não pode ser evitado. A equipe deve se apressar para chegar ao agressor antes que mais vidas sejam perdidas. Quanto tempo eles realmente terão até que o criminoso dê seu próximo passo?

Compre agora e leia

Table of Contents

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Table of Contents

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30